

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Casa da Vale (CVRD)

A história não caminha como se pensa

História de [Breno Augusto dos Santos](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 18/07/2008

Projeto Memória Vale do Rio Doce
Depoimento de Breno Augusto dos Santos
Entrevistado por José Carlos Vilardaga e Cláudia Resende
Rio de Janeiro, 01 de abril de 2000
Realização Museu da Pessoa
Entrevista CVRD_HV013
Transcrito por Ronaldo Ventura Souza
Revisado por Teresa de Carvalho Magalhães

R - Não tinha que vir de gravata não, né?

P/1 - Não, não tem mínima obrigatoriedade.

R - Porque quem está de gravata é de São Paulo, é paulista, né? (risos)

P/1 - Paulista, é. A primeira pergunta é o nome completo do senhor, data de nascimento e local de nascimento.

R - Breno Augusto dos Santos, nasci primeiro de julho de 1940, na cidade de Olímpia que fica ao norte de São Paulo, entre Barretos e Rio Preto, eu falo que Barretos e Rio preto fazem parte da grande Olímpia.

P/1 - Da grande Olímpia. (risos)

R - Mas pouco morei em Olímpia, com questão de menos de um ano eu mudei para São Paulo, aí morei em São Paulo até 23 anos.

P/1 - Os pais do senhor, nome deles e atividade.

R - Bom, meu pai era, o nome dele é Florindo Augusto dos Santos, filho de português, meu avô paterno era de Coimbra, na região de Coimbra, e minha avó da região de Trajes Montes, vieram como imigrantes e trabalharam em construção de ferrovias, no interior de São Paulo no começo do século, e depois compraram uma pequena fazenda perto de Olímpia, com a economia feita, Olímpia foi fundada no começo do século também, e lá eles tinha uma máquina de moer café e uma serraria. Meu pai como segundo filho, mais velho, segundo mais velho, ficou como gerente dessa serraria e dessa máquina de café, pela paixão que eu tenho por ferrovia e por natureza, talvez tenha termos a isso, empacotado e tudo. Meus avós maternos, meu avô foi imigrante italiano, era de uma família de Rimini dizem que eram _____ em Rimini e foram contra a unificação da Itália, e na época da unificação, então, quando perderam, o rei tomou conta e tudo, então eles viraram migrantes para Roma, um subúrbio de Roma, onde meu avô nasceu. Quer dizer, se não fosse Garibaldi, talvez eu não existisse, né? E aquele negócio, a pré-história, alguma coisa, sempre puxa um outro fato, e migraram também na época da Terra Nostra, no final do século passado para cá e por coincidência ele foi morar na mesma região onde se passa a Terra Nostra, que é a região de Espírito Santo de Pinhal, na fronteira com sul de Minas, e lá conheceu minha avó materna que era filha de português e brasileiros. Portugueses eram da ilha do Açores, a Ilha de São Miguel que fica nos Açores.

Casaram muito jovens, eles casaram com 18 anos e minha avó com 15 anos, e o primeiro emprego dele foi ser telegrafista da ferrovia, da estrada de ferro, da mogiana. Quer dizer, os meus dois avós trabalham com ferrovia, né, e logo depois mudaram para São Paulo. Meu bisavô comprou uma chácara que se tivesse guardado até hoje estaria bem de vida, e que era uma quadra da avenida Paulista, perto ali do Museu de Arte, no começo do século.

P/1 - Olha só.

R - E trabalhando com várias coisas, foi tradutor público esse meu avô materno, até que chegou uma época que um parente lá da minha avó descobriu Olímpia e foi trabalhar com algodão em Olímpia, e atraiu meu avô, na década de 1930, para ir ter com beneficiamento de algodão em Olímpia, e ele pegou as economias e foi para lá também, perdeu tudo, ficou na miséria quase total, mas lá minha mãe acabou conhecendo meu pai, indo comprar fubá na casa lá, onde além deles ter café, parte de serraria também, tinha também a parte de fabricar fubá, né, de moer o milho para fazer fubá, e compra fubá de lá para cá, acabaram se casando. Mas minha mãe não se acostumou depois que os pais voltaram para São Paulo, e meu pai sofreu talvez a maior violência da vida dele, que foi ter que largar aquilo que ele gostava de fazer e ir para São Paulo. Em São Paulo ele, meu avô, através dum cunhado que estava bem de vida, arrumou um emprego para o meu pai de caixa de banco, então meu pai deixou de ser gerente de uma serraria para ser caixa de banco, que acho que é uma violência terrível, uma pessoa que vive com liberdade total ficar seis horas naquele guichê de banco, na Francisco de Abreu perto da estação da Luz ali, então a minha vida sempre esteve perto de ferrovias, sempre ligada a ferrovias, moramos no Belém, me lembro dessa casa em Belém, existe até hoje, e depois moramos na avenida do Estado, quatro anos, essa casa existe, está em péssimas condições, quem conhece São Paulo, avenida do Estado, onde era a antiga Mesbla, aquela torre da Mesbla, a casa ficava na Luís Gama, fica na Luís Gama, bem do outro lado, e eu em criança eu me lembro construindo aquela torre da Mesbla e calçando a avenida do Estado, a avenida do Estado só era calçada de um lado, do outro lado era terra, eu brincava na terra ali na avenida do Estado.

P/1 - O Tamanduateí.

R - Então essa é minha... o Tamanduateí, é, não era tão ruim como está hoje, né, na Mooca, aquela região nós mudamos para o Cambuci, perto do Hospital Militar, ali na rua Independência, avenida Independência. E quando meu avô se aposentou ele foi para Rio Claro, e depois para... nós morávamos sempre com os avós maternos, né, até 1949. 1949 meu avô se aposentou, problema de coração, foi para Rio Claro, depois para São Vicente, e nós mudamos para o Ipiranga, onde minha mãe mora até hoje nessa casa, minha mãe é viva, meu pai faleceu, e um fato importante que teve, trágico, importante que houve na minha vida foi que meu pai quando eu tinha 15 anos, em 55, perdeu a visão com glaucoma. E eu que pretendia estudar agronomia em Eça de Queiroz em Piracicaba, aí a situação econômica da família inviabilizou isso, e surgiram os cursos de geologia no Brasil, e daí quem não mexe com a terra dum jeito mexe de outro. Isso era em São Paulo, eu podia fazer o curso lá, e daí optei por geologia, eu nem sabia o que era geologia, eu estava na São Joaquim, fazendo colégio e um colega meu falou desse curso, a parte de estudo eu fiz no Cambuci, no Colégio Marista, no cenário de Nossa Senhora da Glória, o prédio original não existe mais, o moderno que foi feito depois existe, ali em frente a Igreja de Nossa Senhora da Glória, _____ e fiz o ginásio no Ipiranga, Ginásio do Estado Alexandre Gusmão, e colégio no Luso, depois fiz um cursinho de preparação e a faculdade, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras na USP, curso de Geologia, que funcionava na época na Alameda _____, hoje está tudo na Cidade Universitária.

P/2 - Quantos irmãos você tem?

R - Um só, eu tive uma irmã que nasceu antes de mim, mas faleceu, ela teria três anos, dois anos mais do que eu, um ano mais do que eu, e um irmão que é arquiteto em São Paulo, trabalha na empresa, na CDHU, que volta e meia está aparecendo aí nos jornais, mas não tem nada a ver com confusão que ele faz, (risos) ele é arquiteto de lá, trabalha com urbanismo, se formou, é oito anos mais jovem do que eu, se formou na FAU.

P/1 - Como é que era o ambiente doméstico, esse, pai e avô, todo mundo...

R - Não, eu estava pensando hoje quando vinha para cá, eu tive uma sorte de sempre ter um ambiente muito saudável, quer dizer, a família de um modo geral sempre foi muito, muito família, muito, se falava muito, na época não tinha televisão, você ouvia rádio junto, você ouvia a PRH 30, não sei se vocês lembram, nunca ouviram falar na PRH 30, era um programa humorístico que o Chico Anysio fez depois na televisão, eles faziam no início da década de 1950 no rádio, é Lauro Borges de Castro Barbosa, e tinha o teatro Manuel _____ na Record, que era um teatro radiofônico, né, todo sábado, a uma hora da tarde tinha um teatro, uma ou duas horas da tarde, tinha um teatro de uma hora, de uma peça famosa que era feito só pelo rádio e as famílias ficavam ouvindo aquele teatro, né. Então tudo isso era muito ligado, o Ipiranga quando mudei era quase um interior, as ruas não eram calçadas, não tinha iluminação, terrenos baldios por todo lado, para jogar bola, para... As férias eram férias como as férias do interior, as férias passadas na casa dos parentes, ou na região de Pinhal, ou na região de Olímpia, sempre, então as férias sempre foram muito boas, depois em São Vicente, quando meus avós moravam lá, então foi uma infância muito boa. Os tempos eram, permitiam que as infâncias, mesmo sem ter muito dinheiro, que a minha família era de classe média média para média baixa, talvez, de origem média alta para média baixa (risos) e meus amigos, mesmo amigos que eram, hoje seriam considerados muito pobres, tinha uma qualidade de vida muito boa, e tanto é que vários amigos que dessa infância, eu frequento a casa deles, eles frequentam a minha casa até hoje como se fossem irmãos, então a infância permaneceu unida e muitos moram na mesma rua que minha mãe mora até hoje, eles conhecem, quando vou a São Paulo sempre encontro com eles e tudo, então tive essa sorte, na escola também vários amigos da escola ficaram para sempre, né, principalmente da faculdade, a gente se reúne agora de ano em ano, era de cinco em cinco anos, agora é de ano em ano porque o pessoal começou a morrer, então ano em ano a gente já começa a se encontrar. Então eu tive a chance muito boa na formação, e era uma época muito boa, né, época da década de 1950, foi o primeiro pós guerra, quer dizer, o mundo achava que sem guerra seria uma maravilha, tinha o mal da Guerra Fria que era um trauma, aquele negócio de comunista come criança e etc., aquela confusão toda, mas fora isso, fora esse conflito exacerbado entre leste e oeste, ocidente e oriente, a vida era muito boa porque se acreditava que a humanidade ia dar um salto porque não haveria mais guerras. E no Brasil era a época, se você olhar qualquer índice da década de 1950, foram os melhores, o salário mínimo era quase cinco vezes maior do que é hoje, naquela época, o salário mínimo era um salário mínimo de fato, decente, época do Juscelino que acreditava que o Brasil realmente ia dar um grande salto, depois

surgiu o período militar que trouxe alguns avanços tecnológicos, mas um tremendo retrocesso político que nós não saímos até hoje, o que nós estamos pagando hoje, essa ausência de participação política da população brasileira é consequência direta dos anos da ditadura porque a década de 1950 se discutia no ginásio, é, política da União Soviética, política americana no ginásio nós discutia no recreio, a garotada, o colégio a discussão era com os professores sobre isso, sobre o _____ o general russo, se ele era melhor do que o Stalin, se era pior, o Khrushchov, tudo isso se discutia no dia a dia, fazia parte do dia a dia da discussões dos modelos econômicos, modelos sociais etc.

P/1 - A política não era tabu, não era...

R - Não era tabu, se discutia abertamente todos os problemas, e se acreditava que cada um era, conseguia mudar o mundo.

P/2 - Era parte, né?

R - Hoje eu converso com meus filhos, minhas netas, eles não têm essa sensibilidade, quer dizer, eles têm então uma posição passiva diante da realidade, ou seja, está feito e eu vou viver da melhor maneira possível, mas eu não vou mudar nada, porque eu sou impotente para fazer isso. No nosso tempo não, a gente tinha certeza que ia mudar alguma coisa, infelizmente era uma mentira (risos) infelizmente, a gente tinha uma utopia, nós vivemos um bom tempo acreditando nessa utopia. Aquela época se analisa toda, até fazendo uma entrevista com um jornalista, amigo meu de, uma entrevista, ficou seis meses para responder o questionário, né, Lúcio Flávio de Belém, e ele faz essa pergunta, o que influenciou na minha formação, e acho que a década de 1950 foi influência marcante na minha formação, se pensar tudo que existe hoje, surgiu naquela década de 1950, o embrão, a pré-história, começou o computador, começou o avião a jato, começou a televisão, começou tudo naquela época, tudo que existe até hoje, o vídeo tape surgiu naquela época, tudo foi nessa época, então foi uma época que o que houve depois foi um aprimoramento tecnológico, mas a idéia básica foi lançada na década de 1950, a música, as transformações da música brasileira marcantes que vão ficar para sempre. Não isso que é música descartável de hoje, que dali uma semana ninguém lembra mais o que cantou, o que tocou, mas a música brasileira em transformações marcantes surgiu nessa época, década de 1950, começo da década de 1960, Gil, Caetano, Chico, Bossa-Nova no início, tudo foi nessa época.

P/1 - A idéia de Brasília.

R - A idéia de Brasília, quer dizer, todas as transformações marcantes do Brasil, isso marcou muito essa geração, a gente saía da escola achando que o mundo foi ruim até hoje porque a gente não estava jogando, e hoje o jovem sabe que talvez não vai ter chance nem de jogar, essa é a grande realidade.

P/2 - Pelo menos tem essa sensação, né?

R - É, tenho uma filha que mora na Suíça hoje porque ela se formou em hotelaria, financiam pós-graduação dela na Suíça e veio para o Brasil trabalhar nos melhores hotéis da região aqui e ofereceram um salário de 150 reais, então ela está trabalhando em Baby-City, na Suíça, morando com o namorado e ganhando lá 800 dólares, então essa é a realidade que nós vivemos. Essa mudança, quer dizer, a chance que um jovem daquela época, eu tive naquela época, e que o jovem tem hoje, apesar do volume de informação ser maior a chance de viver naquela época era maior.

P/1 - Mais, inclusive mais que o pai do senhor também, né?

R - Mais, quer dizer, nós pegamos uma, porque eles pegaram aquele pioneirismo, mas que tinha que dar um duro muito grande, a gente pegou um pioneirismo, mas um pioneirismo que os caminhos estavam abertos, a gente saía da faculdade com cinco, seis empregos, bater na porta, a gente escolhia emprego, eu estava empregado três meses antes de me formar (pausa) e escolhendo emprego, então, as chances de viver eram muito grandes, isso dava uma confiança muito grande no jovem, para o jovem lançar a frente.

P/1 - Você participava de algum centro acadêmico?

R - Eu participei de uma maneira muito modesta no CPG, era Centro de Pesquisas e Estudos Geológicos, é o centro acadêmico do curso de Geologia, e foi mais uma participação quase simbólica, eu não tinha uma atividade muito grande, era mais organizar festinha, baile de formatura, baile de calouro, aquelas coisas tudo, mais atividade social do que atividade... Mas era a vida, por exemplo, era muito mais ativa, no meu primeiro dia de aula na Cidade Universitária, no curso de Geologia, porque tinha umas matérias básicas no curso de Geologia, então nós tínhamos que aprender Geologia, Botânica, etc., que a formação do geólogo é mais para o cientista do que para o técnico, e nós estávamos entusiasmados, primeira aula na Cidade Universitária, com laboratório, aquela parecia um negócio moderno, bonito com campus, etc., entra um aluno do segundo e fala assim: "Gente, vamos embora porque estamos em greve." Mas qual o motivo da greve? Era necessário na _____ um laboratório para aulas práticas de Geologia, de Química, etc., e não havia esse laboratório, então a greve era para forçar a faculdade a construir o laboratório e o laboratório foi construído com a greve.

P/1 - Foi construído.

R - Foi construído, então havia essa conscientização, não havia greve nenhuma sem um motivo político muito forte e sem a visão que aquilo que estava se reivindicando possível, (pausa) por exemplo, quando o Jânio renunciou, eu devia estar no segundo ano, daí foi quando foram feitas as passeatas porque não queriam deixar o Jango assumir, foi a primeira vez que cantamos na rua, o povo vai na rua, os soldados no quartel, só que dali a três anos o povo ficou em casa e o soldado foi para a rua, né? E daí nós fizemos, imagine, na época a Faculdade de Filosofia, que anos depois foi entrar em conflito com o pessoal do Mackenzie, ali na Maria Antônia, as reuniões foram dentro do Mackenzie, foram dentro do

Mackenzie, toda a Faculdade de Filosofia junto com o pessoal da Mackenzie, deputados, etc. fazendo um movimento para que o Jango assumisse. Aí o Carvalho Pinto mandou cercar com os brucutus tudo, nós ficamos, nos declaramos presos durante umas três, quatro horas dentro do Mackenzie e depois fomos liberados, fomos até onde hoje é a prefeitura, era a Câmara dos Deputados, a Assembléia Legislativa era lá, ali no Parque D. Pedro, e era o Sodré que era o presidente da Câmara, nos recebeu para que fosse mantida a Constituição e o Jango pudesse assumir, mas eram passeatas enormes, todo estudante, o povo ia junto, então havia uma conscientização política muito grande da juventude e chance para que ela pudesse participar, né?

P/1 - E no campo profissional também, quer dizer, não faltava oportunidade.

R - No profissional é interessante, meu primeiro campo profissional, eu comecei com dez anos, foi atividade marginal semi-remunerada, eu estava no Colégio Marista, naquele tempo havia só quatro classes no primário, primeiro, segundo, terceiro e quarto ano primário, e estava na segunda metade do segundo ano, e um irmão lá me chamou se eu não queria tomar conta do barzinho da escola, o barzinho era uma portinha com duas guaritas, onde o pessoal ficava em fila e comprava Coca-Cola, doce, não tinha sanduíche, doce, bala. E me colocou, eu tinha nove anos, imagina, absurdo (risos) eu, quando eu penso isso eu acho um negócio absurdo, eu fiquei do segundo ano primário até o quarto primário, dois anos e meio, sem ter recreio.

P/1 - O tempo inteiro trabalhando na cantina.

R - Trabalhando lá e a minha remuneração era que eu tinha direito a um refrigerante e um doce por dia, e eu muito altruísta, né, invés de pegar esse eu pegava os doces do final de semana e levava para o meu irmão que era pequeno em casa para a gente fazer uma festa no fim de semana (risos). Então eu fiquei a minha infância toda fazendo isso, houve até um incidente que um dia eu estava comentando com um amigo, um troço, que não sei o que me deu na cabeça, o quarto ano primário, último ano, não sei o que a classe aprontou, nós tinha uns dois intervalos, um de vinte minutos e um de dez, a tarde que era o recreio e de repente a classe aprontou muito, o irmão chamou o diretor e a classe ficou de castigo, todo mundo em pé, sem abrir a boca, sem olhar para o lado, sem nada, aquele _____ do Colégio Marista da época, e tocou o sino do recreio, e aí eu fiquei no dilema, o que eu faço agora, né, eu tinha duas atitudes rebeldes: uma era sair do castigo e atender o bar, a outra era falar "o bar que se dane e o irmão agora vai ficar sem renda porque eu vou ficar de castigo e não vou atender o bar". Daí eu falei, a consciência profissional falou mais alto eu simplesmente pedi licença e saí, bom quando eu voltar vou levar a maior bronca porque saí do castigo, daí abri o barzinho, atendi, fechei e voltei para o castigo, achando que ia levar a maior bronca, de repente o irmão diretor falou: "Vocês podem sair do castigo porque tem alunos dessa classe que tem uma educação exemplar". Eu não sabia que era eu, (risos) eu fiz uma coisa para a sobrevivência, sem saber o que estava fazendo e aquilo foi considerado como um exemplo de educação pelo fato de eu sair do castigo e voltar para o castigo de novo, né, então, são coisas que marcaram. A minha primeira atividade profissional foi essa, depois quando meu pai ficou cego, eu tive que abandonar o curso diurno e o primo da minha mãe que era considerado como os seus tios, ele havia toda uma agência Ford em São Paulo, Alexandre _____ que ficava ali perto do gasômetro e tinha uma filial na Silva Bueno no Ipiranga, daí eu trabalhei durante o curso científico, os três anos para poder ajudar em casa, etc., trabalhei como balconista de uma agência Ford e estudava a noite no Roosevelt.

P/1 - O senhor vendia _____.

R - Peças de automóveis, peças de automóveis, agência Ford, representante Ford na época, era só carro importado na época, né, e foi o primeiro trabalho, quer dizer, um trabalho que eu, era de balconista, mas no começo varria a calçada, limpava a privada, fazia tudo e com a maior naturalidade, né, sem problema nenhum. Depois fiz o cursinho, o colégio sendo feito nessas condições não me deu base, apesar de ser um bom Colégio Roosevelt na São Joaquim, era excelente, não deu base para passar no vestibular. Eu nem fiz o vestibular, só fiz o exame escrito, só para ter uma idéia, naquele tempo vestibular era escrito e oral, não era múltipla escolha não, era escrito e oral também, né? E sabe o que é fazer um exame oral com quatro, cinco catedráticos na sua frente perguntando toda a matéria do colégio? É um negócio meio complicado. E aí fazer, eu conversei com meu pai, meu pai apesar de ter ficado cego, nós tínhamos perto do... Minha mãe, logo que meu pai ficou cego, ela terminou o... Ela tocava piano e dava algumas aulas, mas não tinha o conservatório, e ela já estava com quase 40 anos, 39 para 40 anos e ela daí foi fazer o conservatório, se formou professora de piano, então ela ajudava, passou ajudar o orçamento doméstico, dando aula de piano e costurando, ela costurava muito bem também. Meu pai... Tinha o Instituto dos Cegos Padre Chico perto de casa, aí ele aprendeu a andar sozinho, etc., com a bengala e foi lá para aprender a ter fatos manuais, fazer, porque os primeiros três anos ele pensava em se matar, só chorava, etc., quer dizer, uma pessoa como ele ficar totalmente cega é uma coisa muito difícil, né? E o pior é que quando ele ficou cego a glaucoma ela vai gradualmente e no último dia é brusco e nós fomos em São Vicente na casa dos meus avós e ele estava trabalhando como caixa de banco até a véspera tinha trabalhado, e ele pegou o bonde do Ipiranga e desceu na praça João Mendes do bonde e na hora que ele desceu do bonde ele ficou cego.

P/1 - Quando ele desceu do bonde, a coisa imediata?

R - Imediata, ficou cego. Daí, hoje o que uma pessoa faz, chamaria um táxi, alguma coisa, ele com a naturalidade dele pediu que alguém o colocasse no bonde do Ipiranga de novo, desceu no ponto final e pediu que alguém levasse ele até casa, de lá pediu para a vizinha, na época nós não tínhamos telefone, avisa-se a gente em São Vicente que ele tinha ficado cego, e nunca mais enxergou.

P/1 - Ele já tinha diagnosticado a doença, já sabia o que ele tinha?

R - Não, já sabia que não havia cura, glaucoma é um tipo de, até hoje a cura desse tipo de glaucoma é difícil.

P/2 - Mas ele imaginava que ia ficar cego?

R - Ele imaginava, mas a gente achava sempre que ia demorar, né? E depois então ele trabalhava com, ele passou a também ter um pequeno

ganho, meu avós do interior deram um dinheiro para ele como adiantamento da partilha da herança, da fazenda, etc., ele construiu uma casa e alugou, e assim que a família se manteve, era o aluguel dum casa, minha mãe dando aula e costurando, eu trabalhando como balconista e meu pai trabalhando no Padre Chico, ganhando também alguns trocados. Depois pegou aposentadoria do banco que era o salário mínimo que minha mãe recebe até hoje.

P/2 - E seu irmão nessa época era bem novo?

R - Meu irmão era novo, eu tinha 15 anos, ele tinha 7 anos, quer dizer, ele sofreu mais do que eu, porque eu convivi muito com meu pai ainda, meu pai a gente saía muito, passeava muito à pé e tal e meu irmão compartilhou menos com meu pai, meu pai enxergando poder compartilhar, né?

P/1 - Ele voltar para Olímpia era uma coisa que para ele...?

R - Não, não, houve um sonho uma época, que nessa época que eu fui contra, que tinha minha amizade, quando estava surgindo Londrina de esse mesmo parente que era dono do banco, tinha uma grande serraria de compensado na cidade de Londrina, no começo, né, e nós fizemos uma viagem uma vez de Olímpia, o irmão mais novo do meu pai foi montar uma fábrica de guaraná... Essas fábricas do interior, né, em Maringá... E nós fizemos uma viagem memorável, foi a última grande conversa que eu tive com meu pai, foi uns dois anos antes de ele ficar cego, nós fomos em Olímpia, por estrada de terra, até Maringá, 700 quilômetros num dia, cortando toda aquela parte, Marília etc., todo o noroeste de São Paulo, Londrina até Araponga até Maringá, tudo quase como a Amazônia hoje, com exceção que Londrina já era uma cidade grande, mas Maringá era uma cidade só de terra, não existia nada, era tudo casa de madeira, não tinha nada.

P/1 - De carro?

R - De carro, um Mercury importado 46 (riso) marcava em milha ainda. Uma viagem muito interessante, atravessamos o Rio Tietê, o rio Paranapanema de balsa, como se estivesse atravessando pela Amazônia, no meio de mata, era mata dos dois lados, nos dois rios, hoje não tem mais nada no Tietê. Uma viagem muito espetacular, o que eu lamento essas coisas é na época não fotografar como fotografou hoje, que tinham fotografias históricas hoje, né.

P/1 - Do jeito que estava, não tinha desbravado ainda, né?

R - É, totalmente selvagem. Então, voltando, eu passei a trabalhar nesse período e quando chegava pelo cursinho, eu fiz uma declaração para o meu pai se dava para ele me aguentar um ano sem eu trabalhar, porque se eu não fizesse o cursinho bem feito ia ser difícil, né? Aí fiz um cursinho que praticamente estudava dez horas por dia, porque o curso de Geologia foi uma, na época do Juscelino ele foi considerado prioridade nacional o curso de Geologia, então criaram a CAG que chamava Campanha de Formação de Geólogos, então o geólogo era o estudante rico do Brasil. Primeiro, estava isento do serviço militar, tanto que eu fiz o CPOR dois meses, passei no vestibular, cai fora do CPOR, não precisei fazer CPOR, né, é, tinha bolsa do começo uns trinta alunos tinham bolsa da CAG, e era uma bolsa fabulosa, uma bolsa equivalente hoje a uns mil reais mais ou menos.

P/1 - Além da universidade pública, ainda tinha uma bolsa.

R - Bolsa, uma bolsa, o curso era integral, tinha um ônibus para excursões que foi dado para a campanha dos geólogos, tinha uma série de vantagens. Foi o Lott, que era o Ministro da Guerra que tinha participado da elaboração junto com o Juscelino, etc., foi um movimento de Presidente da República para criar os cursos de Geologia, porque antes a Geologia era feita pelo engenheiro de minas, engenheiro de minas pega a segunda parte. Então os primeiros geólogos do Brasil eram na verdade engenheiros de minas que se adaptaram a Geologia e enquanto que nos outros países, na Europa e nos Estados Unidos havia Geologia desde o século passado, século retrasado, nem sei se é o passado ou o retrasado (riso) no século XIX, é no Brasil não havia curso de Geologia até a década de 1950.

P/1 - Nem um curso?

R - Não, o curso era coqueluche para época, eram 30 vagas e 260 candidatos, para a época era um absurdo, hoje é normal essa relação sete para um, hoje é 50 para um, 30 para um, mas na época, um curso vestibular com a relação de sete para um era um absurdo, sete não, oito para um foi, e daí tinha que entrar entre os oito primeiros, para poder conseguir, na época, quando fiz o vestibular, só os oito primeiros que tinham direito a bolsa.

P/1 - A bolsa.

R - Porque sem a bolsa eu não conseguiria me manter, e felizmente consegui passar entre os oito primeiros e permitiu que eu fizesse o curso de geologia.

P/1 - Você fez o cursinho onde?

R - Foi uma diferença grande também, foi um cursinho que surgiu, ele chamava Centro de Aperfeiçoamento e Preparação Intelectual, CAPI, se pegar as letras CAPI é a mesma letra de IAPC, então através de amigas, um estudante de física com outro, um tenente do exército, montaram esse curso preparatório. Eles preparavam também para curso de oficiais, preparatório para sargento. E funcionava no Viaduto Santa Ifigênia, era o prédio APC, quem conhece o Viaduto Santa Ifigênia, saindo da São Bento, assim que acaba o Viaduto Santa Ifigênia tem um prédio grande do lado, naquele prédio funcionava onde seria o salão de festas do prédio, e então ali que funcionava. Era uma maravilha, você tinha uma vista

maravilhosa de São Paulo e eles inauguraram o cursinho, eu fui fazer o cursinho e a noite havia oito alunos, de dia mais uma meia dúzia de alunos, esse cursinho conseguiu dos trinta aprovados, conseguiu aprovar seis.

P/1 - Seis?

R - Seis do cursinho, entrou com catorze aprovou seis na época, foi uma coisa fabulosa, né, ele funcionou um bom tempo, depois ele mudou ali da esquina da São João com o Anhangabaú, e a partir do segundo ano de faculdade eu fui convidado a dar aula lá no cursinho, então além da bolsa depois, a bolsa ficou congelada, a inflação começou comer e eu fui dar aula no cursinho e um amigo meu arrumou também para que eu desse aula de Matemática, primeira e segunda série, no Ginásio Perdizes, ficava ali no início da Água Branca, logo depois que acaba o Minhocão. O ginásio não existe mais, era um ginásio particular, a noite, então eu saía de manhã, acordava às seis, pegava um ônibus ia para a _____ tinha aula, era possível pegar um outro ônibus e ir almoçar em casa, ia almoçar em casa lá da Duque de Caxias ali até o Ipiranga, fazia em 20 minutos de ônibus, 25 minutos, atravessando a cidade toda. Voltava, tinha aula à tarde, pegava o ônibus de volta, tomava um banho, colocava paletó e gravata e pegava dois ônibus ia dar aula em Perdizes, às sete e vinte eu estava dando aula em Perdizes. Era possível fazer isso, tudo de ônibus, saía, dava aula em Perdizes duas vezes por semana só, saía às onze e meia da noite de lá, chegava em casa, dormia, acordava às seis horas e começava a rotina de novo.

P/1 - E no cursinho também dava aula?

R - No cursinho eu dava na segunda e sexta.

P/1 - Segunda e sexta.

R - E quarta-feira namorava.

P/2 - Eu ia perguntar, tinha tempo para diversão?

R - Tinha todo o esquema, não podia falhar nada, né, e eu cursei o cursinho, o ginásio foi uma experiência fabulosa também, porque era noturno e eu era o mais novo da sala, a maior parte eram pessoas que tinham atrasado o estudo, tinha muitas empregadas domésticas que estudavam a noite, foi uma experiência fabulosa, foi um ano que eu dei aula lá, dois anos, não foi o último só que eu dei aula, o último ano de faculdade, e foi muito interessante mesmo, porque conviver com, dar aula para pessoas da mesma idade e manter disciplina... Tinha as gangues aquela época, mas as gangues eram completamente inocentes em relação às de hoje, né?

P/1 - Como é que eram?

R - Alunas que iam assistir aula e cruzavam as pernas para provocar o professor, e daí eu era o professor, ia lá mandar ela descruzar a perna, ela perguntava se eu gostava ou não gostava, eu falava que gostava mas aquela não era a hora... Então tinha todos esses macetes, de vez em quando uma aluna que gritava porque "fulano me beliscou", então tinha que colocar o aluno para fora da sala de aula, negociar com ele o comportamento, foi uma experiência interessante, porque você não podia negociar na base da autoridade, porque você tinha que negociar na base do diálogo da razão, você tinha que convencer o aluno que estava errado, porque você tinha a mesma idade que ele.

P/1 - Você tinha quantos anos mais ou menos nesse período?

R - Eu tinha nessa época 22 anos.

P/1 - 22 anos.

R - Poucos alunos tinham menos que 22 anos, e classe de 50, 60 alunos, né, foi uma experiência muito interessante.

P/2 - E os finais de semana, como eram?

R - Como?

P/2 - Os finais de semana?

R - Os finais de semana eram difíceis. Os finais de semana eram no começo era só estudando na faculdade, de vez em quando o cinema, no cursinho o cinema era a cada seis meses, era um prêmio que me davam ir assistir um filme, alguma coisa, no tempo de cursinho, né, no tempo de científico também foi porque eu trabalhava e no fim de semana eu tinha que estudar, né? Foi muito difícil nessa época, quer dizer, a maior parte dos meus amigos estava em festinha, namorando, e eu estava tendo que estudar, como sobrevivência, que eu sabia que única chance de eu mudar de vida era com estudo, hoje nem o estudo pode ser chance, mas naquela época era com estudo, né, eu logo comecei a namorar com minha atual esposa, que ela era vizinha e logo que a gente começou a namorar ela se mudou para Pinheiros, Vila Madalena, bem onde era o murmurinho mesmo, Mourato Coelho, Fradique Coutinho, onde é o quente hoje da Vila Madalena, onde começou a Vila Madalena, ali na Mourato Coelho e Fradique Coutinho, começo da década de 1980 lá no murmurinho é onde ela morava e mora uma irmã dela até hoje lá. Daí tinha um problema de ir para a Vila Madalena de Ipiranga eram duas conduções, era na quarta-feira, no sábado e no domingo, muitas vezes como eu tinha que estudar ela vinha passar o fim de semana em casa, daí ela me ajudava a corrigir provas de ginásio, preparar testes para o cursinho, preparar matéria para o cursinho.

P/1 - Conhecia ela do bairro?

R - Conhecia ela do bairro.

P/2 - Ela era estudante, também.

R - Ela fazia ginásio, depois o pai morreu, ela parou de estudar, e foi trabalhar, até ela se casar mais ou menos uns 18, 17 anos ela começou a trabalhar e quando o pai morreu e ficou até se casar, ela trabalhava, trabalhou primeiro numa loja, depois no cartório.

P/2 - Em que ano vocês se casaram?

R - Novinho, novinho, eu casei em 1964, me formei e casei, tive a chance de casar porque eu fui trabalhar lá em Serra do Navio, e Serra do Navio dava, propiciava casa, assistência médica, então propiciava, permitia que a pessoa sem ter um tostão no bolso pudesse se casar, né? Casei três meses depois, porque havia necessitado de um período de três meses de experiência.

P/2 - Serra do Navio, onde é?

R - Serra do Navio, ela foi a primeira mina moderna implantada na Amazônia, ela fica 200 quilômetros pela linha do trem, talvez em linha reta uns 150 quilômetros a noroeste de Macapá, fica no hemisfério norte, fica na América do Norte, América do Sul, mas na parte norte da América do Sul. E lá nasceu minha primeira filha, primeira filha nasceu lá, foi uma experiência interessante lá também.

P/1 - O senhor comentou que queria fazer agronomia?

R - Agronomia.

P/1 - Então como é que surgiu esse interesse, esse trabalho?

R - Talvez porque tem duas coisas que me marcaram muito a infância, uma é a ferrovia, o trem, tanto que o meu hobby, que eu estou agora começando a ter chance é fazer uma maquete de ferromodelismo, porque é uma volta a origem, né, no Brasil isso é coisa de criança, mas nos Estados Unidos, isso é coisa de gente grande, tem 200 mil pessoas que fazem isso nos Estados Unidos, tem revista especializada, livro especializado, etc. Um hobby caro, muito caro o caro, muito caro hobby, né, você mexe com eletricidade, você mexe com cálculo da engenharia para fazer a ferrovia, mexe com acabamento, com a decoração para fazer a paisagem. . . É um hobby muito diversificado que você mexe com várias coisas ao mesmo tempo, né? Mas são duas coisas que marcaram, uma era a vida em fazenda, porque eram as férias, primeira férias de infância do até os 14 anos, principalmente na primeira infância, passei isso umas quatro ou cinco vezes, mas marcaram muito, aquela vida ao ar livre, época feliz porque eu estava junto com os pais, o tempo todo junto, então aquilo marcou muito, porque me deu a idéia de que se eu seguisse agronomia eu ia viver em fazenda e ia ser feliz; e outro a ferrovia, porque a ferrovia é o que representa para o jovem de hoje o avião, que é a sensação de liberdade, deslocamento, era o trem naquela época, o trem era o que existia de mais grã-fino, de mais chique para alguém se deslocar. E os trens de São Paulo naquela época eram muito bons, você saía nos trens no horário, você tinha um guia, um livro enorme só com o horário de todos os trens de São Paulo, chamava Guia Levir, e marcava chegada e saída de trem. Chegava às 9h, 20min 30seg e sai às 9h e 21min, quer dizer, ele parava 30 segundos o trem numa estação e aquilo era registrado no guia. E se o trem atrasasse um, dois minutos era considerado um absurdo, "o trem está atrasado hoje" (riso) era uma coisa, um outro mundo que não existe mais, né?

P/1 - Você andou de trem, andou muito de trem?

R - Algumas vezes, mas ele tinha um significado muito grande, porque cada viagem, você ia para o interior de São Paulo eram oito horas de viagem, equivale hoje a uma viagem para Miami de avião, então você ficava oito horas no trem, vendo paisagens diferentes, aquela sensação de liberdade, de fuga da tua rotina. Então isso, a ferrovia e a fazenda marcaram muito a minha infância, então por isso talvez eu quisesse seguir Agronomia.

P/1 - Não era estudar Geologia, então?

R - Não era, a Geologia surgiu porque foi a coisa mais parecida com Agronomia, né?

P/1 - A formação, né, está formando o curso de Geologia, como é o quadro docente, como é que se forma o quadro docente com esses cursos?

R - Isso também é uma coisa interessante, porque algumas matérias foram usadas dos outros cursos que já existia, já existia o curso de História Natural que hoje é Biologia, mas que na época chamava História Natural, com professores de Botânica, Zoologia, que deram a parte básica; Matemática foram os professores da Faculdade de Filosofia, a Física também, Química também que fez _____ do curso. . . Então a formação básica do curso já existia, mas tinha as matérias especializadas, aí havia um tal de ponto quatro, que era uma colaboração entre Brasil e Estados Unidos para a formação universitária, e muitos professores então vieram de fora, era uma coisa surrealista, porque eu tenho até hoje dificuldade com a língua inglesa, foi um cacoete daquela época, porque não se podia aprender língua inglesa porque não se podia submeter ao colonizador, tem que dificultar a posse da terra, então nós não vamos falar a língua deles. Essa é uma cultura que destina boa parte da garotada, alguns superaram isso, eu levei algum tempo para superar, e hoje fiz vários cursos de inglês, até hoje leio mas para falar eu tenho dificuldade devido a esse trauma da adolescência, né? E os professores vinham de fora, tinha professores suecos, americanos que davam as matérias básicas do curso

de Geologia, e alguns geólogos que já foram formados da primeira turma, foi a quarta turma de São Paulo, alguns geólogos foram se formando já entravam logo como professores. Então você assistia a aula em inglês, sem entender muito a língua, entendia muito pouco, mas eles tinham uma didática muito prática, de aula prática, que foi uma formação excelente, e um desses professores passou a ter importância depois na descoberta de Carajás.

P/1 - Teve algum professor que marcou?

R - Não, esse professor, Eugênio Tolber, que foi um professor da última turma, ele veio para o Brasil na década de 1950, na colaboração dos Estados Unidos nos estudos de mapeamento de Minas Gerais, foi feito a colaboração dos Estados Unidos a parte de minério de ferro, interessava para os Estados Unidos e etc., então eles financiaram técnicos, cientistas para vir trabalhar aí. Depois acabou quando formou o curso de Geologia sendo deslocado para dar aula de lá, ele falava muito pouco português, né, e ele além de ser um professor que marcou muito que ele dava aula de Geologia econômica, que é a essência do profissional que vai trabalhar em empresa... Que tem profissional que vai trabalhar em pesquisa e tem o que vai para empresa, quem ia para a parte econômica, Geologia Econômica era uma das matérias básicas, e ele foi esse professor, e nós, e alguns anos depois, quando eu saí da ____ ele foi contratado pela United States Steel para iniciar um programa no Brasil, então ele formou esse curso, e eu estava desempregado e acabei indo trabalhar com ele.

P/1 - Quando começou essa história do nacionalismo, havia um nacionalismo aí dentro dessa área?

R - Havia, havia uma consciência muito forte que o Brasil tinha que ter... Não era um nacionalismo, a gente, música, a música era americana, o cinema, era o cinema americano, quer dizer, a nossa formação romântica, atrás do, todos os filmes, a gente _____ chorava com a namorada e aquele negócio todo então, tinha, tinha um antagonismo forte contra a cultura americana, mas a gente sabia que era um país colonizado, a gente sabia que tinha que mudar, que a América Latina toda era colonizada, tinha essa consciência. Então é que tudo bem, a gente gosta de vocês, mas vamos manter um pouquinho mais de espaço, a gente tinha essa consciência, não é que a gente era contra por ser contra, vamos fazer negócio, vamos trabalhar junto, mas sem um domínio, sem você impor sua vontade sempre, essa era a consciência que a gente tinha em relação ao capital estrangeiro. E foi no passado, no início do século em relação aos ingleses. E outra coisa importante, a cultura nossa na época, antes da reforma de base no ensino, não era a cultura americana que se aprendia na escola, era a cultura francesa, o modelo de ensino brasileiro era, então nós não tínhamos a escola, a influência cultural americana, nós tínhamos no dia a dia, muito menor que hoje, mas nós tínhamos no dia a dia, na música, no cinema, etc., mas a influência francesa dava uma liberdade de pensamento muito grande, a nossa formação era muito mais universal, do que aquela formação hoje do múltipla escolha que é aquela cultura imediatista, era uma cultura muito mais ampla, né?

P/1 - E na Geologia, nesse campo, na faculdade se discutia um pouco as riquezas minerais do Brasil?

R - Ah, tranquilamente, eram bem fortes os movimentos já naquela época, tanto que o sonho de todo geólogo naquela época era trabalhar na Petrobrás, porque daria uma... Na época a Petrobrás produzia 50 mil barris, alguma coisa assim, uma coisa irrisória, estava começando, a Petrobrás tinha menos de dez anos e toda a Petrobrás surgiu porque a quantidade de geólogos formou naquela época que foi dando suporte técnico para que a Petrobrás crescesse e acabasse sendo a companhia que é hoje. O sonho maior ainda na época era a comissão de energia nuclear, porque eram técnicos franceses que estavam dando a cultura de pesquisa nuclear no Brasil e aquilo a gente achava que ia ser a redenção do país, urânio na época, na década de 1950, se acreditava, hoje têm, se fala menos em urânio do que naquela época, naquela época achava que tudo ia ser resolvido com urânio, então o sonho era a gente procurar urânio para fazer a redenção energética do país. Quando eu vim ao Rio de Janeiro, a primeira vez para procurar emprego, e não é como hoje que você pega a ponte área e vem, nós tínhamos mal o dinheiro para comprar a passagem de ônibus, então nós saímos num ônibus da Cometa a meia-noite, chegamos aqui às seis horas da manhã e fomos na comissão de energia nuclear para entrevista. Depois comemos um sanduiche e um dos amigos que até pouco tempo atrás foi presidente da CPRM, Carlos Otí Berbert colega e amigo íntimo na época de faculdade, havia _____ um estágio na ICOMI ele havia gostado muito saiu, disse que lá a vida era muito boa, e daí nós fomos também lá na ICOMI para ser entrevistados. Mas eu não pretendia trabalhar lá, imagina eu vou trabalhar numa empresa ligada ao capital estrangeiro, era uma coisa que contrariava toda a minha formação inicial daquela época, né, e meu sonho era a comissão de energia nuclear, mas eles falaram que tinha duas vagas, um outro colega meu, Jorge _____ também queria ir para a ICOMI, e eles insistiram que eu desse o currículo, porque havia possibilidade de três vagas. Acabei deixando currículo, a comissão não abriu vagas, e a ICOMI nos chamou depois, em São Paulo, num escritório que eles tinham em São Paulo, na Libero Badaró para dar o resultado, nós fomos os três lá, daí no resultado, no dia da entrevista, lá da final, a secretária falou: "O resultado ainda não saiu, deve sair amanhã.". Na hora de sair do escritório, a secretária perguntou para mim: "Você que é o Breno?" eu falei: "Sou", "Então o senhor me liga amanhã que amanhã nós damos o resultado, mas parece que é uma vaga só", então os outros dois falaram: "A vaga é sua" (risos). Realmente daí eu fiquei profundamente constrangido porque eu não queria ir para a ICOMI, e eles estavam interessados e eu ia tirar a vaga deles, né, e eles aí fixaram uma posição muito firme que se eu não aceitasse, eles também não aceitariam a vaga. E eu acabei indo para a ICOMI, e eles fizeram a promessa que depois haveria chance de... E realmente em maio daquele ano surgiram as duas vagas e eles foram para lá também, daí eu fiquei com a consciência tranquila, nesse período eles trabalharam na Petrobrás, e foi interessante que eu fiquei três anos na ICOMI e eles ficaram só um ano e não se adaptaram, saíram de lá e eu que não queria ir acabei ficando lá.

P/1 - Essa coisa de Geologia, quer dizer, a perspectiva de viajar e ter que ir para os lugares mais diferentes, ela existe...

R - Não, aquela vontade do desconhecido, eu gosto muito de viajar e do desconhecido, era muito forte aquela vontade, né? Havia medos, por exemplo, o primeiro medo básico era andar de avião (risos). Eu andei a primeira vez de avião foi uma experiência sui generis. Eu estava na faculdade e um amigo meu, que tinha feito cursinho, grande amigo que faleceu num acidente, eu era garoto, ele já estava na faixa dos 30, e foi meu grande amigo na faculdade porque era uma pessoa mais velha. Ele trabalhava na torre de controle, ele era tenente da Aeronáutica e era um dos chefes da torre de controle de Congonhas, volta e meia a gente ia lá ver ele controlar os aviões na época, era tudo, não tinha radar, não tinha

nada, era só no grito, só no rádio. Ele orientava os aviões, pousava só no rádio, falando para o piloto: “mais para cá, mais para cá”, “já apareceu a asa, pode baixar”. É um negócio terrível, na década de 1950, 1960, começo da década de 1960, e um dia visitando lá com os amigos que gostavam muito de avião, ele falou para mim, já estava na faculdade nessa época, lá tem um avião, era da Perdígão, que depois deu origem, foi comprado pela Sadia e deu origem hoje a Transbrasil, mas a Perdígão tinha um DC-3 para transportar de Santa Catarina para cá os frios, né, “vou fazer um teste de piloto, vocês não querem ir?”. Aí entramos, nunca tinha andado de avião, entrei com meu irmão pequeno ainda, os amigos, num DC-3, em Congonhas, num sábado a tarde, e o avião não tinha banco porque era só cargueiro, então a gente tinha que sentar no chão, quando olhamos a cabine, a pessoa da DAC da Aeronáutica, o examinador, tinha colocado um jornal na frente do piloto, o piloto ia ter que decolar num vôo cego, ele não estava vendo a pista, né, isso o primeiro vôo, sem nunca ter voado. Depois começamos a andar em cima da Interlagos, ali, voar ali, fazendo tudo quanto era experiência com o avião, ligava motor, desligava motor, ligava motor, isso então, nunca mais... E começou a chover também, e pousamos em Congonhas com chuva, falei assim: “nunca mais vou entrar num avião”. E acabei tendo que ir trabalhar na ICOMI, então esse era o primeiro medo a vencer. O segundo é o medo que toda a pessoa da cidade, ainda mais quem já visitou o Butantã, e vê aquele montão de cobra ali dentro e que você, assim que você está na selva, você não vai encontrar uma cobra, você vai encontrar um monte de cobra nas árvores, no chão em tudo, tem aquela sensação de que você vai pisar em bicho o tempo todo, né? Então havia esse medo da selva muito grande. Mas na Serra do Navio, já era uma selva mais civilizada, eles trabalhavam mais perto da mina, então não havia esse confronto. Quando foi, quando começou Carajás o medo voltou de novo (risos) e duplamente, porque além do avião ainda tinha o helicóptero, né, era o medo da selva e o medo do helicóptero.

P/2 - Durante a faculdade você já tinha predileção por essa Geologia de pesquisa?

R - Já, já. E é até uma das coisas que eu vi em base mineral, eu me lembrei desse fato, tinha a idéia de trabalhar fora de São Paulo, porque a gente sabia que a geologia em São Paulo, São Paulo não é um país com riqueza, São Paulo não é um Estado com riqueza mineral, a não ser material de construção, alguma coisa assim, mas não tem minerais metálicos, etc. E uma vez, na conversa de turma, eu pela própria natureza econômica talvez fosse o com menos experiência de vida, saía pouco, era só sair com a namorada e tinha menos, era diferente daqueles que vinham de fora e moravam em pensão, que eram muito mais, tinham uma vida muito mais experiente, então era considerado um dos mais ingênuos do grupo nesse tipo de situação. E uma vez comentando lá na hora do almoço, tinha o salão da Record e o salão da Paulista, quando às vezes tinha comissão na cidade... Vocês ouviram falar no salão da Record, no salão da Paulista? Foi uma das primeiras vezes que restaurantes modernos em São Paulo, e você ficava no balcão em fila atrás, né, então você pagava a salada, era baratíssimo, era uma salada só de batata, alguma coisa assim, mas a pessoa ficava em fila, se você demorar demais o cara atrás começava a reclamar que você demorava então, porque tinha fila do lado do balcão atrás de cada pessoa, então é um negócio meio surrealista.

P/2 - Para comer?

R - Para comer, você comendo a salada e três quatro pessoas atrás de você. Era o primeiro fast food que teve em São Paulo foi desse tipo aí (risos) tinha só um banquinho para sentar ali e as outras pessoas ficavam de fila atrás, né, um era a sala da Paulista, outro sala da Record. Mas fugiu a pergunta, qual foi?

P/2 - É a predileção pela geologia de pesquisa.

R - É, a geologia de pesquisa. Então conversando numa dessas reuniões aí, conversando com o pessoal, eu falei: pois é, eu acho que é um lugar que deve ter muita jazida e tal é na fronteira do Pará com o Mato Grosso, porque é uma região onde nascem os rios, nessa região nenhum visitante esteve, então é uma área muito desconhecida e tal e tal e tal, né? E tinha o _____, o colega mais vivido da turma falou: “é o Breno é muito criança, muito ingênuo, ele está vendo muito filme de Tarzan, vai pensando que vai chegar na selva e vai achando jazida e não sei o que lá e tal”. E por coincidência, as jazidas que foram descobertas estavam na fronteira do Pará com Mato Grosso. (risos)

P/2 - Coincidência, não, né?

R - E tem outra história interessante que é a história de Martírios, né, não sei vocês leram a crônica de Martírios que saiu no Brasil Mineral, mas é interessante ler porque é um pouco longa, mas é algo que me perseguiu, dá para contar?

P/2 - Claro, por favor.

R - É algo interessante... É uma... Eu sou um cético, que sou surpreende, que de vez em quando a vida me apronta alguma, falo, eu preciso deixar de ser cético, aí eu falo não foi simples coincidência, (risos) então _____. Mas as coisas que aconteceram na minha vida tem uma espécie de, não digo premonição, mas parece que as coisas são muito determinadas. Quando eu tinha uns 14 anos, o irmão de minha mãe, tio Aldo, deu um livro, dois livros para mim, chamados “A Serra Misteriosa” e “A volta à Serra Misteriosa”, Francisco Marins, da editora Melhoramentos. E eu lia pouco nessa época, mas esses dois eu me interessei ler, era a história de uns garotos que seguiam os bandeirantes, filhos dos bandeirantes e seguiam em busca da serra misteriosa e a serra misteriosa era um lugar que havia muito que os primeiros habitantes do Brasil, de Piratininga, quando começaram os bandeiras, encontraram muito ouro, depois esse lugar ficou perdido e uma outra bandeira foi feita para descobrir. As duas aventuras foram feitas para o rio Araguaia e para o Cuiabá e não acharam a Serra Misteriosa. Então chamava Serra dos Martírios, o lugar da serra misteriosa. Bom, quando eu saí da Meridional e fui trabalhar na... Saí da ICOMI e fui trabalhar na Meridional, peguei os primeiros mapas da região, imaginei que eu ia com helicóptero, ser chefe de uma equipe que ia voar com helicóptero, sem nunca ter voado de helicóptero, então o medo, né? O que me ajudou muito foi o Tolbert, eu perguntei: “Como é que eu faço?”, ele falou: “Ninguém sabe fazer porque nunca ninguém fez, então a empresa está pagando para que você aprenda”. E foi assim que nós aprendemos a trabalhar de helicóptero na Amazônia, fazer, não pilotar, fazer a operação de geologia, usando helicóptero, criando técnicas específicas para a região e tudo, e peguei uns mapas da região e de repente peguei uma mapa do rio Araguaia e estava lá Serra dos Martírios. Eu falei: “interessante coincidência, então o nome Serra dos Martírios

aqui é o mesmo daquele livro que eu li”, aí estava lá Serra das Andorinhas ou Serra dos Martírios. Bem, fui até _____ no rio Araguaia, no Estado do Pará, lá também registrei aquilo, deletei aquilo e acabou. E no tempo da Meridional, procurando manganês com a fotografia aérea vi uma serra, que fica entre Carajás e Conceição do Araguaia, falei “essa serra pelo jeito aí pode ser que tenha manganês”. Tentamos trabalhar, mas depois não conseguimos trabalhar na região, a Meridional acabou fechando o programa e começou a Docegeo. Quando chegaram os helicópteros da Docegeo para trabalhar, essa região de Conceição do Araguaia era uma região mista de cerrado e floresta, era uma região boa para começar a treinar os pilotos, treinar os geólogos etc. Seleccionei essa serra para começar o trabalho, e como a serra não tinha nome, e passava um igarapé, um córrego como em São Paulo, ou ribeirão, ou arroio como se diz no Rio, um pequeno rio, chamado rio Maria, ou Ribeirão das Andorinhas, e a serra parece uma asa de andorinha, eu batizei Serra das Andorinhas, e hoje no mapa, ela é conhecida como Serra das Andorinhas, foi batizada dessa forma, na época não tinha nome nenhum. Nós começamos a trabalhar com a Meridional, aliás com a Docegeo, procurando ver o que tinha na época, o objetivo era cobre. Encontramos alguma coisa, começamos a intensificar a pesquisa e acabamos descobrindo ouro, nessa área, e o ouro numa época, que você... A cultura da Vale na época era mais ou menos assim: tinha gente que não admitia trabalhar em ferro fora de Itabira, tinha os mais liberais que permitiam trabalhar em ferro em Minas Gerais, e Carajás que a Vale tinha sido obrigada a entrar por força do governo, é um negócio assim, profundamente rebelde, imagine você trabalhar com outra coisa e fora de Minas Gerais, ainda mais ouro, ouro... Então nem a direção da Docegeo, a Docegeo era pioneira tentando criar uma cultura nova de diversificação. O Romeu foi um grande idealizador da Docegeo, um dos grandes idealizadores, e então trabalhar com ouro, então o ouro a gente começou a mexer assim por aquela curiosidade profissional. A gente começou, tinha um químico muito bom no laboratório de Belém, então a gente fazia quase que escondido análise para ouro, para ir criando uma cultura de ouro. Então essa é a pré-história do ouro na Vale, quer dizer, não é a história do ouro, é a pré-história que praticamente hoje ninguém lembra que aconteceu, e nós estávamos procurando logicamente cobre, que era o objetivo da empresa era encontrar cobre e as amostras para cobre a gente fazia cobre, chumbinho com análise, e fazia para a prata, porque a prata podia ser também indicador da presença desses metais. E de uma determinada amostra lá deu um valor muito alto em prata e muito baixo nos outros metais é que não havia, se é que havia uma relação da prata com esses metais, e o químico, infelizmente já falecido, um químico irlandês, que veio com uma multinacional de alumínio e acabou ficando com a gente lá na Docegeo em Belém, William Mac _____. Uma pessoa fabulosa, um grande cientista, ele está enterrado em Niterói, faleceu quase pobre em Niterói, uma pena. Ele então chegou para mim: “Ô, Breno, não sei porque que aconteceu com essa amostra, porque deu prata muito alta e muito baixo o resto”, eu falei para ele: “Serra a amostra, vamos dar um olhada no que tem”, e na hora que a mostra foi serrada e ele trouxe para eu olhar, cortou um pedacinho de ouro, então ficou aquele risquinho amarelo. Aí analisando para ouro deu mais ouro que os outros, tinha um pedaço de ouro, ia dar um valor absurdo, né, daí começamos a fazer uma pesquisa de ouro, isso em 1976, nessas serras. Tem tudo ligação com o Martírio, hein, (risos) vai chegar lá. Então surgiu esse valor, essa amostra de ouro e começou uma pesquisa de ouro. Ia haver mudança de governo, então era importante que houvesse alguma descoberta de impacto e o atual presidente da Docegeo, Emanuel Magalhães, incentivou que a gente fizesse, embora fosse dentro da Vale um palavrão ainda falar em ouro, né? E nós começamos então a fazer essa pesquisa, muito sigilo, e em 1976 foi um ano eleitoral na região, então eu já disse, havia uma ferrovia que ligava que ligava Marabá até Conceição do Araguaia, passando por Redenção. Nessa área onde o rio Maria cortava essa rodovia surgiu uma cidade, que hoje chama-se Rio Maria. Lembra que o rio chamava ou Rio Maria ou Ribeirão das Andorinhas, eu peguei o nome andorinha para colocar na serra quem fez a cidade pegou nome do rio para colocar nome na cidade, e começou uma estrada direção do Xingu, na região da junção da estrada. Como era eleição, eles começaram a incentivar migração, para arrumar eleitores e começar a dar lotes na região. Então surgiu da noite para o dia em 1976 a cidade de entroncamento que hoje chama-se Xinguara, surgiu em 1976 dessa forma com serrarias e migrantes. Nem todos conseguiram ter essas áreas, conflito de terra tudo, essa é a pré-história dos conflitos de terra no sul do Pará também, as pessoas foram atraídas, foram incentivadas, depois não tinha terra para todo mundo. E alguns que foram atrás de terra já tinham trabalhado em garimpo e não conseguiram lotes, e começaram a garimpar os rios que drenavam a região da Serra das Andorinhas cortando a estrada e acharam ouro. Então aquele nosso segredo mantido durante ano ali, virou um segredo de polichinelo. E que aconteceu, nós começamos a, houve uma premonição que haveria uma corrida garimpeira na região, e a direção da Docegeo foi a Brasília, na época tudo que fazia a Docegeo, a Vale, era o Conselho de Segurança tomava conhecimento. Foram pessoas do conselho de segurança para lá, etc. e daí é uma outra história que entra curió, começou curió aí nessa época, mas e a notícia ficou pública e o jornalista Lúcio Flávio na época trabalhava no Estado de São Paulo, esse meu amigo de Belém, ele recebeu ordens dos Mesquitas que havia uma descoberta fabulosa ali na região de 20 mil toneladas de ouro. Tem uma idéia do que é 20 mil toneladas? Maiores minas do mundo tem duas mil toneladas, o Brasil produziu até hoje talvez umas três mil toneladas, desde a época colonial até hoje umas três mil toneladas. O Brasil produziu hoje por ano 60 a 70 toneladas de ouro, a África do Sul na melhor época produzia 600 toneladas de ouro, 700 toneladas de ouro por ano. Então ali tinha 20 mil toneladas que ele publicou, deu manchete no Jornal Liberal, em Belém, e no Estadão, em São Paulo, no dia seguinte, assim que começou a minha amizade com o Lúcio Flávio, ele foi lá no escritório e falou: “Bom, Breno, me deram ordem para que eu publicasse isso, o que tem por trás disso?”, eu falei: “Não tem nada, não existe nada dessa vez, simplesmente nós temos uma ocorrência de ouro, esse garimpo, mas ninguém sabe o que tem?”. No fim foi uma, parece que foi uma jogada da antiga direção da Vale, que era uma direção política, junto com o EC, para jogo de bolso, e eu fui proibido pela direção da empresa de desmentir, até que chegou um dia, se deslocou daqui para lá o Jornal Nacional, com um cinegrafista e um repórter, foram até Belém e falaram: “Você tem 30 segundos para falar a verdade sobre Andorinha”. E saí em Jornal Nacional desmentindo, três vezes depois das ações da Vale terem subido, daí eu fui desmentir que não havia as 20 mil toneladas, durante esse período, em três meses, essa área de Andorinhas foi capa da _____, senhor fez uma reportagem em capa, todos os jornais, Veja, Isto É, todos os jornais e revistas do Brasil fizeram uma reportagem de Andorinhas. Essa é a pré-história de Serra Pelada, do ouro da Vale, do ouro no sul do Pará, essa é a pré-história, bom, mas voltando a Martírio, o que aconteceu...

P/1 - Você teve que manter durante três meses, falando _____.

R - Três meses, nem ___ foi exatamente num dia de finados que saiu a notícia.

P/1 - Tem 20 mil toneladas.

R - Aí eu tive que falar que não era bem isso, que havia uma área com potencial, etc. e tal, como realmente depois se encontrou algum ouro, mas chegou a vinte toneladas, alguma coisa assim. Mas quando essas notícias estouraram, a região era Serra das Andorinhas, daí aparece uma notinha em São Paulo, no Jornal do Estado de São Paulo, Manuel Ferreira Rodrigues, já ouviram esse nome? É um engenheiro espetacular, eu sei que ele

é vivo ainda, meu irmão outro dia conseguiu na internet saber que ele está vivo ainda, deve estar com quase noventa anos. Ele escreveu a Ferrovia do Diabo, é um livro famoso dele. Mas essa pessoa então colocou que sabia que tinha muito ouro na região, porque a Serra das Andorinhas estava muito perto da outra Serra das Andorinhas, ou da Serra dos Martírios, onde desde o tempo dos bandeirantes se conhecia muito ouro. Então a direção da empresa conseguiu os livros dele e ele havia descoberto em 1970, quer dizer, antes de quando eu fui para a região e vi os mapas de Martírios, ele também pegando esses mapas de Martírios começou a fazer pesquisa e conseguiu comprovar que realmente a Serra dos Martírios dos bandeirantes era essa mesma serra que estava lá, encontrou os desenhos na pedra que representava um sol e que os bandeirantes achavam que era a Coroa de Cristo, daí o nome dos Martírios, existe perto de _____ no rio existe essa marca. E essa expedição, ele fez só em 1970, depois da descoberta de Carajás, quer dizer, quando eu fui para Carajás, ele ainda não tinha a confirmação de que lá era a Serra dos Martírios, e depois ele me confidenciou, depois eu acabei ficando amigo dele, mais tarde ele me confidenciou que essa região... Havia só uma grande dúvida, porque nos mapas antigos dizia que os Martírios ficavam no Paraupava, e ele pensava que Paraupava era a lagoa ali na região da ilha do Bananal, aquele alagado que tem ali, ele só identificou alguns anos depois já em meados da década de 1970, um antigo mapa em Portugal que diz, marcava o nome do Rio Araguaia com o nome de Paraupava. Então teve a comprovação, quer dizer, a lenda toda inicial é que quando os bandeirantes chegaram em Piratininga, em contato como os índios, os índios falaram uma lenda que no centro do continente, o país, havia um grande lago com muita riqueza, e daí as bandeiras começaram a ir para o Araguaia em função dessa lenda que era em Piratininga, era a lenda de Paraupava.

P/1 - Que era uma lenda real.

R - É uma lenda real.

P/1 - Depois que pode comprovar, mas que coisa incrível, não?

R - Então o que aconteceu, daí nós pegamos o livro do Francisco Marins, aliás os livros do Manoel Ferreira que falava de Martírios, e que estava ligado com o Francisco Marins, tinha uma ligação com Francisco Marins, mas não sabia qual era. Quando houve esse estouro das 20 mil toneladas, então foi o Conselho Nacional de Segurança lá, e tinha uma brigada em Marabá, então nós descemos lá, para tentar congelar o garimpo que tinha duzentas e poucas pessoas, para não ter uma corrida na época na região, com o general de brigada o General Valdemar, general de brigada lá com SLI, com tudo que tinha direito na época para tentar congelar. Descemos com helicópteros, avião, aquela força tarefa toda e lá nesse dia o general pediu ao presidente da Docegeo que ele tinha um ciclo de palestras lá no quartel, e queria que alguém fosse fazer um ciclo de palestras sobre as riquezas, fosse fazer uma palestra sobre riqueza mineral na Amazônia, e o presidente da Vale então me indicou para essa palestra. Nunca tinha feito uma palestra, mas fui fazer palestra no quartel e marinheiro de primeira viagem, o que acontece, eu quis fazer uma palestra que falasse onde tinha um pedacinho de ouro na Amazônia, não podia deixar de falar, tinha que falar aquilo, então fiz uma palestra que massacrei o pessoal do quartel de três horas, imagina uma palestra num quartel de três horas, e no dia que o Geisel havia destituído o _____, né?

P/1 - Foi o _____.

R - No dia, não, não foi o _____, o Frota, que o Frota havia sido destituído do Ministro da Guerra, Ministro do Exército, Ministro do Exército havia sido exonerado no dia que eu ia fazer a palestra. Eu cheguei no quartel de manhã lá e falei: "Quero falar com o general Valdemar". Os caras vieram com baioneta e me levaram preso, o pessoal do dia, né, "o que esse cara quer falar com o general?". Daí até explicar que eu ia fazer uma palestra e tal... Então a palestra foi feita num dia de muita tensão dentro do quartel, né? Bom, essa palestra então está ligada a Martírios, quer dizer, em função de Andorinhas, Martírios, eu acabei fazendo esta palestra, esta palestra acabou virando um folheto, lá, um livreto, caiu na mão de um amigo meu... Na época era mais conhecido como confidencial e tinha um jornalista da Gazeta Mercantil que foi ficar na casa dele e levou um exemplar escondido, né? E quando o Figueiredo assumiu, ele publicou com chamada de primeira página da Gazeta Mercantil o resumo da palestra, dizendo que aquilo era o plano secreto do governo Figueiredo para a Amazônia na era mineral, capa de chamada: "Urânio na Amazônia". Na minha palestra falava dois parágrafos que não se conhecia urânio na Amazônia, mas ele daí colocou urânio na Amazônia como chamada, né, e foi um bafafã e um editor de São Paulo, _____ Queiroz, me mandou uma cartinha, se eu queria transformar aquela palestra em livro, e eu acabei relutando, acabei, no final aceitei, e o livro foi escrito em 1980 e publicado em 1981, chama "Amazônia, potencial mineral e perspectivas de desenvolvimento", livro quase... Minha primeira chance de desquite foi nesse período, porque eu fiquei trabalhando todas as noites no escritório, né, e fim de semana, maquininha, uma Olivetti, era aquelas portáteis, escrevendo lá com dois dedos, sem nenhuma estrutura, a não ser algum apoio da empresa para fazer de material só, né, de secretária ajudando. O livro foi publicado em 1981, no começo de 1981. Quando foi no final de 1981, no início de 1982, não me lembro direito, o editor me ligou e falou: "Olha, parabéns, o teu livro ganhou o prêmio Jabuti.", eu falei: "O que é isso?", não sabia o que era o prêmio Jabuti, né, ele falou: "Não, é mais ou menos o Oscar editorial no Brasil, na parte de ciências naturais, na categoria de ciências naturais, mas a ligação está com o _____ ainda, vamos ver onde vai chegar lá". E aí fui com a família, com tudo que tinha direito na Biblioteca Municipal de São Paulo para a entrega do prêmio Jabuti, acho que foi em 1982, ele ganhou o prêmio de 1981, a entrega foi em 1982. E foi meu irmão, que já sabia da história do Francisco Marins e etc., quando compuseram a mesa, um dos que foram chamados para a mesa foi o Francisco Marins que eu nem sabia se era vivo, se era morto, foi um dos que compuseram a mesa, e meu irmão me cutucou: "Olha quem está lá?", né, e na hora da entrega do prêmio uma coincidência, não estava predeterminado, quem me entregou o prêmio foi o Francisco Marins.

P/1 - Foi o Francisco Marins.

R - Tanto que na hora do prêmio, eu estou falando com o _____ ele fala: "Eu quero falar com você", daí eu saí e contei a história para ele. Mas nesse meio tempo, entre a publicação do livro e a entrega do prêmio, aconteceu um outro fato. A Vale quis fazer um, foi feito um Globo Repórter sobre Carajás, começo de 1982, alguma coisa assim, e foi uma pessoa que trabalhava na Vale, que depois trabalhou comigo, mora em Niterói também, Sebastião Lopes, que era um assessor da Vale, e ele foi acompanhando a equipe da Globo, era o Pedro Rogério, na época, trabalhava

na Globo fazia o Globo Repórter, e eu peguei um livro para dar para esse Sebastião Lopes. E a única pessoa que eu cito no meu livro é o Manuel Ferreira, quando eu falo da lenda de Paraopeba, que quando eu falo do ouro da Amazônia eu falo do ouro dos bandeirantes, eu falo de Paraopeba. E num avião indo para Carajás comecei ler o livro e abri nessa página, comecei reler este trecho, falei: “Poxa, não mandei um livro para o Manuel Ferreira ainda, preciso mandar um livro para ele”. Quando cheguei em Carajás, eu dei o livro para o Sebastião, até falei: “Poxa, eu estava lendo aqui esse pedaço, tenho que mandar para o Manuel Ferreira”, ele falou: “Por que você não dá para ele agora?”, eu falei: “Porque?”, “Ele está na sala do lado, ali”. Foi assim que eu conheci Manuel Ferreira, aí o que o Globo Repórter fez, eles pegaram a lenda de Paraupava para fazer um Globo Repórter que ia, lago a ser criado por Tucuruí, que estava em construção, era a grande lagoa que tinha sido uma premonição histórica dos índios, que havia um grande lago com riqueza, e que as riquezas de Carajás, o ouro de Serra Pelada eram as riquezas daquela época. Então fizeram um Globo Repórter com Manuel Ferreira e comigo, criando essa história toda, né? Aí o Manuel Ferreira foi a Belém e bateu um papo comigo, colocou, os livros que eu já tinha, ele colocou dedicatória em todos, uma pessoa muito interessante, né? E daí eu fiz uma pergunta: “Escuta aqui, e o que o Francisco Marins tem com isso?” ele falou: “Não, eu comecei a conhecer isso que eu fiz parte da expedição Roncador como engenheiro com os irmãos Villas Boas, quando penetraram o Mato Grosso e quando andando por lá eu achei muitas ruínas, no meio da selva, e que nós identificamos como ruína do tempo das bandeiras, que ficaram perdidas no meio da selva. E eu comecei a me interessar pela história dos bandeirantes, cheguei a Paraopeba, etc., e frequentava muito a Melhoramentos e lá eu conheci um jovem escritor e contei as histórias para ele, e ele perguntou se podia transformar essas histórias em histórias para criança, adolescente. Daí fechou o círculo do Francisco Marins, e desde da história do meu artigo, escreveu um negócio, e hoje existe uma associação, a área de Andorinhas transformou em área de preservação ambiental, não era uma área, chamada Parque das Andorinhas, esse lugar, eu nunca visitei, sobrevoei muitas vezes, mas nunca, tive várias chances de descer com helicóptero lá, mas achava que ia desviar do trabalho, nunca desci lá e a Serra dos Martírios também era um nome de premonição, que a guerrilha do Araguaia se entrincheirou lá, nessas mártires. E quando o exército Curió entrou lá, eles foram massacrados na Serra dos Martírios, quer dizer, o nome Martírios era por causa da coroa e o confronto maior do exército, da anti-guerrilha com a guerrilha foi na Serra dos Martírios lá no Araguaia.

P/1 - Sabrina, vamos pedir uma, vamos fazer uma pausinha, que tem que mexer na fita, tomar uma água ou café.

R - Olha, eu falei que não dá corda que eu falo demais.

[pausa]

P/1 - Seu Breno, essa ida para a Serra do Navio, como é que foi esse projeto, que momento entrou nele?

R - Bom, eu contei a história que foi acidentalmente que eu acabei indo para lá, não consegui emprego na comissão de energia nuclear e fui para lá. Aí foi assim, as minhas viagens maiores que eu tinha feito tinham sido ao Rio de Janeiro, duas vezes, uma para procurar emprego e uma com um tio para ver um jogo no Maracanã da Copa do Mundo, preparatória para a Copa de 56 em 54, então. E o resto eram viagens feitas por São Paulo, quer dizer, eu gostava de viajar, mas nunca tinha viajado, né, então saí de São Paulo, pegar um ____ da Vasp até Belém, viajando quase o dia todo, depois pegar um avião menor, ir para Macapá sozinho, né, é algo assim de desafio íntimo muito grande, você aceitar isso. E a chegada em Serra Navio, daí você chegava em Serra Navio, em Macapá ia para Santana, que era a vila portuária da ICOMI, depois pegava um trem, mais cinco horas de trem, quase seis horas até Serra do Navio para percorrer 200 quilômetros, era um trem de carga com vagões vazios e um trem com vagão de passageiros na cauda, daqueles padrão do faroeste americano do início do século, vagão velho mais interessante. E o primeiro fato interessante foi que São Paulo, na época se usava até galocha, né, hoje ninguém mais usa, mas na época, porque ninguém parava de trabalhar, ou ia a escola ou se chovia. Você saía, estava a maior chuva, você colocava galocha e o guarda-chuva e ia para a escola, capa, galocha e o guarda-chuva e ia para a escola, como o europeu faz, né? Bom, vou para a Amazônia onde chove, levei galocha, mas tem que levar guarda-chuva, e o guarda-chuva não cabia na mala (riso) então tive que ir com o guarda-chuva na mão. Ao descer do trem em Serra do Navio, estava o pessoal da Geologia esperando os estagiários, um deles era o Vanderlei que na época, ele se formou um ano depois de mim, estava estagiando na ICOMI, até hoje eu lhe contei esse fato, então você descia na estação Serra do Navio com guarda-chuva na mão foi uma sonora vaia, primeira recepção foi ter... Na Amazônia ninguém usa guarda-chuva, é o lugar onde chove mais, ninguém usa, na Amazônia ou você se molha porque é quente ou se você não pode se molhar, você simplesmente espera a chuva passar, então era comum, trabalhando em Belém, que a secretária chegasse lá, por que? E porque choveu, esperei a chuva passar, então é muito comum isso, a chuva você sabe que vem e passa, né, não é como a chuva de São Paulo que às vezes pega, fica um dia, dois dias, chuva vem e passa, o pessoal espera a chuva e vai depois da chuva, então essa foi a chegada triunfal lá (risos). E a equipe de Geologia na época era pequena, tinha um, era nível de departamento, tinha um chefe de departamento, Wilson Teixeira e mais dois geólogos, que hoje é mais ou menos talvez um dos maiores bispos dos mórmons do Brasil, ele era mórmon e seguiu a carreira, depois foi para São Paulo, foi professor, e colegas tinham comentado que hoje ele é das maiores autoridades da Igreja Mórmon no Brasil, na época era um geólogo na ICOMI.

P/1 - Babour.

R - Aledir Paganelli Barbour de Rio Preto, Egir Malu era o outro geólogo, que mora hoje no Rio, e nós nos mantemos até hoje porque nós somos compadres, nós batizamos a primeira filha deles, eles moram aqui na Tijuca, pode mudar para cá, e eu era um geólogo novo na época só lá, e o primeiro trabalho foi um trabalho diferente porque lá na ICOMI eles não usaram granito para fazer o laço da ferrovia, lá vem o trem de novo... E na Amazônia tem uma concreções chamadas lateritas, a própria bauxita é um tipo de concreção dessa, só que é rica em alumínio e tem as lateritas ferruginosas que dão um certo, pouco abaixo da superfície, na crosta do terreno dá essa crostas um espaço de laterização, é típico dos solos tropicais e subtropicais, e esse laço é que é usado para, esse material é que é usado como laço da ferrovia, e ele se altera com a umidade, tem que ter uma substituição mais ou menos frequente, e havia necessidade de substituição e nós fomos fazendo entre, a região entre Serra do Navio e Santana, aos campos de Macapá, uma região de pequenos pátos. E na ____ muita laterita, nós fomos fazer pesquisa, então o primeiro trabalho de pesquisa foi um trabalho simples, era fazer uns buracos com uma retroescavadeira, um pequeno trator e fazer amostragem daqueles perfis para ver quanto tinha de laterita, colocava num saquinho e etc. E com uma prancheta, eu fiquei na prancheta, é um pequeno instrumento de topografia,

marcava a localização dos poços para depois fazer a cubagem de quanta laterita tinha para a ferrovia poder usar, ferrovia do Amapá, então esse foi o meu batismo de fogo na ICOMI, foi fazer essa pesquisa de laterita e a característica nessa área é que foi uma das regiões do mundo, era o vale do _____, é conhecida como uma das regiões que tem mais mosquito na Amazônia. Canga é outra que tem muito mosquito também, o famoso pium, que é o borrachudo nosso lá por lá, ataca de dia o tempo todo, e era tanto que se você quisesse trabalhar, tem que trabalhar com um mosquiteiro na cara, né, e mas os braços não tinha jeito. E nós descobrimos então que pegando, enfiando uma estopa no tanque do trator, no óleo diesel, imagina aquilo deve ser tóxico pra burro, a gente passava na pele. E não é que matava o pium? Matava não porque era inseticida, ele ficava embestado e morria, então você ia trabalhando, quando terminava o dia estava preto dos mosquitos que tinham morrido no teu braço, chegava dar febre. Primeiro contato com esse mosquito você tinha febre, depois aos poucos ia, você ia se adaptando, não tinha mais febre, que alguns conseguiam morder, né, dava aquela pintinha vermelha que coçava e irritava bastante. Indo depois para, voltando para Serra do Navio, quando comecei daí ter o trabalho normal de mapear mina, etc., surgiu um incidente que mudou também a minha vida, novamente a pré-história. Lá a estrutura você tinha geologia, engenharia, laboratório e mineração, era os três, quatro departamentos que faziam parte da divisão da mina e em cima havia a gerência, e isso _____ era uma pessoa da, como todo me marcou, bastante amigo da profissional, essa pessoa, Manuel Rio Campos, marcou também o início da minha carreira profissional, espanhol fabuloso, havia combatido Franco na Guerra da Espanha, depois trabalhou em São Paulo na região de Apiaí no sul, em minas de chumbo e foi trabalhar na ICOMI, a figura humana fantástica. E a mina estava sem chefe, havia um engenheiro gaúcho que estava interinamente respondendo e o Manuel Rico acumulando a divisão com o departamento de mineração que era o departamento principal na ICOMI, que era o departamento de produção da mina da ICOMI e ele ia sair de férias e brigou com o assistente dele que tomava conta da mina. E o assistente pediu demissão, e ele para não cancelar as férias dele, olha o que ele fez na temeridade, quer dizer, não só a divisão ia ficar sem ninguém, quer dizer, cada departamento atuando independentemente, como a mina ia ficar assim e ele foi pela _____ “qual o geólogo mais novo que tem aí, que não vai fazer falta para você para ficar tomando conta da mina enquanto eu tiro férias?” e falou também uma frase semelhante a que o Tolber me falou quando eu fui trabalhar com helicóptero alguns anos depois, falou a frase: “Não, não tem problema, pode errar a vontade que eu sou o responsável”, e saiu de férias. Foi um trabalho também apaixonante, porque eu nunca tinha trabalhado com escavadeira, com trator com caminhão, de repente tinha lá uma equipe de 50 homens, 12 tratores, 15 caminhões, cinco escavadeiras e eu tinha que decidir o que fazer com aquilo, com 23 anos. Mas onde é, que prematuramente eu fui colocado em posições de responsabilidade muito cedo, quer dizer, aconteceu na época do primário que eu fui tomar conta do barzinho, depois aconteceu na ICOMI também que eu com seis meses de emprego, seis meses de formado, nem sabia o que era ser geólogo, acabei sendo deslocado para a mineração. E me lembro, imagina de ser apresentado para a equipe da mina, todos ficaram muito amigos mas tinha lá um senhor que era o capataz geral da mina, já tinha trabalhado aqui na Vitória - Minas, um pessoal na faixa dos seus quarenta e tantos anos e pôe um garoto de 23 anos para ser chefe dele, né? A primeira reação, chegada de cidade, toda aquela cara de paulistano, cheio de frescura e tudo, né, imagina o choque cultural, esse garoto agora vai mandar em mim, então. E o trabalho na produção de minério _____ como era bastante simples a lavra, mineração, mas tinha um problema sério que a variação do teor da quantidade de manganês que tinha no minério, variava em torno de 30 até 56, 57, e a produção para ter, que tinha mercado e um certo equilíbrio para a mistura geral, se você tirar só o rico, ia ficar só com a carne de pescoço, se vendesse a carne de pescoço, ninguém comprava, então você tinha que fazer uma blendagem, uma mistura, era vender em torno de 48 e 30% de manganês. Então você tinha que usar as várias frentes e fazer a mistura, tantos caminhões nessa escavadeira, tantos caminhões nessa, tantos caminhões na outra, para dar aquela blendagem o dia e você controlava aquilo com várias amostragens, várias análises durante o dia para completar o trem que ia para o porto, então você não podia sair um trem com 50 e tantos, não podia sair um trem com 41, tinha que sair em torno de 46, 47, para no fim do mês a média de 48 e 30. No primeiro momento eu cheguei lá, nem tinha visto uma escavadeira funcionar, nem tinha visto nada, quebrou uma escavadeira e esse capataz chegou para mim: “Quebrou a escavadeira tal, onde eu coloco os caminhões?”, o normal seria falar eu não sei, né, mas não podia fazer isso que ele ia perder o respeito comigo. “Bota tantos em uma escavadeira e tantos na outra”, nem sabia o que estava fazendo, né, imediatamente fui lá para a mina, comecei ver o que tinha acontecido, tal e aos poucos fui ajeitando. Mas o que aconteceu, a minha insegurança e o meu medo de errar acabaram mudando a minha vida profissional na ICOMI, o que aconteceu, a mina, engenheiro de mina e geólogo não se conversavam, porque geólogo é uma profissão nova, que até certo ponto veio tirar isso, até alguns anos atrás ainda havia um antagonismo muito grande. Primeiro geólogo não é engenheiro, então já era olhado com certo desprezo pelo engenheiro, que o geólogo tem uma formação mais científica, técnica, mas mais científica, ele era considerado mais poeta pelo engenheiro. E havia tirado uma faixa do espaço profissional deles, que geologia era feita pelo engenheiro de minas antes, né, então eles, praticamente a geologia faz os mapas e pesquisava tudo, mas para fazer a produção, a mina fazia sua própria amostragem, então todo o dia de manhã, ia alguém lá na frente e pegava algumas amostrinhas ali e analisava aquilo, engenheiro de minas.

P/1 - Engenheiro de minas?

R - Engenheiro de minas, e aquilo era usado, só que eu já contei o seguinte, isso não adianta nada porque quando chegar o dia seguinte, quando vier o resultado, o que foi amostrado já foi embora, então é uma amostra que não serve para nada. Então abolia-se que demonstrasse, não serve para nada isso aí, porque para base dar uma informação _____, minério variava muito de metro para metro, então pegou uma amostra com 50, mas lá na frente está com 30, o que adianta aquela amostra com cinquenta? Então o visual ia me dar mais ajuda do que aquela amostra, e as mapas da geologia não eram usados, eram usados só para o planejamento macro de lavra, mas não eram usados no dia a dia, e a geologia fazia furo cada dez metros na mina e tal. Então eu peguei esses mapas na geologia e na parede do meu escritório fiz uma maquete de mapas, sobrepos os mapas, um em cima do outro, pintei os blocos com cores diferentes e dentro do bloco um furo de pesquisa que tivesse sido feito, o bloco poderia ser de 46, mas tinha o furo de 50, naquele ponto eu marcava que tinha um de 50, sabia que aquele ponto era um pouco mais rico, e a topografia ia mapeando os avanços e ia recortando o mapa, ia fazendo um avanço no mapa, o que acontecia na mina, então estava o tempo todo trabalhando olhando esse mapa, quando eu ia na mina eu sabia que o lugar estava baixo mas lá tinha um furo que dava alto e ia melhorar, então aquilo começou a me ajudar, né? Outra coisa que aconteceu é que aquela, arranjo teórico que se fazia dos carros, três caminhões aqui, quatro aqui, dois ali e etc., era um arranjo teórico, quer dizer, eles não são indiferentes, então você fazia aquele arranjo e quando vinha a análise do laboratório você corrigia, você propôs produzir 47, dava 45, você corrigia achando que as frentes tinham mudado, mas muitas vezes era só em função dum arranjo real diferente dos caminhões, então um negócio simples foi colocado e passou a ser usado até o fim da ICOMI ser fechado, passou a ser usado, toda vez que eu encontrava alguém que dizia: “Ah, aquele negócio, tua plaquinha, até hoje funciona”. Coloquei umas plaquinhas nos caminhões, do lado de fora da porta, com o número da escavadeira que lhe vinha, e a pessoa que operava o britador colocou um

quadro com um lápis, um pauzinho que ia baixando, sem computador, sem nada, não tinha nada disso. Quantas viagens reais tinham sido feitas, então muitas vezes o resultado diferente era mais porque uma escavadeira tinha sido mais rápida, então o arranjo podia ser para dois, para três, para quatro, e na realidade era quatro, para dois, para um, então eu fazia um novo assim que terminava ___ mais tarde eu fazia um novo cálculo da distribuição real dos caminhos, né, então essas duas coisas que foram introduzidas naquele mês de férias. Quando o Manuel Rico chegou de férias, entrou na minha sala, tinha corrido tudo normalmente, ele olhou aquele mapa e aquele negócio de que eu tinha introduzido e falou: “Você quer continuar trabalhando na mina?”, foi um choque para os meus outros colegas: “Não, você vai abandonar a geologia”, falei assim: “Não é questão de eu abandonar a geologia, geólogo eu vou ser o resto da vida, agora a chance de aprender tomando conta de uma mina”, na época a maior mina que tinha no Brasil era a de Itabira e a segunda maior era Serra do Navio, e para você gerenciar a segunda mina do Brasil era uma experiência fabulosa, do ponto de vista humano, do ponto de vista técnico, de abrir os horizontes, né, e eu não desperdicei a oportunidade, então com seis meses de formado, eu fui promovido a chefe do departamento da mina lá, era praticamente criança de tudo, era um garoto trabalhando lá.

P/1 - Você morava aonde lá?

R - Morava, tinha uma vila própria, né, morava primeiro numa casa de nível de gerente, é, de técnico, e depois passei para uma casa de nível de técnico lá, foi uma experiência fabulosa porque eu pude ter qualidade de vida boa no início, com hospital, com tudo, mas era uma, ao mesmo tempo que era muito rica a experiência, era uma atividade estressante, porque estava um ano isolado ali, né, para ir a única coisa que você podia fazer era Macapá, e a viagem de trem, você tinha que pegar o trem uma hora da tarde e voltar na madrugada de segunda-feira, porque era os únicos trens que permitiam que você passasse o fim de semana lá, era uma viagem cansativa, eu cheguei a passar um ano e um mês sem sair de Serra do Navio.

P/1 - Sem saída?

R - Não tinha televisão, os jornais, o Estadão, por exemplo, a cultura lá era muito forte por São Paulo, eles deram preferência aos jornais de São Paulo, não sei porque, e o Estadão chegava lá com uma semana de atraso, as revistas que existiam eram Manchete e Cruzeiro. Você ficava na fila para que quando alguém desistisse, ou alguém saía da empresa você pegava vaga para poder ter direito a uma assinatura, porque vinha tudo com cotas de avião, como não podia transportar mais que aquela cota que ia ficar muito caro, né? Mas era uma qualidade de vida muito boa lá, clubes, hospital... Era estressante porque a vida particular era a vida, a mulher do gerente era a chefe da tua mulher, a minha mulher acabava querendo ser chefe da mulher do meu assistente, então havia uma hierarquia na vila o dia todo, você tinha muito visitante, então tinha coquetéis, duas, três vezes por semana, você era obrigado a ir naqueles coquetéis e ficar atendendo as pessoas no coquetel, você não tinha muita privacidade, você não ia no coquetel a mulher do gerente ia encontrar sua mulher no mercado e dizia: “Olha, meu marido notou que seu marido não foi no coquetel ontem?”. Mas para começo de vida foi fabulosa, minha formação administrativa, não formação técnica, mas formação administrativa, operacional e etc., eu aprendi na ICOMI, foi uma escola fabulosa.

P/2 - Você disse que sua filha nasceu lá.

R - Nasceu lá e eu saí demitido de lá.

P/1 - Saiu demitido?

P/2 - Então conta.

R - Fui demitido, lá com um ano de mina, mais ou menos, e entrei em 1964, 1965, minha filha nasceu, 1966, um ano e meio de chefia da mina, lá havia ___ a minha filha nasceu dia sete de maio, dia oito de maio era aniversário da ICOMI, e a ICOMI então dava nesse período uma gratificação para os empregados, que variava no mínimo de um e máximo de dois salários. E a mina nesse ano havia trabalhado a noite, coisa que não se fazia lá, quer dizer, os mesmos 50 empregados, eles trabalharam a noite e de dia rondando e tal, para um barco especial. Tinha feito várias coisas lá, e tinha avaliação para ver quem tinha direito, e nessa época, é, na revolução em Belém, o líder da revolução em Belém foi um ____, ele colocou uma corveta em frente a Belém, ameaçou a dar tiro e tal, na época da Revolução de 1964 e depois se reformou e foi pedido a ICOMI, ao Antunes que arrumasse um emprego para ele. E a divisão de vilas, a vila era um livro de serviço, não chegava, eu acho que era departamento, mas era um departamento simples que eu acho que era cuidar das casas, consertar tomada, verificar abastecimento de água, coisa muito simples numa vila pequena, e não tinha emprego para dar para o almirante, para o contra almirante, então transformaram aquilo em superintendência que era o maior abaixo de gerência, e contrataram tantos engenheiros civis, tudo para formar o estafê do almirante, né, e ele era o meu vizinho bem em frente de casa, e ele já começou a hostilizar por ver aquele tratamento discriminatório. Isso para os ___ da época, um choque, né, quer dizer o cara trazia garçom, comida do clube na casa dele, tinha todas essas mordomias, que normalmente os outros empregados da ICOMI nem o gerente tinha, mas ele fazia o que bem entendia e ninguém falava nada porque ele tinha sido colocado lá pelos militares, isso então foi uma parte psicoemocional que influenciou na minha atitude. E nessa, a ICOMI também tentou começar a tentar fazer uma reengenharia da época, mas às avessas, né, começou a contratar uma porção de assessores, foi o contrário da reengenharia, porque tinha que colocar uma cultura maior administrativa, os assessores não tinham que fazer nada, então começaram a inventar, então criaram um critério de avaliação lá que foi totalmente desastroso, eles estabeleceram uma curva de correção do avaliador.

P/1 - Curva de correção? (riso)

R - Curva de correção, então que circunstâncias tinha isso, você avaliava a tua equipe e o outro gerente a equipe dele, se a tua equipe tinha a média nove e o outro gerente tinha avaliado por sete e a média da ICOMI fosse oito, todos os seus avaliados iam perder um ponto, porque os teus avaliados foram, você foi bonzinho e o outro foi ruim, e todos os outros avaliados iam ganhar um ponto, daí para a média. Até certo ponto o

critério pode haver essa influência na avaliação, mas o que acontece, desde que você unisse as extremidades e fizesse uma diluição ponderada no meio. E o que aconteceu, na mina que eles foram bem avaliados que realmente naquele período tinham, a mina era o seguinte ganhava campeonato de futebol, ganhava meses, meses de tudo que acontecia em Carajás era a mina que conseguia fazer, que era uma equipe totalmente integrada que vestia a camisa, etc., em Carajás não isso não havia, e o que aconteceu, então na mina ninguém teve dez pontos. O que aconteceu, ninguém na mina teve dois salários, e nas vilas aconteceu o contrário, então um cara lá que trabalhava na padaria lá e um cara que trabalhava na escavadeira dia e noite lá, tinham um salário de gratificação, então quando veio o resultado, os empregados falaram “não, isso não recebo”, e eu me senti então responsável por aquela situação e entreguei o cargo, a mina quis entrar em greve, imagina, em 1966, como ia entrar em greve? Era aniversário da minha filha, na época aniversário da ICOMI. O meu amigo que era advogado da empresa que eu havia conhecido a hora que chegou lá, sumiu, foi no aniversário da minha filha, quando chegou lá, “não estou mais para o aniversário da sua filha, eu vim aqui para a gerência, para avaliar a sua atitude agora, então você toma cuidado comigo que eu estou como representante da gerência agora, não quero te traír”. E ficou aquele clima hostil, né, e a situação foi indo, foi indo, até que a gerência da ICOMI foi infeliz e me chamou que reconhecia que o critério havia sido errado, mas que a verba já tinha sido distribuída que não tinha mais como reunir acionistas para arrumar uma verba adicional, mas que a minha gratificação poderia ser repensada. Foi muito infeliz, quem falou isso foi um grande amigo meu que já faleceu, era o subgerente de Serra do Navio, eu falei: “Olha, daqui em diante se sair alguma coisa eu não quero nada para mim, porque vocês me colocaram numa situação... Antes eu podia até receber se saísse alguma coisa, agora depois de você falar isso eu não posso mais receber nada de vocês”, e a situação foi evoluindo, evoluindo, até que o Rico comprou a briga, o meu chefe, e foi discutir com a gerência, com a diretoria, e foram uns quinze dias de discussão, até que ele subiu e falou: “Nada foi possível, agora a situação é uma só, se você não desistir dessa demissão, eu fico sem condição moral de continuar e vou ser obrigado a pedir minha demissão também, agora você é jovem e emprego em qualquer lugar, eu sou um espanhol no Brasil e vou ficar sem emprego”. Aí eu reconsiderei a decisão e falei: “Tudo bem Rico, mas daqui para a frente, tudo que der errado na (ICONE?) eu vou colocar a boca no trombone”. Aí foi, né, quer dizer, eu não pude dar porrada pedindo a demissão e passei a dar porrada no dia a dia, foram seis meses que eu trabalhei feito doido, não tinha uma falha na parte profissional, mas na atitude junto a gerência e diretoria era de total hostilidade. O gerente tinha, é meu amigo, eu almoçava na casa dele, ele almoçava na minha casa e tinha sexta-feira, tinha, ele ouvia os empregados com as reclamações.

P/1 - Era o primeiro da fila.

R - Quase toda a sexta-feira eu estava lá com a listinha. (riso) Uma delas era a mordomia do almirante, aquele negócio todo lá e todo aquele troço e foi, seis meses...

P/1 - Sua vingancinha com o almirante...

R - Não, não era só com o almirante mas o... Era prepotente, tinha professor de inglês que era da área dele, um brigou com o professor de inglês deu um tapa na cara dele, o professor, a prepotência era esse nível, né? E acho que uma das coisas que desgastou bastante a minha permanência lá, é uma parte mais humorística da situação, que eu nunca criei galinha na vida, né, e descobri que havia uma padronização da (ICONE?) das vilas, para quem criasse galinha tinha um desenho do galinheiro específico que a divisão de vilas forneceria, mas era mais para casas operárias, etc., ninguém lá na vila que eu estava ia criar galinha. Mas era um direito do cidadão, do habitante de Serra Navio criar galinha, então eu entrei com o requerimento do galinheiro e ninguém sabia fazer o galinheiro e que nunca tinha sido feito. Subiu os camelos no fim de semana para vender bugiganga na cidade, inclusive galinha, e eu comecei a comprar galinha, galinha, galinha, tinha mais de quarenta galinhas em casa que saíam por toda, não tinha muros lá, então as galinhas andavam por tudo quanto é lugar e a casa do almirante em frente (risos). Então no fim de semana que ele passava em casa, quase todo o fim de semana ele me ligava: “Dr. Breno, você quer mandar sua empregada buscar uma galinha que está sujando a minha varanda?” (risos). Aí tinha aquele ritual, eu acompanhava a empregada até o meio da rua que era um território neutro, né, ali eu parava, não invadia o território dele, daí a empregada ia sozinha pegava a galinha, voltava, eu ficava de braços cruzados no meio da rua, ele ficava de braços cruzados, em frente a casa dele, olhando para mim (risos) havia aquele confronto de olhares e eu falava para ele: “Olha, o meu galinheiro ainda não chegou.” (risos) E daí foi realmente nessa base. No último ano de 1967 eu fiquei nas férias coletivas, aí combinaram as férias coletivas e ficava alguém tomando conta do, pouca coisa que havia da divisão da mina e fazendo o plano de lavras para o próximo ano, então, era a época que eu fazia os cálculos sozinho lá, sem ninguém aborrecer e passagem de férias já comprada, de ida e volta, quando o pessoal voltou, inclusive o subgerente, meu chefe, eles me chamaram para uma reunião e esse meu amigo, o geólogo falecido, que era o subgerente de Serra do Navio, falou: “Olha, Breno, a diretoria resolveu te demitir, você vai ficar só com passagem de ida, etc. e a diretoria...” A frase que ele falou foi assim: “A diretoria concorda todas as reclamações que você fez são válidas, só que a diretoria não concorda com o direito que você acha que tem de fazer as reclamações.”, era bem do espírito da época, né, e foi uma demissão estranha, porque estava demitido desse jeito com justa causa, indenizado com tudo que tinha direito, teve partida de futebol na vila operária, o estado com toda a gerência comparecendo, e dei o pontapé inicial, houve uma festa de despedida com presente do gerente, um jantar em minha homenagem... O pessoal todo foi na estação, o pessoal todo foi na estação, a mina toda foi na minha casa na despedida no dia, foi a única hora que eu chorei quando saí de lá eu e minha mulher, pois já estava tudo encaixotado, quer dizer, mesmo você querendo sair do lugar para ter a sensação de liberdade, a gente tinha começado a vida de casado, a filha tinha nascido, a vida profissional, né, e você vê tudo aquilo encaixotado esperando para ir embora... E já estava pronto para ir para a estação, para pegar o trem, meio-dia mais ou menos, a casa toda vazia e pararam dois caminhões da mina com 55 empregados dentro e fizeram uma fila na porta de casa, aí um por um me abraçou antes de eu ir embora, quer dizer, é um negócio que nessa hora não dá para aguentar, é uma hora muito difícil. Mas foi essa experiência, daí fiquei desempregado em São Paulo, foi uma época crítica na década de 1960, não havia emprego, foi uma primeira crise no setor empresarial.

P/1 - O projeto da Serra do Navio, na Amazônia era o único projeto que havia?

R - Foi o projeto pioneiro, foi o primeiro projeto de mineração de estilo moderno, uma ferrovia de 200 quilômetros, mina de manganês, porque manganês na época era altamente estratégico para o mundo ocidental, principalmente para os Estados Unidos, porque manganês é fundamental para a fabricação do aço naquela época. Mais do que hoje, hoje a tecnologia usa menos manganês na fabricação do aço e usava também alguns

ação especiais que usam o manganês, algumas certas ligas especiais. Agora na Guerra Fria, na década de 1950, a Rússia tinha reservas suficientes de manganês, e manganês na época só era conhecido no Brasil, alguma coisa no México e alguma coisa na Austrália, então quando surgiu na década de, a implantação do Projeto Serra do Navio, os capitais americanos financiaram túneis para implantar a mineração, no início era a _____ que era a terceira siderúrgica nos Estados Unidos junto com o Antunes, depois o Antunes ficou sozinho e a _____ saiu, então por isso foi feito essa primeira mineração. Hoje sem essa importância estratégica que manganês tinha na época, seria inviável fazer um projeto com aquele custo na Amazônia, a própria ferrovia inviabilizaria, uma ferrovia de 200 quilômetros hoje fica em quase... Entre 500 milhões a um bilhão de dólares, o manganês hoje vale em torno, não estou atualizado, deve estar valendo entre 50 e 60 dólares a tonelada, naquela época valeria em torno de 140 e 150, dela da época, você pode colocar no mínimo três vezes, aí com a inflação americana, no mínimo três vezes, daí daria esse equivalente hoje a 300 ou 400 dólares a tonelada, hoje o manganês vale 60, 70 a tonelada o dólar de hoje, então não teria como viabilizar a construção de Serra do Navio hoje e a empresa encerrou o ano passado as atividades, né?

P/1 - Foi o ano passado? Eu não sabia não.

R - É, hoje você tem a ferrovia lá, eu não sei se ficou com o governo do Amapá, você tem a _____ se a vila de Santana foi integralizada, foi integrada a Macapá e Serra do Navio eu não sei, eles iam entregar à USP, não sei o que aconteceu com a vila de Serra do Navio.

P/1 - E o que você conhecia da Amazônia, quer dizer, tinha um mapa já geológico dela, o que se...

R - Bom, na época não se conhecia nada, não se conhecia nada, nada. Na época, na Amazônia você tinha atividade na Serra do Navio, estava começando alguma coisa de garimpo, de cassiterita e de estanho na Rondônia e estava começando alguma coisa de ouro na região ali do Tapajós, muita pouca coisa, uns pequenos garimpos... O ouro naquela época estava com o preço muito baixo, então não tinha muita atividade de ouro, se tinha historicamente algum diamante ao longo do Araguaia, Tocantins, _____ garimpo na fronteira com a Venezuela, lá em Rondônia, em Roraima, ainda naquelas serras tinha algum, tinha já havia naquela época um garimpo, houve algum ouro no passado na região do Gurupi, na região do Amapá, Macapá tinha um pequeno garimpo de ouro também, então a atividade era só essa. Na Amazônia, em termos de mineração, não existia nada... Os mapas da região, os primeiros mapas que a gente usou, quando sobrevoava lá, os rios tinham deslocamento às vezes de 30, 50 quilômetros nos mapas originais. Depois, no final da década de 1960, surgiu o projeto (Radam?) que fez o primeiro mapeamento em imagem radar, deu uma certa, uma segurança maior. Depois mapas mais modernos feitos pelo serviço geológico, geográfico do exército, já na década de 1980, que melhorava os mapas da Amazônia, mas mesmo hoje, algumas regiões da Amazônia, eu sei informação via satélite, mas informação de chão muitas regiões você não tem nenhuma.

P/1 - Vocês não tinha nenhuma empresa também que cuidasse disso, fizesse pesquisa e mandasse os geólogos, isso não existia?

R - Não, naquela época não. O primeiro, havia atividade da Petrobrás também. Agora, a Petrobrás, como as sondas eram muito grandes na época, as sondas de petróleo são grandes, na época não havia helicópteros grandes ou condições de fazer estradas, então a pesquisa da Petrobrás era toda ao longo dos rios, subia o Madeira, Trombetas, outros rios lá da Amazônia, né, colocavam a sonda em Tapajós, e colocavam as sondas na beira do rio. Então você, as descobertas de petróleo na Amazônia de gás começaram a surgir quando as sondas começaram a sair da beira do rio e começaram a seguir atividades sísmicas e da geofísica, que permitiram a você a fazer o furo onde tinha que fazer, não onde você chegava com a sonda. Esse foi o grande avanço da Meridional e da Steel na Amazônia, foi a primeira vez que você arriscou fazer pesquisa onde você não chegava via rio. A região de Carajás foi frequentada por pesquisadores e aqueles navegadores e cientistas que iam na Amazônia no começo da década de 1920 e na década de 1930, os pesquisadores passaram na região de Carajás pelo rio, mas você fazendo, você a penetração, você com estrutura, você para penetrar mais que dez quilômetros o rio, você tem que ter uma estrutura de apoio muito grande para carregar carga nas costas, então você, no rio você leva no barco, longe do rio você tem que levar nas costas. Então não dá para fazer um trabalho muito longo, fica muito caro, muito difícil, né? Na própria descoberta em Carajás aconteceu um fato muito interessante, porque no final da década de 1950, começo da década de 1960, eu não sei bem a data, foi feito o primeiro trabalho sério no Brasil de levantamento aéreo fotogramétrico, chamado Projeto Araguaia do DNPM, foi feito pela firma (Prospec?).

P/1 - Era do governo esse projeto?

R - É, o (Prospec?) era particular, uma empresa de geofísica de aerolevante, e o governo, Departamento Nacional de Produção Mineral contratou, esse trabalho foi sério e ele trabalhou em Carajás, Carajás foi levantado com esse trabalho. Não descobriu o ferro, porque que não descobriu o ferro? Por razões de verba, o trabalho de campo ficou restrito só ao longo dos rios, só que ao longo dos rios normalmente passam as regiões mais arrasadas, mais baixas. O que acontece, você não tem toda a informação da geologia na região, você pode ter uma montanha do lado que é uma geologia totalmente diferente que não está junto ao rio ali. E foi o que aconteceu com Carajás, e Carajás acabou, se acabou, o governo perdeu uma chance de descobrir Carajás dentro de um projeto de governo, porque não colocou um homem no local onde estava o ferro e como a cobertura de _____ em Carajás dá origem a lagoas e como a região que dá calcário também dá origem a lagoas... Porque calcário é dissolvido pela água, de repente aquilo dá um afundamento na região que é dissolvida... A acidez da água se dissolve e forma cavernas; de repente a caverna afunda e naquele lugar que afundou vira uma lagoa, é comum aí na região de Sete Lagoas que está no _____ então você tem aquelas todas lagoas, que é justamente uma região de calcário, chama-se uma topografia cárstica. Como havia essas lagoas em Carajás, quem fez os mapas para o governo na época, (Prospec?) interpretou que ali devia ter calcário e toda a região de ferro foi marcada como uma região com calcário, então Carajás deixou de ser descoberto nesse trabalho do governo. Só depois quando veio a minha equipe trabalhar na região é que ele acabou sendo descoberto porque se precisou quem pisasse, a primeira pessoa que pisasse descobriria Carajás.

P/1 - Você não tinha uma coisa sistemática, um esforço planejado para isso?

R - Não, ter um esforço planejado mas com limitações, quer dizer, sempre quando chega o trabalho de campo que é mais caro, o trabalho só deu

para fazer mapeamento ao longo dos rios, pegaram um barco e foi mapeando. Você fazer uma expedição para ir até a serra, você levar uns dois, três meses só para chegar aquele ponto... Não foi o que aconteceu depois mais tarde com o projeto (Radam?) Brasil, que mapeou com imagem de radar toda a Amazônia, que ele já foi feito todo com helicóptero, já usando a tecnologia que a gente desenvolveu no ocasião da Meridional em Carajás, quer dizer, quando a Meridional passou a um helicóptero em Carajás e ela criou uma sistemática de trabalho que depois foi até mais bem desenvolvida pelo projeto (Radam?) que trabalhou com mais helicópteros, helicópteros da FAB, helicópteros maiores, etc., então isso tudo foi uma, um fato foi mudando o outro e tornou possível depois o uso do helicóptero na Amazônia.

P/! - Então quando você saiu da ICOMI suas opções mesmo aí na Amazônia não iam..

R - Não daí eu fiquei em São Paulo desempregado. Surgiu um único emprego num jornal, tirada onde tem aquele, aí procurando geólogo, né, aí mandei currículo, era para a mina de Cana Brava da Sama, uma mina de amianto que tem em Goiás, hoje é em Tocantins, essa mina de amianto, eram franceses, era uma firma era francesa, é a Brasilit, é ligado ao grupo Brasilit. Eu tinha saído da ICOMI com esperança de minas, procurava no jornal para trabalhar em mina, na época ganhava mil e quinhentos e alguma coisa, cruzeiro novo, cruzeiro, era mil e quinhentos e alguma coisa, era um bom salário na época, muito bom. A média salarial da época estava em 700, eu ganhava 1500, e pedi 1500 eles concordaram, já era melhor trabalhar, né, trabalhar aqui em Goiás. Para quem trabalhava no Amapá, já era metade do caminho, eles davam três, cada três meses pagavam um hotel em Brasília para passar um fim de semana com a família. Então tinha uma saída de lá, era possível ir de carro já, a família podia ir visitar de carro e tudo. E no dia que eu fui acertar, marcar a viagem, eles falaram que infelizmente tinha aparecido um geólogo recém formado que tinha aceito o mesmo emprego por 700. Que aconteceu, continuei desempregado, daí comecei a procurar emprego, aquele emprego de desempregado mesmo, vender enciclopédia, não cheguei _____ já estava com os endereços todos _____ você tinha que trabalhar, estava três meses em casa, eu morando com meus pais e minha mulher com minha filha morando com a mãe dela, porque não tinha onde morar, não tinha casa, porque o Amapá tinha isso de bom, você tinha tudo isso de bom, mas quando saiu você não tinha nada, não tinha móvel, não tinha nada, só tinha a roupa do corpo. Porque todos os móveis eram da empresa e tudo, né, e desde o início eu sabia que o Tolber estava começando, quando eu estava no Amapá, no Amapá ainda surgiu notícia de descoberta de manganês em Marabá e o engenheiro que trabalhava lá era de Marabá e ele comentou: "Na minha terra tem Manganês e etc. e tal." e o Tolbert...

P/! - Acho que tinha só que trocar a fita, não é?

[troca de fita]

R - Aí nessa época aí, vendendo enciclopédia, aí veio outro, um outro programa interessante que era o DNPM, Departamento Nacional de Produção Mineral, estava começando com um grande geólogo brasileiro, Fernando Flávio Marcos de Almeida, que era da Politécnica, estava iniciando um novo programa na região de Goiás. E o Carlos Otí Berbert que eu falei que foi presidente da CPRM até tempos atrás, sempre a gente acaba se cruzando, ele tinha ido para a ICOMI, saído, foi dar aula em Belém, aí também estava desempregado nessa época e ele se inscreveu neste programa. Mas eu falei "Ir trabalhar com o governo não me atrai muito trabalhar num serviço assim geológico, eu quero trabalhar em empresa mesmo", de início não aceitei isso, aí fiquei aquele período de vai para cana brava lá para... Não deu certo, já estava disposto a fazer qualquer coisa, abandonar a profissão para sobrevivência temporariamente, e tinha o Tolber que havia notícia entre os geólogos que ele estava iniciando um programa para procurar manganês no Brasil na Amazônia, aí eu falei: "mas na Amazônia eu não quero voltar não, tem que andar de avião, eu não quero", mas a coisa foi indo, foi indo, entrando em crise, e eu resolvi mandar um currículo para ele, imagine, alguém aí, você pegar um ex aluno seu que trabalhou três anos na ICOMI, só trabalhou com manganês disponível no mercado, quer dizer, mandei um currículo, no dia seguinte chegou um Western, na época não era, não tinha internet, não tinha nada, quer dizer, era só, o melhor que havia, o internet da época era o telegrama da Western que tinha o do governo. O dos correios que demorava uma semana para chegar e tinha Western que chegava na hora, né, me chamando para o Rio para uma entrevista, e vim pra essa entrevista e imediatamente foi contratado e a ordem era morar em Belém, eu tinha idéia de poder morar no Rio de Janeiro e ficar trabalhando, deixar a família no Rio, ele falou assim: "Por que deixar a família no Rio, porque você vai ficar no mato?", tanto fazia pegar a grana e vir para o Rio, mas eles queriam ter uma sede em Belém, para integrar com a cultura, integrar com a região, e fui contratado então como chefe da equipe desse programa.

P/! Era um programa de quem?

R - Era um programa chamado BEP, Brazil Exploration Program, da United States Steel. A United States Steel tinha uma empresa de manganês aqui que chamava Meridional, que explorava a mina de Lafaiete e a mina de Orucum e Corumbá, eles produziam para... A United States Steel na época era a maior empresa siderúrgica no mundo, os japoneses não haviam crescido ainda, do mundo ocidental era a maior siderúrgica, era uma, o que é hoje a Microsoft, o que são essas empresas, na época a Steel era a maior potência dos Estados Unidos, quer dizer, era potência econômica, depois ela entrou em decadência, hoje não tem essa força econômica e política da época. E eles tinham, havia um problema sério na época do manganês, como ele era estratégico para os Estados Unidos que não tinha reservas, né, os Estados Unidos não tinha reserva e dependia, imagina o país que está em Guerra Fria com a União Soviética que tem manganês e o país não tem manganês. Toda a indústria bélica, tudo dependendo do manganês e tanto que os Estados Unidos na época tinha o estoques estratégicos, eles tinham, compravam o minério e o governo estocava lá para que no caso de crise o país não ficasse sem manganês. Hoje não existe mais isso, que perdeu essa importância estratégica, surgiram outras minas no mundo, no Gabão, na África do Sul, e o manganês perdeu a importância estratégica. Mas na época era fundamental para a Steel encontrar uma nova fonte de manganês, porque ela já era sócia de capitais franceses no Gabão, numa mina descoberta na década de 1950, mas na década de 1960 começaram aquelas revoluções nacionalistas... A mais trágica foi do Congo Belga, que foi a primeira vez que houve violência contra os europeus com estupro e com tudo lá na... Violência feia mesmo, então aquilo foi uma tragédia, primeira vez que o colonizador era agredido pelo colonizado com mortes, com violência, né?

P/! - Um trauma.

R - Então se temia que de repente no Gabão pudesse acontecer a mesma coisa, então havia necessidade de uma fonte alternativa de manganês, por isso foi chamado o Tolber. Tolber era um profissional do governo americano, do serviço geológico americano, DNPM de lá, serviço geológico americano, já havia trabalhado no Brasil pelo ponto quatro, já falava português, tinha sido professor no Brasil. Então o Tolber foi chamado, alguns geólogos, alguns profissionais que trabalhavam na Steel já haviam trabalhado no Brasil, na Meridional, conheciam o Tolber, chamaram o Tolber para chefiar esse programa, e ele quando veio para cá disse: “Eu vou com uma condição, de eu poder usar geólogos brasileiros, porque se eu fui professor no Brasil, se eu não usar geólogos brasileiros vai depor contra o meu passado como professor”, e começou então contratando três geólogos: fui eu para chefe de equipe, mais o geólogo Erasto de Almeida que era recém formado, formado em São Paulo, e o geólogo João Edelman Ritter, formado em Ouro Preto, tinha um ano de formado. Essa foi a primeira equipe que começou o trabalho na Amazônia e junto trabalhava com gente de Minas de Ouro Preto, Francisco Sérgio Lobato, figura muito interessante, ele entrou, como ele era amigo do vice-presidente do Meridional aqui, Milton Resende, ainda vivo, e havia trabalhado num programa de governo, ele era do Conselho Nacional de Petróleo, mas fazia de vez em quando algumas consultorias, havia trabalhado num levantamento da cassiterita lá em Rondônia e pela primeira vez usado helicóptero, sem ser... Porque a Petrobrás usava helicóptero, mas só para transportar as coisas, ele pela primeira vez tinha usado helicóptero para transportar geólogo para fazer mapeamento, e a Meridional pela primeira vez usou para fazer pesquisa, fazer prospeção de uma maneira mais sistemática. Então foi olhar, Petrobrás foi a primeira usar para transporte nesse programa do DNPM em 1966, em Rondônia, foi pela primeira vez que foi usado para mapeamento e para prospeção, para a busca de jazida, a primeira vez foi a Meridional. Ele entrou como consultor para uso do helicóptero, e o Ritter entrou porque havia trabalhado com ele lá em Rondônia nesse mapeamento, já tinha alguma experiência de helicóptero. Então essa é a equipe que ia começar trabalho na região de Carajás, porque que foi usado Carajás, na época não se chamava Carajás, né, chamava-se região entre o Xingu e o Tocantins, porque era uma região desconhecida. Já se conhecia, se havia descoberto manganês perto de Marabá, um ano antes, em 1966, manganês na Serra do Sereno. Quem descobriu manganês lá, a história certa não sabe, mas quem tinha tomado conta do depósito era a Codin, era uma subsidiária brasileira da Union Carbide, porque que uma fábrica de pilha, porque essa pilha não é alcalina, aquela pilha tradicional de país de terceiro mundo, ela usa o óxido de manganês no processo de produção de eletricidade, aquele miolo da pilha era de manganês, e é um manganês específico nas qualidades eletrolíticas e etc., e ela então pesquisava manganês para isso. Então tinha tomado posse desse depósito nacional de Sereno, próximo a Marabá. Então havia três áreas na Amazônia que poderiam começar o programa: no Amapá, porque havia minério de manganês, mas a suposição é que a ICOMI já teria rastreado ao redor da serra para encontrar outras jazidas; em Sucunduri, que fica lá para o lado do Amazonas, na fronteira com o Pará depois do rio Tapajós, mas é uma região muito índia, muito distante, mesmo que descobrisse como tirar manganês dali, ia ficar muito caro; e essa região aí, onde havia o manganês do Sereno, porque era uma região que daria uma ferrovia de uns 600 quilômetros, alguma coisa para tirar manganês. Pensava na época em construir uma ferrovia para tirar manganês, imagina o absurdo? Tal a importância estratégica do manganês da época, e o Tolber na época fez algumas incursões na região, contratou um táxi aéreo, mas os pilotos se recusavam a entrar naquela região tão desconhecida que é a região e tão sem apoio de entrar com um monomotor naquela área, né, e eu fui chamado no Rio e 15 dias depois começou o programa na Amazônia.

P/1 - Chamado, 15 dias você já foi para lá?

R - É, no dia 15 ou 16 de maio eu cheguei aqui e foi todo mundo para Belém do Pará, ficamos no Hotel Grão-Pará na época, era o centro lá de Belém, era o hotel mais novo de lá, com vice-presidência, com diretoria, para iniciar o programa, foi feita aquela festa, todo o mundo bebeu... Para mim foi um choque, porque na ICOMI era uma austeridade tremenda, e ali no hotel todo o mundo ficou bêbedo, diretor, vice-presidente, todo mundo lá bebendo ali naquela hora, era uma cultura totalmente diferente, uma cultura mais americana, de gestão, né? Mais descontraída. E começamos a decidir onde trabalhar, primeira atividade foi contratar um avião da Líder e voar a região para ver o que tinha embaixo. Quer dizer, sem nada. Uma vez eu, alguns anos depois eu caí de helicóptero com, um acidente com o Eck, que era ministro e o Eck chegou para mim e disse: “Não, esta história de Carajás está mal contada, que Steel quando chegou aqui, imagina a potência Steel, ela já chegou com fotografia aérea, já sabia onde tinha manganês, já sabia que estava o ferro, mas ela queria o ferro já sabia que existia o ferro lá, então aquilo foi tudo, não vem com essa história de falar que foi encontrado por acaso que não cola”. Mas não é, na realidade foi por acaso mesmo, e o primeiro trabalho com esse avião da Líder foi voar onde tinha base, então nós saímos de Belém, Marabá, Marabá ia para São Félix do Xingu, de São Félix do Xingu para Altamira, depois de Altamira para Marabá, cruzando a região onde tinha aeroportos para fazer abastecimento. Fizemos isto em três, quatro dias. Não via nada, mas uma coisa chamou atenção: por coincidência, algumas linhas de vôo passaram em cima de clareiras. Então, imagine, hoje você acha uma clareira na mata, você nem desconfia, porque tem tanto desmatamento na Amazônia que você pensa que é desmatamento, mas naquela época que não tinha uma mancha sem vegetação, de repente você pega uma serra sem vegetação em cima, aquilo chama atenção. Do verde escuro, você passa para o verde claríssimo ali, aquele verde palha, né, então aquilo chamava atenção. E também por coincidência uma linha de vôo, que vai de Marabá para São Félix do Xingu, ela passou em cima numa pista de pouso que era uma aldeia indígena, aldeia dos Xikrin, no rio Cateté, um dos formadores do rio Itacaiúnas. Então esses foi, o que deu para se observar dessa linha de vôo foi só isso.

P/1 - Mas tinha uma pista de pouso?

R - Uma pista de pouso.

P/1 - Da FUNAI?

R - Única, então só existia de vazio nessa área, naquela época, fora as cidades de Altamira e Marabá e São Félix do Xingu, que era uma rua que era pista de pouso e rua e uns barracos do lado, não havia mais nada. No sul você tinha Redenção que estava começando e também Conceição do Araguaia, o resto era só selva. Tinha viajado de Belém a Marabá só no meio da selva, você não via nada, saía de Belém era selva até Marabá, não tinha rodovia, não tinha nada. E então ao chegar nessa área, você vê esses dois fatos só, fato marcante, só duas clareiras, duas naturais e essa da pista. E outro fato que aconteceu foi num vôo de Altamira para São Félix do Xingu. O rio Xingu faz uma curva em linha reta seguindo pelo interior, nós passamos em cima de uma aldeia de índios, os índios todos saíram para fora e nós ficamos sabendo depois que essa aldeia não tinha contato com a civilização, eles foram aculturados por ocasião da Transamazônica, os índios assurinís.

P/1 - Não tinham contato...

R - Porque a maior parte dos índios da Amazônia são os Caiapós, não são do grupo Tupi, e esses assurinis são do grupo Tupi, é núcleo dos índios Tupi que tem lá. E aquilo nós fotografamos a aldeia do avião, né, que praticamente não tinha contato nenhum com a civilização, foi a primeira vez que, então a Amazônia... Em 1967, o homem estava chegando a lua, isso está 500, 600 quilômetros de Belém do Pará, não é nada absurdo. A Amazônia era essa apenas quatro, três décadas e pouco atrás. Esse companheiro meu, Roberto Assad, ainda outro dia estivemos juntos, e ele comenta a falar: "Olha, nós tivemos uma sorte muito grande, nós vivemos esse momento". Nós vivemos a Amazônia do descobrimento, praticamente ela estava tão intacta quanto a época do descobrimento. Para a Amazônia do jato, do satélite, da internet, em três décadas a região mudou, quer dizer, quem tivesse vivido a década de 1920, era só mais um descobrimento, quem visse só agora já vê uma Amazônia diferente, uma Amazônia já violentada. Nós pegamos, nós fomos artífices da violência da Amazônia também porque nós contribuimos para que a Amazônia fosse violentada agora, mas nós vivemos esse momento, momento histórico, único, que aconteceu pelo menos na Amazônia, ali na região do Pará, no sul do Pará. Há outras áreas da Amazônia que continuam iguais ao descobrimento, mas embora a tecnologia hoje ia ser diferente, né?

P/1 - Aquele mito, mito não, da riqueza mineral da Amazônia, isso existia de alguma forma, você sonhava com isso?

R - Não, na época era uma utopia, né, a utopia do Eldorado. Depois se confirmou que algumas regiões realmente são ricas, outras são desconhecidas e outras realmente não tem nada, já foram pesquisadas, não tem nada. O Tolber sempre falava com a gente: "Não é pelo fato de uma região ser desconhecida que significa que ela seja rica". Não adianta, quer dizer, ela tem que ter alguns atributos para depois acontecer, hoje você tem meios para pré selecionar a área antes de ir. Naquele tempo não, você tinha que ir com o martelinho lá, se você não chegasse, se você não tropeçasse na jazida você não descobria. Hoje não, você pode descobrir a jazida, ou ter indícios de que tem a jazida antes de chegar no local. Mas é, então esse impacto inicial de ver uma região, né, você está sobrevoando aquela região e depois falar "eu vou ter que trabalhar aí embaixo", aquela imagem de índios te esperando atrás de cada árvore, de cobra enroscada em cada galho, de onça te espreitando no acampamento... Outro dia passou na Globo uma história real de leões, né, era uma construção de ferrovia na África. Nós não tivemos nada disso, o máximo que nós tivemos ali foi pegada de onça, cobra encontramos umas quatro ou cinco vezes andando no mato. Tem mais cobra aqui na serra do mar do que lá. Índios, os contatos que eu tive foi com aldeia, uma ou outra vez houve algum indício de índio na picada, fechava com cipó para indicar quem tinha que abandonar a área, mas muito pouca coisa.

P/2 - Não tinha esse código?

R - É, mas os índios são muito, a densidade de população indígena, hoje os caiapós tem mais hoje do que tinha quando chegamos lá, eles em contato com as civilizações tiveram mais apoio de saúde, mais apoio econômico, hoje a população cresceu e não diminuiu a dos caiapós, aí na região do Pará.

P/1 - Quer dizer, era mesma uma coisa que um desconhecimento mesmo, todo o mundo aí não conhecia muito?

R - Desconhecimento que assusta, desconhecimento ele assusta e fascina ao mesmo tempo, né, quer dizer, ele te desafia, mas ao mesmo tempo ele te apavora, você vive nesse conflito de enfrentar o medo para poder conhecer, né, a região, e havia o medo maior ou o risco maior que era o dos helicópteros que a gente voava, né?

P/1 - O que, como é que era?

R - Até chegar lá houve alguns fatos interessantes da história... Foi o que existia na região? Você tinha uma região, imaginava duas linhas norte-sul, que são Tocantins e o Xingu, né, para vocês é o contrário, aqui está o Xingu, aqui está o Tocantins, só o Garcez da Varig é que não sabia que o Tocantins era um absurdo, e viajou no leste-oeste e se perdeu com aquele avião, né, só ele não sabia o que era norte-sul. (risos) Uma pessoa saindo na direção norte-sul no final da tarde com o sol na cara e não percebia que o vôo estava errado (risos)... É coisa que não dá para saber, quer dizer, se fosse uma linha noroeste e tal, mas norte e sul o sol ficou na cara dele o tempo todo e ele se perdeu. Bom, felizmente com isso nunca aconteceu com a gente, pelo menos a norte-sul a gente sabia naquela época. E você, lá existia Altamira, mais ao norte e a oeste, na ponta noroeste Altamira num quadrilátero e aqui embaixo Marabá, na parte Sudeste do quadrilátero lá. E sudoeste, um pontinho ali chamava São Félix do Xingu. Tolber... Marabá tinha dez mil habitantes na época, não tinha ninguém, você só entrava em Marabá, na época da chuva de barco, o barco levava uma semana até Belém, ou de avião DC-3, as linhas regulares, ou avião fretado.

P/1 - Único jeito de chegar em Marabá?

R - Não tinha estrada, não tinha nada, ferrovia nem pensar, mas não tinha, você não saía de Marabá, um ponto isolado. Altamira era onde você só chegava de barco e avião também, as estradas iam dez quilômetros da cidade para algumas fazendas e acabavam. E Altamira, dez mil habitantes, uma companhia americana, a Union Carbide, com escritório lá. Tolber então achou que seria uma agressão uma cidade com duas companhias americanas, embora a cidade fosse a melhor localizada, e optou por colocar a sede em Altamira, na ocasião daquele sobrevôo que a gente fez com os aviões em maio de 1967, optou por colocar a sede em Altamira. Aí alugamos uma casa, fizemos um pré contrato com a senhora lá e tal, e fomos fazer um vôo para Jacareacanga, para ver se a região de lá interessava, lá pelo Tapajós já, no último dia, quando nós voltamos desse vôo, havia, estava voando com a gente o dono da companhia de helicóptero americano, um americano playboy, o filho, o pai dele expulsou ele dos Estados Unidos e deu um dinheiro para ele montar alguma coisa no Brasil, ele montou uma companhia de helicópteros. (risos)

P/1 - Lá?

R - Não, aqui no Rio de Janeiro, e era a única empresa de helicóptero que tinha no Brasil, chamada Helitec, helicópteros que ele comprou de sucata, velho, caindo aos pedaços, esse é um outro caso a parte, esse cara aí, Louis Nou o nome dele. Ele então ia voar com a gente para ter idéia de como ele ia operar com os helicópteros na região, só que o chefe da Codin da Union Carbide, era outro americano amigo dele também, então tudo que ele voava com a gente ele telefonava para o chefe dele para ver se vendia, alugava os helicópteros para outro também, para fazer concorrência, então todos os nossos lances, ele ia passando para outro, quando nós chegamos em Jacareacanga, a casa que a gente tinha alugado já estava alugada pela Codin também.

P/1 - Olha só.

R - Porque a Codin o que achou? Que a gente estava em Marabá, daí sabe que a poderosa United States Steel, a maior siderúrgica do mundo, vai colocar uma base em Altamira, ela só estaria colocando lá, se ela tivesse idéia que tinha manganês mais próximo do rio Amazonas. Então eles falavam: “nós vamos correr antes, porque senão a Steel vai achar manganês antes da gente e em situação muito melhor do que a gente”, então eles saíram de Marabá e mudaram para Altamira. Para nós não tinha mais Marabá, porque Marabá eles ainda tinham um escritório lá, Altamira não podia e sobrou São Félix do Xingu, aí o desespero baixou, porque essas duas cidades, a gente tinha uma cervejinha, tinha... São Félix do Xingu não tinha nada, nada. Pessoal com lepra, tuberculose, malária na cidade toda, né? Aí houve uma reação dos geólogos, eu, o Erastes que já estava trabalhando junto, né, e sugerimos que era melhor ficar numa base no meio do rio do que ficar num..

P/2 - Lugar como esse.

R - Aí saímos um dia lá, já no mês de junho, saí com o Tolber, um aviãozinho fretado lá em Belém, andamos no rio Xingu, e mais próximo ali do Xingu, passamos uma ilha onde tinha um lugar mais ou menos agradável, muito interessante, a gente pousou numa pequena pista, num seringal, na Ilha de São Francisco do Xingu, e lá decidimos colocar nossa base.

P/1 - Quer dizer, vocês não montaram mesmo em São Félix do Xingu?

R - Não em São Félix do Xingu. Então passamos a ficar no meio do mato mesmo, não tinha rádio, o avião às vezes ia para Belém, o piloto ia para Belém e não voltava mais, a gente não sabia se o avião tinha caído ou se o piloto tinha morrido, não sabia de nada, qualquer comunicação não tinha nada lá.

P/2 - Podia ficar para sempre ali.

R - Nada, nada. E isso mudamos no mês de junho para lá, e no início de julho, dois fatos foram marcantes: a chegada dos helicópteros, os dois helicópteros que iam trabalhar com a gente, e a divulgação daquelas fotografias aéreas, aquele projeto do governo, o Tolber comprou, eles tinham colocados disponíveis do público, a empresa comprou e levou para lá.

P/1 - A Carbide não comprou?

R - Deve ter comprado também. . Mas quando chegaram aquelas, quando chegaram as fotografias dos helicópteros, nós olhamos a morfologia das fotografias ao redor da nossa base. Altamira de helicóptero era cem quilômetros, uma hora de vôo, ele voava duas horas, então você só podia se deslocar, sem fazer outra base, num raio de cem quilômetros, por que você tinha que ter combustível para ir e voltar. Isso ainda com um certo risco, e olhando ao redor da ilha que a gente estava, o tipo de morfologia que indicava o tipo de rocha, não tinha, não dava idéia nenhuma de ter depósito de manganês e até hoje, com exceção de cassiterita e ouro, não foi nada encontrado naquela região ali. Então nós ficamos no dilema: que adianta trabalhar nessa região? E começaram a haver uma discussão de mudança da base, antes da base ficar concluída, quando ela ficou pronta, ela não foi usada, ela não chegou a ser usada, quando ela ficou pronta. E outra coisa: aquelas clareiras que a gente tinha passado acidentalmente a gente começou a verificar que havia enormes clareiras na região, e começou uma discussão com o Tolber, com o Erastes, etc., de porque tem essas clareiras. Então a posição do Tolber é que teria sido clareiras de índios, né, falava: “Tolber não pode ser clareira de índio.”, porque se a gente olhar mais as que a nós passamos em cima, a forma é mais ou menos igual a que está hoje, e na Amazônia, uma roça de índio, a mata depois de alguns anos, ocupa, muda a forma da clareira. “Então explica porque é.” eu falei: “Não sei.” Eu nunca tinha trabalhado com ferro, minério de ferro, então não conhecia a morfologia do minério de ferro, etc., “Tem algum tipo de rocha que não nasce vegetação em cima, é a única explicação que existe é essa”, mas ninguém sabia o que era, e resolvemos então mudar de base. A primeira idéia então foi aquela pista dos índios que a gente tinha passado e que ficava bem no meio das serras ali, ficava num lugar ideal ali, no meio das serras todas. E aí resolvemos ir pegar um avião que estava lá com a gente, o Saion estava lá, foi lá para dar início a operação de helicóptero e achou boa a idéia de mudar e saímos num monomotor para ir até a aldeia dos índios já no meio ali da região de Carajás.

P/1 - Os xikrins...

R - Isso foi final, acho que na penúltima semana de julho de 1967. Foi o primeiro choque que eu tomei, você descer, primeira vez que você desce numa aldeia de índios, ainda mais a gente com a visão de São Paulo, quando você desce e vê aquele monte de gente pelado do teu lado, homem e mulher tudo pelado... É um choque, você diz, realmente existe uma que vive totalmente diferente de como eu vivo, e não é coisa de cinema, existe mesmo, está aí, né? Aquilo foi um impacto emocional e cultural muito forte, né. Mas a maior parte dos índios estavam, período de caça, estavam com uns rituais, eles tinham ficado na aldeia alguns jovens recém casados, só que estavam em lua de mel, etc., eles tinham também um ritual de ficar na aldeia, e existia um padre francês que tomava conta de lá, havia construído a aldeia.

P/1 - Aí tinha um padre?

R - É, morava em Marabá e nesse dia ele estava lá, e um funcionário do SPI, na época não era FUNAI, era o SPI, Serviço de Proteção ao Índio. E eles logo concordaram e arrumaram até um lugar para guardar combustível do helicóptero, era um lugar de um barraco... Eles faziam o cemitério coberto com tapiri, com uma pequena, com um pequeno rancho de palha, e eles nos cederam o barraco do cemitério para guardar o combustível, né? Isso no primeiro contato. Mas eles lá mantinham uma fogueira, uma espécie de fogo sagrado, permanentemente aceso lá onde era o cemitério, hoje eu acho que não tem mais esse costume, na época eles tinham, naquele lugar ficava sempre uma fogueira acesa para proteger os mortos. E nós fomos lá colocar, não, não tem problema... Daí a gente apaga porque daí tem um motivo para apagar (riso) eles já estavam começando a pegar um pouco da nossa cultura, né, um trabalho a menos... E estava tudo combinado até que um índio que falava português, garoto, falou que rio abaixo no Itacaiúnas eles tinha uma pista muito boa, um castanhal, e que lá talvez fosse melhor. Aí nós ficamos entusiasmados, porque você ficar trabalhando numa aldeia de índio ia ficar meio complicado.

P/1 - Mas uma pista...

R - Uma pista de 250 metros, etc., no meio do, construído num castanhal, a gente ia trabalhar na construção da pista. Aí nós saímos no avião, você olhava parecia aquilo de terra tudo arrumadinho, retinho que era nova, né, quando o avião pousou era todo irregular, nós saiu dando pulo, quase a gente foi parar no meio do mato. E veio um capataz assustado, vendo o pessoal pousar lá, quem é esse pessoal que está pousando aí... E o primeiro contato com o capataz foi se cumprimentar, eu falei assim: "Poxa, mas esta pista é muito ruim, os pilotos não reclamam dessa pista?" "Não doutor, ela só ficou pronta a semana passada é o primeiro avião que está pousando." (risos). Sem querer nós inauguramos essa pista chamada castanhal do cinzento porque é um pequeno afluente do rio Itacaiúnas chamado Cinzento para aí, né. E resolvemos então mudar para essa pista, uma coisa fabulosa, porque esta estava no meio, no meio da geologia ali, nós estávamos ali no quente, nós não sabia o que tinha ali, mas sabia que estava no quente. Para você ter uma idéia, essa pista, ela está a uns 20 quilômetros do início do ferro de Carajás, está a dez quilômetros da mina de cobre do Salobo, a 20 quilômetros da mina de ouro de Igarapé Bahia, a uns 30 quilômetros da mina de manganês de Buritirama e aos 30 quilômetros da mina de manganês do Azul.

P/1 - Nossa senhora, e vocês não sabiam...?

R - Não sabia, mas a gente estava no meio ali. E aí surgiu um problema: a autorização para ir lá, voltamos para o castanhal, o... falou com o Tolber que tinha encontrado um lugar bom e o Tolber veio para a gente, para negociar a mudança lá. E saímos então do Xingu, naquela época do Xingu a gente saía num Cessninha surgiu na época uma pessoa muito interessante... Que aquelas pista do Xingu surgiram porque surgiu um avião na região, quer dizer, ao contrário do Tubarão, o Porto Tubarão surgiu o navio porque tinha o porto, lá as pistas surgiram porque apareceu o avião. E esse avião que dava de apoio, quando havia algum ferido, algum doente e etc., mas ele era na época, eles foram grande amigo, mas era o anticólogo por excelência. Ele era um contrabandista, um comerciante na época, né, contrabandista, mas ele levava da Amazônia para o Nordeste para que depois fosse exportado para a Europa, peles de onça e de gato maracajá, quer dizer, então matavam o gato, com os caçadores e depois e ele passava nas aldeias na região e comprava, com o avião dele ele levava para o nordeste, lá no nordeste ele exportava. Ele era do Piauí, Adão Coelho de Barros. E era um piloto quase autodidata, tinha um curso de pilotagem, né, o aviãozinho dele só tinha bússola, motor, hélice e asa, não tinha mais nada, nenhum instrumento só, nada dentro, mas era conhecedor da região. E aos poucos nós começamos a contratar aquele avião além da companhia de táxi aéreo da Helitec que voava com a gente, ele começou dar apoio para a gente lá. E para voar toda a região, eu preferi falar com ele, que ele conhecia árvore seca, galho quebrado, ninho de passarinho, ele voava desse jeito na região, ele conhecia tudo na região, né? Eu aprendi a me orientar na Amazônia com ele, e essa orientação espacial de cima, é muito difícil você aprender a se orientar, então você, depois de um certo tempo, você se orienta, você cria coordenadas pelo relevo e vai se orientando na região, né? E ele... Daí fomos a Marabá, a primeira vez, o dono do castanhal não estava lá, Demóstenes de Azevedo Filho, nome Demostino, era um coronel da região, um coronel de castanhal. Marabá vivia de gado, que saía carne de avião ou de castanha que saía de barco na época de cheia, produção de castanha-do-Pará, era o maior produtor de castanha-do-pará do Estado do Pará era Marabá. Hoje a maior parte das castanheiras foram destruídas, né, depois voltamos, foi o tempo de você viajar quase 300 quilômetros de Marabá de avião, levava três horas de vôo no aviãozinho, para lá e para cá, quase três horas, duas horas e meia. Aí na segunda vez não sei porque o Tolber não quis ir, foi o Tolber e mais o geólogo para acertar com o Demostino, aí o Demostino recebeu mal, e falou que não que ninguém ia entrar lá que a Codin já tinha tentado usar, que não queria companhia trabalhando lá que no fim ele ia acabar perdendo castanhal se alguém entrasse lá e tal.

P/1 - A Codin já tinha tentado ali também..

R - Já tinha tentado, ele falou que não tinha deixado ninguém entrar lá e que não ia deixar, e se alguém entrasse, passava fogo. O Adão que era também da região, piloto nosso falou que ele também andava armado, se fosse para dar tiro ele também dava (risos), já ficou aquele clima, aquele clima desse jeito. Aí o Tolber voltou e ficou, o Tolber tinha uma instabilidade emocional muito grande, ele ficava, de vez em quando ele entrava numa depressão, quando tinha problema ele entrava em depressão e ficava terrível em época dele, uma figura humana fabulosa, mas quando entrava em depressão era terrível. Aí entrou em depressão começou a ficar agressivo com todo o mundo aí uns dois dias falou que eu fosse lá tentar negociar. Eu não entendia porque na primeira vez ele não tinha me levado, não sei, eu era chefe da equipe, ele quis negociar diretamente, não sei porque, decerto por achar que ele ia negociar melhor, alguma coisa assim. E eu fui para lá, né, imagina, o cara começou a dar tiro daí você chega em Marabá num dia a tarde lá, chega mais a tarde, e fui falar com o Demostino.

P/1 - Ele ficava na casa lá?

R - Então inicialmente não falei nada, convidei ele para tomar uma cerveja no bar, comeci a bater papo com ele, aí ele começou a ficar mais descontraído, mas falou: "Ó, Breno, não vai ninguém entrar lá, eu não quero, começa a entrar gente de fora, ainda mais que é gringo, vai começar me dar problema, não quero nada disso lá, então não é nada pessoal." Até que tratou bem, o cara, né. Aí eu tinha uma carta na manga que podia ser um suicídio ou não, eu falei que na ICOMI eu tinha um amigo meu que era de Marabá, era o engenheiro chefe da ferrovia, o Luís Ortiz Vergolino, pai dele tinha sido prefeito em Marabá, ele se formou em Belém e foi trabalhar na ICOMI, aí eu tinha essa carta na mão. Quando já

estava na despedida eu falei: “Poxa, é pena, porque eu pensei que algum dia pudesse trabalhar em Marabá, que eu tinha um amigo na ICOMI que falava muito de Marabá, falava muito bem daqui e tal e estou vendo que eu não vou poder trabalhar aqui, que não vai ser possível.”, ele falou: “Quem é teu amigo da ICOMI daqui?” falei: “O Luís Ortiz Vergolino, o pai dele foi prefeito daqui.” “Ah, o Luís, meu colega de infância! Jogamos bola junto, não sei o que lá e tal, pá, pá, pá, amanhã a gente vai lá no castanhal e vocês podem entrar.” (risos)

P/1 - Assim na hora? (risos)

R - É, quer dizer um fato desse, isto pouca gente sabe que este fato ocorreu... Eu coloquei numa crônica outro dia mas até essa data pouca gente sabia. Então o fato, como a história é feita de pequenas coisas, você tem os grandes fatos históricos que depois ficam documentadas, mas sempre por trás de um grande fato histórico, tem um pequeno detalhe que muda a história. Quer dizer, esse fato levou a descoberta de Carajás, se não tivesse sido esse fato, depois com satélite, com o Radam, alguns anos depois Carajás ia ser descoberta, não ia estar até hoje lá de jeito nenhum, porque era tão fácil que ele ia ser descoberto, mas ele acabou sendo descoberto pela Steel por causa dum pequeno detalhe, esse pequeno detalhe. Então no dia assim que nós fomos lá, autorizou, acertamos um aluguel pela pista e começamos a mudança do Xingu para lá, o avião, o avião do Adão saía de lá da ilha do Xingu, levava a equipe e o material, e ia para Altamira abastecer, trazia combustível dentro do avião, saía de novo e fazia esse triângulo, porque não tinha mais combustível no Xingu. Então ele tinha que fazer esse triângulo, o aviãozinho, e fazer esse triângulo com pernas de mais ou menos 300 quilômetros, duzentos e poucos quilômetros, fazendo essa triangulação para fazer a mudança. E chegou o dia de mudar o helicóptero, daí surgiu o primeiro impasse, primeiro impasse, né? O vôo dava mais ou menos umas duas horas de helicóptero. Contra o vento com autonomia do helicóptero de duas horas, e o helicóptero cair na mata é pior que o avião, porque não tem nem asa, então ele cai, afunda, nunca mais ninguém acha, nunca mais ninguém acha. Eu como chefe da equipe me julgava na obrigação de fazer o vôo com o piloto, não mandar outra pessoa que fizesse o vôo, então tinha a responsabilidade de fazer esse vôo.

P/1 - A equipe continuava o Tolbert e mais vocês três?

R - Não, não eu e os dois geólogos, o Tolbert depois desse contato, ele ficava no Rio.

P/1 - Ficava no Rio.

R - Aí eu estava com a equipe lá, ele falou: “Não, faça a mudança.” ele foi para o Rio e eu comecei a fazer a mudança com a equipe lá, na última de julho de 1967. Aí dois fatos também que ajudaram: no dia que eu fui admitido aqui no Rio por Tolbert, tinha um mapa antigo do IBGE, aquele mapa que as serra é tudo meio torto, e de repente ele foi a região que a gente ia trabalhar e vi que ali tinha pouco rio, falei: “Poxa, como é que eu vou me orientar nessa região, assim acidentalmente eu olhei tinha o rio Itacaiúnas, que cortava leste-oeste, e lá do outro lado tinha o rio Xingu, rio Fresco e saía um pequeno afluente do rio Fresco chamado Carapanã e a cabeceira, o lugar da cabeceira dos dois rios no afluente de Itacaiúnas, esse afluente do rio Fresco, quase se juntava, que o Itacaiúnas era afluente do Tocantins e o rio Fresco era do Xingu, dois rios secundários, o terceiro rio, os dois terceiros rios, o Cateté e o Carapanã, quase juntavam, então, avisei o Tuiuti e falei bom, se eu me perder aí nessa região... A idéia simplista de quem está no Rio de Janeiro, imagina, esses dois, então o eixo hidroviário aqui dessa área, e quando chegou a hora de trocar o helicóptero esse eixo veio na minha cabeça, falei: “Não. Eu se vou voar aqui sem nunca ter voado...”, era o meu primeiro vôo de helicóptero, eu nunca tinha voado de helicóptero, “eu vou voar num lugar que se eu cair pelo menos alguém sabe onde procurar”. Só que daí tinha um problema, o vôo em linha reta dava em duas horas, desse jeito dava quase quatro horas, então o jeito era levar a gasolina do helicóptero no bagageiro, e cada lugar que você encontrasse uma possibilidade de pouso, você descia e abastecia. O que significava isso? Que você tinha mais uma hora para frente, que você, se você não conseguisse pousar, você voltava aquele lugar de novo. Então cada 15 minutos voasse você ganhava mais 15 minutos, você ia... Então foi desse jeito, a gente saiu foi até São Félix do Xingu abasteceu, depois do rio Fresco, pousamos num pé d’água no meio do rio, abastecia, no Carapanã encontramos uma pedra no meio do rio, descemos. E no divisor de águas, quando se ficava sem rio nenhum existia uma serra muito bem marcada, muito bem alcantilada e com uma pequena clareira que a gente via nas fotografias semelhante às outras, só que menor. Então essa clareira também foi escolhida como ponto de reabastecimento. Quando o helicóptero começou a baixar, tem um arbusto chamado canela de ema que tem muito em Goiás, em Tocantins, e lá também tem, parece uma pequena palmeirinha, o piloto Aguiar, já falecido, que voava comigo, ele já tinha mais de 50 anos, ele me chamava de chefinho porque eu tinha 27 anos e eu era chefe dele: “Oh, chefinho, olha aí o rotor de cauda para ver se não bate aí no arbusto.” E o helicóptero começou a baixar e quando começou a baixar aquele mundão de canga de minério de ferro, aquele negócio preto ali no chão, né? Aquilo comecei a ficar entusiasmado com aquilo, me distrai e o rotor de cauda bateu numa pequena árvore ali, né, pequeno arbusto. Ele falou um sonoro palavrão, né, me deu uma bronca por não ter olhado, daí foi mais para a frente, daí eu olhei direito, pousamos. E esse é imediatamente um raciocínio simples, se minha neta pousasse lá ia falar assim: “Será que as outras clareiras também são de minério de ferro.” (risos), né, um negócio assim de primário. E houve aquela, quando depois muitas pessoas me entrevistaram a respeito da descoberta, falou: “O que você ganhou com a descoberta de Carajás?”, falei: “Ganhei aquele momento.” Não tem preço, quer dizer, você como profissional da área, de repente você não sabe, mas sente, eu não sabia que estava descobrindo, mas sentia que estava descobrindo algo muito grande, quer dizer, aquele momento, você sozinho com helicóptero no meio da selva, sem nada em volta, viver aquele momento, não tem preço, não tem preço nenhum. Daí nós decolamos, daí o Aguiar deu outra sugestão assim bem absurda, bem surrealista, que ele não ia desligar o motor do helicóptero para ver o dano por dois motivos: primeiro que pudesse ser que depois o motor não pegasse, que a gente sempre tinha aquele problema de magneto na partida, que nem sempre o motor pegava, então de repente aí não conseguia sair dali, o outro helicóptero não estava funcionando, então não tinha como sair daquele lugar, a pé nem pensando, né; e segundo se ele visse que o dano tinha sido muito grande, ele ia ficar se condição psicológica para decolar, então só havia um jeito, só ir na loteria. E vai decidir o que, está decidido, quer dizer, tem uma solução, né, aí nós decolamos lá daquele lugar, o trecho mais crítico foi enquanto a gente tinha saído do Carapanã, estava na selva e tinha que pegar o rio Cateté, que se a gente chega no Cateté o pior que acontecia era a gente cair no rio, bem ou mal, a gente ia seguindo o rio ia saber que ia chegar na aldeia dos índios, onde a equipe estava nos esperando, o avião do Adão estava nos esperando com combustível, etc. e tal. E para afastar o medo, porque a gente estava com medo, os dois estavam morrendo de medo, dizer que não, não tem herói sem medo, né... Outro dia assisti aquele filme “Atrás da Linha Vermelha”, a diferença desse filme de guerra em relação aos outros é que os filmes antigos de guerra americano, todo mundo era herói, ninguém tinha medo, e esse filme aí mostra que todo mundo só tinha medo, e na realidade quem vai para a

guerra, um jovem de 18, 19 anos falar que não está com medo, está com medo sim. E naquele momento, tanto ele que era experiente, foi um dos pilotos de helicóptero pioneiros do Brasil, estava morrendo de medo, como eu estava morrendo de medo por ser o meu primeiro voo. Então o que nós achamos para espantar o medo era cantar, porque cantando o tempo ia passando, então naquele voo que deu uns 20 minutos até chegar na aldeia a gente foi cantando: “Vamos passar na floresta enquanto seu lobo não vem” (risos), o lobo era o helicóptero cair, né? E isso a gente foi cantando, cantando e felizmente conseguimos chegar lá na aldeia, na aldeia dos índios, abastecemos, contamos o que tinha acontecido, lá para a turma, os geólogos não estavam lá, estava só a equipe de piloto, mecânico. Olharam o dano e acharam que o dano não era muito crítico e decolamos, com dois minutos fora da aldeia, houve um pane, não do acidente, mas houve um pane do motor, o motor começou a rater, o magneto, começou falhar, helicóptero começou a ficar bambo e nós conseguimos voltar para a aldeia e pousar de volta e nós prosseguimos a viagem até o castanhal de...

P/1 - De avião.

R - No avião do Adão. Dois, três dias depois, o geólogo Ritter foi com o piloto buscar o helicóptero para ir fazendo mapeamento do rio Itacaiúmas até chegar no Castanhal, pegando amostra, etc. e tal, e chegou a noite e não chegou. Aquela batida que tinha havido no rotor de cauda, ela trincou o eixo do rotor de cauda e o rotor estava virando, no dia quando eles foram fazer o traslado e depois consertar o motor do avião, o eixo rompeu em voo. E no dia seguinte que eles tinham desaparecido eu saí com o piloto Adão e sobrevoamos o local, eles tinham conseguido descer no meio de uma pedra e tinham passado a noite na pedra, né, jogamos bilhete, remédio para eles e um barco foi buscá-los lá naquele local. Quer dizer, poderia ter acontecido com a gente, quando a gente decolou da área lá e caído na selva e eu não estaria aqui para contar a história, nem o piloto, quer dizer, então, as coisas como acontecem, né?

P/2 - E quando você chegou...

R - E quando eu cheguei lá com os dois geólogos, mostrei as amostras, etc., né, a reação é a seguinte: “Não é que isso aí, estava esperando só a gente chegar para descobrir”.

P/2 - Fácil demais.

R - “Conta outra que essa não dá, não dá para acreditar que alguma coisa está aí dando sopa. A gente nem vai falar disso para os outros que pessoal vai dar risada da gente.” falei: “Mas aí a gente tem que falar para o Tolber, como é que não vai falar para o Tolber, né, tem que contar.” “Mas não pode ser a gente tem que ter mais prova.” E nesse dia, eu acho que foi quatro de agosto, a descoberta foi dia 31, até quatro de agosto, justamente quando eu fiquei para ir em Belém, depois que o helicóptero fosse recuperado, e o helicóptero caiu com o Ritter no meio do rio, na mesma viagem que eu fui levar um rancho abria a porta e jogava uns sacos encauchados, que eles só usam couro sintético, mas naquele tempo a Amazônia já usava eles pegavam um saco de algodão e colocava uma borracha em volta, né, o látex e fazia um saco impermeável. Isso a gente usava para jogar rancho no rio, amarrava, ele flutuava quando caía no rio e a pessoa, eles puderam pegar. Nesse dia então fui a Belém para falar com Tolber, lá, havia um detalhe, a viagem hoje faz de jato, uma hora de voo, de jato, levava quatro horas e meia naquele aviãozinho.

P/1 - No avião do Adão?

R - É. Ele decolava e falava Altamira está para cá, Marabá para lá, Belém está no meio (riso) e ele ia no meio e acabou. E tinha que chegar em Belém cedo porque se chegasse tarde era hora da chuva das duas horas em Belém, então com temporal não podia chegar, às vezes tinha o problema de sair do Castanhal, a neblina subia de manhã cedo, assim que o sol saía, a neblina subia e ela só liberava as montanhas depois das dez horas. Aí você chegava tarde em Belém, na hora da chuva, então a gente decolava a noite do Castanhal e ia um cara com uma lanterna na cabeceira e o aviãozinho decolava, várias vezes eu fiz essa viagem para Belém com o sol nascendo e já em cima, num aviãozinho de quatro lugares, saía às cinco e meia.

P/1 - Pela orientação visual era impossível.

R - A gente ia orientação do sol, alguma coisa assim. Mas cheguei em Belém, você ia na radional, porque não tinha telefone comum, você ia numa cabine lá na própria telefônica, radional, aí esperava umas duas horas para surgir linha, daí falei por Tolbert: “Tolbert, a Steel não se interessa por ferro?” “Ah, não ferro tem muito no mundo”, e eu falei: “Lembra aquelas pequenas clareiras, eu pousei numa pequena clareira e era só minério de ferro, talvez as outras, certamente as outras são, etc. e tal”, né, e levei a fotografia área onde estava a clareira, e falei assim: “Olha uma clareira está no foto tal, numa selva arqueada”, porque a serra tinha a forma de arco, e hoje você pega qualquer mapa do Brasil e está lá o nome Serra Arqueada, ela foi batizada na hora do telefonema, que você tinha que falar para a pessoa, que serra que era aquela serra arqueada, e o nome de hoje ficou Serra Arqueada. Quando o Radam veio mapear toda a região, a Serra não tinha nome então pegou os mapas da companhia que estavam em Serra Arqueado e ficou esse nome para sempre, e dessa forma ocorreu a descoberta de Carajás. Não sei o tempo como é que está se eu continuo ou não?

[troca de fita]

P/1 – Então, Breno, a gente tinha parado ali, descoberto Carajás e ligado para o Tolbert. Tinha ido a Belém ligar e...

R - Para minha surpresa, na conversa com o Tolbert, a gente estava entusiasmado com receio que aquilo tudo fosse uma ilusão, porque a gente achava que se fosse verdadeiro era grande demais. E estava aquela dúvida entre o entusiasmo de ter descoberto alguma coisa grande e o medo que tudo fosse um blefe, fosse uma brincadeira da natureza com a gente. E quando eu conversei com o Tolbert, falando que devia haver realmente muito ferro na região.... mas talvez eu não tenha sido muito claro o tão grande era com medo de dar uma gafe, que havia muito.... a resposta foi

muito fria, que ferro não interessava. A empresa já tinha a sua jazida de ferro e o objetivo continuava sendo manganês e que continuasse o trabalho voltado para o manganês. E voltei para o acampamento e continuamos o trabalho com manganês. Um problema sério naquela época eram os helicópteros. Helicóptero muito velho, eles ficavam três dias parado, às vezes uma semana parado, e depois funcionava. Toda vez para sair do chão era um check no helicóptero muito rigoroso, você testava tudo. O helicóptero às vezes saía um pouquinho do chão, depois voltava e ficava mais um dia parado. O mecânico ia lá, desmontava o helicóptero para depois voar. Então a ida às clareiras grandes de Carajás demoraram um pouco porque nós resolvemos, para evitar alguma surpresa maior.... um helicóptero já tinha ficado em Itacaiúnas... Só operar quando tivéssemos os dois helicópteros em condições de operar para ir às clareiras de Carajás. Daí surgiu um outro fato novo que passou a dar mais segurança sobre o potencial de ferro que tinha lá em Carajás. Tolbert ainda não tinha ido à Carajás. Nós estamos pegando a primeira quinzena do mês de agosto de 1967. O Tolbert tinha um amigo americano geofísico que trabalhava numa empresa que existe até hoje, a Lasa. Era ligada à antiga Cruzeiro do Sul, na época, que fazia levantamentos aerofotogramétricos e geofísicos etc. E eles estavam trabalhando para a Petrobrás, na época, no Maranhão, fazendo o reconhecimento aeromagnéticos para a Petrobrás para procurar campos de petróleo. E esse helicóptero tinha que ir para Belém para revisão. O helicóptero não... o avião DC 3 tinha que ir a Belém fazer uma revisão na parte mecânica do avião. O Tolbert conseguiu com esse amigo fazer um contrato por baixo do pano e, enquanto o avião estivesse oficialmente em revisão em Belém, fazer uns voos aeromagnéticos onde estava se fazendo a pesquisa. Mas sem pensar nada do ferro. Não estava nem preocupado com o ferro. A idéia do Tolbert era que poderia existir alguma rocha magnética associada às ocorrências de manganês já conhecidas e que depois pudesse pegar essa mesma rocha magnética em outros locais e daí verificar se onde havia essa rocha magnética também tinha manganês. Isso então foi feito na região de Carajás, nós voamos dois dias, e também na região do Amapá, onde em cima da mina de Serra do Navio para verificar se aquele trend de Serra do Navio seguia mais para a direção das Guianas e se não havia outras ocorrências de manganês na região do Amapá. Era um vôo interessante, eu fui escalado para voar junto com o Tolbert, um DC3 onde tinha duas ou três cadeiras dentro do avião e o resto era só equipamento. Se voava muito baixo, era bastante assustador, porque era obrigado naquela época a voar a 150 metros de altura do solo, para um avião DC3, e as serras lá na região você chega a ter um desnível de 400/ 500 metros na região de Carajás. Então você ia e quando chegava perto da montanha o piloto dava toda a potência, passava raspando a montanha e quando você chegava do outro lado, cortava, reduzia o motor e descia do outro lado, que nem uma montanha-russa com avião. Para quem não gostava de voar como eu era uma experiência bastante interessante. E o avião balançando. Eram vôos que demoravam seis, sete horas fazendo isso, um pente de linhas, fazendo levantamentos e abastecia o avião em Marabá ficava quase o dia todo voando de Carajás ou no Amapá também. Quem não se prevenia com esse comprimido de mulher grávida acabava vomitando o tempo todo. E quando chegamos em Carajás e, pela primeira vez passamos em cima de uma clareira, o aparelho disparou. O cara mudava de escala e a agulha pulava para fora do papel e mudava de escala tal o magnetismo que tinha lá. Mas mesmo assim o Tolbert não se impressionou muito porque estava muito ligado naquela teoria de procurar o trend para o manganês. Mas aquilo foi uma comprovação de que a quantidade de minério que tinha ali era muito grande para influenciar tanto a agulha daquela forma. Então isso passou a nos dar mais certeza. E, enquanto eu estava fazendo esse vôo com o Tolbert, os dois helicópteros chegaram e os geólogos foram na primeira clareira, a clareira N1. Na época não se chamava N1. Esse nome foi dado depois. Era a primeira clareira mais próxima e confirmaram que aquela clareira grande perto do Cinzento também era igual ao material da Serra Arqueada. Quando eu cheguei do acampamento, isso já estava confirmado, que realmente era tudo ferro. E mais por curiosidade geológica, mais por curiosidade profissional nossa, nós fizemos o reconhecimento das clareiras. Embora o Tolbert tivesse falado que não era mais para visitar as clareiras, nós fomos às outras clareiras todas, aonde hoje é N2, N3, N4 e N5, N4 é onde está a mina. Tem até as fotografias que eu passei para o museu que são desse vôo, feito na época da segunda quinzena de agosto. E continuamos procurando manganês.

P/1 - Quer dizer que nesse período a equipe vivia uma excitação mesmo...

R - Vivia uma excitação, mas meia brochante, porque a empresa falou que não interessava ferro. Até os pilotos brincavam com a gente: "Só tem ferro, não tem manganês. Então não interessa, né?" Fazia o reconhecimento, tinha o entusiasmo geológico de ter visto aquilo, mas se uma empresa como a Steel disse que não interessa vai interessar a quem tudo isso, né? Porque a dimensão para a gente assustava. Para quem estava fora pensava que a gente tinha achado uma ocorrência pequenina, alguma coisa que era um entusiasmo fora da realidade. E por sorte nossa, a primeira área que nós escolhemos para procurar manganês.... Uma escolha feita mais ou menos de forma quase que chutada; não tinha como escolher uma área para procurar manganês. Então a primeira área a gente sabia que havia manganês do Sereno. Olhando as fotografias daquela área, tinha uma serra no Itacaiúnas, abaixo do Cinzento, que tinha um jeito que podia ser a continuidade da Serra do Sereno. Hoje sabemos que não é, mas na época, com a falta de informação, parecia que era uma continuidade da serra de Sereno e foi selecionado para fazer a primeira pesquisa de manganês. Saiu uma equipe de barco... isso está tudo documentado em fotografia... e, no final do mês, foi o geólogo Erasto quando a clareira ficou pronta nessa serra. Foi lá verificar, andou uns dez metros e achou uma ocorrência de manganês bastante significativa, praticamente no primeiro dia de trabalho. Nessa época, isso ocorreu no final do mês de agosto de 1967, aquele consultor Francisco Sérgio Lobato, que orientava a parte de helicóptero, veio fazer uma visita e eu me encontrava no antigo acampamento em São Francisco cuidando ainda do restante da mudança. Ele chegou lá e eu mostrei as amostras de ferro e ele teve o maior entusiasmo quando viu aquilo porque viu que não era chute. Ficou todo entusiasmado com aquilo e no final da tarde nós estávamos vendo as amostras de ferro lá no depósito de amostras... A gente ainda pensava ter o São Francisco como acampamento de transição se por acaso não encontrasse manganês naquela região, onde é hoje Carajás, a gente depois ia continuar a pesquisa mais para oeste, para o lado do Rio Iriri. Então continuamos mantendo quase como um acampamento base com as amostras na ilha de São Francisco. E no final da tarde chega o avião do antigo Adão, aquele piloto que mora com a gente, com o Erasto. Eu saí e falei comigo: "Ou aconteceu alguma coisa muito grave ou descobriu manganês." E o Erasto saiu do avião com um saquinho de amostra todo contente que tinha encontrado manganês. O Tolbert é uma pessoa sui generis, cheia de traumas, medos e mitos etc. Tinha participado da Grande Guerra e combatido na Grande Guerra. E tinha alguns mistérios. A gente tinha combinado então que se por acaso descobrisse manganês era para mandar um telegrama para ele: "Favor mandar soro antiofídico urgente". Ninguém ia desconfiar que a gente tinha descoberto alguma coisa.

P/1 - Tudo era feito assim no escólio?

R - Quase uma brincadeira de 007. Na época era comum, estava em evidência os filmes de 007, a guerra fria e tinha uma outra empresa atuando na região. Você hoje, quando vai atuar numa região, você requer a área antes. Naquela época ninguém requeria área antes. Você trabalhava e se

alguém tivesse a informação antes podia requerer a área em que você estava trabalhando e perdia a área. Então havia um certo mistério. No dia seguinte nós voltamos lá com o Saion. Fomos com o Erasto visitar Buritirama. Vimos o manganês, isso está documentado em fotografias também. À tarde, eu fui com o Saion lá no ferro. E o Saion quando viu aquilo ficou deslumbrado. Ele realmente deu uma força muito grande para a gente. Ele estava com medo de que aquilo fosse uma ilusão de principiante e ficou muito entusiasmado com aquilo. Nós fomos a Belém e eu mandei um telegrama para o Tolbert. Não falei mais de ferro porque ele já tinha me falado que não interessava ferro. Então mandei um telegrama: “Favor mandar soro antifóidico urgente”. E o Tolbert chegou praticamente no dia seguinte. As primeiras amostras... Era tão embrionária a Meridional na época e a Steel, que durante os dois meses eu fiquei morando no Pará, eu tinha acabado de mudar para um prédio ali, na Praça da República em Belém e a primeira reunião do projeto ferro foi na minha sala de visitas onde eu mostrei as amostras para o Tolbert, do manganês, do ferro, junto com o Saion. Eles almoçaram em casa e tudo na sala de visita do meu apartamento que eu tinha acabado de mudar em Belém do Pará. Daí fomos para Carajás no dia seguinte e o Tolbert nem se entusiasmou ainda pelo ferro. Mesmo vendo as amostras, continuou querendo só ver manganês.

P/1 – Mas você mostrou...

R - Então nós fomos ao manganês. Ele não queria ir ver o ferro, queria só o manganês. Ficou todo entusiasmado com o manganês. Fez um comentário até muito na linha do Tolbert, aquele humor de gringo nem sempre...

P/2 - Engraçado...

R - Politicamente correto.(risos) E a serra não tinha nome, onde tinha manganês, mas havia um ponto astronômico no mapa chamado ponto de Buritirama. É um lugar onde tem buritis. Então o ponto astronômico que tinham dado para fazer o mapa ali era o ponto de Buritirama e nós passamos a chamar a serra de Buritirama. Subimos a serra, talvez uns 150 metros mas muito íngreme, e o Tolbert quando chegou falou: “É, o nome é correto porque só um burro ia subir isso aqui para descobrir o manganês aqui em cima.” (risos) O Erasto olhou meio desconfiado para ele... (risos) Ele ficou entusiasmado com o manganês, com tudo aquilo e no dia seguinte nós fomos ver o ferro. Lá em Carajás, quem for lá vai verificar que na parte norte da jazida de ferro temos quatro conjuntos de serras. Dois ficam isolados. Um fica bem para oeste, próximo ao Xingu, que é o conjunto de São Félix. Outro fica junto ao manganês do Sereno, junto à Serra Pelada que é a serra leste. No conjunto principal, temos um ao norte e um ao sul. Depois dessa visita, o Tolbert sugeriu que nós batizássemos de Serra Norte e de Serra Sul. As clareiras aí foram batizadas de N1, N2, Norte 1, Norte 2, etc. E o sul de S1, S2, até S45 etc. No conjunto de Carajás, nós fomos às três clareiras grandes, as três principais jazidas da Serra Norte, e duas menores, a N2 e N3. Na época nós tínhamos batizado as clareiras que eu tinha ido da primeira vez eram as clareiras do Breno e do Erastes, e a do Ritter, porque não tinha nome ainda. A N3 tinha sido a primeira que eu tinha ido na serra norte. Então eu falei para o piloto: “Nós vamos levar o Tolbert, mas não vai por baixo da serra, porque tinha neblina, e não deixa ele ver o conjunto. Pousa só na N3.” Uma clareira com talvez 800 metros de diâmetro, alguma coisa assim. É algo grande... Espetacular se estivesse na Alemanha, nos Estados Unidos ou até em Minas Gerais, mas para o conjunto de Carajás é insignificante. O Tolbert quando viu aquilo ficou entusiasmado. Tem até uma foto dele feito criança com as amostras na mão. E eu deixei ele à vontade, brincar à vontade, se divertir bastante naquilo ali. No final de tudo ele falou: “Puxa, que maravilha.” O primeiro comentário dele, foi um comentário sério, interessante: “Quantos geólogos trabalham a vida toda e não tem a menor chance de participar de uma grande descoberta. Você está começando a sua vida com três anos de formado e teve essa oportunidade de participar de uma grande descoberta.” Esse foi um comentário que ficou marcado para sempre em mim. O outro foi um comentário com entusiasmo que ele falou: “Você merece 400% de aumento.” (risos) O que nunca aconteceu, mas de qualquer maneira o comentário valeu pelo aumento. E quando ele acabou todo o entusiasmo, ele estava todo entusiasmado, aí falei: “Bom, gostou disso aqui?” Ele falou que tinha gostado, que era uma maravilha. E falei: “Bom, para mim isso não significa nada. Isso aqui não é nada. Não serve para nada.” “Mas como não?” “Isso aqui não serve para nada. Nada. Nada perto do que nós temos aqui.” Eram 11 horas mais ou menos. O sol já tinha levantado e eu pedi para o piloto que levantasse bastante o helicóptero a uns 1500 metros mais ou menos. Daí subi o conjunto todo. Mês de agosto está muito limpo em Carajás. Naquela época não tinha as queimadas ainda. E se viu todo aquele conjunto de serras e ele começou ficar tenso, muito tenso. Visitamos todas as clareiras, a N1, N4, N5. Fomos até S11. E quanto mais a gente via mais tenso ele ficava. Ele tinha um senso de humor muito mutável. Estava contente e de repente ficava fechado. A gente até comentava com os geólogos que ele ficava menstruado. Tinha a TPM dele. (risos) E quando ele chegou no acampamento falaram “O que é que foi? Vocês brigaram?” Falei: “Não. Ele foi aos poucos ficando de mau humor. Está numa das fases de menstruação de novo.” E ele só fez um comentário comigo: “Isso aqui é muito grande e a minha companhia não vai ter competência política para ficar com isso aqui.” O único comentário que ele fez.

P/1 - Ele já teve essa dimensão na hora...

R - Bom, no dia seguinte nós voltamos para Belém e ele pegou duas amostras, ficou super preocupado com aquilo e mandou um telegrama pela Western cifrado, fazendo analogia com as reservas que tinha na Venezuela, em Cerro Bolívar, usando... O que nós descobrimos pode ser tantas vezes de maneira pessimista, tantas em uma maneira realista, tantas na maneira otimista... O local onde o geólogo Tremener, que é outro geólogo lá da Steel, já trabalhou. Essa foi a primeira comunicação para a Steel da descoberta de Carajás. Ele também levou algumas amostras de ferro de Carajás. Era época do governo militar, onde você entrava revistado, saía revistado do aeroporto. Ele não quis despachar as amostras na mala com medo que extraviasse. E quando chegou em Brasília, o vô dele tinha conexão em Brasília, ele fez tanto mistério com as amostras, gringo ainda por cima, que acharam que era mineral radioativo. Prenderam as amostras e ele chegou desesperado no Rio sem as amostras. Acabou indo buscar depois na Comissão de Energia Nuclear com várias desculpas. (risos) Foi um ex-aluno dele que devolveu as amostras para ele. Esse foi o lance inicial de Carajás. Aí começou, nos próximos meses, mudar a base do Cinzento para Carajás, criar as condições. Nós tínhamos o piloto Adão voando a região, ele falou para mim... Olha, antes de pousar na área, entre o vô de geofísica, eu fiz um vô com Adão, que foi documentado fotograficamente todas as clareiras. Ele deu rasantes e a gente via a natureza dos terrenos, via até as amostras de canga muito parecidas com as que tinha acontecido em Serra Arqueada. Antes do primeiro pouso em Carajás, a gente já tinha bastante certeza. Depois a geofísica passou a confirmar o que era. Mas nada como a certeza de depois pisar e coletar amostras. O Adão então sobrevoou as clareiras e falou: “Nessa onde é a N1, se vocês vierem aqui com helicóptero e tirarem essas pedras assim, eu consigo pousar com o meu aviãozinho”. E isso foi feito e começou a pousar o avião logo no início. Posteriormente e manualmente foi feita uma pista onde chegou a pousar até avião grande

curso comanda. Futuramente até jatinho chegou a pousar naquela pista que foi tão somente feita manualmente com pequenos instrumentos de mão. Toda essa construção da pista de Carajás é interessante, tem até documentação fotográfica de como foi feita do nada e de repente surgiu uma pista de pouso com mais de mil metros numa clareira em Carajás, toda feita a mão sem nenhum equipamento grande.

P/1 - Nessa hora já estão mudando para lá, é isso?

R - Não. A Vale não existia ainda. Nós estamos no ano de 1968. Nesse período, começaram o presidente da Vale, da Meridional do Rio, ir visitar. Isso antes de 1967, no segundo semestre. E cada um que ia lá ficava entusiasmado. Nós continuamos só na preocupação logística de montar o acampamento. Em 1968, de fato, um dos problemas sérios que nós tivemos lá era a água. Nós não podíamos levar equipamento grande para lá para abastecer de água. E naquelas clareiras você tinha água o tempo todo, 400 metros abaixo, nos igarapés. Você não tinha naquela época bombas possantes para levar. Depois acabamos tendo, mas no início não tinha. Então a solução eram as lagoas. Chovia e algumas ficavam com água o tempo todo e outras secavam. E uma última grande lagoa que secava no verão. Nós fizemos uma pequena barragem de meio metro, feita com cimento levado de teco-teco... Não tinha terra, então usava formigueiro para misturar com o cimento e pedra. Fizemos uma pequena barragem e isso represou aquela água em 50 centímetros. Numa grande dimensão, era água bastante. E a gente soltava a água por uma pequena bomba, tambores com água, e logo imediatamente o acampamento passou a ter água encanada e tudo para tomar banho, para se lavar e tudo. Então aos poucos aquilo passou a ter... Compramos uma pequena serra, começamos a fazer no acampamento coisas de madeira, mesas, porque tudo que se levava lá ficava muito caro porque ia em avião muito pequeno, que levava 100, 150 quilos de uma vez só. Então o primeiro ano de 1967 foi usado mais para a logística e alguns pequenos trabalhos. 1968 foi o que nós começamos com topografia, local, primeiros furos de sondagem, fazia as primeiras galerias. A grande dúvida era o seguinte, se aquilo era só uma crosta, uma área com pouco ferro e o resíduo... uma carapaça era rica, mas embaixo não tinha nada, possivelmente embaixo tinha alguma coisa. E começamos no final de 1967 já uma pequena galeria. Na galeria a gente começou a entrar e começou a ver que era um material todo de chapinha de minério de ferro, muito parecido com o que ocorria no quadrilátero ferrífero, não é igual mas é parecido, e passamos a não ter dúvida nenhuma que todo o potencial era de fato muito grande. Antes disso, antes dessa parte de logística, teve um fato importantíssimo que era requerer a área, adquirir direitos legais em cima da área. Todos nós éramos marinheiros de primeira viagem a requerer a área. Ninguém sabia fazer isso. Poucas empresas requeriam áreas naquele tempo e não havia essa corrida mineral como passou a existir depois da descoberta de Carajás no Brasil, principalmente na Amazônia. Eu vim para o Rio, fiquei praticamente 15 dias cuidando disso e imagina... Entre a descoberta, que foi em 31 de julho, e a empresa tomar conhecimento foi quase um mês e meio. Se qualquer outra pessoa ou se algum de nossos geólogos fosse desonesto poderia ter enriquecido para sempre. Era uma empresa estrangeira, talvez ele até ficasse como herói nacional porque não deixou... Eticamente seria incorreto, mas do ponto de vista de... Ele estaria bem, venderia depois essas áreas... Estaria podre de rico hoje. Ninguém nem de longe... O piloto poderia ter feito isso, o piloto do helicóptero, o piloto do avião. Ninguém pensou em fazer nada disso porque todo mundo estava no mesmo time, com o mesmo objetivo do sucesso coletivo. Eu vim ao Rio e a empresa ficava na Anfilóbio de Carvalho, bem ali do lado do... Tem a Vale, Ministério da Educação, depois tem o prédio ali atrás da... Ali que funcionava a Meridional, no 4º andar. Era uma empresa bastante simples, não tinha muita estrutura. E eu vim para o Rio com desenhista para fazer os pedidos. Quer dizer, o código era aprender a fazer, eu nunca tinha feito isso na vida. O presidente da Meridional, bastante simpático, um americano, me nomeou, me chamou para uma reunião com toda a diretoria e me nomeou coordenador das tarefas. Todo mundo ali estava numa força tarefa, todo mundo ia calcular, porque o desenhista ia fazer os desenhos e cada um depois tinha que fazer os cálculos e fazer o memorial descritivo. Eu ficava coordenando e distribuindo. "Inclusive para mim você vai me trazer tarefas para fazer". (risos) Eu recém-contratado da empresa, de repente fiquei coordenando aquilo e ficava trabalhando das oito da manhã até altas horas da noite para que toda a equipe... Hoje qualquer empresa como a Docegeo tem uma estrutura que já faz isso automaticamente. Em qualquer empresa grande é o dia-a-dia da empresa. Naquele tempo não tinha estrutura nenhuma então foi feito nessa forma artesanal. Um advogado consultor deu algumas orientações e a área foi requerida. Daí surgiu um problema, dois problemas. Um que estava mudando o código de mineração, que era de 1967, ia passar de cinco mil hectares para dez mil hectares. Então falaram que poderia ser dez mil hectares já. Nós fizemos com dez mil hectares. Depois não era. Nós tivemos que refazer tudo e passar para cinco mil hectares, dobrou o número de pedidos. Eram 160 mil hectares e a quantidade de pedidos que foram requeridos. Esse foi um problema. Outro problema que havia um limite para a empresa requerer. Então ela teve que usar o nome das pessoas, dos empregados, para requerer as áreas. Então todos os empregados, até secretárias etc, deram uma autorização para a empresa usar o nome para requerer as áreas. E dessa forma foi feito o requerimento. Dei entrada no mês de outubro se não me engano, 15 de outubro, eu sei que eu fiquei 20 dias morando em Copacabana em um hotel recém-inaugurado, morando aqui no Rio sozinho, sem conhecer nada do Rio de Janeiro junto com essa equipe que era desde o presidente da empresa até todo mundo requerendo áreas. Voltando então a 1968, o que aconteceu? Nós começamos a trabalhar na época da chuva. Era a primeira experiência de pegar o inverno amazônico. Nós tínhamos trabalhado desde junho, já pegava o verão amazônico sem chuvas. Dezembro começando a pegar chuvas e começo do ano também período de chuvas. E de repente eu estou em Belém lá no escritório, o Tolbert me telefona e fala: "Olha, aconteceu uma coisa muito ruim. Eu estou mandando um geólogo falar com você aí." Esse geólogo, o nome dele é Marcos Albuquerque, ele era... No dia que ele chegou para trabalhar o Tolbert chamou e falou: "Você quer ir para Belém?" E ele falou: "Vou. O que eu vou fazer?" "Você vai levar uma carta para o Breno." Aí ele falou: "Poxa vida, esse tal de Breno deve ser uma pessoa muito importante. Usa um geólogo para mandar uma carta porque não manda por correio." É que o Tolbert, dentro daquele mistério que ele tinha na atuação, não teve coragem de falar por telefone e mandar uma carta por correio iria demorar muito. Então ele mandou uma carta e nessa carta ele dizia o seguinte: que o governo ia fazer uma inspeção da área, o que era um direito do governo toda área que era requerida ter uma inspeção da área. Mas que ele tinha ficado muito chateado porque não estava mandando pessoas do governo. Estava mandando o geólogo chefe da Vale do Rio Doce, que era o José Eduardo Machado, que depois foi um dos fundadores da Docegeo e diretor da Docegeo, e mandando o geólogo Forman, que era professor universitário e que depois foi durante muito tempo presidente da Comissão Nacional de _____ e também da _____ depois. O geólogo já era famoso nessa época. O Forman era formado no Rio, John Forman, e o Machado tinha sido aluno da primeira turma do Tolbert em São Paulo. Bem, e nessa carta o Tolbert só queria dizer o seguinte... Que ele estava chateado que o jogo não estava sendo limpo porque ao invés de mandar... O pessoal do governo estava mandando um técnico da empresa concorrente e que isso não estava certo. Que eu fizesse tudo que fosse possível para impedir a visita deles e que de forma alguma eles poderiam entrar naquela galeria. Que eles podiam visitar por fora, mas na galeria eles não podiam visitar porque, se eles entrassem na galeria, iam saber que realmente era grande. Aí eu fui no rádio, já estava dentro da linha 007... Não estava o Erasto no acampamento, estava o geólogo (Rideque?). O (Rideque?) era um geólogo formado nos Estados Unidos, uma grande figura e.... Era um atleta, tanto que ele nunca tinha jogado

futebol mas se transformou num excepcional jogador de futebol por causa do preparo físico que ele tinha. E eu chamei no rádio e falei: “(Rideque?), está acontecendo isso, são duas pessoas do governo, uma da Vale do Rio Doce etc e tal. E é uma pena que eles não vão poder visitar a galeria porque...” Para a gente abrir a galeria, o que acontecia... Tinha aquela carapaça de canga então a escarpa nas clareiras tinha lugares que era íngreme uns 20 metros mais ou menos. Depois ficava mais suave e aqui tinha um pequeno patamar de dois metros que nós fizemos uma escada de madeira... Não chegava talvez a 20 metros, uns dez metros mais ou menos. Ali que a gente embocou a galeria. Existia um lugar para entrar por baixo daquela (crosta?) de canga para ver o que tinha embaixo da canga. E eu falei pelo rádio para ele... Isso é a primeira vez que eu estou contando, um grande pecado na minha vida profissional. Eu falei para o (Rideque?): “É uma pena que eles não vão poder visitar a galeria.” O (Rideque?) do outro lado muito... Formação muito americana... “Mas por que não pode visitar?” “Porque choveu esta noite...” Eu também não podia falar que ia fazer uma sabotagem. “E rodou uma pedra e derrubou a escada. Você não falou agora pouco que teve um temporal essa noite, um temporal. Você me falou que teve um temporal aí.” “Ah, sim, já entendi. Rodou uma pedra e destruiu a escada.” “Você entendeu que a pedra destruiu a escada?” “Entendi.” (risos) Aí, no dia seguinte, eles iam chegar à noite em Belém. E, no dia seguinte, eu também fui para lá, nem me lembro voo ou não com os dois. Chegamos lá e eles começaram a confiscar, queriam saber de tudo, ficaram entusiasmados e a gente de vez em quando jogava alguma isca falsa para eles perseguirem. Daí eles perguntavam se tinha galeria. Aí eu falei: “Realmente tem uma galeria mas caiu a escada com todo o desmoronamento e caiu.” E tinha uma escadinha de corda e quem já andou naquilo sabe o que é terrível porque a escadinha de corda, de alumínio com corda, na hora que você vai descendo, se você não está acostumado, de repente você fica na horizontal e não consegue andar. Aquela escada vira. Ela é toda mole, só quem está treinado para descer consegue descer. Eu não tinha conseguido descer naquilo. Mas o (Rideque?) conseguia descer. E quando cheguei lá conversei com o (Rideque?), ele falou que estava tudo certo. Bom, falei: “É você que vai acompanhar” Você tem que sair de lá do acampamento e andar cinco quilômetros. Nós não recomendamos ir de helicóptero, que era perigoso. Estávamos sem helicóptero naquela ocasião porque estava mudando de companhia da Helitec para a Votec. Falei: “(Rideque?) você não espera os caras, vai no teu passo de carreira”.

P/2 - De atleta, né?

R - De atleta. E os dois foram. O Forman ficou no meio do caminho. Não conseguiu chegar até lá. Mas o Machado não só chegou como desceu a escada. Desceu a escada e foi na galeria. Nós achávamos.... Aí quando voltou, o (Rideque?) estava todo vermelho do sol e do calor e falou: “Eu fiz tudo que foi possível. Um eu deixei pelo caminho, mas o outro conseguiu chegar lá e o pior é que desceu na escada.” Aí eles tiveram uma idéia boa daquilo. A Helitec voava com a gente, foi a primeira companhia... Deu tantos problemas que a gente por questão de segurança... O Tolbert tinha rompido o contrato, mas os helicópteros ainda estavam lá. E eles contrataram a Helitec por fora para voar. Nós aí fizemos toda... Era honesto, mas tinha duplo sentido... A gente sabia que era perigoso, mas ainda pintou de uma maneira mais terrível: “Ó, isso aqui é muito perigoso. Nós deixamos de voar com essa companhia porque tivemos um acidente que tinha morrido gente”. Mas mesmo assim eles acabaram voando e, de helicóptero e tudo, eles foram na Serra Sul. Quando pousaram na Serra Sul com os dois helicópteros, um dos pilotos era inexperiente e, na hora que foi pousar numa área mais ou menos plana, perdeu o pouso e bateu num barranco na frente e destruiu o helicóptero inteirinho. Ninguém se machucou, mas destruiu todo o helicóptero. Felizmente eles estavam com dois e voltaram, daí o comentário do Machado foi: “Realmente eu sei que tem muito ferro aqui, mas eu vou embora porque tenho uma família para cuidar e não vou voar mais nessa porcaria.” “Aí, eu não falei que era perigoso.” (risos). Bem que eu avisei. E eles fizeram um relatório, bastante modesto, achando que lá devia ter uns 600 milhões de toneladas de minério de ferro. A gente pensava que podia ter até 30 bilhões. No fim a pesquisa comprovou que tinha 18 bilhões de toneladas. E essa visita então que marca a entrada na Vale. A partir dessa visita... Daí há várias versões da história. Talvez o Professor Dias Leite, que na época depois foi ministro talvez tenha uma versão mais cuidadosa. Mas a versão que me foi contada... Na época o Ministro de Minas e Energia era o Costa Cavalcanti e o chefe da CPRM era o Moacyr de Vasconcellos, já falecido, um geólogo de carreira de CPRM, um engenheiro de minas e carreira formado em Ouro Preto, uma figura muito carismática, interessante... Faleceu alguns anos atrás. Ele então, quando viu aquela quantidade de pedidos de pesquisa numa época em que ninguém requeria tantas áreas... 160 mil hectares numa companhia com currículo da United States Steel, a maior produtora de aço do mundo, e depois a visita que foi feita pelos senhores comprovando que realmente era algo muito grande, ele verificou uma pequena falha... Não era bem uma falha. Mas que a empresa estava requerendo através de pseudo testas de ferro de seus empregados. Isso é normal hoje. Toda empresa faz. Mas na época isso causou um certo estresse, um certo ruído. Ele me contou isso em 1980, num congresso que a gente se encontrou em João Pessoa. Ele revelou essa história, que é a versão que eu tenho dos fatos. Professor Dias Leite parece que disse que não foi bem assim. Ele então engavetou os processos. E sugeriu ao Costa Cavalcanti que peitasse a Steel, forçando uma associação com a Vale. Se foi bem assim ou não, mas o fato é que se começou a estudar a associação. É a primeira vez que o Tolbert me falou sobre isso, foi uma das vezes que veio a direção, os vice-presidentes, os diretores da Steel... Na verdade era vice-presidente, eles não tinham diretores, eram vice-presidentes... Ele comentou que a Steel estava disposta a dar no máximo 20% de participação para a Vale e que mais do que isso de jeito nenhum... A Vale não ia participar. Não ia abrir mão do projeto em hipótese alguma para a Vale. Então essa era a postura da Steel na ocasião. Como eu falei, logo depois da descoberta, houve uma mudança na direção. Veio o diretor de Cerro Bolívar, da Venezuela. Veio ser o presidente da Meridional aqui. Alguém com experiência em projetos grandes. Começavam a surgir ruídos de liderança entre o Tolbert e esse presidente, porque o Tolbert era independente, respondia diretamente a Pittsburgh. Ele não respondia à Meridional no Rio, que era apenas um apoio administrativo. E houve duas viagens do border todo da Steel. Quer dizer, você chegar em Belém e ainda garoto ir no aeroporto ver um avião da Steel chegando e ver pela primeira vez um _____ Depois foi um jato de médio porte com meia dúzia de velhinhos e senhores na faixa de 70 e tantos anos, o presidente da Steel, os vice-presidentes todos. A gente tinha que reunir, arrumar jantares e o Grão Pará era o único lugar que você poderia dar uma refeição decente, no Hotel Grão Pará. Alugar os poucos táxis e os poucos táxis de nível que tinha em Belém era o Itamaraty. Então você reunia todos que tinha na cidade, meia dúzia, para levar a comitiva. E eles as duas vezes sobrevoaram... Havia jantares em Belém com a equipe etc... E sobrevoaram Carajás, mas não desceram porque os jatos não podiam descer. Então duas vezes em 1968... Acho que foi uma vez em 1968 e outra em 1969... Veio o border da Steel exclusivamente para cuidar de Carajás. Parece que a segunda vez já foi relacionada à associação com a Vale que eles vieram mas passaram por Belém. E a negociação foi indo até que em 1970 chegou a associação de 50%. Na realidade parece que era 51% da Vale, mas na prática era 50%. Foi assinado, acho que em maio de 1970 o acordo entre a Vale e a Steel criando a Amazônia Mineração. Nesse período, o que havia ocorrido? O Tolbert já tinha saído do projeto de ferro. A briga com Hadson foi muito forte e um dos primeiros ____ foi sair da pesquisa de ferro. O Tolbert então consultou a sua equipe para ver quem queria ficar em Carajás no projeto ferro ou quem queria continuar com ele. Da equipe o Ritter preferiu ficar no projeto ferro, da equipe pioneira. O

Erasto preferiu ir comigo para Buritirama. Então a nossa... Ao mesmo tempo em que a gente fazia pesquisa de ferro a gente continuava procurando manganês, fazendo pesquisa em Buritirama. No final de 1969, no final de 1968 e não de 1969, nós mudamos o acampamento nosso como os helicópteros. A Steel tinha comprado dois helicópteros GT Ranger, eram mais modernos que tinham no Brasil na época. Saído então de Carajás, N1, e fomos fazer a nossa base no meio do mato, no meio dos mosquitos, na beira do rio Itacaiúnas. Essa foi a primeira mudança. Depois, quando foi em 1970 já, quer dizer depois dessa primeira briga, o Hadson quis subornar também o trabalho de exploração geológica, o trabalho do Tolbert, à presença da Meridional aqui. E houve uma discussão séria entre o Hadson, foi decidido em Pittsburgh e o Tolbert acabou pedindo demissão na Steel.

P/1 - Então ele perdeu a briga?

R - Ele perdeu a briga. Foi uma briga de foice entre os vice-presidentes. Na realidade, a Steel na época já era uma empresa que se percebia a distância sinais de decadência administrativa. Era uma empresa com estrutura arcaica, antiga. A estrutura era totalmente paralela. Por exemplo, o diretor financeiro da Meridional aqui respondia ao presidente da Meridional do Brasil como se ele fosse apenas um chefe de escritório, mas todos os atos administrativos da área financeira da empresa no Brasil eram direto ao vice-presidente em Pittsburgh. Totalmente centralizada, fechada na cúpula. Então isso aqui no Brasil criava muito ruído e qualquer dúvida que havia entre dois diretores tinha que ir a Pittsburgh responder com os dois vice-presidentes. E foi o que aconteceu. Então o vice-presidente resolveu queimar o Tolbert para guardar fichas para a próxima briga futura com o outro vice-presidente. Quer dizer, era um jogo de poder para ver quem ia chegar à Presidência do border no futuro. Então a coisa era meio complicada e isso explica por que a Steel alguns anos depois acabou abrindo mão de Carajás. Quer dizer, era uma empresa que não estava muito ligada à realidade. Estava mais ligada ao poder interno.

P/1 - A Steel chegou a pensar em algum projeto de exploração em Carajás...

R - Aí o que aconteceu... Nesse acordo com a Vale, primeiro feito um trabalho para exploração de ferro e implantação da mina, ferrovia e porto. De início já se pensava nisso. Então foi criada a Amazônia Mineração... Quando criou a Amazônica Mineração... A Amazônia Mineração foi feita com o objetivo de explorar o minério de ferro de Carajás. E já se previa na época mina, ferrovia e porto. Ao mesmo tempo que começou a ser feita a pesquisa do ferro, foram feitos os estudos embrionários da logística para tirar minério. Foi na época... Isso aconteceu entre 1970 e 1974. Foi feita a pesquisa até mais ou menos 1975 encerrou. O relatório foi entregue em 1974. Foi feito isso e foi quando se decidiu que o Porto ia para São Luís e não o porto no Pará. Porque já se previa navios de grande calado e as águas do estuário da baía de Guajará, ali pouco próximo a Belém. Era sem muitos bancos de areia e não permitia fazer um porto seguro. Tinha que ser um posto off-shore que pudesse fazer um porto longe com correio transportadora até onde o navio encostasse. Isso ia ficar um pouco complicado e a distância para chegar a esse porto seria mais ou menos aproximada, pouco menor do que seria para São Luís. E São Luís tinha condições naturais excepcionais para fazer o porto. E daí todo mundo que trabalhava ligado a Vale, que trabalhava em Belém, passou a ser pessoa non grata no Pará e começou a briga do Pará com a Vale. Foi uma briga bastante pesada que começou somente a ser aliviada um pouco, não totalmente, quando Jader Barbalho foi governador do Estado e Eliezer era presidente da Vale. Mas essa é outra história bem mais para frente... (risos) Então houve essa briga. O Tolbert saiu da empresa e o subchefe do Tolbert assumiu o programa de pesquisa da Vale, da Meridional, e isso nós estamos no ano de 1970. Nós começamos a perder a motivação, porque a gente era ligada ao Tolbert desde o início. Quer dizer, era aquele time que estava indo bem, tendo sucesso... Embora já estava começando a ser pisado pela Steel. Mas a gente continuava tendo uma reação. Nós tínhamos... A força aérea era nossa, os helicópteros ficaram com a gente (risos). De vez em quando, a gente emprestava para o projeto ferro, mas a gente tinha... O pessoal bom de briga era o nosso. O outro já estava ficando com o trabalho mais burocrático de pesquisa etc. Foi nessa época que o Vanderlei foi trabalhar pela Vale na pesquisa de ferro. Então a pesquisa de ferro ficou sendo feita sob a direção de um americano chamado Hof, que montou um hospital em Belém com todas as mordomias etc. E nós ficamos como os primos pobres da Steel, num escritório isolado em Belém, um escritório pequeno. Nada mais tinha a ver com o projeto ferro.

P/2 - Mas você estava no projeto ferro também ou no manganês com o Tolbert?

R - Eu passei daí com o Tolbert para o manganês. Foi aí que aconteceu... Que nós criamos o território livre Buritirama, tem uma crônica a respeito disso... Passamos a viver em Buritirama... Saímos da serra do ferro, clima ameno de montanha etc, para morar no clima amazônico típico, na beira do rio em Buritirama. Ficamos... a base em Buritirama de final de 1968 até maio de 1971 quando... O Tolbert saiu em 1970 e eu saí em 1971. Nesse meio tempo, em 1969, eu era chefe do projeto na região de Carajás, no Sul do Pará, e havia outro projeto em busca de manganês em toda a Amazônia, pegava principalmente Amapá e alguma coisa em Santarém. Em 1968, eles trouxeram um jovem suíço que foi um grande amigo meu Kenup, Peter Kenup, para ser coordenador dos projetos em Belém. Foi montado esse escritório em Belém e ele ficou como coordenador dos projetos. Mas ele não tinha muita liderança administrativa e, em 1969, o Tolbert e a Meridional me chamaram e me transformaram em coordenador de toda Amazônia, pegando os outros projetos também do norte. E o jovem suíço ficou como meu assistente em Belém. Então eu passei a ficar não tanto tempo mais no campo, mas ficava também algum tempo em Belém e olhando os projetos fora de Carajás.

P/1 - Tem algum projeto desses que deu certo? Como é que....

R - Não. Nessa época aconteceu dois fatos curiosos e até um deles bastante trágico, que foi a primeira morte que nós tivemos. Nós tínhamos tido vários acidentes de helicóptero, um em Buritirama com o jovem Tadeu, que estava com o geólogo Aguiar... Esse é bastante interessante. Ele estava com geólogo Aguiar que era o geólogo pioneiro. Havia trabalhado com o Carvalho Pinto em São Paulo, já tinha mais de 50 anos. Foi o geólogo que fez o primeiro pouso comigo na Serra Arqueada, que me chamava de chefinho. Uma pessoa muito simpática. Mas por razões... O Tadeu bem gaúcho brigou... Os dois brigaram e não se falavam. O Tadeu só dava ordem de trabalho para ele e saíram da base de Buritirama e foram para uma clareira que ficava a uns dez quilômetros, a B5, onde ficava a principal ocorrência de manganês. E esse helicóptero GT Ranger tinha o problema da turbina ser muito fraca. Ela queimava. Dava um superaquecimento, queimava a turbina e você ficava sem motor e descia. E

uma das vezes que aconteceu isso estava o Tadeu junto e na hora da aproximação final a turbina pifou... E o Tadeu não percebeu e o Aguiar não podia falar com o Tadeu porque estava de mal com ele (risos). Aí conseguiram pousar na clareira. O Tadeu nem percebeu o que tinha acontecido, foi lá e fez o trabalho. O Aguiar contou para o pessoal o que tinha acontecido. O Tadeu foi lá para frente ver a sondagem, a galeria etc. Dali a uma hora mais ou menos, voltou entrou no helicóptero: “Como é que é. Vou embora.” Aí fizeram as pazes “Seu ingrato. Você nem percebeu que eu salvei a tua vida. O helicóptero estourou a turbina em vôo, nós fizemos um pouso de emergência aqui e você nem percebeu que eu havia salvado a tua vida.” (risos) Depois disso tinha... aconteceram outros acidentes. Nós tínhamos um programa já no Rio Tocantins, em um acampamento chamado Grande Praia, na região que a gente estava tentando achar manganês, mais ao norte de Buritirama... Tínhamos o piloto Leo Rosa. Ele era um capitão do mar e guerra, tinha sido um comandante da base de São Pedro da Aldeia aqui. E se reformou e foi ser piloto de helicóptero. Era piloto da base de helicópteros que a marinha tem aqui perto de Cabo Frio. E ele foi trabalhar na Votec com a gente. Era uma pessoa muito interessante, com nível cultural muito bom, mas bastante temperamental e com reação muitas vezes física. Mas uma figura finíssima. Faleceu em São Paulo de uma maneira... Parada cardíaca em vôo. Avisou a torre e conseguiu descer num campo de futebol. Aí mandaram socorro. Quando chegou lá, ele estava dentro do helicóptero morto. Quer dizer uma morte.... O Aguiar também faleceu num acidente batendo um cabo de... Na rodovia entre São Paulo e Curitiba. A maior parte dos pilotos naquela época faleceu em acidentes. Mas o Léo Rosa estava voando e ele tinha o costume de voar muito alto, o que dava um certo desconforto. Você andar num helicóptero lá em cima, alto, por cima das nuvens, dá um certo desconforto. É melhor sempre voar embaixo das nuvens que você tem visual e tudo. E ele estava por cima das nuvens, indo entre Grande Praia e o acampamento lá no Cajazeiro, uns 40 quilômetros de vôo mais ou menos, quando a turbina estourou também. Nessa época eu estava de férias, na época que eu fui convidado para coordenar todo o trabalho na Amazônia, estava aqui no Sul. Ele estava como o geólogo Antônio Zine e quando estourou a turbina ele ficou histérico. Normal, né, no helicóptero. Começou a falar com a base em Belém “Estourou a turbina, estamos caindo, vamos morrer porque não tenho onde pousar.” Quando furo a camada, existia um pequeno brejo... Uma região com brejo mais ou menos seco. Era o único lugar que existia no trajeto de 40 quilômetros que era limpo. Ele estava em cima dali e desceu com helicóptero, pousou com o helicóptero em pane no meio daquele... Aí ele começou a gritar no rádio: “Estamos salvos. Estamos salvos.” Mas esse era o dia-a-dia e a gente achava que nada ia acontecer porque papai do céu sempre dava uma mãozinha na hora que acontecia alguma coisa. Tivemos vários acidentes desse tipo de parar a turbina e não acontecia nada. Até que nessa ocasião, em 1969, quando aconteceu o acidente, um pouco antes havia chegado um helicóptero antigo. Não era dos que a gente usava, os próprios dois e mais alguns da Votec, era o helicóptero HUGHES 300, aquela bolinha pequena. Todos os helicópteros eram amarelinhos. Esse tinha sido reformado pela Votec e era azul. A gente tinha um carinho muito grande porque tem um filme da Leila Diniz feito em Parati... E a Votec usou o helicóptero para Leila Diniz fazer esse vôo. Então era o helicóptero da Leila Diniz. A gente tinha um carinho muito grande pelo helicóptero. E pouco antes de eu sair de férias eu fiz um planejamento antes de sair de férias nessa região de Cajazeiro, uma região que tem índios, fica a oeste de Tucuruí... Até hoje deve ser uma região difícil. E voei lá umas três horas com ele, marcando os pontos onde deve ser feito o reconhecimento, fazendo um mapa da região. Eu e o piloto sozinho voamos com ele. Depois esse helicóptero foi deslocado para o Amapá. Quando eu voltei de férias, já como coordenador de tudo, eu cheguei nesse Amapá no dia 13 de novembro de 1969. Eu tinha ido no aeroporto ver um leilão da Panair, ver se tinha alguma coisa para comprar para a companhia, material que podia ser usado. E antes, voltando do aeroporto, antes de chegar no escritório veio o carro da companhia me encontrar. “Pronto, aconteceu alguma coisa ruim” O helicóptero operando no Amapá, com o piloto que não era da equipe mas estava rendendo a folga do outro piloto, o Talma, decolou de uma clareira e estourou o pistão do motor. Não teve potência, caiu na área, explodiu, pegou fogo e morreram os dois queimados. O geólogo de São Roque. Chamava Roque e tinha nascido em São Roque. Dali em diante a gente começou a falar: “Bom, helicóptero mata.” Nós tínhamos tido só uma morte na equipe que era do piloto Adão, mas ele se acidentou sozinho num trabalho particular com o avião dele. Foi traumático, nós perdemos um amigo, mas não tinha sido dentro do trabalho nosso. No trabalho nosso foi a primeira morte. E aí foi um trauma todo, a equipe indo buscar os corpos no mato. Dois, três dias depois foi para Porto Platon, onde foi feita a autópsia. Quem nunca mexeu com autópsia de gente acidentada... É um negócio terrível. Nem quis ver o corpo, mas você a mais de um quarteirão de distância sentia o cheiro da autópsia. O corpo... E terrível. Colocamos num avião, levamos para São Paulo... Para Belém, num avião grande que operava com a gente, saímos de madrugada de lá. O caixão teve que ser soldado, né? Um ia ficar no Rio, o do piloto Talma, e o do geólogo ia para São Paulo. Eu fui para São Paulo para acompanhar dentro de um avião comercial e o piloto Ronald veio com um avião pequeno de motor da Votec trazer o corpo. E, em vôo, com a variação de pressão, começou a sair gás e ele não conseguiu, começou a passar mal, teve que voltar para Belém e o corpo teve que ser trazido em avião comercial da Varig no porão. Foi o primeiro trauma, quer dizer, chegar em São Roque com uma comitiva... O Tolbert fez questão que toda a equipe acompanhasse. Ele pessoalmente foi... Entregar para um pai um garoto quase recém-formado entregar o caixão dele, do filho. Foi um negócio muito triste, muito... Foi o primeiro choque. Aí foi a primeira hora que nós demos um basta no helicóptero. Chega. Foi uma brincadeira interessante. Ninguém morreu porque papai do céu ajudou, mas acabou a brincadeira. Ou seja, daqui em diante, só vamos voar com helicóptero com dois motores, com biturbina, que estavam começando a surgir na época. Helicópteros com duas turbinas. E o que aconteceu... Nós continuamos fazendo pesquisa por toda a Amazônia, verificar outras áreas. Nós éramos os únicos na Amazônia operando e não podíamos perder o espaço que nós tínhamos. Num desses vôos de reconhecimento na Asa Norte... Nós voamos toda a Asa Norte, toda a Asa Sul, fazendo... Não tinha mapas na época. A gente voava com pequeno avião ou com o Grote, que era piloto da Votec, ou com o Ronald. Os dois eram oriundos da Panair. Conheciam muito a região. E era um vôo interessante, de alto risco, mas muito interessante. Você saía num avião bimotor asteca, fazendo linhas de vôo a cada 20 quilômetros. Então você fazia um pente usando os mapas disponíveis, que eram mais ou menos confiáveis, com 20 quilômetros para cá ou 20 quilômetros para lá. E você com uma régua que não marcava em distância, mas marcava em tempo no cronômetro... Então você voou cinco minutos, percebia na régua quanto dava cinco minutos e marcava no mapa o que você encontrou, uma clareira, uma aldeia de índios, uma montanha, uma serra interessante e fazia um mapa. Tinha até uns mapas na época... Depois, quando houve o projeto Radam, a gente colocava em cima e batia mais ou menos os lugares interessantes que tinham sido feitos. A gente já tinha uma simbologia toda, inventada na hora, mostrando onde podia ter granito onde podia ter uma área em que pudesse ter manganês. Isso tudo na época, né? Mas eram vôos difíceis, porque eram vôos de cinco horas. Saía de Belém ia até Santarém, abastecia e voltava para Belém. Então dava mais ou menos cinco horas na ida e cinco horas na volta, dava dez horas por dia a 600 metros de altura. O piloto, para ter o máximo de autonomia, só queria mudar de um tanque para outro quando o motor começasse a fazer pó, pó, pó... (risos) Então você ficava... Nos últimos cinco minutos, você pedia para ele mudar e ele: “Não, eu quero ter todo o combustível num tanque só. Não quero ter sobra em um tanque. Não vai me adiantar nada. Eu quero gastar esse tanque totalmente. A minha salvação é aquela reserva técnica que eu vou ter no outro tanque.” Mas nos últimos instantes, você fica naquela tensão... Vai parar, vai parar, vai... Aí, de repente, quando o motor dava aquela parada... Você está voando e de repente fica aquele silêncio no ar... tsiiii... que acabou a gasolina. Ele vai pegar outro tanque, mas se não pegar? Se o motor não pegar? A gente

sabia que pegava, mas se não pegasse, né? Voando baixo, a 600 metros de altura. Então eram vôos muito desgastantes fisicamente porque o avião ia balançando o tempo todo e você atento. Mas emocionante, né? Porque estava voando em áreas que você nunca sabia. Em um desses vôos, falando com o comandante Grote, a gente estava para a região de Tiriós, lá em cima, na fronteira com o Suriname. Ali, quem olha no mapa tem... O Suriname entra no Brasil. Então a coisa era complicada. Eu estava procurando a aldeia de tiriós para ver se eles conheciam, se os pilotos conheciam. E aí é interessante... Você chega numa região de floresta e depois entra numa região de campo, região com montanhas graníticas, diferente de Carajás, mas você também não tem floresta. Então você está voando e vê aquele verde claro no meio da floresta. E nós achamos a aldeia de tiriós, mas nós achamos uma pista. Ah, deve ser a Tiriós, e aí começamos a baixar para dar um rasante na pista para pousar. De repente, quando passou... era a bandeira do Suriname. Estava numa pista no Suriname. (risos) Tinha invadido. Podia ser metralhado lá, voando baixo. Então aconteceu essas coisas emocionantes com a gente. Num desses vôos, nós passamos em cima de uma clareira que tem todo o aspecto de Carajás. Não é igual, é muito parecida essa clareira. E daí foi comunicado ao Tolbert. A equipe da Codin, com o Décio, não teve sucesso na região de Carajás e eles perderam espaço. Quer dizer, eles foram para Altamira, a gente entrou pelos fundos e acabou descobrindo Carajás e o manganês. A equipe se desgastou muito politicamente junto à matriz da Union Carbide e eles então começaram com um programa novo na Asa Norte. Eles foram os pioneiros na Asa Norte. E a Meridional, como sempre, ficou para trás, com mais recursos. E eles tinham descoberto no Rio Paru um lugar chamado Maracunaí. Em conversa... As equipes se encontravam em Belém, era todo mundo amigo. Um ficava escondendo do outro, mas quando tomava um pouco de cerveja, não resistia e quem tinha alguma carta na manga acabava contando. (risos) Então nós não conseguimos ter certeza, mas o Joel nos confiou que eles tinham descoberto um complexo alcalino ultrabásico. Esses complexos ultrabásicos são semelhantes aos que têm em Araxá... É um lugar que pode ter fósforo, pode ter titânio, pode ter nióbio. São áreas que a companhia estava pesquisando aqui no sul também. Então havia esse interesse em descobrir lá. Quando nós descobrimos, sobrevoamos a outra que nós batizamos de Maicuru, porque estava próximo ao rio Maicuru, nós achamos que poderia ser semelhante a deles e ser também um lugar que pudesse ter titânio, nióbio, fósforo etc. Mas quando relatamos isso ao Tolbert... Poderia ser também minério de ferro, porque a vegetação em cima era muito parecida. Tinha aquelas lagoas, tudo igual. Parecia uma clareira igual a N4, N5. Mesmo tamanho, uns cinco quilômetros de diâmetro. Embora eu, desde o início, achava que o jeitão era mais para uma alcalina. E estava em Macapá depois da morte... A morte foi em 13 de novembro de 1969 e no mês de novembro eu estava lá com a equipe, tentando reestruturar o problema do trauma, vindo as áreas de trabalho e tudo aquilo quando chegou um rádio... A gente tinha um equipamento de rádio... do Tolbert, me chamando para Belém que ele precisava falar comigo urgente. E eu fui para Belém e ele falou: "Olha, Pittsburgh quer que tire a dúvida se aquele é minério de ferro ou não. Porque ser for minério de ferro mesmo que seja um vigésimo do que tem em Carajás. Carajás está a 600 quilômetros do Rio e Maicuru está a 200 quilômetros do Rio. Então era muito mais econômico lá do que em outro lugar." E daí... "Mas, Tolbert, nós preparamos de voar de helicóptero." "Abre só uma exceção para voar com o helicóptero, só para dar um check e ver se aquilo é ferro ou não. É minério de ferro ou não." Eu falei: "Então eu quero carta branca." Ele falou: "Não, você faz do jeito que você quiser. Não tem economia de recurso." Então fizemos tudo que podia ser feito no figurino. Tudo dentro do figurino. Primeiro, aconteceu... Isso nesse período de um mês, morte etc e tal... Aconteceu um sobrevôo para marcar direto bem onde era essa clareira que nós não tínhamos fotografia aérea, então era para marcar. E nesse vôo eu tive um primeiro mal-estar violento em vôo. A gente estava fazendo o vôo e muita fumaça, época difícil, estava estressado por causa da morte do geólogo e, de repente, me apaguei em vôo. Não cheguei a apagar totalmente, mas começou a adormecer o corpo todo. Eu voava do lado do piloto Ronald e o Ronald a primeira pergunta... A primeira coisa que você vai fazer é falar onde nós estamos porque fazer a navegação... Tentando achar a clareira no meio da fumaça, naquele desgaste... Na hora que eu consegui achar a clareira, eu relaxei e me apaguei. Isso era meio-dia, mais ou menos uma hora da tarde. A gente estava voando desde manhã cedo. Daí ele falou para mim: "A primeira coisa você vai mostrar onde nós estamos, depois você se apaga, porque se você não mostrar onde nós estamos não morre você, morre todo mundo." Aí ele viu onde a gente estava e falou: "O lugar mais próximo é Almeirim. Almeirim não pousa esse avião, só pousa avião monomotor. Mas é a única salvação tua. Não sei o que você tem" Não sabia se era coração. Depois fiquei sabendo, mas na época não tinha idéia. Na hora não sabia o que era. A minha mão começou a ficar em garra, adormeceu todo o corpo, o braço. Ficou tudo formigando e eu sentia que ia apagar. Aí ele pousou. Conseguiu pousar. Uma rua em Almeirim que era pista. A pista era antiga... Casa dos dois lados e no meio uma avenida que se pousava avião. Pousaram e me levaram. Não tinha hospital, tinha uma maternidade dirigida por freiras americanas. Chegando lá me examinaram e na realidade o que eu tive foi um estresse nervoso. E a freira me explicou que essas terminações nervosas, quando você sobrecarrega, elas se encolhem e desliga. Para o corpo não entrar em colapso, desliga. Me deram um comprimido, um valium da vida e dormi duas horas lá e quando acordei estava bom. Voltando lá, na programação, só para mostrar como as coisas eram cheias de acidentes num espaço curto de tempo. Num espaço de um mês nós tivemos a morte, a decisão de fazer o trabalho, o mal-estar tentando localizar a clareira. E aí o que aconteceu... Coisa que nós nunca tínhamos feito. Dois helicópteros pequeninos, porque os GT Ranger estavam condenados porque tinha estourado a turbina. E não estavam voando mais porque tinha tido aquele acidente com o Léo Rosa, então eles estavam lá no meio do mato com a turbina estourada. Os helicópteros mais modernos. Então aquela bolinha pequena, o HUGHES 300 foram desmontados e colocados num avião grande, no DC3, num curso comando... Avião grande é um pouco maior que o DC3, dois metros de avião. E foram para Monte Alegre, lá na margem do Rio Amazonas, em frente à Santarém. Aí fizemos coisa que nunca havíamos feito antes. Os dois helicóptero foram inteirinhos, durante quinze dias, foi feita uma revisão. Dois mecânicos desmontaram o helicóptero, montaram tudo direitinho. E nós ficamos hospedados num convento porque não tinha hotel em Monte Alegre. Contamos lá o problema do acidente, que a gente estava traumatizado. Era conversa à noite, tinha um pessoal do projeto Rondon na época. Tinha uns estudantes universitários hospedados no convento também. E eu fiquei amigo da madre superiora, muito simpática e tal. E ela me dava a chave do convento para a gente beber à noite porque o convento fechava às oito horas. (risos) Não tinha o que fazer à noite, era isolado lá o dia todo só vendo fazer a reforma do helicóptero, a revisão. A gente saía, enchia a cara e depois chegava com a chave do convento e entrava à noite no convento. E o helicóptero ficou pronto, por coincidência no dia 12 de dezembro de 1969, quase um mês antes, a morte do colega. Uma das coisas que me angustiava com a perda tinha sido o sofrimento deles, se eles tinham percebido que iam morrer ou não. Estourou a turbina... Se dá tempo para pensar que vai morrer ou se a pessoa acha que vai ficar viva até o fim. E daí o helicóptero... Os dois ficaram prontos e estava o Ronald, que era o piloto de avião e era o diretor da Votec em Belém. Quer dizer, a operação foi feita com toda a segurança. Eu escolhi o piloto que ia voar comigo que era o Aguiar, que tinha voado comigo na descoberta que eu mais tinha confiança na época. E falei: "Primeiro vôo eu tenho que ir. Não posso exigir que vá outro geólogo se a gente proibiu de voar de helicóptero." Então eu resolvi ir no primeiro vôo com Aguiar e o Ronald, para dar confiança. A equipe foi com outro piloto, que sobrinho do Eduardo Gomes, do Brigadeiro Eduardo Gomes, foram no outro avião, no outro helicóptero. O que nós nunca fazíamos... Foi decidido que a gente só voaria em cima de rio para se cair ter onde descer e ter uma rota conhecida. E coloquei um avião monomotor em Santarém, contratei, para ele ir comboiando os helicópteros. Os helicópteros voando e ficava aquele avião dando voltas ao redor dos

helicópteros, os dois voando. E todo mundo me gozando, falando: “Pô, de repente, ficou cheio de frescura, ficou medroso... O que houve?” O Aguiar falava: “Mas, chefinho, o que houve?” E eu falava: “Não. Não ia voar mais, então vamos fazer tudo o que tem de ser feito para ser voado.” E de manhã, no sábado, dia 13 de dezembro, um mês depois da morte do Roque, quando nós nos preparamos para voar, a mãe superiora de manhã no café veio lá e me segurou pela mão e falou: “O senhor não vai voar que eu tenho uma premonição que o senhor vai morrer.” Talvez ela tivesse ficado influenciada pela narrativa do outro acidente. Era um helicóptero semelhante... O da Leila Diniz era o que tinha sofrido o acidente com o Roque, naquele helicóptero azulzinho. Aí, ela pediu pelo amor de Deus, que tinha acordado cedo e rezado uma missa para mim, que eu ia morrer e não sei o que lá e foi até a porta chorando e me puxando pela mão: “Não vai, não vai.” E eu: “Não. Está tudo seguro. Já arrumamos o helicóptero. Está tudo perfeito.” E saímos de manhã tranquilo. Pegamos o Rio Amazonas, fomos até a boca do Rio Maicuru, começamos a subir o Maicuru. Entre a zona que a gente ia chegar... Você está no baixo Amazonas, com a topografia mais suave; depois tem a grande serra onde o rio atravessa um canyon. Depois, atrás da serra, tinha a zona onde a gente ia trabalhar e onde está a área que interessava. Antes de chegar nessa serra grande, havia uma grande emenda no rio e com algumas fazendas, alguns lugares mais claros, com a vegetação mais baixa, áreas que já tinha sido roçadas. Aí o Aguiar falou: “Oh, chefinho, assim também não. Fazer essa volta pelo rio. Vamos cruzar este trecho reto.” Eu vi na frente, era mais ou menos limpa aí falei: “Bom, pode ir reto.” Estávamos a uns 600 metros de altura, quando estava mais ou menos no meio, o lugar mais longe do rio, houve um estouro no helicóptero e a gente não sabia o que era. O helicóptero começou a ficar todo bobo, a se balançar. Eu achei que o Aguiar é que tinha morrido, porque ele tinha perdido o controle. A gente, na época, brincava de pilotar. Então segura o mancho... Não, deixa que tá comigo. Falei: “O que foi?” “Estourou o cilindro.” Aconteceu o mesmo acidente que havia vitimado o Roque e o Talma. Estourou um cilindro. O helicóptero começou a perder potência e começou a sair fumaça atrás. O outro helicóptero e o avião pensaram que era fogo porque viram fumaça atrás, mas é que havia estourado cilindro. Não queimava o combustível então começou a sair aquela fumaça. E nós começamos a descer. O helicóptero não cai. Ele dá uma afundada rápida, mais ou menos 80 metros, e depois o próprio peso dele faz com que a hélice vire e ele vá descendo, o que chama auto-rotação. Ele pega uma rotação elevada e vai descendo na sustentação, que nem uma brincadeira daqueles que faz com a hélice assim. E aí começou a discussão minha com o Aguiar. Falei “Aguiar, escolhe uma árvore baixa e joga em..” Ele falou: “Vamos tentar chegar no rio.” Mas eu falei: “Chegar no rio... E se não der para chegar e a gente bater numa árvore na beira do rio e acontecer o que aconteceu.” Isso a gente discutindo ali, não tenho a menor idéia se demorou um minuto, cinco minutos. Não tenho a menor idéia de quanto tempo levou a gente descendo. Parecia um pouso normal. Você não sentia que o avião estava caindo. Só não quer subir. Descendo, descendo. E ele tentando chegar no rio, foi bastante calmo. Eu comecei a tirar a minha bota, mas aí achei que não ia dar para tirar a outra. Daí amarrei ela de novo. É melhor estar com as duas botas do que uma bota só, que vai ser pior ainda. (risos) E ele foi.. Felizmente o outro helicóptero acompanhando, o avião acompanhando. E nós conseguimos passar a água. O rio ali devia ter uns 50 metros, o Rio Maicuru. E ele ia pousar bem no meio. Aí, quando ele estava jogando no meio, eu falei: “Aguiar, mais próximo da margem que eu não sei nadar. (risos) Eu não sei nadar.” O rio era mais ou menos calmo, não tinha muita correnteza e o que me salvou foi que a diversão de piloto de helicóptero, principalmente de helicóptero, mas piloto em geral, no acampamento, quando se vive em acampamento, a maior glória deles é contar um acidente que eles já viram ou participaram. Quem morreu, quem não morreu etc. O papo à noite era só derrubar helicóptero, derrubar avião. E o Valmir pode contar muito bem isso aí. E eles haviam contado várias vezes que um dos problemas quando o helicóptero cai na água, principalmente os que operavam na baía com a Petrobrás, era que a pessoa tinha morrido porque não abria a porta. Depois o helicóptero afundava e não conseguia abrir por causa da pressão da água. E o outro é que a pessoa saía afogada... E isso recentemente aconteceu em terra, em Minas Gerais, com uma empresária... É você sair e o rotor te pegar. Em terra você pode sair abaixado, mas na água você sai nadando e o helicóptero está afundando. Então você está nadando e então você tem que esperar o rotor parar. Eu fiz isso aí de maneira inconsciente. A porta eu abri ainda em vôo. Podia simplesmente ter aberto a porta e eu dei um murro... Abri, soltei o trinco e dei um murro na porta sem necessidade nenhuma. Quer dizer, a tensão que você está vivendo... Você não pensa na época em família. Esse negócio que você pensa na família, que vem toda a sua história de vida, quem conta isso é papo furado. (risos) Não existe isso, a não ser que a pessoa tenha mais tempo. Mas numa queda de avião, de helicóptero, você fica... O teu organismo todo fica voltado para a sobrevivência. Você vira um animal que tem que viver. Todo o seu corpo, a tua mente, está voltado para a sobrevivência. Quando depois foram retirar o helicóptero, a porta do helicóptero empenou. Eu pessoalmente não tenho condições de dobrar uma porta de helicóptero daquela de metal. A minha força ficou aqui toda sendo pisada. Só que eu abri a porta sem necessidade nenhuma. A força que eu usei ali para abrir aquela porta. E depois esperei a hélice bater na água também inconscientemente. Não lembro da água fria entrando no helicóptero. Se a hélice bateu, a água tinha entrado. Mas a sensação da água fria entrando no helicóptero eu não tenho. E saí no meu cachorrinho nadando com bota e tudo. Era uns 10 metros de margem e cheguei na margem sem grande problema. E eles, quando passaram de helicóptero, o Ronald conversou com o Gomes, o piloto Gomes, e falou: “O Breno ficou, porque ele não sabe nadar e já tem um na margem.” Mas quem estava na margem era eu e o Aguiar estava saindo do helicóptero. Eu acabei saindo antes do Aguiar. Daí o helicóptero afundou. Tinha mais ou menos uns cinco metros para afundar, um espaço de cinco metros. Não era muito fundo, mas para quem não sabe nadar dois metros bastam. (risos) Aí eu pedi.. Nós voltamos até o helicóptero. Eu fiquei sentado em cima do helicóptero e pedi ao Aguiar que mergulhasse para pegar a minha maleta de plástico que tinha ovo cozido que a gente tinha levado de lanche. Eu não sabia como ia sair dali. E a minha máquina fotográfica, a que eu tenho até hoje. Foi depois doada pelo Meridional porque essa máquina, que era minha pessoal, não teve conserto então ficou com a Meridional e eles me deram uma nova, modelo mais moderno. E tiraram a máquina, os ovos. Comemos os ovos para já ficar protegidos e começamos a ouvir vozes. O outro helicóptero conseguiu voar, cruzar rio abaixo, a uns 100 metros rio abaixo, numa pequena prainha que tinha no rio, depois de uma curva. E eles começaram a chamar a gente. Aí eu falei: “Aguiar, daqui eu não saio. Vai passar uma canoa, vai passar qualquer coisa e eu não vou sair daqui não.” Tinha que atravessar o rio para o outro lado. Eles gritaram: “Por quê? Tem alguém ferido?” “Não.” “Por que você não vem?” “Porque eu não sei nadar.” (risos) “Mas como é que você nadou para chegar?” “Para salvar a vida eu faço qualquer negócio, mas para arriscar a vida não!” (risos) Mudou o enfoque do problema. Bom, o Aguiar foi conversando comigo. Pegou um acento do helicóptero que é mais ou menos flutuante. Não é tão flutuante como falam os aviões, né? Ele mais ou menos se segura. E eu coloquei embaixo do peito e fui nadando pegando mais coragem. Quando teve que atravessar o canal ele foi do meu lado, dando um apoio moral e finalmente nós fomos retirados sem problema. Então essa foi a primeira sensação de morte que teve, que aconteceu nesse período. Bom, voltando então à questão do ferro de Carajás. Esse foi apenas um..

P/1 – Breno, vamos fazer uma pausinha...

R – Vocês tem que me parar. Não mexe nessas coisas que eu começo a lembrar de histórias e não vamos sair daqui nem daqui um século.

[pausa]

P/1 – Bom, você contou do acidente do helicóptero, mas vocês estavam indo para Maicuru trabalhar aquela reserva. Como foi esse processo?

R – Bom, logo após o acidente, nós ficamos impossibilitados de chegar de helicóptero e coube a dois geólogos, o Zine e o Otávio, a fazer o trabalho por terra. Era um trabalho muito difícil. Eles foram até uma pista de (malateiro?), a pista Kennedy que ficava em Maicuru, de avião monomotor e de lá seguiram por um igarapé que nascia na Serra de Maicuru, a pé. Um trabalho de dois, três dias para chegar lá e fazer a pesquisa. E os primeiros indícios revelaram que não era uma jazida do tipo Carajás, de minério de ferro, embora tivesse aquela crosta de canga semelhante. Mas tudo indicava que pudesse ser um complexo alcalino ultrabásico, como posteriormente as sondagens confirmaram. É uma região talvez com a maior reserva de minério titânio que tem no Brasil. Uma reserva de alguns bilhões de toneladas, mas infelizmente sob a forma mineralógica semelhante à que ocorre na região de Tapira, na região de Araxá, na forma de anatásio. Então o titânio ... existe tecnologia econômica para aproveitamento do titânio. Titânio é usado em ligas especiais, como metal, mas é usado principalmente para pigmentos de pintura. Quase toda tinta usa pigmento de óxido-titânio. E felizmente a tecnologia disponível hoje... A Vale desenvolveu tecnologia para isso. Mas ela não é competitiva do ponto de vista econômico. Então é uma reserva estratégica que o país tem, fabulosa para titânio. Titânio é um metal cada vez mais usado na indústria moderna, mas isso vai ficar para os nossos futuros herdeiros, futuros descendentes. E posteriormente quando aquela área... Quando a Docegeo entrou na região ela foi novamente requerida pela Docegeo. Foi feito um trabalho adicional para titânio e acabamos descobrindo também uma reserva muito boa de fosfato, que podia ser importante para agricultura regional, na margem do Amazonas. Talvez interesse mais ao governo do Pará do que à Vale essa reserva. Mas para competir do ponto de vista internacional, para trazer para o Sul, é mais barato importar o fosfato de outra região do que implantar uma mina para exploração naquela área, que ficaria antieconômico. Eu até certo ponto acho ótimo porque a região tem aí uma beleza natural muito bonita, com lagoas e vegetação muito própria, e é bom que aquilo fique intocado por algum tempo.

P/1 – À Steel também não interessava?

R – A Steel, depois inclusive da nossa saída da Meridional, completou a pesquisa naquela região, verificou que era anatásio e abandonou a área também. Depois a Docegeo, pela Vale, requereu e fez a pesquisa complementar e chegou à mesma conclusão.

P/1 – Você estava em Buritirama a essa altura, trabalhando com manganês. Como era esse dia-a-dia? Como isso era vivido?

R – Os acampamentos, de modo geral, quando nós começamos a trabalhar na região, minha cultura era uma cultura de cidadão de São Paulo que mato é mato, tem cobra ainda etc. Depois, viver na ICOMI já era uma aventura fabulosa, viver numa vila no meio da selva, ouvindo guariba cantar à noite e tudo aquilo. De vez em quando encontrar uma cobra no asfalto, um bicho preguiça, aquilo já era uma coisa fora do comum. Você via nos relatos de férias, nas cartas que mandava para família, que era fora de série. Mas não tinha nada a ver com o fato de você dormir numa rede no meio do mato, num tapiri coberto com lona e palha. É totalmente diferente você viver no meio da selva e entrando num lugar com água encanada, com todo conforto. Ou você dormir na selva, conviver na selva mesmo. E a experiência toda não existia experiência. Nós, nenhum dos geólogos, não tínhamos nenhuma experiência disso. Nem de voar de helicóptero. Nós aprendemos a voar de helicóptero porque o Tolbert falou: “A empresa está pagando para vocês aprenderem.” E nós passamos a desenvolver uma tecnologia, um modus operandi com o helicóptero voltado para geologia e que acabou sendo na rotina na Amazônia. A cultura que a gente absorveu foi a cultura dos braçais que a gente contratava. A gente contratou, quando começamos a trabalhar, o primeiro acampamento foi em São Francisco, a idéia ali ainda foi fazer um acampamento de madeira, com tela etc. Então contratamos um pessoal em Altamira, que era a cidade mais próxima. Contratamos um para mateiro e contratamos um carpinteiro para fazer o acampamento, o Feliciano Torres. Esse Feliciano acabou sendo um protótipo do trabalhador da Amazônia que trabalhou com a gente. Acabou se aposentando como um capataz de alto nível já na Vale, na Docegeo. Ele acompanhou a gente até a década de 1980. Ele era um carpinteiro que no fim acabou sendo o líder. Era o capataz de toda a equipe. Ele chegou a chefiar mais de 200 homens em Carajás. Era o maior capataz que nós tínhamos. O chefe dos outros capatazes e uma pessoa com uma capacitação fora da série. Ele subia em corda, descia em corda, descia do helicóptero em corda para abrir clareira com maior naturalidade. Coisas que tinham que ser feitas com pessoal altamente especializado. Ele fazia isso com a maior naturalidade. Deixava a corda para fora do helicóptero para ficar baixo, descia e abria uma clareira embaixo para depois o helicóptero descer. Ele operava com machado, moto serra, carpintaria... Fazia tudo. E a maior parte eles eram analfabetos, excepcional índole. Marabá já tinha tido algum garimpo no passado. Já tinha os castanhais, já tinha uma mão-de-obra um pouco viciada. Já havia um certo conflito de patrão-empregado. A Altamira eram pequenos proprietários rurais, era uma cidade sem tantos conflitos sociais, uma sociedade mais homogênea, mais pobre, mas mais homogênea. Não havia o senhor da terra, não havia o senhor da castanha. Havia os seringalistas. Nos seringais havia um certo conflito... Você tinha aquela mão-de-obra submetida ao senhor do seringal. Mas em Altamira nós contratamos mão-de-obra excelente, talvez tenha sido a melhor mão-de-obra que nós tivemos em toda a vida de trabalho na Amazônia, foi talvez essa inicial da Meridional com a turma de Altamira. Sem vícios, muito aberto, muito honesto e se adaptaram de uma maneira espetacular. Você tinha a estrutura do campo, você tinha um staff, que eram os geólogos, os pilotos de helicóptero ou de avião que ficavam no acampamento e os mecânicos do helicóptero. Esse é o staff. Depois você tinha também, aos poucos, começando a contratar os enfermeiros. Tinha essa dificuldade para enfermeiros. Depois vieram os radioperadores também para operar. No começo, não tinha radioperador. Depois se passou a trabalhar com telégrafo, para ser mais rápida a mensagem. Então aquele telégrafo convencional do Morse, né? A mensagem era muito mais rápida de se passar, não ficava dependendo só da telefonia. Então você também tinha o radioperador. E começou a ter no início o enfermeiro que virava administrador. Era um misto nos acampamentos pequenos. Virava o chefe da administração do acampamento.

P/1 - O próprio enfermeiro.

R - O próprio enfermeiro ele tinha esse misto. E muita coisa era improvisada, era inventada. Muita coisa foi feita errada. Coisas que se hoje a gente fizesse, do ponto de vista ecológico, era um crime, né? Sair para caçar, matar jacaré por farrá. Isso a gente fazia no começo. Hoje seria um

crime hediondo e naquela época se achava que era uma farra natural fazer isso. Do ponto de vista da estrutura, alguma coisa... Aos poucos a estrutura social do acampamento foi se adaptando. Começamos, quando chegamos à descoberta de Carajás, a equipe toda... Cozinheiro também era outro nível intermediário fundamental, tinha o cozinheiro, o ajudante de cozinha, os capatazes, três ou quatro capatazes no acampamento e os braçais. E no início da descoberta de Carajás, a equipe não tinha vinte pessoas. Eram três geólogos, dois pilotos de helicóptero, nenhum mecânico, um piloto de avião que ficava um pouco com a gente e um pouco fora, e cozinheiro. Não tinha enfermeiro no começo. A gente mesmo fazia enfermeiro. No tempo do Xingu, aconteceu até um fato interessante. Nós fizemos um acampamento próximo a uma pequena vila do seringal, mas um pouco afastada. No acampamento tinha o barraco dos braçais, outros fizeram tapiri. E alguém do Rio ligado à administração deu a idéia... Como era época que não chovia, não precisava de cobertura. Surgiu uma tal de rede selva, que era feita de náilon, na época era novidade. Ela tinha a parte de baixo de náilon, uma cobertura de náilon e mosquiteiro lateral. E não era uma rede convencional que é agradável dormir. Era daquela rede tipo americana que fica reta. Só que aquilo, se você se desequilibrar, ela vira de lado. Para desvirar, era um sacrifício porque se você fizesse força demais revirava do outro lado, como desenho animado mesmo. (risos) E alguém deu a idéia brilhante de, para economizar ponto de apoio da rede, fazer um ponto de apoio central e colocar as redes radiais. Existe fotografia com esse acampamento também. As redes radiais. Só que quando acontecia de alguém se mexer e virar a rede, e ele ficar tentando se desvirar, ficava balançando o esteio central e todo mundo balançava junto. (risos) Acontecia também na pista e pasto. Tinha uns cavalos do seringal, que ficavam ali e, às vezes, à noite, andavam... Ali é espaço deles. E vinham se coçar no esteio e você acordava com aquilo balançando à noite. Você dormia naquela rede com revólver dentro. Eu dormia com 38 no meio das pernas. De vez em quando, o 38 amanhecia no pescoço, no... Os primeiros tempos foram bem difíceis porque, no lugar de usar a tecnologia de alguém da região que já estava acostumado, a gente usou a tecnologia de alguém do Rio de Janeiro que deu a brilhante idéia de que tinha que ser daquele jeito. Uma tecnologia mais de gringo, do cara que lê o manual, vê um catálogo: "olha, isso aqui vai dar certo". A melhor forma de cobertura não era de lona, era de palha porque ficava muito mais fresco dentro. O chão era terra. Quando já em Carajás, a gente conseguiu o primeiro chão cimentado, um já ia avião grande, um escritório de alumínio. Não era para dormir, era só para trabalhar. Aquilo foi um progresso fora de série, você ter uma área limpa, que o papel caía no chão e não sujava. E você, quando passou a ter rádio, mandava um relatório diário para o Rio de Janeiro, para o Tolbert. Foi bolado um sistema de informação do que tinha sido feito. E chegamos em Carajás, no auge do início da pesquisa em 1968, a ter 250 homens. Em junho de 1967, em junho de 1968, quando nós completamos um ano de operações de campo. Nós começamos em junho no Xingu e quando foi em 1968 nós estávamos em Carajás. Aí convencemos o Tolbert a dar uma festa para comemorar. E isso é tudo fotografado. É interessante você ver as fotografias porque você não acredita... Se tivesse vídeo, então teria sido fabuloso. Foi interessante porque a minha segunda filha... A primeira filha foi planejada, totalmente planejada, porque nós tínhamos que fazer... Tinha época de férias na ICOMI... Na viagem, a minha mulher não podia estar com menos de três meses para viajar que era perigoso e não podia estar com a barriga muito grande. Então planejamos ela viajar com três meses. Foi tudo no figurino. A produção toda planejada. A segunda não. Como eu vivia em Carajás, a minha folga eu fazia com a tabela. (risos) Quando o Tolbert resolveu fazer aquele vôo de geofísica e eu não sabia... Eu cheguei no acampamento à tarde, de helicóptero, e estava um aviso lá que era para eu ir para Belém fazer um vôo com ele. Eu fui no período fértil e minha mulher ficou grávida. Minha mulher ficou grávida da filha que mora comigo ainda, a Tânia, que é mãe da neta que mora comigo e que está nas fotografias... A neta mais velha. Então, se não fosse esse vôo, não existia essa neta, não existia a filha. E depois quando houve aquela _____ no auge, quando essa filha foi nascer eu não conseguia ficar junto a minha mulher. A primeira eu estava junto porque estava em Serra do Navio e não teve problema nenhum. Essa o Tolbert me quebrou o galho, no período que era para nascer, me arrumou um trabalho aqui no Rio para eu ficar de prontidão no Rio uns 15 dias e no fim de semana ir para São Paulo na data prevista para que eu pudesse estar em São Paulo. E, na data prevista, eu fui para São Paulo numa quinta-feira e era para nascer no máximo na sexta e não nasceu. Na sexta à noite, vinha um técnico de sondagem dos Estados Unidos, de uma empresa. Ele pegou um avião no Rio e eu vinha de São Paulo, pegava o mesmo vôo, e a gente ia se encontrar em Belém para no dia seguinte ir para Carajás. Se eu não viajasse nessa noite, esse cara ia ficar perdido, porque não ia ter ninguém para encontrar com ele. Ele ia chegar em Belém e não tinha ninguém. E eu saí de Belém, de São Paulo, na sexta-feira à tarde e na madrugada de sábado a minha filha nasceu, a Tânia. Eu só vim conhecê-la um mês depois quando que eu fui para São Paulo. Um mês depois. Então ela teve dois incidentes que complicaram. Acho que foi no dia 26 de junho ou alguma coisa, nós fizemos um diploma para entregar para todos os pioneiros que tinham um ano de trabalho e fizemos um dia de comemoração. Foi a segunda vez que entrou bebida em Carajás. A primeira vez foi no natal de 1967. O Adão foi buscar em Marabá a cerveja e, como não tinha geladeira, ele veio bem alto para a cerveja não esquentar. (risos) E fizemos a primeira comemoração em Carajás. E o outro, nessa festa, fizemos um dia de comemoração com vôlei, futebol, corrida, corrida de saco e a peãozada toda, 250 pessoas se divertiram como se fosse criança. Um negócio impressionante. Não tinha mulher. Teve bebida, feijoada, churrasco, etc. Ninguém brigou, não teve nenhum incidente. O pontapé inicial o Tolbert saiu do acampamento, foi até o campo de futebol que ficava a 50 metros, de helicóptero. Desceu no meio da pista e deu o pontapé inicial com helicóptero do lado (risos), como se estivesse em pleno Maracanã. E o campo era de piçarra, não tinha nada, não era terra, era aquelas pedrinhas de ferro. Você só tinha um problema, não podia cair. Porque era impossível você cair e não se machucar. Então a pior coisa que podia acontecer no jogo era você cair. E já havia dois times de futebol que, por coincidência, são os nomes que existem até hoje, mas eles nem sabem que existiam esses times. Um era Carajás e o outro era Serra Norte.

P/1 – Já naquele tempo...

R – Um era do staff e o outro de peãozada. Logicamente, nesse dia, o time do staff ganhou de dois a um. (risos) Eu era um dos piores jogadores do staff, mas nas peladas de fim de dia... Todo fim de tarde, a gente chegava do campo às 17h00 horas, você jogava até mais ou menos 17h30, 18h00 horas, que escurecia. Para descarregar o estresse, carregar a adrenalina. Tinha aquela partida de futebol diária, de vôlei ou alguma coisa assim. E as partidas eram 15 a 8, pelada mesmo. E tinha um jornalzinho. O Raimundo Albuquerque, que eu comentei que era o mecânico fazia o jornalzinho de lá. E no final do jogo ninguém lembrava quem tinha marcado. Então alguns lembravam. O saldo sempre ficava ali... com o gerente do projeto. Eu era artilheiro em todos os jogos porque o saldo que sobrava era o meu. (risos) O interessante também, eu não estava nesse dia, mas em Carajás, quando acende as clareiras, tinha muita anta nas lagoas. Muita anta. É impressionante. Você voava de helicóptero e vê um bando de antas. É um bicho calmo. Até o próprio local, que nós pousamos na N4 uma vez, é um brejo seco, um lugar que as antas deitavam. Ficou aquele... Onde helicóptero pousou da primeira vez. Não tinha anta nenhuma mas era onde elas deitavam quando tinha água. E um dia surgiu em pleno jogo de futebol. Entrou uma anta no meio do jogo. Atravessou o campo de futebol com o pessoal jogando bola. E o (Rideque?) que era muito brincalhão, aquele geólogo que tinha se formado nos Estados Unidos, colocou um quadro de aviso que era proibida a entrada de

antas durante as partidas de futebol. (risos) Na beira do campo tinha esse aviso. A gente passava o dia-a-dia formando uma comunidade. Tinha uma pracinha... Não era uma pracinha, um lugar perto dos banheiros, com uns banquinhos. Então um ficava empinando pipa, no final de tarde, um braçal. Entre o futebol, o banho e a janta, era a hora da descontração, cada um contava uma história, um caso. Depois da janta, o staff... O pessoal que não era do staff, enfermeiro, mecânico e piloto iam jogar baralho invariavelmente. E depois, o pessoal dos geólogos ia fazer relatórios, do que tinha sido feito e ficava até dez horas da noite trabalhando. O acampamento era separado em quadro geral. Tinha um barraco para os capatazes e cozinheiros. Eles ficavam de um lado do acampamento. E tinha um barraco para os pilotos, mecânicos e geólogos. E a administradora do acampamento separado. A gente tinha sempre no mínimo quatro barracos. Dois para o pessoal, um para cozinha e refeitório e um para escritório.

P/2 – E as folgas eram revezadas?

R – No começo era muito espartano. No tempo do Tolbert era padrão de segunda guerra. Não tinha folga de campo. A gente trabalhava um mês, quatro semanas, e depois passava uma semana trabalhando em Belém, no escritório em Belém. Então a folga não era folga. Você passava dois fins de semana em Belém e uma semana trabalhando no escritório, inclusive nos sábados se trabalhava naquela época até meio-dia. Depois aos poucos foi tendo uma conquista, mas nunca chegou a ser algo espetacular. Na Petrobrás chega a ser um por um ou três por três. Nós chegamos, no máximo, a quatro por um. Trabalhava quatro semanas e daí era uma semana de folga, mas já não era no meu tempo de campo. Isso aí foi uma conquista... As conquistas que se teve no trabalho de geologia na Amazônia, da Meridional até chegar na Docegeo, foi essa forma de campo regularizada de ser quatro por um e conseguir helicóptero com duas turbinas, com maior segurança. Foram as conquistas que se teve e que alguns depois, mais novos, começaram a achar que... Queriam usar monomotor. “Vocês não sabem o que custou a gente ter esse ponto e vocês agora querem rejeitar o que foi conquistado.”

P/1 – A sensação é que foi uma conquista mesmo, o conhecimento...

R – Era uma conquista porque não havia nada. Na Meridional aconteceu uma coisa absurda. Já vou falar o que não devia, mas deixa para lá. (risos) Quando eu cheguei na Meridional, eu não sabia como era a estrutura da Meridional. Eu vinha de uma companhia muito bem organizada, que era a ICOMI, onde você falar com o gerente lá já era uma coisa só em festinhas etc. Mas trabalho se falava com o superintendente e não com o gerente. Havia no departamento uma hierarquia rígida. Embora todo mundo fosse amigo, convivesse tudo junto, mas durante o trabalho havia uma hierarquia rígida. E se um diretor da ICOMI, o próprio Antunes, ia visitar lá, normalmente o departamento quando muito via de longe, mas não chegava nem perto. Quando eu vim trabalhar na Meridional... No primeiro dia que eu vim trabalhar no Rio, no dia seguinte a gente foi para Belém, eu estou na fila do elevador... Chega um que é amigo meu até agora. Outro dia eu fui nas bodas de ouro dele... Nilton Resende, que o era vice-presidente da Meridional. Tinha um vice-presidente brasileiro, que era uma figura sem muito poder de decisão, mas que cuidava de toda parte do dia-a-dia da empresa na realidade. O americano ficava mais no clube americano. Ia jogar golfe e tal e ele que cuidava do dia-a-dia da empresa. Era uma grande figura humana, engenheiro de minas de Ouro Preto. E o Tolbert me apresentou ao vice-presidente. Eu me lembro que eu liguei para minha mulher à noite falando que ia para Belém no dia seguinte e falei para ela: “Imagine, que eu fui apresentado ao vice-presidente.” Que para mim era coisa que na ICOMI eu nunca tinha visto isso. Tinha uma estrutura muito menos hierarquizada. Daí nós fomos para Belém para antes dar aqueles sobrevoos que eu falei que a gente fez em Carajás... E ficamos no Grão Pará, que era o único hotel de lá. E todo mundo enchendo a cara ali. Daí o Nilton Resende chega para mim e fala: “Você toma muito cuidado na Meridional com a sua prestação de contas, porque o caixa da empresa não merece confiança.” O vice-presidente fala para mim que o caixa não merece confiança e não manda embora. Não entendi nada mesmo por que tinha acontecido aquilo. O que era... A estrutura da empresa era paralela a Pittsburgh. Então o vice-presidente... Quem podia mandar embora o caixa era o diretor financeiro. O vice-presidente não podia mandar embora. Então, se o diretor financeiro não quisesse mandar o caixa embora, não ia embora. Eu não sei se ele era desonesto ou não, mas era trapalhão. E aquilo fez com que tudo o que eu fizesse na Meridional eu tirasse uma cópia para mim. E o que aconteceu... Nós trabalhávamos naquela época... Foi aberta uma conta em meu nome em Belém e eu pagava tudo com essa conta. A conta da Meridional, mas eu tinha que assinar uns cheques. Quando eu ia para o campo eu deixava com a pessoa, deixava no escritório, alguns cheques assinados em confiança. Era o único jeito. Só eu assinava os cheques e pagava tudo quanto era recibo. Nós não tínhamos registro de pessoal. Imagina se tivesse morte, acidente, hoje o problema que seria. Era tudo desse jeito. Trabalhava com 250 empregados, tudo contra-recibo. Eu falava: “Tolbert, se eu quisesse ficar rico, eu ficava rico.” Era só arrumar 20 empregados fajutos aí e embolsar o dinheiro todo dia. Era tudo contra-recibo. Ninguém sabia se o empregado existia ou não. Era só na confiança do Tolbert comigo. Quando começou a regularização com a Vale, já em 1969, no fim de 1968, quando começaram a fazer o levantamento das contas para entrar no capital da nova empresa e para a Vale entrar com a parte igual. Tudo aquilo virou capital. Eles me fizeram uma cobrança que eu estava devendo para a empresa, que eu devia não sei quanto. Era igual ao valor de passagens de avião. E só aí que eu descobri que toda operação da Meridional, durante um ano e meio, foi registrada na empresa como adiantamento de viagem em meu nome. Não havia contabilidade nenhuma na empresa. Sabei tudo como despesa de viagem do geólogo branco. Um ano e meio de operação pagando helicópteros, avião, pagando tudo. Era uma despesa na época que chegava a... Para hoje seria barato, mas na época não era tanto. Chegava a quase 800 mil dólares na época. Hoje seria irrisório, mas na época era quase um milhão de dólares. Estava como despesa. Eu fiquei preocupado com Imposto de Renda, com coisas desse tipo, mas me garantiram que não tinha problema nenhum e felizmente eu tinha... Eu fui ver o que era. Umhas passagens que eu tinha usado e não havia dado baixa. Felizmente, não houve problema nenhum. Mas que às vezes esse papo com o vice-presidente... Então a estrutura da empresa era muito simples, muito primária do ponto de vista de... Meridional no início. E no campo era tudo muito simples também. Não tinha grandes atividades burocráticas.

P/1 – Você não tinha uma experiência acumulada, helicóptero vocês aprenderam...

R – Tudo foi aprendendo, o braçal. Você contratava até, por exemplo, quando nós chegamos no Cinzento e o grande problema era carne porque o pessoal... Tinha duas coisas do acampamento que era essencial: farinha... Que houve a guerra de farinha no Henry Ford. Um dos levantes que houve na Fordlândia foi por falta de farinha de mandioca. Houve no Trombetos uma guerra da farinha no tempo do ____ porque faltou farinha. E nós também tivemos um pequeno problemas lá nesse sentido. Muito pequeno. Então carne e farinha eram essenciais para a alimentação do

peçoal. E nós conhecemos, quando estivemos no Cinzento, passaram por lá dois caçadores. Eles foram saindo de Marabá só com sal e farinha e iam caçar para pegar pele de onça para vender e tal e comiam só caça. Passaram comendo caça com farinhas um mês, dois meses. Daí eu conversei com eles se eles não queriam trabalhar com a gente para ser caçador. Tinha muita caça na região, porco-do-mato, veado, cotia, carnes que podiam ser usadas e para população era essencial. Você não tinha como não ter carne, então a caça era realmente uma alimentação. E nos primeiros anos nós contratamos. Chegou lá no final do ano, na época da chuva, o avião do Adão foi para Marabá buscar farinha e deu quatro dias de chuva que ele vinha e não conseguia pousar e voltava para Marabá. E acabou a farinha no acampamento. Os caras chegaram no meu escritório lá e falaram “Doutor, dá as contas que nós vamos embora.” “Mas por quê?” “Porque não tem farinha.” “Você está vivendo no acampamento com todo apoio, com tudo, ganhando dinheiro, fazendo o que faziam antes e vocês vão embora... Espera pelo menos o avião chegar.” “Não precisa, não. Dá a nossa conta.” Paguei, eles pagaram e foram embora.

P/1 – Porque não tinha farinha.

R – Não tinha farinha. Entraram no meio do mato e foram embora com a maior naturalidade. Mas voltando ao Xingu... Eu ia contar um caso. Eu não sei como fugiu... Então nessa estrutura você chegava lá no acampamento, um incidente que aconteceu interessante. Uma noite, veio me acordar na rede: “Por favor, doutor, tem uma criança nascendo.” Então para eles aquele negócio de chamar engenheiro de doutores que é um anacronismo tremendo, é a cultura quem traz. Doutor para ele é doutor. Doutor tem que fazer parto e tudo. Fiquei apavorado. Cheguei lá... “Como é que eu vou fazer um parto? Nem sei como é que é. Como eu vou fazer um parto?” “Não, o senhor tem que fazer. A mulher está passando mal.” Daí tinha um capataz meu, abaixo do Feliciano, o Chico, e ele já tinha feito o parto da esposa. E naquele rebuliço todo ele falou: “Pode deixar que eu faço o negócio lá.” Mas era esse tipo de ambiente que você vivia. Depois quando nós fomos para Carajás você não tinha mais contato nenhum com pessoas, você tinha em Marabá quando ia... Aí, em Marabá nessa época o relacionamento foi... O solteiro deitava e rolava. Não tinha, as poucas... Marabá tinha mil habitantes; o cara geólogo, chegando de helicóptero. Na época o homem estava pousando na lua, era o astronauta, tudo o que voava era importante. Então você chegava de helicóptero, os pilotos da velha guarda, todos eles zoneiros. Piloto, casado ou não, estava acostumado a viver na zona, porque o cara vive sempre viajando, né? Metade em Marabá quase era zona, zona boêmia. O cara chegava e a primeira coisa era dar um rasante na zona para avisar que estava chegando. Ficava voando em cima das casas, fazia tchau etc. Então essa era a vida. Você chegava, descia na cidade, normalmente Marabá tinha um campo de pouso que ficava do outro lado, não tinha ponto do outro lado em Itacaiúnas. Onde é... Tem a Nova Marabá, tem a Marabá Nova e a Velha Marabá hoje. Tem três cidades, uma que nasceu, foi planejada, que fica junto à velha; e tem uma que cresceu junto ao aeroporto, ao lado da transamazônica. Então o helicóptero ficava no aeroporto, mas ele normalmente pegava um lugar limpo na entrada da cidade, deixava a gente e depois ia pousar no aeroporto. Aí você descia e toda a garotada da cidade já tinha ido ver o helicóptero pousar. Aí você via em um trecho de 500 metros, um quilômetro para chegar na pensão e aquela procissão de garotos atrás de você. Parecia um astronauta que havia descido naquele meio. Isso dava um poder falso na cidade. Você passava um poder que não tinha na cidade, convivia com os coronéis, com aquele pessoal todo. A cidade é... Apesar de ter uma violência dos coronéis e tudo. O próprio Demostino, que autorizou a gente entrar no castanhal. Uma vez encontrei com ele na cidade para conversar comigo e ele parou o jipe no meio da praça, no meio da rua. A cidade era pequena, mas tinha guarda de trânsito, aquele negócio todo. Parou e formou uma fileira de três, quatro carros que, para Marabá, na época, era um congestionamento. E os caras começaram a buzinar atrás; outros coronéis estavam impedidos. Daí o guarda de trânsito veio assim muito apavorado: “Doutor Demostino, o senhor poderia colocar o carro um pouco para o lado para os outros poderem passar por ali”, com muito jeito assim. Ele pegou, tirou o revólver para fora e falou: “Olha, mostra isso aqui para eles e se alguém está com pressa manda vir falar comigo.” (risos) E não tirou o carro do meio. Então essa era a cultura. Na ocasião em que a gente estava mudando para Grande Praia, que era aquele acampamento em Tocantins... Eu saí com Aguiar em um helicóptero pequeno. E lá, com um pouco de folga, nós resolvemos almoçar em Marabá para comer uma comida diferente etc. Então saímos de manhã de Buritirama, pousamos em Marabá e à tarde a gente ia para Grande Praia. Daí tinha havido acho que até comentei com vocês esse incidente já. Tinha havido um crime na cidade. Tinham matado o irmão de um dos chefes da cidade, de um coronel de lá. Era um cara que convivia com a gente na pensão. Os coronéis lá não eram coronéis. Eram coronéis para Marabá. E a polícia, combinada ou não, tinha deixado o cara fugir, o assassino do irmão numa briga na zona boêmia à noite. Não sei se tinha razão ou não. E o cara veio então lá, todo de preto, inteirinho de preto, chapéu preto, camisa preta, calça preta, tudo preto, tenso, me convencer a alugar o helicóptero para ele que ele pagava para ir atrás do assassino para matar o cara. Era comum na cidade naquela época você encontrar pessoas sem orelha.

P/1 – Sem orelhas?

R – Sem orelha, porque quando um braçal ficava devendo dinheiro ou transava com a filha de alguém na cidade que o pai não queria ou alguma coisa assim... O cara contratava um pistoleiro para matar o outro. E às vezes o pistoleiro ou conhecia o cara ou tinha pena ou qualquer coisa assim e ia atrás do cara e... A ordem era a seguinte: “Você me traz a orelha do cara.” E, às vezes, o cara não matava, mas tinha que levar a orelha. Então cortava a orelha do cara e o cara sumia no mundo. E depois de alguns anos aparecia na cidade, mas sem orelha. Era um mundo... Era uma selva, uma violência com regras definidas. Diferente da violência de hoje, que é uma violência urbana sem regra definida. Ou seja, se você fosse contra o que era estabelecido naquela sociedade, naquela hierarquia de poder e tudo aquilo, você se dava mal. Se você vivesse de acordo, não tinha problema nenhum. Agora, hoje não. Hoje você está sujeito à violência urbana independente do que você faça ou deixa de fazer.

P/1 – Breno, eu queria que você contasse agora um pouquinho de como você passa para a Vale. Com é esse processo?

R – O que aconteceu... O Tolbert naquela época ele se indispôs com Pittsburgh e caiu fora. Quando ele saiu, havia um germe de geologia dentro da Vale. A Vale foi uma empresa sempre de engenheiro. Todas as grandes empresas de mineração começaram com geologia porque os outros países de mineração, tipo Canadá, Estados Unidos, Austrália e África do Sul, sempre tiveram um geologia muito forte. Então, ia a equipe de geologia procurar um desses países, tinha sucesso e surgia empresa de mineração, vinha o capital por trás etc. Mas a geologia sempre fazia parte da estrutura de poder dentro da empresa. A Vale não é uma empresa assim porque a Vale... Itabira surgiu historicamente, depois houve um acordo com o governo americano, um esforço de guerra que envolvia Itabira, e aquilo já começou com uma mineração. É uma mineração que não sabe geologia porque ia lá e no começo não precisava de geologia. Então ela começou a ter geologia sistemática mesmo.... Tinha um engenheiro

que fazia geologia mas não era geologia mesmo sistemática. Já surgiu quando formaram os primeiros geólogos e o Machado foi um dos primeiros geólogos a trabalhar lá. Antes, o engenheiro de minas fazia mineração e geologia. Então ela passou a criar um germe de geologia, já na década de 1960. Aí como já tinha um certo germe de geologia antes. Mas a Vale começou a ter mais geologia nesse período.

P/1 – Tinha um departamento para isso?

R – De geologia mesmo, sistemática, de fazer pesquisa, para fazer laboratório de larva... Isso era feito junto com a mineração. Não é que não havia geologia. Mas era uma geologia misturada com a mineração. Culturalmente é diferente. E aí havia a idéia de sempre. Surgiram alguns núcleos de se fazer um grupo de pesquisa não só em Minas, mas quem sabe em outros lugares, mas principalmente em Minas havia essa idéia de fazer um grupo de pesquisa. O Romeu, uma dessas pessoas, o Machado, geólogo, tinha essa idéia também e há outras pessoas que talvez eu não tenha conhecimento que deviam fazer parte desse grupo. Quando surgiu a comunicação no congresso de geologia em Belo Horizonte, em 1968, que foi tomado público a descoberta de Carajás. Aquilo foi uma sacudida na Vale. Quer dizer, a Vale estava deitada em berço esplêndido que as reservas eram inesgotáveis para aquele nível de produção daquela época. Não havia tubarão, a escala era muito menor de produção ainda. E de repente me surpreendi de ver um gringo com meia dúzia de geólogos ali. E descobre uma imagem daquela que estava dando sopa para quem chegasse primeiro. Então isso deu força para a Vale se tornar mais agressiva pelo menos na reposição de reservas de ferro. Não se pensava ainda em diversificar. Mas foi evoluindo, daí para diversificar. Surgiu, então... Foi um misto de tudo isso. A ida de um ex-presidente da Vale que, embora não fosse do quadro tradicional da Vale mas tinha sido presidente da Vale, a ser ministro, que foi o Dias Leite. E na política do governo militar de, nacionalista, descobrir as reservas industriais, de ocupação da Amazônia... Veio tudo no mesmo contexto. Quer dizer, havia um clima político favorável para a Vale ir para a geologia. Então resolveram criar esse grupo de geologia. A idéia foi ganhando corpo. Uma vez o Machado me visitando no tempo da Meridional em Belém... Eu fui mostrar como funcionava, pequeno, depósito de amostra, arrumadinho. Ele falou: “Ah, é isso que está faltando na Vale.” Quando ele falou aquilo eu falei: “Será que a Vale está pensando em ter um time de geologia que nem a Meridional?” E quando o Tolbert saiu, ele não se foi embora do Brasil. Ele foi procurado pelo Machado e talvez pelo Romeu. O Machado falou para o Romeu que o geólogo americano que tinha comandado Carajás estava disponível. E aquilo juntou o contexto favorável político. O país resolvendo criar... O governo resolvendo criar o CPRM, uma empresa do governo para fazer geologia no país. Diferente da LPM que fazia geologia, mas era um órgão mais de controle, de fiscalização. Então criou a CPRM. A idéia de criar o projeto Radam já estava lá, era o germe de criar. E a Docegeo a nível empresarial. Então veio, a nível institucional a CRPM e o projeto Radam para você dar condição de investimento em geologia e a nível funcional, a nível empresarial, junto à principal mineração do governo, criar uma geologia que foi a Docegeo. E a fórmula encontrada para poder contratar o Tolbert, que ia ser muito difícil colocar um gringo ganhando um salário equivalente a um diretor da Vale ou alguma coisa assim, foi de fazer um contrato. O Tolbert criaria a estrutura de uma empresa para fazer isso. Essa empresa seria contratada como subsidiária da Vale, controlada pela Vale, a Docegeo, para dar o pontapé inicial. E foi feito um plano trienal, de prospeção geológica, financiado pelo BNDES. Também foi uma forma para a Vale interessante porque ela captou recursos com juro baixo. Então a Docegeo passou um instrumento de diversificação da Vale e um instrumento também de captação de um certo investimento com juros favorecidos do BNDES. O objetivo inicial não foi estabelecido pela Vale. Ele foi estabelecido pelo governo.

P/1 – O governo que deu.

R – A diretriz inicial... Então qual era a diretriz inicial... A diretriz inicial era cobre e cromo. E daí surge o alumínio da Vale. Lá na Amazônia, desde meados da década de 1960, as grandes irmãs do alumínio mundial... Você conhecia a minério de alumínio na Jamaica, Guiné, na Austrália e no Suriname que era uma área de produção bem desenvolvida. Elas começaram a achar que na Amazônia brasileira também haveria a possibilidade de alumínio. E todas as grandes, Alcan, Alcoa, a Billington, começaram a fazer reconhecimento na Amazônia. Quase todos os lugares depois que a Docegeo entrou, a gente encontrava vestígios de pesquisa dessas empresas. Só que o objetivo delas nessa época era muito mais saber se tinha ou se não tinha. Muitos postos eles chegavam no minério e paravam porque não interessava saber quanto tinha. Só interessava saber se tinha ou não. E uma delas levou o programa mais a sério, que foi a Alcan, lá no Trombeta, já na década de 1960. Eu estava na ICOMI ainda e eles já estavam... Deve ter começado em 1965 por aí a pesquisa da Alcan e essa levou mais a sério e pegou uma das áreas melhores da Amazônia. Atrás disso, uma empresa grande, que atuava principalmente na Austrália, uma empresa inglesa mas que atuava principalmente na Austrália, a Rio Tinto, resolveu vir atuar na Amazônia. E ela veio com uma metodologia toda diferente porque a pesquisa de bauxita na Amazônia é feita através de uma morfologia específica, que cria aquela laterização em alumínio em zonas privilegiadas. Uma rocha que ao longo do tempo cria, com a atuação de intemperismo, aquelas concreções de bauxita na superfície. Quase todo lugar cria concreções de ferro e de laterita gelatinosa e, em alguns locais, a laterita luminosa também que é a bauxita. Ela, além disso, tinha desenvolvido uma técnica não sei se na Austrália ou onde... Usar uma geofísica, uma cintilometria, onde havia mais alumínio dava uma resposta diferente. Eu não sei direito como é que funciona esse método, mas eles usaram isso. Eu sei porque os pilotos que voaram com eles dizem que eles levaram o aparelho dentro do avião e selecionaram as áreas. De repente, quando já estava o embrião de criar a Docegeo e eu estava me segurando. O Tolbert falou: “Não. Aguenta mais um pouco na Meridional, que você vem trabalhar com a gente na Docegeo.” Quando já estava o embrião de criar a Docegeo e eu estava me segurando. O Tolbert falou: “Aguenta mais um pouco na Meridional que você vai trabalhar com a gente na Docegeo na terra sede, na Vale, onde você trabalha”. Surge em Belém no início de 1971, em setembro, outubro, ele saiu. Em 1971 surge anúncio em Belém procurando geólogo.

[troca de cd]

R - Eu já estava aborrecido na Meridional, o Tolbert não se definia se ia sair ou não do emprego, eu mandei meu currículo. E o geólogo Antônio Zine que trabalhava comigo na Meridional, gaúcho, ele tinha vindo de férias, as famílias ficaram amigas, ele estava sem casa, estava morando em casa. Ele com a esposa estavam hospedados lá em casa em Belém. Eu falei ao Zine: “Vamos mandar o currículo, eu não sei se a Meridional vai acabar ou não.” Ele falou: “Vou mandar também o meu currículo.” E nós dois fomos selecionados. Na ocasião...

P/ - Só um minutinho, eu vou trocar a fita.

P/ - Ai, a história do currículo...

P/ - Na ocasião...

R - Estava na criação da Docegeo e estava no currículo... Bom, na ocasião, então não havia outro emprego atuando em Belém, fora a Petrobrás, a Codin e a Meridional. E de repente surgiu uma nova empresa lá. E nós não sabíamos o que ia acontecer com a Meridional. A gente estava mais ou menos inseguro, o Tolbert havia saído. Vai fechar, não vai fechar a área de geologia? E a gente resolveu ficar mais agressivo e procurar alternativas. E para surpresa, nós fomos selecionados. Veio um inglês lá num hotel bom em Belém para a entrevista... E o meu salário na época seria equivalente a mais ou menos, a mais ou menos mil e duzentos dólares na época. Era três mil e alguma coisa. Era três mil e alguma coisa. Ai, não sabia onde ia trabalhar ainda. Nós não sabíamos nada onde essa empresa... O que ela ia procurar, não tinha notícia ainda. E eles resolveram contratar o Zine como geólogo e resolveram me oferecer para me contratar como gerente, como chefe da equipe deles lá onde trabalho. Me ofereceram mais ou menos o dobro que eu ganhava. Foi seis mil e oitocentos e alguma coisa. Devia dar quase três mil dólares. Era um bom salário na época. Na época era um bom salário mesmo. E fiquei vibrando lá, vibrando, mas nisso o Tolbert me garantiu que ia sair e o Zine saiu e foi trabalhar. O Zine continuou depois nessa empresa para fazer recursos na Austrália, etc. Chegou a diretor da empresa aqui no Brasil da Rio Fênix que era a Docegeo da Rio Tinto aqui no Brasil. Ele depois acabou saindo da empresa. Interessante, que ele, o fato de estar na minha casa fez com que ele tivesse uma carreira diferente. E eu daí, tive garantia do Tolbert e desisti do emprego e depois fiquei sabendo então que era bauxita que eles haviam descoberto na região de Paragominas, totalmente fora do eixo de bauxita da Amazônia, que estava toda ao longo do Rio Amazonas, na região de Almeirim, de Juruti, perto de Santarém e principalmente em Trombetas onde a Alcan estava atuando. Então, foi uma surpresa. O que aconteceu com isso? A entrada dessa empresa, uma coisa nova aconteceu com a Alumínio, que aconteceu com a Steel em ferro... Uma empresa vem de fora e descobre uma área importante e a Docegeo sendo criada... Não sei quem decidiu dentro do governo, mas veio uma instrução para a Docegeo, eu não participei dela mas um geólogo participou e me contou como foi, de requerer todas as áreas disponíveis em Paragominas que haviam sobrado. Aquela área não tinha radar, não tinha fotografia, tinha algum do exército americano, na época da guerra, eles fizeram um levantamento bom e fez alguns mapas da região que daria para você selecionar alguns platôs, onde podia ter bauxita. E essas áreas, então, a Docegeo estava começando, foi no segundo... A Docegeo tinha dois ou três meses de vida e recebeu ordem para requerer essas áreas. Essas áreas foram requeridas pelo grupo CBA e pela Vale. A ordem que veio de Brasília, não sei dada por quem, foi feita e quem acompanhou o processo foram oficiais do serviço secreto da marinha. Esse homem que participou ficou numa sala com o oficial do serviço secreto da marinha fiscalizando enquanto selecionava as áreas para serem requeridas para a Vale. Então, essa foi a entrada, ou a pré-história da Vale Alumínio. Ninguém na Vale pensava em entrar em alumínio, quer dizer, no Brasil não havia produção de bauxita na Amazônia. Existiam grupos que atuavam aqui; Alcoa, Alcan e a CBA, o Ermírio de Moraes que atuava em Poços de Caldas e em Ouro Preto que eram áreas de produção de minério de alumínio. E na Amazônia tinha a Alcan era a única que estava levando as pesquisas mais adiante, que era a Alcan. E a Docegeo, então, foi incubida, foi colocada com prioridade também para a Docegeo, além do cromo que era principalmente na Bahia, o cobre que era na Bahia e na Amazônia e em qualquer lugar do Brasil, foi colocado também, o alumínio na Amazônia como objetivo de pesquisa.

P/ - Por que também o cobre e o cromo? Qual era a importância...

R - Porque, na época, como estava com o preço muito bom para exportação, havia uma busca, principalmente, do mercado japonês, mercado americano para cromo. E conhecia as reservas boas na Bahia e com possibilidades de haver outras descobertas como realmente aconteceram depois. Não pela Docegeo mas por outras empresas na Bahia na descoberta do cromo. Hoje já não tem importância estratégica que tinha naquela época. E o cobre, que depois do petróleo, era o principal item mineral na pauta de importação. E havia projeções na época, ainda não havia fibra ótica, que a tendência de crescimento do consumo de cobre no Brasil era muito grande. Então, o Brasil ia ficar muito dependente da importação do cobre. Depois com a fibra ótica, o cobre continuou importante mas não tanto quanto era as projeções do início da década de 1970. Então, o cobre era prioridade, prioridade número um nossa era cobre. E isso por que se aprendia na escola que o Brasil não tinha cobre. O que você aprendia na escola era que a evolução geológica do Brasil, os modelos e associações de cobres existia... Havia na Bahia que era aquela descoberta mas era um tipo de rocha com um outro grau de metamorfismo que não dá as grandes jazidas de cobre, etc e tal. Que associação para as grande jazidas de cobre no Brasil já haviam sido erodidas. Isso eu aprendi na escola, nos cursos de geologia. Então era assim... Você procurava alguma coisa, a única coisa que você tinha aprendido é que não existia. O geólogo já procura uma coisa que não perdeu porque se você procura uma coisa que você perdeu é difícil. Você já procura uma coisa que não perdeu. Agora, se você procura uma coisa que não perdeu e falam que não existe, é uma coisa mais complicada ainda. (risos) E continuando a história do alumínio pegando um gancho, então, o que aconteceu? Nessa época, o ministro já era o Dias Leite e isso ele pode contar muito melhor do que eu. Eu não participei, só o que eu li, o que me contaram e foi feito... O Japão, com o primeiro choque do petróleo em 1973, ele ficou com um problema energético sério, porque o Japão importava energia e matéria-prima. E entrava com mão de obra e tecnologia. Então, um país que depende de petróleo e depende da... Você introduziu a queimar petróleo, ou carvão, ou gás para fazer energia elétrica. 50% do preço do alumínio é energia elétrica e um período de crise energética, então, a indústria do Japão, a siderurgia, mas principalmente, do alumínio que é eletro intensiva, ela começou a verificar que não ia ficar competitiva. E o Japão tomou uma decisão drástica de fechar suas plantas de alumínio. O Japão já era um grande produtor de alumínio e procurar alternativas junto aos países que fossem produtores de minério e que tivessem energia barata. Tipo, a Austrália, tipo Venezuela, tipo Brasil. E foi feito esse acordo, então, dada às ligações que a Vale já tinha com o Japão em minério de ferro, dada às ligações que o ministro que tinha sido da Vale tinha... O professor Dias Leite vai poder contar muito bem isso. Então, houve um acordo para que o Japão entrasse na indústria de alumínio, aproveitando as jazidas da Amazônia porque as o sul já estavam controladas por essas empresas e eram de porte pequeno e usando a Vale como sócio por ser uma empresa do governo. E para isso, havia a necessidade de viabilizar a produção de energia. Então, surgiu de um lado, a adição de governo em construir Tucuruí, inicialmente com a participação japonesa e depois totalmente brasileira com apenas algum empréstimo japonês. E do outro lado, a Vale viabilizando reservas de alumínio, para junto com o capital japonês, construir uma planta de alumina que é o produto intermediário que sai do óxido bruto que a bauxita para o óxido puro que é a alumina sem impurezas, sem óxido de ferro, sem nada. E da alumina chegar a planta do alumínio onde você usa mais eletricidade produzindo metal. E voltado, principalmente, para exportação. Então, esse primeiro modelo, embora tenha viabilizado a entrada do Brasil entre os grande produtores mundiais de alumínio, mas na realidade, a preocupação básica era para atender o mercado consumidor do Japão onde você está exportando energia e lingote de alumínio. Porque 50% de

lingote de alumínio é energia. Você está exportando energia sob a forma de lingote de alumínio. Então, é o preço que você paga por ser um país em desenvolvimento porque você não pode ter uma política própria, agressiva. Você fica numa política dependente e com erros e acertos, quer dizer, houve erros e acertos. Foi dessa forma que a Vale entrou. Inicialmente, a Alcan ia produzir bauxita para as suas plantas no Canadá, não era para a produção de alumínio local. E ia entrar a Vale com os japoneses usando a área que a Vale estava pesquisando via Docegeo. E nós já havíamos tido algum sucesso, tanto em Almeirim como Paragominas mas a idéia estava mais para o lado de Paragominas por ser mais próximo de Belém e mais próxima da futura planta. Então, essa foi a época da... Em termos de projeto, da porra louquice generalizada, quer dizer, você tinha pouca informação e qualquer idéia era possível. Então, foram feitos estudos de navegabilidade do Rio Capim para verificar se podia colocar a barcaça trazendo a bauxita de Paragominas. Foram feitos vários estudos, então, se pensava totalmente só em fazer a produção via Paragominas. Então, os primeiros japoneses que vieram, que vinham das empresas que iam participar da Alunorte, da Albrás-Alunorte com a Vale, os técnicos que vinham, vinham visitar Paragominas. Ninguém ia a Trombetas e nem outro lugar. Então, a primeira vez que foi... Quando é que foi com o embaixador do Japão no local que seria construída a barragem, o apoio foi dado pela Docegeo, porque a Vale em Belém, naquela região, a outra já estava praticamente fechada, já tinham terminadas as pesquisas, praticamente parada. E a Docegeo estava cuidando da infra-estrutura que a Vale tinha, dos helicópteros. Então quem deu apoio aos helicópteros da Docegeo, foi o Eck, que era o embaixador e até Tucuruí para fazer a primeira visita onde seria construída, etc. Então, a Docegeo estava muito próxima, desde o início dessas negociações todas. Mas isso começou então, no governo Dias Leite que foi criada a idéia base do alumínio em Amazonas e foi concretizada já no governo Geisel quando o ministro era o Eck e isso talvez tenha favorecido as negociações com o Japão e o Brasil. E quando, quem cuidou disso na Vale foi o diretor Eduardo Carvalho, que foi já um cargo político. Ele era do grupo do Delfim Neto e foi colocado na Vale como diretor de desenvolvimento para cuidar da área do alumínio e da área de desenvolvimento da qual a Docegeo fazia parte. Então, a implantação, se havia algum erro filosófico no início, aí na hora da implantação então houve acertos e erros. Houve algumas idéias, o Eduardo Carvalho ia muito a Belém, depois a gente teve uma certa intimidade de discutir projetos. Por exemplo, o Projeto Vale-Sul que foi colocada aqui, na época, para nós que estávamos em Belém, era um contra senso, porque você colocar um projeto de alumínio no Rio de Janeiro... Em uma área que você não tem minério, não tem energia. Energia é cara, então foi uma falta de contra senso. Por que isso, né? Hoje, até o projeto é mais ou menos viável, mas ele custou para sair do vermelho e ser viável, etc. Eu perguntei para ele: "Não sei, talvez eu não tenha informação, mas porque o Projeto Vale-Sul?" Foi simples, eu estava indo para o Japão para negociar com os japoneses e tinha dois inputs, uma pressão do presidente Geisel para a Vale para que arrumasse um projeto de impacto para o Rio de Janeiro para compensar o problema de fim do estado de Guanabara que tinha acabado, aquela negação toda. Então tinha que arrumar um projeto de impacto no nível industrial. E eu tinha que pressionar os japoneses que estavam fazendo corpo mole no financiamento da Albras e Alunorte. Então, no vôo para o Japão me veio essa idéia; por que não colocar uma planta de alumínio no Rio de Janeiro. Porque a gente atende uma coisa e assusta os japoneses. Isso ele me explicou. Essa foi a decisão, quer dizer, não houve nenhum estudo da economicidade, prévio, não. Foi uma decisão puramente política e colocaram. Talvez válida na época, a gente não pode questionar isso. Do ponto de vista empresarial, se a Vale, hoje, fosse implantar uma planta, dificilmente fosse colocar uma planta de alumínio no Rio de Janeiro. Mas na época, foi uma saída. Aí, começaram a primeira vez que o Eduardo Carvalho foi a Belém junto com a Docegeo para ter conhecimento, foi a primeira vez que Trombetas entrou no esquema. A Alcan teve alguns problemas lá de gestão de pessoal, entrou uma certa crise, etc. E resolveu congelar o projeto. E a Vale pensando em explorar Paragominas que era o objetivo inicial para a planta de alumínio. Tinha que viabilizar uma jazida para produzir uma planta perto de Belém. E nessa viagem foi a primeira vez que se passou o geólogo da Alcan que mostrou a jazida para nós e que começou a se pensar numa associação. Quando surgiu essa associação, embora a Docegeo queira continuar a pesquisa de bauxita em Almeirim e Paragominas descoberto algumas jazidas importantes, não tão boas quanto o de Trombetas, mas tem importância econômica, já havia perdido a importância estratégica, porque Trombetas já viabilizaria a planta da Albras e da Alunorte. Você já tinha uma fonte de alumínio. Então, nós começamos com Paragominas com a idéia de atender o mercado japonês e aí passou por Trombetas e... A função da Albras com isso viabilizado começou a construção da Albras lá no norte. E aí nessa parte, o Romeu deve ter dado uma aula sobre isso porque ele participou das negociações, inclusive, do dump que as empresas internacionais fizeram, que motivaram a paralisação da Alunorte. Porque o mercado de alumínio era caracterizado e você controlava a produção, a produção da alumina. Então, estratégico era a produção da alumina e de repente o mercado internacional baixa o preço. As grandes produtoras, principalmente, a Alcoa que estava instalando a planta da Alumar em São Luís, semelhante a da Albras. Ela passou a colocar no mercado alumina baixa, quase a custo de produção, que não esticaria... Para o japonês foi ótimo. Como o japonês queria só o lingote, não queria fabricar alumina e para o governo Delfim Neto que estava numa época de crise, na década de 1980, de falta de investimento, etc. Não era ótimo porque não ia fazer empréstimo etc e tal. Então, você aceitou a regra do dump. Quer dizer, eles abaixaram o preço, você comprava alumínio e produzia o alumínio. Não precisava... Daí a Vale ficou... A Albras ficou dependente. O Projeto Alunorte acabou ficou muito mais caro do que devia porque o projeto ficou interrompido. O custo financeiro foi lá para cima e, no fim, finalmente a Vale conseguiu viabilizar a Alunorte tornando ela totalmente independente, desde a produção do minério até a produção do lingote.

P/ - Nesse tempo, você estava trabalhando na Docegeo...

R - A Docegeo entrou aí de várias formas. Primeiro na pesquisa de alumínio, segundo porque ela era a Vale em Belém. Então, vinha, por exemplo, visita dos japoneses a Tucuruí. Quem fazia a logística, a Docegeo, quem participava era a Docegeo... Contatos com o governador do estado para autorização da planta quem viabilizava? A Docegeo alugava barco. Então, a Docegeo participou de todas as excursões como agente operacional em Belém por ser único representante da Vale em Belém. Por exemplo, eu participei de uma reunião, onde o Eduardo chegou comigo lá em Belém, falou: "Breno, você que mora em Belém, o que você acha da gente colocar a planta de alumínio em Mosqueiro?" Mosqueiro é um lugar próximo a Belém, a uns 80 quilômetros, que era... O veraneio do paraense era Mosqueiro. Era uma ilha, hoje chama Ponta, você ia só de barco para atravessar de balsa e lá é praia de rio. Então, paraense tradicional não ia ao mar, ia ao Mosqueiro que era uma vila já do começo do século, com casas, mansões etc e tal, era de lá. Então, se você colocar uma planta de alumínio aí de jeito nenhum porque... Hoje, talvez não sei se fosse tanto problema, mas naquela época era o... A coqueluche paraense era o Mosqueiro. Salinas estava começando, a praia de mar estava começando. Hoje, Salinas é importante. Fica a 200 quilômetros de Belém, não é? Na época, não se falava muito em praia de mar, era praia de rio. E nós resolvemos tentar. Eu acompanhei uma reunião, na época era o Aloísio, já falecido, depois foi senador da República... Era o governador do Estado e ele tocou no assunto. Ele simplesmente falou: "Se for para falar do Mosqueiro está encerrada a reunião." (risos) Daí surgiu a Vila do Conde que era outro local.

P/1 - Era o que, a Vila do Conde?

R - Vila do Conde era uma localidade perto de Barcarena onde era possível colocar navios para transportar minério e também não são navios iguais ao ferro. São navios menores de 30 mil, 40 mil toneladas no rio Tocantins, próximo a Belém, próximo a Barcarena. E aí foi feita uma visita, foi feito um show room, alugar um barco, levar o governador, televisão, lançamento do início do programa, onde está hoje a fábrica. Essas coisas estão todas documentadas em Belém, essas viagens com governador etc, as primeiras vezes, a pedra fundamental no início da Vale. Antes disso, houve uma outra queda de helicóptero por causa do alumínio, né? Antes de chegar o Eduardo Carvalho, estava em uma reunião em Belém de inauguração da CPRM em Belém, em um domingo de manhã, solenidade, coquetel, e foi o Eck foi nessa inauguração do prédio da CPRM. E foi um amigo meu até hoje ele está escrevendo crônicas para a revista e está com 77 anos, e continua amigo até hoje. Na época, ele era diretor da MPM, pessoa famosa. E acabou a solenidade ele falou: "Olha, Breno, você dá um jeito aí, hoje a tarde o ministro quer ver onde vai ser a fábrica da Albras." Eu falei: "Mas, eu não sei aonde é. Eu sei no mapa, mas eu nunca fui lá." "Não, vai ter um helicóptero da FAB que vai parar essas três horas lá na base aérea e leva a gente para lá." Aí, era meio dia mais ou menos eu saí com a minha mulher, procurei um amigo que tinha contratado a sondagem por lá: "Ah, tem um barracão com telha de alumínio, você vai ver de longe." E saí orientando o piloto: "Olha, vai nessa direção." Aí, de longe eu vi o barracão, falei: "É pousar lá." E no pouso, estava um vento muito forte ali na foz do Tocantins, a tarde bate muito vento, ele pegou uma turbulência na hora de pousar e perdeu a sustentação. E a gente ia cair dentro do rio e ia morrer todo mundo. Ele conseguiu dar aquela de pedal de 180 graus e pousamos. Pousamos não, em lugar de cair no rio nós caímos em terra, o helicóptero quebrou todo, mas não morreu ninguém, não teve acidente nenhum. Então, foi a segunda queda com o Eck. Nessa ocasião, que o Eck conversou comigo e falou que duvidava que Carajás tivesse sido descoberto por acaso, que aquilo era carta marcada dos gringos, que já estava tudo pré estabelecido, que ele só se lembra que foi feito.

P/1 - Ele disse isso? (risos)

R - É. Bem..

P/1 - Nessa época, você já não estava mais trabalhando em campanha?

R - Nessa época, tanto na Docegeo eu já entrei como gerente regional. Aquela função que eu tinha na Meridional, mas só que cuidando de uma estrutura muito maior. Então, a estrutura na Meridional tinha helicóptero, tinha um barco etc, nessa época nós passamos a ter uns quatro, cinco projetos grandes na Amazônia com vários gerentes de projetos e a estrutura é fabulosa. Tinha 20 barcos de alumínio, seis espingardas, dois helicópteros, 100 aparelhos de rádio. Então, uma estrutura muito pesada, muito forte e chegamos a ter no auge de Serra Pelada mil e 200 empregados, na Amazônia.

P/2 - E com sede em Belém?

R - Com sede em Belém. Então, a Docegeo toda tinha 2 mil empregados, lá em Belém chegou a ter um mil e 200 empregados no auge de Serra Pelada. É uma estrutura dada para a época totalmente absurda hoje, não é? Porque você dependia de tudo. Você dependia do seu transporte aéreo, do transporte fluvial, transporte terrestre com Jipe, pick-up etc, caminhão. Quando a Amazônia largou, acabou o projeto Carajás e ficou aquele hiato se começava ou não a produção do ferro... Foi, 1974 acabou, 1975, 1976 os gringos saíram, romperam com a Vale, a Vale indenizou e deu 55 milhões de dólares aos gringos pela saída e ficou sozinho, que foi um ótimo negócio. Indenizou a pesquisa feita e ficou só com a Vale porque a Steel não quis participar do projeto a não ser que o governo cuidasse da estrutura ferroviária e porto. Ela não queria cuidar do investimento ferroviária e porto para viabilizar o projeto, né? Porque o projeto Carajás inicialmente, ele ia ficar no vermelho eternamente. A coragem do Eliezer de fazer o projeto, quer dizer, foi dois lances definitivos na história da Vale: Tubarão e Carajás. Sem Tubarão a Vale não teria chegado aonde chegou e sem Carajás ela teria ficado. Ela não teria chegado, mas ficado porque ela não teria mais condição de expandir. Então, Carajás tem uma visão de enquanto se fizer alguma coisa com ferro no mundo Carajás vai ser imbatível em termos de concorrência. Tem qualidade e competitividade, e tudo. Então, essas duas decisões do Eliezer teve a coragem de implantar Carajás. No valor presente, ficava sempre no vermelho ali. Você não tinha como dar lucro. Ali, não tinha que se pensar só em retorno, mas sim em sobrevivência. Ou você faz e fica um pouco no vermelho ou você não faz e morre. É uma solução de sobrevivência. É como aquela: ou você nada e sobrevive ou você morre. Embora você não queira nadar. E, Carajás, então, nesse período, o que aconteceu? A US acabou e a Vale quis que a Docegeo absorvesse a estrutura de Carajás para administrar. Era uma estrutura pesada, era equipamento grande etc, equipamento de estrada, tudo aquilo. Então, nós passamos a ter lá moto niveladora, trator e tudo. A estrada tinha sido construída para Carajás, recém construída e estava sendo destruída, pontes caindo. Isso tinha mais ou menos 100 quilômetros até Carajás de estradas, que tinham sido construídas para Carajás, e a rodovia PA 150 da qual ela saía mais 100 quilômetros. Eram 200 quilômetros de estrada e o governo não estava cuidando. Então, várias vezes eu saí com o geólogo de pick-up percorrendo a estrada, geólogo que não era engenheiro, não era nada, e vendo bueiro, vendo estrada e colocando... Faz um remendo, tapa um buraco aqui. Quer dizer, fazendo manutenção de rodovia. Ainda nesse período, nós fizemos a primeira linha norte para Carajás, começamos com a Transbrasiliana. Então, quem ia inicialmente de avião para Carajás, de avião pequeno que a gente fretava, passou a ir de ônibus. A gente mandava uma viação comercial até Marabá e lá tinha um ônibus fretado. Esse ônibus depois virou linha. Hoje, é uma linha. A mesma companhia que foi contratada para a gente fazer frete esporádico... Então, a primeira vez que eu encontrei na estrada um ônibus com a placa Carajás registrada foi uma emoção grande. Quer dizer, quem viu tudo aquilo de repente um ônibus naquela área. Depois, quando surgiu Serra Pelada a gente convenceu a empresa TABA, que operava lá, a colocar uma linha regular. Antes era só vôo fretado. Então, eles passaram a colocar uma linha regular para Carajás. No começo, não tinha nenhuma de avião. Aí passou a ser Carajás... Hoje, pousa Varig, já pousou Vasp, já pousou TAM, já pousou todos lá. Agora, na época começou assim artesanal, de fundo de quintal e surgiu uma linha. Quer dizer, saía de Belém e aparecia no quadro de avisos "vôo para Carajás". Quer dizer, era um negócio... Hoje, você pega qualquer agência de viagem já aparece Carajás como uma cidade a ser visitada. Qualquer mapa de linha aérea tem Carajás. Naquela época, era uma coisa diferente. E para nós tinha um valor muito grande porque começou do pequeno, monomotor, e de repente estava pousando um boeing em Carajás. É um negócio emocionante, né?

P/1 - Esse período de 1970 até 1974, quer dizer, esse período do projeto, o que acontece em Carajás?

R - O que aconteceu em Carajás então... Aconteceu mais ou menos o que a minha relação que eu estou com a Vale agora. Eu sou Vale mas estou fora da Vale, quer dizer, eu sou um corpo estranho na Vale hoje. Eu tenho amigos lá dentro, mas eu não tenho nada haver com a Vale e mesmo que eu for visitar alguém dentro da Vale, eu me sinto meio constrangido porque eu fui do grupo de poder da Vale e hoje esse grupo não existe mais. Então, nessa época aconteceu a mesma coisa com Carajás. Carajás era a sensação emocional é a mesma. Carajás era do grupo do Tolbert que foi colocado fora. Nessa época, a gente se ficava um dia em Carajás, já não sentia bem, mas a gente ainda era Meridional. E de repente, eu passei para a Vale e quando a Vale fez associação com a Anza, eles passaram a ter o projeto. Ela fazia pesquisa de viabilizar a produção mas tinha também um grupo de fazer pesquisa de geologia em volta. E foi marcada uma área, tudo que fosse encontrada dentro ali, daquele quadrilátero em Carajás, ou pela Vale, ou pela Meridional, não importava o dono, quem descobrisse, era fifty-fifty. Era meio a meio. Além disso tinha um acordo de criação da Anza que ninguém podia tirar; um não podia tirar empregado do outro. Então, com a minha passagem para a Vale, se a Vale tivesse contratado... A proposta que eu tinha era de seis e oitocentos e alguma coisa, na época. Eu quando fui entrevistado eu falei que tinha um mínimo de sete, eu joguei um pouquinho mais para cima e um máximo de dez, o dez era quatro vezes mais do que eu ganhava antes na Meridional e me ofereceram dez, era uma coisa assim fabulosa. Uma coisa assim que... Eu pagava financiamento do BNH, eu acho que era o maior salário que eu tinha na época. Eu acho que nem como presidente, eu tinha um poder de compra tão grande quanto esse início. Depois, a inflação foi comendo, o salário caiu na normalidade mas no primeiro ano era um dinheiro fabuloso. Era muito dinheiro mesmo. Eu pegava financiamento no BNH e o cara não acreditava que eu tinha... Ele disse que nunca tinha visto um salário como aquele, dez mil e alguma coisa na época, era quatro mil dólares, na época. Era o dólar na época que daria hoje, mais ou menos, uns oito mil dólares. Para a época, era muito dinheiro. Mas ele quando chegou na década de 1980, eu cheguei a ganhar 800 dólares no início da década de 1980. Foi me achatando, achatando, achatando... Quando o Delfim entrou, então, eu não tinha dinheiro para pagar a escola das crianças. Mas depois melhorou, mas na década de 1980, naquela recessão, foi muito difícil. Mas nós estávamos...

P/2 - Carajás. Como é que ficou?

R - Nesse período, então o que aconteceu? Foi um grupo chefiado por um americano... A Vale entrou em dois projetos. Ela entrou muito tímida. Quando ela se associou a Steel para fazer a Anza, era um programa monstruoso de pesquisa para ser feito. Algo que não tinha sido feito no Brasil até a época, em termos de pesquisa. Usando helicóptero, sondas grandes, etc e tal. E a Vale como era estranha ao projeto, ela é que tinha entrado pelas portas do fundo, assim obrigada pelo governo, ela não tinha assim um sentimento muito que aquilo fosse dela, talvez inconscientemente. E quem era ela para dar ordens para a Steel, no início? Se percebia isso, então, toda a contratação de sondagem, toda a logística pré-determinada foi feita pelo Hoff e pela Steel. A Steel era dona. Ela colocou o gerente e quem foi colocado pela Vale foi o Vanderlei, que era o geólogo da Vale. No projeto era o Vanderlei mas do ponto de vista hierárquico, o Hoff tinha muito poder. O Vanderlei era quase assistente do Hoff, então, a Vale passou a aceitar a verdade da Steel e foi um desastre o começo da sondagem... A empresa contratada pela Steel não deu conta e só quando a Vale entrou e começou a dar as cartas, é que a situação melhorou. E fizeram a pesquisa bem feita, etc. E chegaram a conclusão numa reserva absurda de 18 milhões de toneladas. Então, esse período de 1970 a 1974 foi feita a pesquisa. O trabalho sistemático de pesquisa, chegaram tratores lá, abriam estradas em Carajás, fizeram galerias, as vilas de apoio, os acampamentos de apoio eram de boa qualidade. Então, foi isso que foi feito naquele período até concluir a pesquisa. E foi feito, finalmente, veio através mais pela influência do Coronel Pragana construiu uma estrada já para viabilizar o transporte de equipamentos para quando fosse lavar o ferro. Então, tudo isso foi feito nesse período de pesquisa inicial. 1975 começou a parar tudo, etc. 1976, até que 1977, quando houve o rompimento, a estrutura ficou lá parada até 1979. Nesse período de dois anos quem foi tomando conta da estrutura, como zelador da área, foi a Docegeo. E esse processo aconteceu em Trombetas também. Quando a Vale se associou a Alcan, ela falou também: "Bom, quem é a Vale para ensinar a Alcan a fazer uma mina de bauxita?" E teve erros, erros absurdos lá no projeto...

P/1 - Da Alcan?

R - Da Alcan. O erro mais primário que teve foi, por exemplo, que construiu uma ferrovia quando não precisava construir uma ferrovia porque a distância era 175 quilômetros e ao invés de lavar minério junto a mina e colocar o dejeito no lugar, no local da mina como é feito hoje, eles transportavam o minério bruto porque transportava 50% de terra junto ao porto e lavava o minério junto ao porto e daí não tinha onde jogar aquela lama. E eles acharam que a solução natural porque junto ao porto estava a província de Trombetas, você não tem um local de bacias para colocar e para fechar e controlar. Na mina você pode colocar até dentro da mina da onde você tirou minério, o que é feito hoje. E começaram a colocar no lago Batata. E aquilo começou a assorear o lago, problemas na época da chuva, a barragem estourava os diques e ia para o rio Trombetas. Foi um problema ambiental seríssimo com a mineração do norte da região. Tudo por erro primário na concepção do projeto e que passou a ser corrigido só depois que a Vale assumiu a operação do projeto. Então, a Vale tinha um potencial muito grande para corrigir o projeto no início mas ela aceitou as regras do sócio inicial que era dono do projeto.

P/2 - E você na Docegeo, ficou até quando?

R - Na Docegeo, eu entrei para ser o gerente regional em 1971. Como houve aquele problema de não poder tirar um empregado do outro, o então presidente da Vale se sensibilizou muito com isso e falou: "Não, já que eles não querem que ele venha para cá e nós já assumimos o compromisso de contratá-lo, vale a pena a gente investir nesse profissional." Então, eles contrataram a Terrasel fazendo eu vim para a Terrasel, da Terrasel para Docegeo. Então, contrataram uma empresa de São Paulo, a Protec, empresa de engenharia, a Terrasel contratou a Protec para a Protec me contratar escondido. Quer dizer, eu era empregado da Protec, não era mais nem da Terrasel e não me deixaram ir para Belém. A minha mulher estava grávida de gêmeos, ficou morando um período em São Paulo, na casa da minha irmã em São Paulo e eu fui para a Bahia. Em junho de 1971, eu saí da Docegeo para a Meridional em maio, no dia 31 de maio, e comecei no primeiro de junho, fiquei um período em São Paulo trabalhando na Protec em São Paulo. E depois, eu fui para a Bahia iniciar o plano na Bahia junto com o geólogo da Protec. Procurando cobre, cromo que era o objetivo na Bahia. Foi uma experiência interessante trabalhar na caatinga e o trabalho inicial era mais o reconhecimento

do que existia e nesse período, eu sofri um acidente. Nós íamos para Pedra Verde no Ceará, uma ocorrência de cobre conhecida, já era conhecida na ocasião. Eu estava saindo com o geólogo Saragiotto dirigindo, ele tinha passado a noite na farrá, ele era solteiro. Ele falou: “Você dirige hoje e eu dirijo amanhã.” Saiu a tarde indo para dormir em Juazeiro e de lá íamos para Juazeiro do Norte que fica perto lá da... Que fica no Ceará. E foi na época da morte do Lamarca. Mês de outubro, o Lamarca tinha sido assassinado em setembro, então, a região estava toda policiada. Pararam a gente na estrada duas vezes para revistar o carro indo para lá. Nós íamos dormir em Juazeiro. E se eu não tivesse parado, eu não tinha sofrido o acidente. Essas duas paradas me atrasaram o suficiente para logo depois de Senhor do Bonfim, uma descida... Subindo uma rampa longa, reta, um ônibus perdeu o pneu dianteiro, era recauchutado e começou a dançar no asfalto na minha frente. Eu estava a uns 110 quilômetros por hora, mais ou menos, aí eu não me lembro mais nada. Eu só me lembro o meu amigo gritando: “Olha o ônibus!” Eu me lembro, eu tirando o carro para o acostamento e depois eu me lembro no meio do mato e no lugar que o aterro acabava, tinha um buraco na terra e o carro começou a virar no aterro. É interessante você sofrer um acidente que você fica lúcido. Você pega a sequência em câmera lenta, aqui dura alguns segundos e parece que demora um século. E nessa época não se usava cinto no carro mas eu sempre usava. E toda vez que a gente viajava, às vezes, em grupo, os caras pararam no posto. Eles ficavam de lado esperando eu abrir a porta e soltar o cinto para me gozar. E nesse dia, o meu amigo ia dormir, colocou o cinto e eu já tinha perdido o vício, o hábito de usar o cinto, não usei o cinto. E quando o carro deu uma volta completa, a pick up deu uma volta completa... Não era capim, foi até lento, não foi traumático. Eu quis proteger a cabeça e me apoiei no teto assim, para não bater a cabeça. Eu achei que a cabeça era vulnerável. A pick up, Willys deu uma volta completa e no fim do aterro, tinha um corte com uma vala e quando ela deu uma volta completa, ficou em pé, por sorte e caiu em pé a uns dois metros. Ela estourou os pneus mas os pneus amorteceram. Mas eu perdi o equilíbrio e bati essa parte na direção. Aí, foi um drama né? Eu perdi o fôlego, fiquei lá, o meu amigo saiu pelo pára-brisa que tinha quebrado, subiu aquela rampa. O ônibus tinha caído em baixo. Estava partido no meio, sangue por todo o lado, pessoal todo machucado e tal. Caiu do nosso lado, mas não bateu na gente. Aí tinha que parar uma pick up, teve que orçar o preço para o cara levar a gente para o hospital. Não sabia se ia morrer, se tinha quebrado a espinha, eu estava andando com dificuldade, não sabia o que era. O meu amigo tinha fraturado o punho também. E aquele drama, o cara na ladeira, ele desligava o motor para economizar gasolina, você com pressa para chegar no hospital. E no hospital, estava, mais ou menos bem e o médico falou... Vamos para o hotel então, já que está tudo bem, vamos para o hotel. O médico falou: “Não, o teu amigo vai engessar e vai, mas você fica aqui.” Eu falei: “Por que?” “Você está em estado de choque.” “Como é que eu estou em estado de choque?” “A sua pressão está 5 por 3.” Você fica elétrico, você não sabe o que está acontecendo. Você fica elétrico. Aí, deu um trauma forte, uma dor muito forte aqui nessa parte. Eu tinha fraturado uma costela, fiquei imobilizado sem poder mexer, com muita dor um dia e depois me deram um anestésico e eu melhorei. E fui voltando para Salvador. O acidente foi na segunda-feira e na quarta-feira, eu tive alta. Fiquei na terça e na quarta, eu tive alta. Aí, aluguei um táxi para Salvador já com os amigos. Voltei no local do acidente para ver o que tinha acontecido, por que eu tinha saído fora do acostamento, por que eu tinha entrado no meio do mato? Daí, o ônibus tinha passado pelo acostamento, a marca do ônibus raspou no acostamento. Eu não me lembro disso. O ônibus passou por mim e eu não me lembro do ônibus passando, quer dizer, instivamente, eu tirei o carro da direção do ônibus sem perceber. Por sorte, né? Podia ter ficado anestesiado, batido no ônibus. Aí, era morte certa, não tinha dúvida nenhuma. E daí, na sexta-feira, eu comecei a passar mal, com hemorragia interna. Quer dizer, o que eles chamam de rompimento bicapsulado do baço, rompeu internamente mas a pele, a mucosa continuou retendo a hemorragia, né? Aí, foi enchendo como uma bexiga até que estourou. Se eu tivesse durante a viagem, eu morreria porque o baço, a hemorragia do baço mata em duas horas, seca totalmente. É uma artéria muito grande que passa. E por sorte, o médico da companhia... Assim que eu cheguei em Salvador fui lá, ele falou: “Olha, você não sai de Salvador. Não faz esforço, você está sob observação, teu quadro é meio complicado. Você fica em observação, qualquer sinal, você me avisa.” Eu tive hemorragia numa sexta de manhã, na hora do café, eu não quis tomar café. E eu era diretor do pronto-socorro ali no bairro do Canela em Salvador. Ficava a meia quadra do apartamento que eu morava. Eu fui andando até lá quando eu comecei a passar mal, seja frescura ou não, eu vou para o hospital. E lá, eles constataram a hemorragia e pediu autorização para operar. Fui operado no pronto-socorro municipal de Salvador, numa época que não tinha AIDS, felizmente. Porque, eu levei dois litros e meio de sangue. Aí, foi o drama da... De lá, porque eu sabia que a minha mulher estava grávida em Belém. Eu fiquei no pronto-socorro e depois fui para o Hospital Português onde fui, excepcionalmente, bem tratado. Hospital de cinema americano, coisa fabulosa, o tratamento que eu tive lá. E ligaram para a minha mulher para não ficar preocupada que eu estava no campo, eu tinha chegado mas o dia seguinte eu ia voltar para o campo para ela não ligar para mim.

P/1 - Você contou isso?

R - Ligava do hospital, ligava sempre para ela desse jeito. Daqui três dias, eu te ligo. E eu tive uma infecção, uma paralisia intestinal, derrame pleural. Depois, a minha irmã esteve lá e falou que o meu caso é quase desenganado e eu já não sabia. Mas, depois de 15 dias, eu tive alta. No dia que eu tive alta, chegou o aviso que os gêmeos tinham nascido em Belém, o Paulo e a Márcia tinham nascido.

P/1 - No dia da alta.

R - A Sandra, então, nasceu no Amapá. A outra, nasceu em São Paulo, mas eu morava em Belém e os dois nasceram em Belém, eu estava na Bahia. (risos) Aí, no domingo, eu fui para Belém, foi um geólogo, o mesmo geólogo da Meridional, que foi levar aquela carta para mim, o Marcos Albuquerque. Daí, ele estava trabalhando comigo na Docegeo. E ele, na época, na época, ele foi emissário de uma carta depois foi meu portador, foi me levar até em casa. Eu cheguei lá, a minha mulher já tinha ido para casa com dois dias. Foi parto normal. Então, ela teve que cuidar de dois gêmeos que tinham nascido e de mim. Os médicos na Bahia recomendaram que eu tinha que ficar em repouso, fazer um tratamento, que eu fiquei com derrame pleural. Até hoje eu tenho uma mancha, que colocou o diafragma, colou na pleura. Tenho uma mancha quando tiro radiografia aqui. E o derrame pleural é um tratamento difícil. E, através de um amigo meu, que era dono de um táxi aéreo de Belém, que eu comecei a usar quando eu cheguei em Belém a (Covax?), depois ele acabou sendo padrinho de uma das gêmeas, da Márcia, ele foi logo, ficou apavorado comigo daquele jeito e falou: “Ah, tem um parente do Virgílio, que é um outro piloto...” O Virgílio é diretor de um hospital de pulmão muito grande aqui em Belém, Barros Barreto, um hospital famoso lá de Belém. E, no dia seguinte, ele me levou junto com o Virgílio, que era o piloto, me levaram lá para falar com o diretor do hospital. O diretor do hospital falou: “Olha, eu tenho um médico muito bom aqui, inclusive não precisa nem atender no hospital, ele tem consultório aqui. É um médico novo, mas muito competente, especialista em coração e pulmão. Ele vai te cuidar muito bem disso.” E chamou o médico e me apresentou. O nome desse médico era Almir Gabriel. (risos) Aí, eu me tratei no Almir Gabriel, ele foi muito

honesto comigo e falou: “Olha, tudo o que podiam fazer com você fizeram direitinho lá na Bahia, só que te falaram que a sua recuperação vai ser de um mês. Não vai ser de um mês. A sua recuperação vai ser de dois meses, se você fizer tudo direitinho. Então, você vai ter repouso absoluto, só sair de casa para fazer as radiografias e para vir no consultório, e só isso.” E aí, foi cortisona, estava na base de cortisona. Praticamente em dois meses eu tive alta, foram duas consultas que eu tive com ele no consultório. Depois, umas três ou quatro vezes que eu comecei, talvez por frescura, por mal estar, achar que estava com insuficiência respiratória e a minha mulher apavorava lá e ligava para a casa dele, ele ia em casa. Foi umas duas ou três vezes em casa. E, nessa época, eu comecei a conversar nas consultas, conversar de Carajás, conversar disse, daquilo, foi fazendo uma amizade. Na hora de pagar eu falei: “Bom, quanto lhe devo?” “Não, conversa com a minha secretária que eu não mexo com isso.” Aí, fui falar com a secretária e ela falou: “São duas consultas.” “Não, mas há um engano porque ele foi umas duas ou três vezes e não está cobrando isso.” “Ah, então, o senhor fala com ele.” Voltei a sala dele e falei: “Têm essas consultas em casa que você não cobrou.” Ele falou: “Não, são só as duas consultas mesmo. Aquilo foi visita de amigo.” E assim começou a amizade com Almir Gabriel. Depois disso, nós precisamos de um médico na Meridional para ser médico do trabalho, eu o consultei, ele indicou Alfredo de Oliveira, que ficou depois um grande amigo. É até um compositor lá no Pará hoje. Depois, o Alfredo de Oliveira construiu uma casa em Salinas. Eu o conheci em Salinas, aí comprei um terreno em Salinas, construí uma casa ao lado. Passei, então, parte do tempo que eu trabalhei em Belém, meu filhos curtiram as primeiras férias em Salinas, na praia. E, depois, o Almir Gabriel, nessa época, foi depois diretor do Barros Barreto e, na segunda vez que o Alacid foi governador do Estado, antes de ser governador do Estado, antes disso, o Almir Gabriel foi secretário municipal de saúde. E, nessa ocasião, isso no início da década de 1980, por aí, tomando cerveja lá em casa, na beira da piscina etc e jogando conversa fora, e discutindo da falta de liderança política no Pará e tudo, eu saí com essa, falei: “Quem ainda vai ser uma liderança política no Pará é o Almir Gabriel.” E ele fala: “De jeito nenhum. Você não conhece o Almir Gabriel. O Almir Gabriel é meu compadre, nós fomos colegas de faculdade. Almir Gabriel jamais vai ser político, ele é refratário a qualquer atividade política. Eu sim já tive atividade política e não vou ser político no Pará, e tal.” Ele inclusive era do Partido Comunista, sobreviveu etc, estava em Cuba na época do ministro Fidel Castro. “Mas, o Almir Gabriel jamais vai ser político etc.” Dali a 15 dias dessa conversa ele foi convidado para ser prefeito porque o prefeito foi nomeado governador, Alacid era governador, e o Almir Gabriel era secretário municipal de saúde nessa época. Uma atividade puramente médica, né? Foi convidado para ser prefeito de Belém pelo Alacid Nunes. O Alfredo de Oliveira me ligou: “Poxa, quando o Almir me ligou eu falei pô, mas o Breno falou isso a 15 dias atrás.” (risos) Ninguém sonhava com a candidatura dele. Depois, acabou sendo senador e duas vezes eleito governador do Estado. Foi uma coincidência ter vindo assim da Bahia e que eu acabei conhecido Almir Gabriel.

P/1 – Nesse período de recuperação você teve todo o apoio da Vale...

R – Total, total. Total e me ajudou porque eu tinha saído da Meridional, mas não era inimigo de ninguém e as pessoas lá ficaram um pouco constrangidas. Se não fosse a frescura deles eu não tinha sofrido o acidente. E, daí, em uma reunião que eles tiveram lá com o Mascarenhas, o Rodson, que era o presidente da Vale, que havia brigado com o Tolbert etc, que veio lá Venezuela, aquele que veio para tomar conta do Projeto, em uma reunião de companhia ele falou: “Oh, se vocês quiserem contratar o Breno podem contratar que nós não incomodamos mais.” Aí, eu podia me expor e passei a continuar em Belém já como chefe da Docegeo lá. Aí nós ficamos com esse problema todo, inicialmente, de bauxita na Amazônia e problema de cobre que era um desafio. A gente não sabia... “Onde vai ter cobre, onde vai ter cobre?” E começamos a usar as técnicas disponíveis, geofísica, geoquímica, coisas que não haviam sido usadas na extração na Amazônia e começamos a ter sucesso. Primeiro indício de cobre que surgiu em Carajás foi onde está Igarapé Bahia. Foi em 1976. Houve uma anomalia geoquímica muito forte na região...

P/1 – Anomalia geoquímica?

R – Geoquímica. O que é uma anomalia geoquímica? A gente vai longe, heim? (risos)

P/2 – Mas, é bom explicar! (risos)

R – Anomalia geoquímica é o seguinte: todos os elementos minerais existem na crosta da terra. No Pão de Açúcar tem urânio, no Corcovado tem urânio, em qualquer lugar tem qualquer elemento. Só que em quantidades pequenas, que para você ter um proveito econômico e impossível. Agora, por qualquer razão na evolução da crosta em alguns lugares se concentra mais um metal do que outro. Daí, vira jazida. Ou seja, é possível se tirar jazida.

P/1 – Ela é uma anomalia da natureza?

R – A jazida é uma anomalia da crosta, uma anomalia da natureza. A evolução da crosta levou a ter jazida. Então, o geólogo estuda os fenômenos de evolução da crosta terrestre que levam a ter jazidas, um lugar de cobre, em outro lugar de ferro etc. Aí, tem instrumentos para saber onde procurar cobre, onde procurar ouro, onde procurar manganês etc. Agora, se uma jazida é uma anomalia, ela vai causar anomalias onde ela está. Anomalias físicas e químicas. Físicas, porque o material pode ser mais radiométrico, ter mais radiação. Não precisa ter urânio ou tório. Pode ter outros elementos que tenham radiação e você pode medir essa radiação. Pode ser mais magnético ou menos magnético, pode ser mais sensível ou não a uma corrente elétrica, pode ser mais sensível ou não a uma indução eletromagnética, você induz o campo magnético a dar uma determinada resposta. Isso são os elementos físicos que você usa na prospecção chamada geofísica. Quer dizer, são a física da terra. Então, você usa essas características na prospecção geofísica. Você pode fazer por terra ou pode fazer por avião, elementos que medem isso aí. Agora, também ele cria anomalias químicas. Ou seja, uma jazida ela é um agente poluidor natural. Em um lugar onde você tenha arsênio, as águas que drenam aquela jazida vão ser contaminadas por arsênio. Se você beber, você morre. É uma poluição natural. Não foi o homem que induziu aquela poluição. Você morre. Então, a prospecção geoquímica ela sempre foi usada. É, sempre... Na década de 1940, 1930 que ela começou a ser usada junto com a geofísica etc, mas ela foi excepcionalmente desenvolvida no Canadá, na década de 1950. Na década de 1950 e começo da década de 1960 pelo Canadá. Por que? O Canadá, a exemplo do que acontece na Amazônia você tem aquela cobertura de solo por causa de clima úmido muito grande que você não vê a rocha que está em baixo e tem só aquela terra vermelha em cima. E no Canadá você tem uma cobertura de sedimento glacial. Quando a geleira recuou na última glaciação, que vinha até para baixo dos Grandes Lagos, o gelo acabou ocupando até ali, aí

quando ela recuou ela foi deixando aquele material, pedra, terra etc, em cima da rocha. Então, você tem 30, 40 metros no Canadá, você não sabe a rocha que está embaixo. Então, eles passaram a ter métodos indiretos para saber o que tinha embaixo. E um canadense também passou a desenvolver, talvez não tanto para uso no Canadá porque seria limitado o método, um tipo de prospecção geoquímica... Porque a primeira, qual era? Era mais simples. Você tem uma jazida aqui, ela está criando uma poluição em volta. A terra, o solo que cobre aquela jazida ele foi oriundo daquela jazida. Então, aquela terra vai estar contaminada, poluída por aquele metal. Então, se pegar aquela terra vai ter mais cobre ali do que no lugar onde não tem uma jazida de cobre. Então, essa foi a primeira prospecção geoquímica de solo, amostra de solo. Mas, você pegar a Amazônia e fazer picada em toda a Amazônia, ir pegando amostra a cada 20 ou 30 metros para saber se tem uma jazida em baixo a coisa fica inviável. Alguns colegas, no passado, chegaram a usar isso, mas só que eles acharam que se saíssem pela Amazônia e pegassem uma amostra a cada 500 metros, só na beira do rio, que você ia descobrir jazida. Era a mesma coisa que você dar um tiro e acertar uma mosca voando. Totalmente aleatório. Então, esse canadense, o _____, ele desenvolveu uma tecnologia diferente que é geoquímica de cimento corrente. O que acontece? Ela parte do seguinte princípio: a jazida é uma anomalia, uma poluição natural, ela está contaminando o solo, mas está contaminando também as águas subterrâneas que passam por aquela jazida. Aquela água corre para as drenagens, água subterrânea aflora nas nascentes, vai para as drenagens e leva o elemento metálico, o íon metálico, seja de cobre, seja de zinco, ouro, seja o que for. E, esse íon, as argilas do fundo desse igarapé, absorvem esse íon e a argila fica impregnada com aquele íon. Então, se você no lugar de fazer pelo solo você pega as correntes de água e em cada 500 metros vai pegando uma amostra da lama e analisa com os elementos você, então, passa a saber se o background da região... Vamos supor, para Carajás tem background alto para cobre, vamos supor que seja 80 partes para 1 milhão, e tem que ter um instrumento super preciso só com espectrômetro de absorção atômico, que também surgiu na mesma época, um instrumento barato para se fazer análise. A Docegeo já passou a ter dois, três lá em Belém e você fazia análise dessa lama do fundo. Você cata aquela lama, coloca no saquinho, depois vai para Belém ou no acampamento era peneirado uma determinada granulometria homogênea e aquilo era analisado. E você, então, tem ao longo dos rios 80, 80, 80 passa para 1 milhão. De repente, você começa a pegar 100, 200, 300, 400, 500. Ou seja, a medida que vai para aumentando... Depois, passou dos 500 começa de novo 80, 90... Ou seja, ali no 500, ali perto, tem alguma coisa que está poluindo aquela água. Daí você pega as drenagens secundárias e faz a mesma coisa e daí você determina um local que tem anomalia. Dessa forma, foram descobertas as jazidas de cobre em Carajás. Com esta tecnologia bastante simples. Então, o que aconteceu: no tempo da Meridional nossas atividades de conhecimento baixam, mas a Meridional procurava só manganês. Então, a técnica dele não ia interessar muito, mas o _____ visitou a Meridional. Mas foi só para fazer contato. Então, quando começou a Docegeo nós sugerimos a diretoria que fosse buscar o _____. E o _____ veio iniciar o programa nosso na Amazônia de produção geoquímica. Isso, então, nós começamos a fazer sistematicamente. O primeiro trabalho para entrar em uma área é ir mapeando o igarapé, a geologia de igarapé, e ir pegando as amostras, que é uma tecnologia de você coletar 4 mil, 5 mil amostras por mês. Para isso, tinha que ter um laboratório próprio em Belém. Daí, nós tivemos a sorte de contar com o laboratório da Rio Tinto. Fechar o laboratório dela em Belém porque ela resolveu não tocar a frente do projeto dela lá, congelar o projeto dela, e o químico de lá, um irlandês muito competente, formado em Londres, ficou disponível. Não queria ir embora de Belém. Nós contratamos um químico junto com duas químicas, a pessoa de tecnologia também de análise de alumínio para nós. Então, essa tecnologia que entrou, que era da Rio Tinto, que entrou para a Docegeo, depois ela foi transferida para a Albras, foi transferida para a Rio do Norte junto com Marco Nunes, que era o químico que dominava a análise de... Então, todos esses fatos, um amarrando o outro, foi criando uma cultura para a Docegeo. Uma cultura muito forte também na área de química, de análise química. Então, dessa forma, nós começamos a procurar cobre em um lugar que a gente não sabia se tinha cobre e haviam nos ensinado que não havia. Nós tínhamos reuniões, que eu vinha aqui no Rio... A reunião de chefe de distrito no Rio é interessante: cada um queria puxar o recurso quando você vinha vender o projeto para conseguir o recurso. Era um recurso junto a diretoria cada um... Cada um tentando vender o seu projeto. Não tinha muita coisa para vender. A gente tinha o de bauxita que era vaga garantida, mas os outros tanto fazia você vender um projeto na Bahia como vender em Goiás ou vender no Rio Grande do Sul ou na Amazônia, o desconhecido era igual. Você não sabia. A Amazônia você não tinha idéia por ser mais desconhecida havia mais chance, mas não tinha a certeza. E esse geólogo, engenheiro de minas, formado na Politécnica, um francês, Axel de Ferran, pessoa interessante, ele brincava que ele duvidava. Ele duvidava e queria rasgar o diploma dele se existisse cobre na Amazônia porque se existisse já tinha sido, o intemperismo de lá ia ter destruído por causa do... E a gente também não acreditava que era possível. Quer dizer, às vezes o cobre só é conhecido em clima semi-árido, no Chile, nas Rochosas. Agora, de repente na Amazônia tem uma jazida de cobre e ela fica inalterada. Não ser destruída por um intemperismo, que é sulfeto, é um mineral muito suscetível a ser destruído pelo intemperismo, intemperismo químico principalmente. E dessa forma surgiu, de repente, o primeiro indício de cobre, em 1976. Em 1976? 1975, 1976 por aí. Começou em 1974. Não, aliás, foi em 1974, surgiu o primeiro indício no Igarapé Bahia. Por que chama Igarapé Bahia, na Amazônia? Porque ia dar o maior problema. Porque o cobre tinha na Bahia. Então, o nome Igarapé Bahia com cobre também... Mas, é na Bahia ou no Igarapé Bahia? Porque os chefes de mineração, os pioneiros, faziam serviço de amostragem e os primeiros chefes da mineração eram do Rio Grande do Norte. Então, eles chegaram naquela região lá, primeira coisa foi batizar todos os igarapés que não tinham nome com nome de estados do Nordeste: Piauí, Rio Grande do Norte, Bahia, Ceará e o Bahia é que deu essa anomalia. Então, se vocês forem olhar o significado aquele barro do fundo do igarapé, Igarapé Bahia, o background, vamos supor, que na região fosse 80. De repente, foi subindo e chegou lá a 4 mil. É 0,4%. Quer dizer, para você chegar a minério 0,8 já é minério em quantidade grande. Ali, aquele barro tinha 0,4. Quer dizer, a gente ficou, levamos... O que pode ser isso? Logo depois, o Wanderley ainda estava na Anza e a Anza ficou parada, não tinha o que fazer, e ele resolveu fazer uma geoquímica de cobre lá em um lugar, que a Anza tinha requerido para manganês, não tinha manganês e tal. E fez geoquímica de solo. E de repente, ele entra na minha sala e fala: "Eu nunca mexi com cobre, nós fomos em umas picadas lá..."; aquele jeito dele do interior de São Paulo, "...umas picadas lá e pegamos umas amostras. Isso aqui significa alguma coisa?" E era 8 mil ppm, 6 mil ppm. Aquele valor absurdo. Falei: "Pô, Wanderley, a gente está procurando isso há um tempão, você está..." Aí, surgiu então uma outra área, que era da Anza, que era a área Pojuca, muito perto da N1, ali. Então, assim começaram as duas ocorrências de cobre. A gente tinha aquele indício de Igarapé Bahia e surgiu Pojuca. Aí, quando surgiu Pojuca, a gente resolveu seguir o trend de Pojuca para leste. Daí, a equipe do Décio Meier pegou ali perto do Igarapé do Cinzento, quer dizer, seguindo o Vale do Cinzento, onde tinha sido o primeiro acampamento da Meridional, e pegou uma sequência de serras, que eram batizadas de Serra do Cinzento, inicialmente pela Meridional, e depois o Décio, a parte que estava mais perto do Igarapé Salobo, ele batizou de Serra do Salobo. Então, o nome Salobo do rio era sugestivo. Ou seja, a água salobo, uma água não muito potável, uma água que tem um gosto ruim, porque ela drenava uma região que tinha sulfeto de cobre. Alguém, no passado, deu esse nome de salobo por qualquer razão. E usando essa técnica de amostragem cimento corrente, que nós deslocamos, saímos de Igarapé na Bahia para pegar outra sequência. Em 1976, pegamos uma anomalia muito boa, fizemos o solo, daí começou a sondagem e começou a surgir o cobre do Salobo que, hoje, é o maior depósito de cobre já dimensionado que tem no Brasil. Está a associada a _____ para sair mineração, etc. Então, ele

foi descoberto em 1976, foi feita pesquisa intensivamente até o começo da década de 80. Depois foi construído estrada até lá, área de acesso e tudo aquilo, mas no começo, era só de helicóptero. E daí, surgiu então a entrada da Vale no cobre. Até hoje, só em reserva e não em produção. Quer dizer, do cobre, uma vez surgido o cobre... Foi feita pesquisa no Pojuca, lá de uma reserva marginal não muito grande, aquela área descoberta pela Anza e ficou aquela idéia: “Será que em Carajás, tem outras áreas potenciais para cobre?” Porque o background de Carajás é muito alto. É muito alto em relação a outras regiões. Então, dessa forma, que foi o germe de cobre, quer dizer, acabou com a Docegeo, acabou provando através da persistência que não há nunca uma verdade definitiva, ou seja, era ensinado que não poderia haver bauxita, ou, a evolução não tinha levado a formação de jazida, ou, se estivesse levado, havia sido destruída pelo nível de erosão que estava o escudo brasileiro, etc. Escudo é o conjunto da crosta pré-cambriano. E que não haveria essa possibilidade. E isso, então, esse trabalho que foi uma equipe do Décio teve sucesso. Provou que isso era mito. Depois, foi mais grave ainda, com a evolução dos garimpos próximos a Parauapebas, garimpos de ouro, no começo da década de 1980, eles acabaram descobrindo um pequeno garimpo de ouro associada a cobre, a Serra Verde. Cobre sob a forma de carbonato que só ocorre em clima semi-árido, e em pleno clima úmido, esse mineral tinha uma condição de estabilidade química para ele existir com toda aquela chuva e tudo. Crostas de pseudo garnierita, etc que era um mineral verde, aquela crosta na superfície. Foi descoberta durante um garimpo de ouro. Uma pequena ocorrência numa jazida próxima a Parauapebas.

P/2 - E o ouro de Igarapé-Bahia?

R - Bom, daí, vem a história do ouro. Então...

P/2 - Não, antes.

P/1 - A história do ouro, a gente vai ter que... (risos)

R - Que horas são?

P/1 - São cinco para as cinco.

R - Está brincando?

P/1 - É verdade.

[fim da fita]

P/1 - Então, Breno, acho que a gente parou... você contou a história do cobre, sem entrar no ouro na verdade, aí parou sem começar a história do ouro.

R - E o cobre nós chegamos até aonde, até a descoberta do processo?

P/1 - Até a descoberta do processo, isso. Aquela do Rio você explicou exatamente como é que você detectava o ouro, o processo. Eu não lembro se contou do alumínio. Contou do cobre, do titânio, do caulim...

R - Do caulim eu contei, não?

P/1 - Do caulim não.

R - Do caulim... do titânio também _____.

P/1 - Do titânio. O (Gazol?) contou a história do caulim, que ele foi tomar banho em Porto Seguro.

R - É, aquilo é história de engenheiro de minas. (risos) O comentava do pessoal da Vale: “Pô, a cara em lua de mel fica preocupado em olhar caulim”. (risos)

P/1 - Pô, o cara está mal. (risos)

P/2 - E aí, vamos começar?

R - Bom, o ouro sempre foi uma palavra meia complicada dentro da Vale. E era natural, né, a cultura da Vale era muito voltada para o ferro, aprendeu muito bem a ganhar dinheiro transportando grande... Minerando, transportando para longas distâncias grandes quantidades de minério de ferro. Preço barato, mas pela economia de escala, ela sempre conseguiu ser uma empresa vitoriosa no contexto mundial, pela logística que ela montou, para produzir e vender esse minério de ferro. Então falar em ouro, alguma coisa, sem colocar um cara com metralhadora para tomar conta, que leva numa malinha, é uma coisa complicada. É como o Schettino falava comigo: “Minério de ferro a gente guarda lá no porto, montanhas e montanhas, ninguém vai roubar. Como é que a gente vai trabalhar com ouro? É uma coisa um pouco complicada.” As primeiras idéias de trabalhar em ouro na Docegeo surgiram ainda em 1986, quando nós fizemos o segundo plano trienal. A Docegeo ela foi montada com financiamento do BNDES. Então, a Docegeo tinha duas vantagens: descobrir para poder diversificar a atividade mineral da Vale, mas também ela tem uma vantagem financeira no início, que ela conseguiu empréstimo do BNDES com juros bem vantajosos. Então foi uma forma de capitalizar a Vale também pegando recursos do BNDES, através desses empréstimos. E foi o primeiro plano trienal, que foi de 1971 a 1973, 1974. Em 1974

começou o segundo plano trienal. Na ocasião do segundo plano trienal, eu tinha um amigo em Belém, que era engenheiro de minas e estava começando a trabalhar nos Tapajós. E no primeiro choque do ouro e do petróleo em 1973, o ouro já começou... porque ele valia 33 dólares a onça, era uma mixaria... Ele nessa época começou a ser liberado. Deixou de ser padrão ouro atrelado ao dólar, e começou a ser liberado com o primeiro choque do petróleo. Então começou... os garimpos de Tapajós, que eram alguma coisa muito incipiente, muito isolado, começou a ter interesse e apresentaram lá. E eu, na programação então do segundo plano trienal, sugeri à diretoria que fizesse alguma coisa com o ouro, algum recurso com ouro. Mas não foi aceito, porque na época a cultura não... Até para nós, geólogos, é difícil aceitar o fato da Vale trabalhar com ouro. Mas ficou aquele germe dentro. E tinha um químico lá em Belém, um irlandês, que tinha trabalhado na Rio Tinto Zinco, quando a Rio Tinto Zinco acabou o programa de bauxita na Amazônia, lá em Paragominas. Ele ficou sem emprego, quis continuar em Belém, e foi procurar emprego com a gente, uma pessoa muito criativa. E ele começou a ensaiar algumas brincadeiras com amostras nossas de ouro. Começou a fazer algumas... Algumas amostras que haviam na região, ele fazia algumas análises para treinamento de equipe etc. E aconteceu, então, que em 1976, nós estávamos trabalhando no Sudeste do Pará, na Serra das Andorinhas, região de Rio Maria, célebre, as andorinhas etc e tal daquela área. E nós encontramos uma anomalia muito interessante para zinco naquela região. Nosso objetivo era encontrar, além da parte de cobre, também encontrar os outros metais base, principalmente o zinco. Metais base são metais básicos para indústria moderna. Então é cobre, chumbo, zinco, níquel etc, são os metais base. Encontramos um indício muito bom de zinco e começamos um trabalho grande na região. E as amostras sistematicamente eram analisadas para cobre, chumbo e zinco. E a prata, porque podia ser indicada da presença desses outros metais, os sulfetos que tem esses metais. E na parte Sul da Serra das Andorinhas, uma região conhecida como Babaçu, porque tinha muitos pés de babaçu, então o geólogo Armando batizou de Babaçu. Aliás, o Armando não estava trabalhando lá, foi o _____ que estava trabalhando. Houve um valor grande para prata nas amostras. E o _____ entrou na minha sala, e falou: "Interessante. Essa amostra não deu nada de zinco, cobre, chumbo, mas deu prata elevada." E eu pedi então que ele mandasse serrar a mostra. E ele quando serrou, trouxe a mostra para mim e tinha uma pequena... cortaram uma pequena pepita. Essa amostra foi fotografada pela Veja, foi fotografada por... "r" revistas fotografaram essa amostra, que foi a amostra deu origem a corrida de Andorinhas. E a quantidade dessa amostra era muito grande, era de alguns quilos por tonelada, naquela amostra, não do depósito, mas naquela amostra, e a empresa se interessou. Se interessou por aquilo e começou a fazer algo negócio meio escondido da Vale, a diretoria já permitiu que ele fizesse aquilo um pouco escondido da Vale, e a gente começou uma pequena pesquisa de olho na região. Isso 1976 nós estamos falando ainda. E, ao mesmo tempo, aconteceu que a Docegeo havia descoberto com a equipe da Bahia um greenstone belt na região do Itapicuru. Greenstone belt, que é greenstone belt? A geologia, e como a geologia conota para expressão, ela evolui com modelos que se criam de vez em quando. Então de vez em quando você cria um modelo de ambiente favorável à jazida mineral, e na época estava muito em moda o tal de greenstone belt. São cinturões de rochas vulcânicas, muito antigas, arqueanas, com 2 bilhões, 2 bilhões e pouco de ano. E esse modelo foi muito bem dissolvido no Canadá e na... Tinha sido muito bem dissolvido no Canadá, na África do Sul e na Austrália na década de 1960, 1970. Ainda estava na moda, só se falava nisso. Porque nesse tipo de cinturões e rochas vulcânicas dessa idade, eles já são muito favoráveis a ter cobre, zinco, ouro, e na Austrália níquel também. Na África do Sul mais ouro, e no Canadá cobre, zinco e ouro. Então, a gente primeiro procurava onde tinha greenstone belt, para depois então, tendo ambiente, procurar os metais. E se falava muito, então, em greenstone belt, e na Bahia então foi identificado o primeiro greenstone belt brasileiro. Hoje sabe-se que até Carajás é um greenstone belt atípico, no modelo Carajás. Carajás, o ferro, tudo está associado a um enorme greenstone belt. É uma sequência de rochas vulcânicas arqueanas, também, hoje se sabe isso, e só existe em Carajás daquele tipo de greenstone belt. É diferente dos outros lugares. Lá na época era novidade. O primeiro a ser caracterizado no Brasil foi pela equipe da Docegeo, na região de Itapicuru. Então se tinha um ambiente já propício para encontrar cobre, que era o objetivo. Isso começou num trabalho chamado __ cobre. E até hoje não foi descoberto o cobre. E havia uma área muito favorável, que o geólogo lá, o Darci Lindennmayer, que era o gerente de lá, analisou, não conseguiu encontrar nada, e mandou para Belém, para que o laboratório de Belém checasse os resultados do laboratório que ele tinha usado. E como a gente analisava por brincadeira para ouro, o (Mark Mans?) falou: "Ah, eu vou analisar para ouro também." Aí analisou para ouro, não deu nada para cobre, mas deu para ouro. E eu liguei para o Darci, falei: "Olha, Darci, você tá procurando para cobre não tem nada, mas para ouro tem bastante. Os resultados foram esse e esse." E aí foi o primeiro resultado que deu origem à pesquisa onde é a Mina Fazenda Brasileiro hoje. É mais ou menos um pouco de coincidência, de sorte, né?

P/1 - Isso foi divulgado na época, já se divulgou para a empresa toda ou ficou na brincadeira ainda, escondida?

R - Não, daí foi divulgado e começou uma pesquisa para ouro. Isso no âmbito da Docegeo. Quer dizer, ela era uma coisa... a Docegeo tinha um programa na época mais independente do que passou a ser no final, mais atrelado à Vale, nessa época a Docegeo era mais autônoma da Vale. Só prestava contas anuais para a diretoria da Vale etc, e os resultados. E se começou a mexer com alguma coisa de ouro. Até que... o que que aconteceu já em 1977? Em 1976 foi um ano eleitoral no Pará. E foi um ano que se começou a abrir estrada. Tinha uma rodovia que saía de Marabá e ia até a Redenção, que é a BR150, e abriram uma rodovia para São Félix do Xingu, aquele mesmo São Félix do Xingu de 1967. Foi aberta a primeira estrada em 1976. E no local onde as duas rodovias se encontravam, surgiu uma cidade chamada Entroncamento, com o nome de Entroncamento. Por que que Entroncamento? Porque as duas cidades se encontravam. E hoje o nome é Xinguará, a área é o município de Xinguará. E para arrumar voto, os políticos da região começaram a dar terra. E começou a atrair bastante gente, para arrumar bastante eleitores. Alguns que vieram, vieram do garimpo de Tapajós, e não conseguiram terra. E começaram a garimpar nos Igarapés que eram cortados pela estrada. E começaram a encontrar ouro. E nós tínhamos um segredo lá guardado, quer dizer, ninguém, nem na Vale se falava daquele ouro. Porque era um segredo, porque se o ouro do Babaçu de Andorinhas fosse revelado, a região ia ser invadida por garimpeiro. Até que então começou o garimpo. Eu comuniquei à diretoria da Docegeo que tinha que fazer alguma coisa. A diretoria foi Eduardo Carvalho, que na época era diretor de desenvolvimento da Vale responsável pela Docegeo, e o Eduardo Carvalho pegou a diretoria, na época assim que se trabalhava. Foi para o Conselho de Segurança Nacional, em Brasília. E dali alguns dias, eles chegaram, então já em 1977, chegaram em Rio Maria, junto com pessoas do Conselho de Segurança Nacional, um coronel, o general da brigada de Marabá, general Valdemar... O general Valdemar também foi lá com a brigada, então foi feita uma força-tarefa com todos os órgãos de segurança do país: Conselho de Segurança, SNI, para confinar o garimpo que na época tinha umas duzentas pessoas, ao longo da rodovia BR 150, entre Xinguará e o Rio Maria. E entre as pessoas que vieram surgiu o Curió. Que na época tinha o nome de doutor Luchinni, doutor... coronel Moura, aliás, major Moura, que é o sobrenome dele. E Curió, que era o apelido. Por que o Curió estava na região? Curió tinha atuado para as forças repressoras da Guerrilha do Araguaia. A Guerrilha foi combatida na primeira metade da década de 1970 com forças regulares do exército, o resultado não foi muito bom, e depois entraram as forças mais de informações e segurança que aos poucos foram compactuando... os moradores da região, infiltrando moradores dentro da Guerrilha, e

através de informações, foram descobrindo os acampamentos, os esconderijos etc, e foram dizimando grupo a grupo através da repressão. Quer dizer, o pessoal... O serviço secreto do exército, junto com o SNI, é que dizimou a Guerrilha do Araguaia. Que ações regulares, o confronto direto, eles ficaram entrancheirados na Serra das Andorinhas, na Serra dos Martírios, e foi muito difícil o exército penetrar lá, e não tinha treinamento para esse tipo de combate. Então o Curió surgiu nesta região.

P/1 - Chegava eco dessa revolta...

R - Não. O que a gente tinha de informação, na época a gente conheceu o jornalista da Manchete, que era amigo de um gerente da Docegeo enquanto nós estivemos em Belém, o Claudiano Carneiro Cunha. E nas reuniões de fim de semana ele contava que tinha feito a reportagem, como tinha sido complicado, que era proibido. Tinha ecos, dessa forma. Às vezes quando passava por Marabá, Conceição do Araguaia, a gente verificava uma revista um pouco maior do que o normal, então desconfiava. Mas a região ficou... Durante uns dois, três anos ninguém trabalhava naquela área ali. Bom, aí houve então toda essa mística da Andorinhas foi criada, até já relatei na primeira parte da entrevista, e o garimpo foi confinado. E nós acertamos com o Departamento Nacional da Produção Mineral para que aquele ouro fosse comercializado só através da Docegeo, para que não colocasse um intermediário que desse incentivo ao garimpo. Então aceitamos garimpeiro ganhando 200 e pouco, eles continuariam trabalhando e nós compraríamos o ouro. E assim que a Vale entrou em ouro. Nós comprávamos aquele ouro, fundíamos em Belém, as primeiras barrinhas de ouro da Vale foram feitas pela Docegeo em Belém, colocava o símbolo do CVRD na barrinha pelo (Mark Morrison?) em Belém. Era guardado, depois ele trazia para o Rio, e era estocado no cofre da Vale, depois ele passou para a Vale do Rio Doce como empréstimo aquilo ali. E no fim essas barrinhas sumiram, né, mas ele passou a ser um capital que a Docegeo colocou dentro da Vale como empréstimo no início. E se começou a trabalhar mais intensivamente então na área de Babaçu. Se chegou a colocar uma lavra experimental lá. Mas sem muito sucesso econômico, serviu como teste para ver que material que era, mas sem sucesso econômico. Mas antes de colocar essa lavra, o que aconteceu? Essa notícia que chegava do SNI etc, tudo aquilo chegou ao ministro e, de repente... eu tenho... estou com uma cópia desse jornal aí... Um jornalista que trabalhava em Belém no "Liberal", ele trabalhava também no "O Estado de São Paulo", num domingo, eu estou em casa, pego o jornal "Liberal" de Belém e fala que Andorinhas tinha parece que 19 mil toneladas de ouro. Quer dizer, nós não sabíamos nada do que tinha. E saiu que tinha 19 mil toneladas de ouro. Para ter idéia, a produção do Brasil na época colonial chegou a 2 mil, 3 mil toneladas. Quando o Brasil encheu a Europa de ouro, 2 mil, 3 mil toneladas. A produção do mundo, naquela época, era ao redor de 600, 700 toneladas de ouro por ano. E nós tínhamos um lugar só que tinha 19 mil toneladas. (risos) Então, eu conhecia de vista esse jornalista, o nome dele é Lúcio Flávio Pinto, até hoje é um jornalista famoso, trabalhou na Editora Abril e tal. Hoje ele está, como ele é muito crítico, ele foi colocado pela toda mídia brasileira para escanteio e tem um jornalzinho próprio chamado "Jornal Pessoal", porque ele não faz média com ninguém, nem com a esquerda nem com a direita. Então ele não agrada ninguém, colocaram ele para escanteio. E, por incrível que pareça, na ditadura ele tinha mais liberdade jornalística do que tem hoje. A força empresarial é até mais cruel do que a força militar. Mas ele, então, na segunda-feira apareceu no meu escritório. Assim que ele entrou, ele já foi dando desculpa, eu falei: "Não, não fala nada. Eu vou fazer pergunta." "Eu... mandaram publicar... o Mesquita ligou para mim e falou para eu publicar isso. O que que tem por trás disso aí? Que eu sei que isso não é verdade." Daí eu contei para ele a verdade que existia, até aquela época, o que tinha acontecido naquela época. Mas também não conseguiu publicar o desmentido. E daí veio ordem do Rio, da minha chefia, que eu não podia desmentir, que tinha que ser mantida a versão das 19 mil toneladas. Durante a visita, quando foi o general lá, o Emanuel, doutor Emanuel, que era o presidente da Docegeo, ele comentou com o general que lá suspeitava-se ter 400 toneladas de ouro, que já era uma coisa absurda, Igarapé-Bahia, que foi uma boa mina da Vale, chegou a cento e poucas toneladas de ouro, na realidade. Então 400 toneladas de ouro era uma coisa absurda. Morro Velho deve ter chegado a esse ponto, desde o século passado chegou a 400 toneladas mais ou menos. Então, nesse dia eu fui dormir com o Armando, o acampamento ficou com o pessoal de Brasília, nós ficamos num hotelzinho na cidade, numa pensão. E eu comentei com o Armando de noite: "Pois é, Armando, faltam dois meses para entregar o relatório de pesquisa. Para chegar a 400 toneladas, já pensou quantas toneladas você vai ter que descobrir por dia para chegar a 400 toneladas?" Que era uma coisa absurda, totalmente fora da realidade. E aí começou a mística do Andorinhas. Para ter ideia, Chico Anysio no Fantástico fez piada sobre Andorinhas. O que foi Serra Pelada três, quatro anos depois, Andorinhas foi na época. Quer dizer, hoje a mídia não se lembra mais disso, mas Andorinhas foi... saiu capa de Veja, Manchete, toda a imprensa nacional esteve em Andorinhas fotografando os acampamentos, aquela corrida toda. E até... na época o presidente era o Roquete Reis na Vale... ninguém sabe a quem interessou essa mentira. Quer dizer, o boato que surgiu é que foi jogo de bolsa com as ações da Vale. Agora quem estava por trás disso, se era o Ministro, se era o diretor da Vale, se eram os dois ou se não era ninguém, se eram outros subgrupos que estavam por trás, não sei. O fato é que o desmentido foi proibido, até um belo dia que me ligaram e falaram: "Vai uma edição do Jornal Nacional aí... um repórter do Jornal Nacional em Belém gravar uma entrevista para você, para você desmentir as 19 mil toneladas." Eu já estava no meu escritório, montaram a câmera, eu gravei 30 segundos de desmentido e saiu no Jornal Nacional, no dia de finados de 1977.

P/1 - E vai você acabar com a expectativa brasileira.

R - Daí Andorinhas continuou aquela pesquisa, houve várias manipulações, o então prefeito de Conceição do Araguaia, que hoje é deputado federal, ele montou vários garimpos também para oeste, surgiu lá no Rio Branco, começaram a surgir algumas vilas, cidades, em direção da estrada de Xinguara para o Xingu, onde até hoje tem garimpos, né? E até que de repente a Funai, o governo resolveu começar a diminuir os garimpos, que estava dando muitos conflitos na região, além do problema dos posseiros, que na época não era sem-terra, chamava apenas posseiro. Mais do que construir garimpo, resolveram confinar... e mais ou menos até 1978, 1979, ficou mais ou menos calma a região. Nós fizemos uma pesquisa, sem grande sucesso para alguma coisa econômica, mas... o ouro, o germen do ouro, tinha sido o lançamento da Vale. A fazenda brasileira começou a fazer umas pesquisas, teve sucesso lá com o ouro, a gente tinha Andorinhas. E o cobre do salobo, as análises, começaram a dar, também, ouro associado. E os garimpeiros que ficaram naquela região, o Eck deu uma entrevista falando que lá na região do cobre tinha ouro também. Então eles começaram a tentar pegar a rodovia que ia para Carajás, sentar e ir subindo a rodovia, e garimpendo os Igarapés. E no quilômetro 30 se montou um garimpo. O Igarapé cortava a rodovia de Carajás no quilômetro 30, surgiu um garimpo. E leva até mais ou menos 1979 esse garimpo do Caeni 30. O Venâncio já estava lá com a gente, já estava monitorando todos os garimpos, fazendo relatório do que estava ocorrendo etc. E no começo de 80, deve ter ocorrido no final de 1980, o Venâncio chegou com a notícia que tinha surgido outro garimpo próximo ao quilômetro 30. Um posseiro que estava entre a Serra Leste e a Serra do Sereno, não se sabe bem a versão, se

era um garimpeiro, se era um topógrafo, o que que era, o fato é que eles foram mexendo no Igarapé na região ali e descobriram pepitas muito grandes no Igarapé. E começou então a corrida do pessoal do 30 para esse garimpo, que ficava ao pé da Serra Leste, que era uma Serra Pelada sem vegetação em cima, então o garimpo embaixo no sopé da Serra levou o nome do Garimpo da Serra Pelada. Quer dizer, não era a montanha onde estava o ouro, a pequena colina onde estava o ouro, mas sim a Serra do ferro que deu o nome ao Garimpo de Serra Pelada. E esse garimpo surgiu dentro do decreto de lavra de Serra Leste, a Vale já tinha o decreto de lavra dessa lavra de ferro, e de acordo com a lei tudo que for encontrado dentro do decreto de lavra pertence ao decreto de lavra. Então, surgiu, de repente, algo muito grande ali, dentro de uma área nossa, e que a gente não sabia direito o que fazer. Conversando com a diretoria, a diretoria deu autorização, com aquela experiência da gente intervir em garimpo, quer dizer, já tinha uma experiência já com cassiterita já na década de... em 76, lá no Xingu, uma área nossa foi invadida por garimpeiros. Então a gente já tinha comercializado cassiterita. Foi uma outra aventura bastante interessante. Depois já tinha uma experiência de comerciar o ouro na região ali nas Andorinhas, de Rio Maria. E, tu sabe aquela experiência que a gente achava que era vasta para garimpo, né? Para Serra Pelada. Eu não me lembro direito como foi, nessa hora o ouro já estava mais ou menos... Já tinha subido, devia estar 200 a 300 dólar a onça. Era um valor bastante alto, é mais ou menos o valor que está hoje. Para a época era alto, que tinha partido de 30 e poucos dólares no início da década de 1970, e já estava nessa época, com o segundo choque do petróleo em 1979, ele já estava subindo. Então, a Companhia adiantou um dinheiro lá para o distrito do Amazonas para começar a organizar o garimpo. E fomos lá, revolve lá, revolve do lado, entrou o Venâncio etc, e começamos a comprar o ouro. E abaixar o intermediário. Nessa época devia ter uns 10 mil garimpeiros já. A gente estava acostumado a mexer com garimpo de 800, 1000 pessoas. Ali já tinha 10 mil garimpeiros. Era uma situação bem mais assustadora, né? E começamos mexer. Desde a época de... desde 1977, quando houve aquele contato com os órgãos de segurança em Brasília, e depois eu fiz uma palestra na brigada de Marabá, em virtude desse tipo de informação, que tinha havido antes o contato ali com o quartel em Belém, quer dizer, as forças militares, o SNI etc, começaram a saber que existia uma Docegeo em Belém, então desde 1977 a agência de Belém destacou um economista que de 15 em 15 dias ele me escutava em Belém e fazia uma entrevista comigo sobre a atividade mineral na Amazônia. Nunca usaram dedução. Felizmente, nunca fizeram: “Quem é esse fulano? Quem é esse...?” A única coisa que eles perguntavam de vez em quando é se tinha padre na região. Como eu não mexia com padre, eu nunca sabia se tinha padre na região ou não. Que a obsessão com eles era a atividade da Igreja junto aos posseiros etc, desde aquela época. Eles tinham esse tipo de preocupação. Mas a atividade era mais... fazia um relatório sobre quem estava atuando na Amazônia em pesquisa mineral, as empresas que estavam atuando, se eram nacionais, se eram estrangeiras, um relatório mais de nível econômico, mais de nível técnico. E aí começou... eles começaram a acompanhar o que estava acontecendo em Serra Pelada. Foi crescendo, crescendo, e um dia eles falaram que o governo queria agir naquilo porque estava com medo de que aquilo crescesse mais e surgisse um quisto perigoso, porque o projeto já estava sendo implantado, então o quisto... uma zona de tensão social, junto à implantação do principal projeto do governo da Amazônia que era Carajás. E involuntariamente, devidamente, com responsabilidade ou não, eu acabei sugerindo por que eles não colocavam Curió para liderar o processo, que ele já tinha atuado lá em Andorinhas com a gente. E o Curió continuava andando lá, perambulando pela região. E, por coincidência, ou devido a minha sugestão, não sei, o fato é que logo depois vem a resposta que Brasília tinha concordado em colocar o Curió. E o Curió visitou incógnito lá a região. E o Zé Arara, que era um importante comerciante de ouro do... lá no Tapajós, já estava atuando em Serra Pelada. E o Curió quando chegou em Marabá com o pessoal de Brasília, num avião lá de Brasília, da FAB, viu o Zé Arara entrando no avião com um saquinho de ouro. E ele foi lá, os homens botou a documentação que tinha na época e confiscou o ouro de Zé Arara. Falou: “Se você quiser você vai buscar em Brasília, porque esse ouro aí é ilegal. Você não tem documentação para levar esse ouro.” Confiscou o ouro dele e levaram, segundo Curió me relatou, levaram para a agência do SN em Brasília, na época era o Nilton Cruz que era o chefe da agência. Levou para o Medeiros e para o Figueiredo. E o Brasil na época estava iniciando aquele período recessivo, né? E houve uma decisão de presidente da república de intervir no garimpo para controlar o garimpo. Foi com essa amostra do Curió que levou lá que houve a decisão.

P/1 - Como é que era a atuação do Curió, mesmo em Andorinhas, como ele agia...?

R - Em Andorinhas ele foi um figurante. Depois, um outro contato que eu tive com o Curió... Nós fizemos aquele trabalho, no Xingu, de garimpo, com cassiterita, que estava atuando ainda em 1977, 1978, por aí. E um dia me chamaram no rádio, o rádio operador me chamou, que tinha um tal de Curió que queria falar comigo no rádio. Ele estava lá no nosso acampamento em São Félix do Xingu, já na Docegeo. E ele queria saber se eu podia dar uma carona no nosso helicóptero, que ia de lá para Marabá, porque ele tinha saído com dois monomotores da FAB, os dois tinham caído. E o piloto não era muito experiente, tinha caído, então ele não queria mais voar na FAB. (risos) Então queria saber se eu não queria dar apoio para ele. Aí tem esse contato só por rádio, nunca mais encontrei com ele. Então ele ficou atuando como informante do que acontecia no Sul do Pará para o SNI. Era um homem de confiança do SNI na região. Ele era major ainda nessa época, não era coronel. Então, começaram contatos de Brasília com a Vale, para ver essa intervenção. Já era o Eliezer que era presidente da Vale nesse período. Já não tinha mais a equipe antiga, do Roquete Reis, do Eduardo, já tinham saído, já era equipe do governo Figueiredo. César Cals de ministro etc. E numa visita com o César Cals, logo que o César Cals entrou como ministro, não sei se houve pressão do grupo do Antunes, se foi uma decisão política do governo mesmo, o fato é que houve uma pressão muito grande para bitolar a atuação da Vale. Então houve uma reunião que o César Cals fez em Brasília, logo que ele assumiu... eu peguei o jornal, no início de janeiro de 1979, quando César Cals assumiu, e saiu lá uma reportagem, uma entrevista dele falando que a Vale dali em diante só atuaria em ferro e alumínio, que todas as demais jazidas dela seriam entregues à iniciativa privada, e que a Docegeo seria transformada num departamento da Vale, não seria mais uma empresa. Aquilo deu um frio na barriga de todo mundo, né, a gente estava no auge do sucesso, descoberta de cobre etc e tal. Aí houve uma reunião, nessa época o Romeu era o presidente da Docegeo, no começo de 1979, quando César Cals foi conhecer Carajás. E foi um negócio triste, o chefe de segurança do César Cals era um índio aculturado, mas presepreiro e tal, tinha boatos de alguma coisa entre ele e o César Cals, não sei se verdadeiro ou não, e tal. A coisa era complicada e o César Cals desandou com a Vale, e o Romeu foi o único que reagiu, eu me senti impotente, era um simples gerente regional, e tal. E tinha a imprensa, que a imprensa ficou revoltada com a prepotência do César Cals, e a coisa foi muito difícil. A visão dele contra a Vale era muito grande. Então ficou aquele mal estar, a Docegeo foi obrigada a reduzir sensivelmente a sua atividade em 1979. Eu estou fazendo um flashback aí. E nós fomos obrigados a mandar 40 geólogos embora, mandamos vários geólogos lá em Belém embora, e na época os geólogos tinham formado a CONAGE, Confederação Nacional dos Geólogos, que reuniu todas as entidades de classes dos geólogos, CONAGE. E estava com uma atuação fervilhante, no começo a abertura política etc, questionando muito o problema do país, principalmente na área mineral. E em Belém foi criada a APGAM – Associação Profissional de Geólogos da Amazônia. Do qual nós começamos a fazer parte, e começou então uma discussão muito grande contra

essa demissão de geólogos, tudo, e começou uma pressão na imprensa contra o César Cals e do fechamento da Vale, a privatização da Vale. Já se falava naquela época e tudo, e começou: Ermírio de Moraes saiu em defesa da Vale, da Docegeo, o Jarbas Passarinho... eu tive uma entrevista, tinha um amigo em comum, o Jarbas Passarinho, ele me recebeu todo fardado lá e tal. Na época ele foi _____ da SUDAM, ele foi fardado. E me recebeu, e o chefe fazia o pronunciamento... Nós começamos a atuar como guerrilha. Quer dizer, ele não sabia se era a Vale que queria acabar com a Docegeo, ou se era o governo que queria acabar com a Docegeo. O nosso objetivo era salvar a Docegeo. E nós começamos a atuar, então, através da Associação, como guerrilha. Mas daí ficou uma situação difícil, porque eu era gerente da Docegeo, e não podia atuar contra a Vale, se a Vale queria fechar a Docegeo. Mas nunca ficamos sabendo realmente qual o objetivo que estava por trás disso. E o Romeu daí me chamou no Rio: "Olha, Breno, você é uma pessoa muito importante dentro da Vale etc, mas você restrinja a sua atuação política. Quer dizer, você é um homem de confiança da Vale, e o objetivo da Docegeo é fazer o que a Vale quiser, não o que a Docegeo quer." Deu esse recado curto e grosso, né? Aí eu passei a atuar através do Guerreiro, que era geólogo nosso, era um geólogo que tinha estudado na universidade, Gabriel Guerreiro, e ele começou a atuar então na APGAM. Então, as reuniões da APGAM eram surrealistas porque o Guerreiro atacava o governo e a Vale, e eu como chefe dele defendia o governo e a Vale nas reuniões. A gente quebrava um pau homérico em público. E ninguém entendeu como eu não mandava o Guerreiro embora. Era tudo carta marcada, foi a estratégia que nós combinamos para eu não atuar politicamente. Quer dizer, atuava politicamente, mas...

P/1 - Em linhas indiretas.

R - ... indiretamente. Então foi um período muito tumultuado. E, consequência: isso começou a minar a imagem do César Cals. E daí, num belo dia, foi um assessor dele em Belém para mostrar que o César Cals não tinha nada contra a Docegeo, contra a Vale, que queria uma aproximação dos geólogos, que estava com muito desgaste. Então o que o César Cals fez: os geólogos que a Docegeo mandou embora, obrigou que o governo, para não ficar sem emprego, que o DNMP contratasse, eles foram todos contratados pelo DNMP. Até hoje são meus amigos, o Rogério, o Bosco, que eram geólogos da Docegeo. O que que nós fizemos? Mandamos os geólogos mais novos, que não tinham tanto a cultura da empresa, e eles depois tiveram uma carreira brilhante no DNPM, no governo do Estado do Pará, até hoje trabalham com o governo do Estado do Pará, na Secretaria de Minas e Mineração do Estado. E foi marcado então, no começo de 1980 uma visita do César Cals em Belém para desagravo perante os geólogos. Então foi pedido que eu levasse os geólogos da Docegeo a Carajás, que o César Cals iria lá para bater um papo com os geólogos, para mostrar que não era contra os geólogos da Docegeo etc e tal. E nesse dia, nós tínhamos estado antes, para aproveitar essa viagem, que o diretor da Docegeo foi junto, o Machado foi junto, nós fomos com o Venâncio conhecer Serra Pelada. Foi a primeira vez que eu fui à Serra Pelada. Foi em março de 1980, início de março, alguma coisa assim. E por coincidência tinha uma pepita grande lá. Tinham pego. O Machado, o Venâncio, eu, os geólogos lá da área também, que no dia seguinte recebemos o César Cals em Carajás. E ele, então, quando chegou, viu a pepita também. O Venâncio mostrou a pepita para ele, que tinha sido pega lá em Serra Pelada, ele começou também a ter interesse em Serra Pelada, como ministro. Aí visitou o cobre, e tudo, foi feito o desagravo. Aí o César Cals passou a ser um aliado da Vale e da Docegeo, não começou mais a combater toda essa questão da Vale ficar só em ferro e alumínio. Não defendia o resto mas também não combatia. Mas o germe da Vale ficar só com esses dois metais ficou também. Bom, mas voltando à questão da intervenção do SNI, então foi feito todo esse esquema e foi marcado... Foi dito então que eu parasse o esquema para a intervenção em... a logística, para a intervenção em Serra Pelada, em maio de 1980.

P/1 - Pela caso das Andorinhas, e depois por essa entrevista do Eck, que ele fala que tem no quilômetro 30. Havia uma política do governo de incentivar garimpo?

R - Não, até agora não. Não havia essa política. Quer dizer, o garimpo era alguma coisa como se não existisse dentro do governo. Tinha havido o garimpo de cassiterita em Rondônia, que havia sido acabado no início... No final da década de 1960, quando as empreiteiras que atuavam na Amazônia construindo estradas foram convidadas para entrar na área de mineração. As empreiteiras que abriam a Transamazônica... então foi quando a Paranapanema entrou em cassiterita. Paranapanema era uma construtora, a Camargo Corrêa foi incentivada, ela montou também uma equipe de pesquisa. Então várias empresas que atuavam em construções de estrada, principalmente a Transamazônica, foram convidadas pelo governo para entrar na mineração. Foi a época, início da década de 1970, quando surgiu o projeto Radan, criação da Docegeo, criação da CPRN, havia uma política de governo, não era uma política de ministério. Há uma diferença muito grande. Existe no Brasil uma diferença muito grande quando a política é do ministério e quando a política é do governo. Falam: "É tudo igual." Não, não é igual não. Quer dizer, o ministério faz parte do governo, mas tem algumas políticas que não fazem parte da macropolítica do governo. Quando fala em governo é a cúpula do governo, o presidente da república, e a área econômica etc. Se o presidente da república e a área econômica não entrarem naquele projeto, aquele projeto não sai. Então, nessa época, a política mineral era uma política de governo, do presidente da república e da área econômica. Então, várias medidas foram tomadas nesse sentido. Então o garimpo tinha sido alguma coisa que o governo, realmente, pensava em ter acabado. Aí o garimpo atuava mais em cassiterita, que na época tinha um valor... também tinha um valor muito grande e compensava ter garimpo. Hoje ele vale talvez, em valor real, talvez 1/5 ou 1/6 do que era o valor do estanho naquela época, se fizer a conversão do dólar também. Então, não havia o ouro, existia no Tapajós, mas era um garimpo isolado. Não incomodava ninguém, produzia uma coisinha de ouro, não era uma produção muito grande. E daí surgiu no Sul do Pará, numa área onde havia grandes projetos do governo, onde já havia uma guerra fundiária entre posseiro, grileiro e fazendeiro, projetos da SUDAM, grupos econômicos grilando terra, e o povo miserável tentando pegar posse da sua terra. Então nesse contexto surge um garimpo, que era complicador a mais. Então por isso que o governo achou por bem intervir para tentar botar só um tampão. Então a Serra Pelada passou a ser um tampão para a tensão social. Isso foi dito inclusive pelo SNI, que eles queriam usar aquilo como uma válvula, mas confinada. Quer dizer, aqueles 10 mil, 20 mil que estavam ali dentro eram 20 mil potenciais posseiros, que estavam trabalhando no garimpo, mas confinados, para que aquilo também não se alastrasse. Só que a história não se caminha como se pensa, a história caminha de maneira um pouco diferente. Ela é muito mais dinâmica do que querem os políticos, do que querem os que planejam a história do país. Que que aconteceu então? Nós fomos lá, e é feita essa intervenção. Essa intervenção foi cinematográfica, né? Fui para lá junto com o gerente da DNMP, o Saião era o piloto na época, e fomos para uma reunião de planejamento, isso segunda semana de maio mais ou menos, foi em 1980, nós já estávamos comprando ouro lá dentro. E o INCRA tinha instalações, tinha a brigada, que era o quartel lá, e tinha o INCRA, o INCRA sempre foi usado então como base para os ramos de informação. Parece que a gente era o INCRA de Marabá. A gente saía de helicóptero de Carajás e pousava dentro do INCRA de

Marabá. Saía do Inkra, pousava dentro do quartel da brigada com o helicóptero da Docegeo. Desse jeito o planejamento lá. E o Curió daí mostrou toda a logística que ia ser feita, já tinha dois Hércules da FAB pousados em Marabá, com todo o grupo.

P/2 - Qual seria essa logística?

R - Então, o Curió falou que no dia 17... Eu até comentei que era 17, porque dia 18 é aniversário da minha filha Tânia, da segunda filha. Eu tinha que ir para Belém para o aniversário dela, só cheguei no final da tarde. E dezessete, que era num sábado, foi combinada a intervenção. A intervenção foi feita por um helicóptero da Docegeo pilotado pelo Saião. Curió, o diretor do DNPM em Belém... aliás não é... é diretor do DNPM em Brasília, do fomento, Manuel da Redenção, e eu, representando a Docegeo. Tinha sido decidido o seguinte: que haveria uma intervenção, dali em diante todo ouro seria comprado com recursos do Banco Central, repassados através da Caixa Econômica, a Vale seria operadora através da Docegeo, a operadora, administradora do garimpo; Docegeo compraria o ouro, receberia uma taxa da administração de 3%, isso foi acertado no Rio, com o administrador da Docegeo. E esse ouro, depois de fundido, é entregue à Caixa Econômica, que repassaria ao Banco Central, que entregaria à Casa da Moeda, e se fechava o ciclo. Então na hora do pouso, quer dizer, um lugar que deveria ter na época uns 15 mil garimpeiros, você descia com um helicóptero, e fala que ia acontecer isso, sabendo que não tinha intermediários, né? Então, na hora que a gente estava indo para falar com os garimpeiros, tem uma pedra lá no meio do garimpo, onde o Curió subiu em cima, daí o Redenção teve que subir, eu também tive que subir na pedra e falar também, cada um teve que dar o seu recado. Curió falou para mim: "Olha, fica tranquilo, que eu tenho cem homens que combateram a guerrilha comigo, infiltrados aí no meio. E todos estão armados. Se acontecer alguma coisa, pode ficar tranquilo." Fora a federal, que estava ostensivamente, a polícia federal estava junto, sempre... O apoio foi dado pela polícia federal.

P/1 - Você tinha todo um apoio aí, militar e tal.

R - Agora o que aconteceu? Começou uma tentativa de invasão do Salobo. Porque surgiu a seguinte mística: se em Serra Pelada, que a Vale está aí, foi invadida, imagine a outra Serra que o ministro falou que tem ouro, o que que não tem? Então a Salobo começou a ser conhecida como a Serra Cabeluda. (risos) Nesse mesmo dia dessa primeira intervenção, que foi dito, o Curió quis... O Venâncio já tinha uma informação do pessoal subindo de barco para ir para o Salobo, e nós entramos então no helicóptero, o Almir, Curió, eu e um cara que eu fiquei sabendo depois que era da polícia federal, com uma sacolinha assim. E nós fomos seguindo o Rio Itacaiúnas até que descobrimos o lugar onde os barcos estavam parados, num lugar lá. E daí a gente sobrevoou embaixo, o Saião sobrevoou bem onde estava o pessoal acampado. Daí nós descemos. Quando descemos eu peguei aquela sacolinha e carreguei para dar para o cara. E era muito pesada. Eu falei: "Curió, o que que é isso aqui?" Ele abriu a sacola, estava cheio de granada. Quer dizer, a irresponsabilidade, colocou dentro do helicóptero da Companhia uma sacola cheia de granada. Eu não sei qual era a idéia, se era jogar em cima dos garimpeiros, o que que era, uma sacola... Então esse pessoal atuava dessa forma, com total irresponsabilidade sobre o que pudesse acontecer. Bom, o dia seguinte foi algo fantástico, né, porque uma pista de 250 metros, foi feita uma ponte aérea entre Marabá e Serra Pelada, com dois búfalos da FAB... Isso está tudo documentado com fotografias minhas e do Venâncio... E era impressionante, aquele Búfalo pousou no meio dos garimpeiros, e quando foram descarregar armazém da Cobalto, instalações para a Caixa Econômica, Posto de Saúde, tudo foi montado de uma hora para a outra, um baía de um armazém inflável lá da (Cobalto?), Supermercado, foi tudo... Passou a ser tudo... Serra Pelada passou a ser um paraíso garimpeiro dentro da Amazônia. Quer dizer, uma área que era uma ilha da fantasia, uma irrealidade. E os primeiros tempos de Serra Pelada, por incrível que pareça tinha justiça social lá dentro. Era um campo de concentração com justiça social. Quer dizer, todo garimpeiro podia entrar e sair a hora que quisesse, mas com controle. E tinha também o... não podia entrar mais ninguém novo, só quem tinha aquela carteirinha de Serra Pelada que foi dada pelo SNI.

P/1 - Ah, foi dada uma carteirinha!

R - Uma carteirinha de lá. Para confinar o garimpo.

P/2 - 15 mil pessoas?

R - Não me lembro o número exato. 15 ou 20 mil, mas o número é ao redor disso aí. Isso aí tem tudo documentado da época, mas foi feito tanta coisa no meio que a gente acaba não tendo mais o número exato, né?

P/2 - Breno, só uma coisa: quando vocês chegam, né, com o Curió, vocês sobem na pedra para falar. E como é que foi essa colocação?

R - A recepção foi a excelente. Por dois motivos: primeiro, o ouro estava subindo, o ouro estava num preço bom. Segundo, eles iam tirar o intermediário, a gente ia pagar preço de mercado para eles. Tinha essa vantagem. Eles iam ter toda segurança, assistência médica. Já tinha acontecido um fato, alguns dias antes da intervenção, a agência da SNI de Brasília começou a ter contatos telefônicos comigo. E o Venâncio pegou a informação de que tinha uns casos de meningite lá. Então, você imagine, na hora que o governo faz a intervenção tem um surto de meningite. Aí o governo militar ditadura é algo que a gente abomina, que não pode ter. Mas as facilidades que tem para romper a burocracia são tremendas. Imagine hoje você está na Amazônia, tem um surto de meningite, e quando eu comuniquei isso lá em Brasília, foi numa segunda-feira, a intervenção ia ser no sábado, foi numa segunda-feira, eles falaram o seguinte: "Pode deixar que nós vamos providenciar." Na tarde ligaram para mim dizendo o seguinte: "Amanhã à noite, no vôo 250 da Varig, vai chegar alguns isopores com 15 mil vacinas... Por isso que eu acho que o número era em torno de 15 mil... 15 mil vacinas para meningite. Vai estar um cara barbudo, que trabalha com a gente aí na agência Belém, para receber o material. Vai te entregar o material. Providencia um frigorífico e um avião que no dia seguinte ele vai para Serra Pelada." Então eu providenciei condução, a pickup da Companhia, providenciei o frigorífico para guardar e a condução para o dia seguinte. Só que chega no aeroporto, o barbudo não apareceu. Não sei o que que houve lá. "Bom, agora eu estou num dilema: como eu vou tirar isso na Varig, aí dentro." Da Varig, quando vão me entregar as vacinas. "não tem nenhum papel, nada, para dizer que eu poderia pegar essas vacinas aí. E, se eu não fizer isso, as vacinas vão se perder. Como é que eu vou explicar para Brasília que as vacinas se estragaram?" Embora a culpa não fosse minha, né?

Como eu já estava acostumado com eles, e eles nunca se apresentavam como SNI. Eles se apresentavam como o presidente da república. Quando chegavam no meu escritório para falar, falavam com a secretária: “Avisa o doutor Breno que o pessoal da presidência da república chegou.” Tanto que a primeira vez ela falou: “Olha, chegaram uns amigos aí com gozação, falaram que era presidente da república, eu falei para não amolar que eu não queria gozação.” (risos) Eu falei: “Célia, o pior é que eles eram da presidência da república.” O primeiro a ligar diretamente na época, o presidente da república. Aí, eu fui no balcão da Varig e falei: “Olha, eu sou da presidência da república, vim buscar umas vacinas que chegaram no voo 250.” “Ah, sim, está aqui. Você pode entrar aqui.” Eles não pediram documento, não pediram nada. Quer dizer, eu passei como agente do SNI. No dia seguinte, eu liguei para Brasília, informei o que tinha acontecido e estava tudo bem. Todos foram vacinados antes da intervenção.

P/1 - Foi todo mundo vacinado.

R - Foi lá o pessoal da Fundação CESP, da... Então eles tinham facilidade de mexer com tudo isso. Mas antes disso, nesse período que a gente ficou comprando ouro, antes da intervenção, então a Vale não sei quanto adiantou para nós... vamos supor, comprar um quilo de ouro hoje está custando 16 mil reais, hoje, um quilo de ouro, no Brasil. Então, vamos supor que na época a gente imaginou que fosse comprar em uma semana uns dez quilos, que a gente comprava lá no outro garimpo de Andorinhas um quilo por semana, então dez quilos... Então vamos supor que a Companhia estivesse adiantado para mim 200 mil reais, em dinheiro da época o que equivale a 200 mil reais. E foi o Venâncio, então, com 200 mil reais... Tinha que ser cash, né, porque garimpeiro não ia acertar nada, tinha que ser cash. Levava o dinheiro cash, tirava, imagine hoje com controle de ____, como você ia fazer isso? Era só na base da honestidade das pessoas envolvidas, não tinha nada mais que isso. E chega, chegou com o dinheiro lá, só que o que a gente pensou para uma semana acabou no primeiro dia. E o garimpeiro não queria saber se não tinha dinheiro, porque ele estava acostumado com o comprador que chegava com o dinheiro. Daí, começou que a Companhia chegou a adiantar uma... desse tipo de dinheiro... uma fortuna. Veio depois a intervenção, porque... E o que que aconteceu? A Docegeo comprou muito ouro nessa época, na base de 200, 300 dólares a onça. E quando foi no segundo semestre o ouro chegou a 800 dólares a onça. E a Docegeo vendeu. E o que que aconteceu? A Docegeo recebeu nesse ano, depois mais dois anos em seguida, o título da melhor empresa de mineração do Brasil. Porque foi a que deu maior rentabilidade. Um capitalzinho desse tamanho, e uma lucratividade enorme! Então a Docegeo recebeu três vezes... tem no escritório da Docegeo as medalhas e o exame, três vezes seguidas, como a melhor empresa do ano, batendo a Vale do Rio Doce, batendo a MBR, batendo a Rio do Norte, Paranapanema... A Docegeo, que era uma empresinha pequena, foi a melhor empresa na premiação do ano por causa dessa gigolagem em cima de Serra Pelada. (risos) E houve vezes, não sei se é depois da intervenção ou não, que a contagem de... Não, na intervenção já começou a Caixa Econômica, então foi antes da intervenção. Porque depois ficou simples. Depois não era mais dinheiro, a Docegeo não comprava mais ouro em nome dela. E nesse período de quatro, cinco meses, que a gente ficou comprando ouro e guardando dentro da Docegeo. Depois da intervenção, o ouro era comprado, a Docegeo dava um vale, com aquele vale, ela ia no... dentro de Serra Pelada, na Caixa Econômica, ela recebia o cheque da Caixa Econômica. Ou dinheiro, se quisesse. Com aquele vale, que a Docegeo tinha fundido o ouro, descontado as impurezas, e sabia quanto ouro realmente tinha contido ali. Bom, então houve, nessa correria, antes da intervenção de Brasília, que a quantidade de dinheiro era tão grande, que não deu tempo do Banco conferir. Então foi feita uma viagem, num bimotor, caixas de dinheiro enchiam o avião até em cima, no lugar dos bancos. E o caixa do Banco foi junto. Para contar o dinheiro lá, que não deu tempo de contar no Banco e o avião tinha que chegar naquele dia em Serra Pelada, porque senão ia ter um tumulto em Serra Pelada porque não tinha dinheiro. Então você imagina hoje, como o pessoal está matando dentro do Rio de Janeiro, por qualquer 10 mil reais aí está matando, a gente colocar 300, 400 mil reais em dinheiro dentro de um avião, e levar o avião dessa forma. Foi uma coisa surrealista. Talvez fosse uns 40, 50 mil reais que foi, em notas, dentro de caixa. E o caixa do Banco foi junto. (risos) Bom, daí então os primeiros anos de Serra Pelada, que foi o ano de 1980, houve reuniões com o ministro, houve reuniões com o SNI, da diretoria da Vale, da Docegeo, nós fizemos várias reuniões dentro da agência central do SNI. E em todas as reuniões ficou muito bem claro: que o garimpo ia acabar, que ele ia aprofundar o buraco até onde fosse possível, e que depois então a Vale ia implantar uma mineração de ouro lá dentro. O que contradizia a diretriz do Ministério, que era a Vale ficar só em ferro e alumínio. E o que contradizia até a política da Vale, que a Vale não tinha decidido entrar em ouro até então. Quer dizer, a Vale estava mexendo com ouro, mexendo com... pesquisando ouro, comprando ouro, ia começar a ganhar prêmios por mexer com ouro, mas a Vale não tinha decidido entrar em ouro ainda. E o ministro também, o Ministério também não tinha determinado que a Vale entrasse em ouro. Era uma situação bem contraditória.

P/2 - Só um esclarecimento, Breno: o garimpo vai acabar porque tem um limite onde possa extrair manualmente.

R - É. Então, era um garimpo interessante, porque daí começou... no início... já tinha infiltrado... Médicos em Marabá, já estavam como garimpeiros. E como é que funcionava o garimpo? Tinha um barranco, mais ou menos 2 por 4, mais ou menos isso, na vertical. Então o cara era dono daquilo. E tinha várias formas. Algumas o barranco era de fora, que financiava o cara que estava ali. O cara que estava cavando tinha 10%. Outros eram pessoas de lá que cada um tinha 15%, 10%, tinha vários tipos de arranjo. Mas o fato é que era... Então tinha todo esse controle, o DNPM montou o escritório lá, o DNPM fiscalizava isso.

P/2 - E conseguiu manter esse número limitado de garimpeiros?

R - Esse número que estava lá. A Docegeo coordenava todas as providências administrativas, por exemplo, de vez em quando o SNI ligava para mim e falava: “Olha, nós queremos até o final da semana um telefone público em Serra Pelada.” Então nem quando eu fui presidente da Docegeo eu tive tanto poder pessoal como nessa ocasião. Então eles davam o recado assim: “Olha, nós queremos um telefone público em Serra Pelada até o final da semana. Doutor Breno, por favor, o senhor avisa ao governador o nosso pedido.” Era o Alacid Nunes. Eu ligava diretamente para o governador, o governador ligava para minha casa toda hora por causa de Serra Pelada, porque a pressão em cima dele era muito grande também, por causa da mídia, por causa de tudo aquilo, né? Daí eu ligava: “Alacid, é o Breno. O pessoal está querendo um telefone público.” “Pode deixar que eu vou determinar à Telepará que coloque um telefone público.” No fim da semana tinha um telefone público em Serra Pelada. Era um negócio fora de série. Só quem viveu aquilo, entende o que aconteceu.

P/1 - E em termos de segurança, como era esse convívio dessa massa de garimpeiros?

R - Então, o que que aconteceu? O que que era a segurança? Era dada por alguns PMs, e era dada pela polícia federal. E tinha o Curió, que ficava lá, uns substitutos do Curió e alguns agentes do SNI infiltrados. E a Docegeo tinha um geólogo, Carlos José Tadeu Teixeira, que hoje está na Paranapanema, que era o gerente do projeto, e fazia pesquisa, e era o meu contato diretamente com o pessoal lá na linha de frente. E o Venâncio dava-se... atuava como órgão de segurança da Docegeo, era o meu homem de informação, de contra informação, porque ele tinha que ir contra esse pessoal todo. E atuava também toda a Companhia, né? E a Docegeo no Rio tinha um coronel, que era o agente... assessor de segurança e informação, o Azi. Mas ele não atuou muito em Serra Pelada não. Depois só... quando entrou o coronel Murat, houve uma atuação maior, mas já no fim de Serra Pelada. Aí não sei se as histórias que surgiram em volta de Serra Pelada são inúmeras, daria para ficar falando um ano só sobre isso. Mas aquilo foi evoluindo, e quando alguém conseguia bamburrar, houve caso de o SNI pressionar o cara, falar: "Olha, você já ganhou bastante, vai embora."

P/2 - Bamburrar?

R - Bamburrar é quando... Blefar é quando não acha nada, bamburrar é quando acha muito. Bamburro é uma área rica, blefe é uma área pobre. Qualquer tipo de garimpo. Então quando o garimpeiro bamburrava, ele era convidado a cair fora: "Vai embora, que você está ganhando muito." Aí aquela área era sorteada, sorteio público feito pelo DNPM, quer dizer, um negócio de... País que não existe! Dentro do garimpo. Todo dia de manhã, os garimpeiros buscavam informação na frente do palanque, era hasteada a bandeira e cantava o hino nacional todo dia, ordem do garimpo.

P/2 - Onde eles moravam?

R - Cada um tinha o seu barraco espalhado... Era uma cidade de barraco de plástico, daquele plástico preto. A Docegeo tinha o seu acampamento, seu posto de compra, tinha o Posto de Saúde... Então, não entrava mulher, não entrava bebida, era um negócio totalmente assim. Campo de concentração com visões de céu, né, com tudo perfeito, tudo mais ou menos perfeito, né? Mas era um campo de concentração.

P/2 - Espartano.

R - Bem fascistoíde, né? Super fascistoíde, né? Mas a coisa era tolerável. Você fala: "Bom, para garimpo até que está muito bom, né?" Aí veio o ano de 1981, eles atingiram o lençol freático, começou a encher de água, então as cavas não puderam mais abaixar muito, e o garimpo no final de 1981 acabou. Garimpeiro... Era a cultura do garimpeiro, que quando ele não podia trabalhar com os equipamentos que ele tinha, ele tinha que ir embora. E foi todo mundo embora. O garimpo ficou sem uma pessoa dentro do garimpo. Eu tenho fotos do garimpo, tem no arquivo em Belém, sem uma pessoa dentro do garimpo.

P/1 - De uma hora para a outra?

R - Quando veio a época da chuva, o garimpo começou a encher de água, tal, e acabou. 1980 e 1981 ele funcionou. Quando chegou em final de 1981 acabou o garimpo. Acabou. Então falamos: "Bom, agora nós vamos continuar a pesquisa..." E a Vale começou o projeto onde ia ser rejeito, onde ia ser a instalação de beneficiamento, começou tudo aquilo a planejar. Um belo dia, eu recebo um telefonema do coronel Léo, que era o subordinado ao Nilton Cruz, que era o administrador dentro da SNI de Serra Pelada: "Doutor Breno, o Presidente da República decidiu que o garimpo deve continuar." Eu falei: "Coronel Léo, não é um pouco irresponsável, a gente conseguiu que o garimpo acabasse sozinho, sem conflito, sem nada. Fomentar o garimpo agora?" "Não, doutor Breno, há outras coisas em conjectura, há um problema agrário na região, há tensão social etc e tal. E ninguém fala bem do Brasil lá fora, só falam mal do Brasil por causa da inflação, por causa disso, daquilo, e Serra Pelada foi a única coisa que vendeu a imagem do país lá fora de que o Brasil é um país rico." Então nós não podemos discutir uma decisão do presidente da República, e o garimpo vai continuar. Então a Vale do Rio Doce, a Docegeo vai contratar empreiteiras, bombas etc, e o garimpo vai ser rebaixado." O que é rebaixado? Nós tínhamos um buraco assim. Aquele buraco dá para chegar numa certa profundidade. Para que ele pudesse aprofundar mais, os garimpeiros tinham que tirar essas partes laterais, como numa mina normal. Só que isso, quem que ia financiar isso? Garimpeiro não ia cavar isso de graça. Então foi contratada uma empreiteira, com tratores, com escapes etc, e o buraco foi alargado, foram colocadas bombas lá dentro, possantes, para secar o garimpo. E mais ou menos, então, em abril de 1981... Março, abril de 1981, foi quando eu visitei com Lúcio Flávio pela primeira vez o garimpo. O garimpo foi reaberto com toda a pompa etc, financiado pelo governo brasileiro. Então isso foi a... Serra Pelada perdeu a virgindade. Até então era um garimpo melhor que os outros. Mas sempre um garimpo. Era um campo de concentração fascistoíde? Era sim. Mas dentro da realidade que aquelas pessoas viviam, melhores que as outras. Nós tentamos fazer na época, até o ministério aprovou, mas foi vetado pelo SNI, um estudo sociológico sobre o garimpo. Ia até ser contratada a Fundação Joaquim Nabuco em Recife. Qual esse estudo? Por que que o homem está no garimpo? Maior parte das pessoas eram jovens, na faixa de 18 a 25 anos, a grande maioria era do Maranhão, e coincidiu justamente com a entrada do capital no Sul do Maranhão, nas fazendas de soja no Sul do Maranhão. Que compraram as terras dos pequenos proprietários, que nunca tinham visto dinheiro na vida, pegavam aquele dinheiro e iam para a periferia das cidades, de São Luís ou de Imperatriz, daquelas cidades, e daí aquele pequeno lavrador que tinha uma agricultura de subsistência... é um pobre miserável, mas mantinha a sua família, de forma miserável, mas mantinha... Quando vai para a periferia vira um favelado, com os filhos pequenos, os filhos crescem, as meninas vão para a prostituição, e os filhos no passado migravam para o sul, só a década de 1980 foi uma década de recessão, então não tinha mais o Sul maravilha para migrar. Então a Amazônia, com Carajás, Tucuruí etc, era o atrativo dessa mão-de-obra do Nordeste, principalmente do Maranhão. Nós queríamos fazer esse estudo de maneira científica, mas não foi possível fazer, porque a SNI vetou, não permitiu que fizesse o estudo.

P/2 - E por que?

R - Porque nós íamos mexer com as origens do problema. No Brasil você faz reforma agrária, mas você não mexe com as origens do problema. Você demarca a terra indígena etc, mas não mexe com a origem do problema. Isso é proibido, porque o dia que você mexer com a origem do problema, a elite que domina o Brasil há várias décadas, ou há vários séculos, algumas há séculos, outras décadas, ela vai ser desmistificada. Nós estamos começando agora na mídia a ter vergonha do Brasil porque nós estamos tendo a nossa realidade como ela é. Até agora tinha uma realidade que não era aquela que realmente, era a realidade que nós da elite vendíamos para o Brasil. Hoje uma parte da elite está caindo na real. E o restante do Brasil tem que cair na real, porque se não nós nunca vamos ser uma nação. Nós vamos ser um país de donatários, como nós fomos até hoje. Então, sempre que você quer mexer na origem do problema, o que que ia acontecer? Você ia mexer com todo esse problema fundiário no Nordeste, que é complicadíssimo, como é que fica esse excedente de população que o Nordeste sempre dá. Por que que o Nordeste sempre tem excedente de população? A Serra Pelada atraiu gente, muita gente de Goiás etc. Mas, então, o garimpo foi reativado. E por que que foi reativado? Às vezes o problema social, da tensão social, usa o garimpo como válvula de escape. Mas havia um outro problema sério: era ano de eleição no Pará. E o deputado federal Jader Barbalho, estava despontando com uma liderança mais forte do que o Alacid, e para Jarbas Passarinho, que na época já estavam começando a brigar e se separar também. Porque o Maranhão cresceu muito com o Sarney, mas o Pará não teve o equivalente com o Jarbas Passarinho, que é uma pessoa séria, uma pessoa que teve o seu valor como pessoa, embora algumas políticas erradas, principalmente na área da educação, com a política de educação. Que aquela reforma que foi feita no sistema de educação brasileiro, até hoje estamos pagando isso. Mas é uma pessoa íntegra. Mas não trouxe vantagens grandes econômicas para o Pará. Então começou a ter uma oposição à política oficial do Pará, que era via Arena, via Passarinho e via Alacid. E começou a despontar a oposição pelo MDB da época, que era o deputado federal Jader Barbalho. E o candidato da Arena foi o Oziel Carneiro, que na época era o secretário do governo de Carajás. Era um empresário do Pará, que era secretário de Carajás, num cargo que eu havia sido convidado, quando ele saiu. Quando ele saiu para ser candidato, me convidaram para pegar o cargo. Felizmente eu não aceitei, porque era um simples cargo figurativo. Daí foi o Nestor Yoshi que foi para o cargo. E o Oziel Carneiro era o candidato. Então os levantamentos, as pregas feitas pelo SNI, indicavam que a disputa ia ser pau a pau entre o Jader Barbalho e o Oziel Carneiro, Arena e PMDB. Serra Pelada poderia dar uns 30, 40 mil votos. Então se lançasse o Curió como deputado pela Arena, por Serra Pelada, ele acabaria levando os votos de Serra Pelada para o Oziel Carneiro. E assim foi feito. Então Serra Pelada perdeu a virgindade, porque primeiro: pode entrar à vontade. Serra Pelada aí passou de 15 mil para 30, 40 mil pessoas.

P/2 - Sem aquele sistema de controle...?

R - É, daí começou a... Entraram como exemplar, entraram como mão-de-obra não, mas como dono de cata. O cara... Passou a surgir formiga dentro daquilo lá. A mão-de-obra braçal, o bóia-fria do garimpo. Você tinha o empresário de fora, tinha o proprietário local, ou sócio, ou gerente daquele empresário, e agora tinha um terceiro personagem, que era o formiga, aquele que ganhava por cada saco de terra transportado. Porque você tinha que transportar de lá o estéreo, de lá, para o buraco aprofundar, em cima da cata, que a gente só... Abrimos fora, mas a cata para afundar podia ter ouro, quem ia tirar era ele. E tinha que tirar o que era minério, que levava para aqueles... Cada um tinha o seu curralzinho fora, onde fazia a lavagem daquele material. Então surgiram as procissões de formiga, pessoas que trabalhavam ganhando às vezes prato de comida, ganhando uma diária, ganhando por saco transportado etc. Na esperança de de repente ele conseguir uma vaga numa cata, isso que eles sonham: de repente ele entrar no sistema também. Por isso que foi possível colocar mais gente. Foi o bóia-fria do garimpo que entrou. E no garimpo chamava formiga.

P/1 - Aqueles 15 mil iniciais voltaram também?

R - Não, voltaram. Cada um tinha a sua cata.

P/1 - Cada um tinha a sua ainda.

P/2 - Continuava.

R - Continuava na vertical registrada, tudo direitinho.

P/1 - Ah, entendi.

R - Então, aí veio a eleição. Jader Barbalho ganhou por 9 mil, 10 mil votos, uma coisa assim. Foi bem apertada mesmo, até o final foi disputado. Mas os votos de Serra Pelada foram ganhos pela Juíza, porque não tinha domicílio eleitoral etc, então a Juíza de Marabá embargou os votos. Mas mesmo assim o Curió já tinha uma mística regional, e o Curió foi eleito deputado federal. Acabada a eleição, houve duas visitas do Figueiredo: uma em 1980, depois outra em 1982, quando foi a abertura do garimpo, ele foi lá. A primeira eu participei, a segunda não. A segunda o Venâncio participou. Então nessa reabertura do garimpo, houve compromisso, quando foi reaberto, que seria por um ano só, ou seja, só para cumprir o objetivo da eleição. E quando o Figueiredo foi lá, na abertura etc, e para falar que o ano que vem uma Companhia ia para lá e tudo aquilo, tal, o Curió mandou sujar, pegou os garimpeiros mais simples, mais... Até alguns com algum distúrbio comportamental etc, simplórios mesmo, sujou da cabeça aos pés de barro... O garimpeiro se suja, mas não a esse ponto, né?... Para que esses com bandeirinha recepcionassem o Figueiredo e depois carregasse ele nas costas, sujasse todo ele de lama. E o Curió falou uma frase depois, o seguinte: "Vocês se lembram que o garimpo já fechou uma vez e nós reabrimos. Agora, quando ele for fechar, nós vamos reabrir de novo." Porque aí ele já era deputado eleito.

P/1 - Ele falou isso no mesmo evento que o Figueiredo estava?

R - Na frente do Figueiredo. O Figueiredo foi viajando quando o... parece que o Eliezer, numa viagem que ele foi a São Luís, ele... isso foi contado pelo Deocrécio para mim, não sei se foi verdadeiro ou não, mas que ele teria se referido ao Eliezer a respeito do Curió como traidor filho da... Porque ele era um homem do governo e passou a ter vida própria. É mais um dos casos da criatura contra o criador. Bom, aí, paralelamente o que está acontecendo aí? Fazer uma paradinha de falar de Serra Pelada, para contar como a Vale entrou em ouro. Bem, então nós estamos

vendo... tudo isso estava acontecendo com o ouro, mas a Vale... O ouro não era um objetivo de produção da Vale ainda. E havia aquela política de governo de a Vale ficar só com ferro e alumínio. Era contraditória porque havia produção de ouro dentro da Vale, aquela de garimpo, e a Vale não trabalhava com ouro. E num dos contatos com... Houve uma viagem, marcada em Fazenda brasileiro. Fazenda brasileiro já tinha um potencial já predeterminado, já sabia-se que Fazenda brasileiro ia ser uma mina boa. Então foi lançado o Fazenda brasileiro para privatização. Quer dizer, ao mesmo tempo que a Vale trabalhava em Serra Pelada, o Ministério determinou que Fazenda brasileiro iria ser entregue à indústria privada. E foi feita uma licitação, várias empresas se interessaram, a Anglo American, a Paranapanema parece que também, mas a mais interessada foi a Anglo American. E isso começou a dar um certo ruído político, porque podia cair com uma empresa de capital estrangeiro, que ia entregar o ouro da Vale à Anglo American etc e tal. E aí o César Cals bolou um modelo tripartite: aí seria ter uma empresa estrangeira, uma empresa brasileira e a Vale continuaria, mas não como operadora. Começou a ter uma saída mais ou menos nessa linha. E dentro dessa linha foi feito um grande showroom em Fazenda brasileiro. E na última hora eu fui convidado pelo César Cals para ser o garoto-propaganda. Garoto-propaganda mesmo! Ia para fazer uma exposição sobre Serra Pelada para os empresários que iam acompanhar. Então foi uma viagem que o Deocrécio foi, foi em Jorro cidade de Jorro na Bahia, uma cidade com fontes termais, onde tinha um posto da Petrobrás com piscina de água quente, hotel muito bonzinho lá. Foi o César Cals, que tinha sido governador do Ceará, Triches, que era o vice-presidente da Vale, Euclides Triches, era o vice-presidente da Vale, tinha sido governador do Rio Grande do Sul, foi o Nilo Coelho, que tinha sido governador do Pernambuco, e o Normanto Jr., que tinha sido governador da Bahia. Então tinha quatro ex-governadores nessa reunião. E foi aquele empresário do Nordeste, Edson Queiroz, que depois faleceu naquele acidente do avião da VASP, que bateu numa montanha, um ano depois, uma figura muito interessante. E foi uma reunião daquelas típicas lá de Brasília, né, regada a uísque etc. Mas a idéia era então atrair os empresários. Tinham outros empresários na região... Para Fazenda brasileiro, então foi visitado Fazenda brasileiro nessa ocasião. Mas o César Cals tentava levar à frente essa idéia de privatizar o ouro da Vale, principalmente Fazenda brasileiro, e ao mesmo tempo nós estávamos vivendo um momento de abertura na política brasileira, com o governo Figueiredo, mas um núcleo dentro do governo, núcleo militar muito nacionalista, que achava que a Vale era governo, a Vale era Brasil e a Vale não podia ser privatizada e nem entregar o que ela tinha, nem para a iniciativa privada, e muito menos para o estrangeiro. E uma vez eu me lembro de um telefonema do coronel Léo, e ele comentou comigo: “Não é estranho que o governo esteja usando a Vale em Serra Pelada para tomar conta do garimpo e incentivando para ela fazer uma pesquisa para colocar uma mina? Ao mesmo tempo a Vale diz que não vai trabalhar com ouro. E ao mesmo tempo o outro lado do governo, o Ministério, fala que a Vale tem que ser do ouro. Não está estranha essa situação?” Eu falei: “Bom, eu acho estranho, mas eu não posso falar nada. Eu sou apenas um geólogo da empresa.” “Ah, não, eu vou conversar com a direção da Vale e vou conversar com o Palácio.” E houve uma reunião no Palácio, parece que quem foi o mentor disso foi o Venturini, Venturini era profundamente nacionalista. Então não sei, isso quem pode contar é o doutor Eliezer, que na época era presidente da Vale. Aí se decidiu que Fazenda brasileiro não seria mais privatizado, que continuaria com a Vale, e que a Vale ia ter uma política de produção do ouro. Isso deve ter ocorrido em 1982, 1981. Esse primeiro germen foi lançado então com uma postura dos órgãos de Segurança Nacional, que foram contra que o ouro saísse da Vale. Contrariando a própria cultura da Vale, que era refratária a trabalhar com o ouro, e contrariando ao próprio governo, através do Ministério, que recebia pressão do empresariado nacional, e talvez o empresariado estrangeiro de mineração, para que a Vale não crescesse muito. Numa época, pouco antes, eu tive uma viagem com Oziel Carneiro, que era um carajazão, e discutindo essa política da Vale só ficar com aquilo, e que a linha política era a seguinte: não deixar a Vale crescer demais, porque senão a Vale seria a maior empresa de mineração do mundo. E não interessava ao governo ter... não interessava à classe empresarial nacional, ter uma estatal que fosse a maior empresa de mineração do mundo. Isso foi dito pelo Oziel Carneiro. Então começou o germen do ouro, dentro... Essa decisão política, a nível de governo federal. E dentro da Vale aconteceu outro fato: foi criada a superintendência de desenvolvimento, dentro da Vale, subordinada a Deocrécio, que era diretor de desenvolvimento. E foi levado para o ministro Darcy Germani, e depois Darcy Germani saiu, e foi Ulisses Rodrigues de Freitas, que era superintendente de desenvolvimento da Docegeo. E que acompanhava a Docegeo desde a pesquisa de bauxita na Amazônia, ele era da Vale, mas transferiu para a Docegeo. E tinha acompanhado os garimpos de cassiterita, tinha... Então já tinha a cultura da Docegeo, a cultura de diversificação de produção mineral. Ele não tinha uma formação ortodoxa de só minério de ferro. Ele tinha uma visão mais diversificada do setor mineral. E ele, então, começou a implantar, dentro da superintendência, levou o Zé Adolfo, que trabalha... que era da Docegeo também, para trabalhar com ele. Depois o Adolfo chegou a ser presidente da Docegeo, no início da década de 1990. E começaram então a montar um esquema de como produzir ouro. Porque até aquela época a Docegeo tinha... a Vale tinha produzido ouro através da Docegeo em Andorinhas, através de compra do garimpo, e uma pequena produção de teste. Alguma coisa no garimpo que surgiu também no Salobo, a invasão do Salobo foi concretizada. E nós compramos algum ouro também do Salobo. E o ouro de Serra Pelada, que no início foi comprado pela Docegeo e depois entregue ao Banco Central via Caixa Econômica. Então dentro da SUDES, que era a Superintendência de Desenvolvimento da Vale, começou a criar esse germen de trabalhar com ouro, começaram a se aculturar, e iniciando então com o Fazenda brasileiro, que era o único lugar que já tinha uma jazida mais ou menos dimensionada. E foi criar primeiro um departamento para mexer com ouro, depois foi criada a SUMEN, que é a Superintendência dos Metais Nobres, que passou a ser responsável pela produção de ouro que nasceu dentro da SUDES. Então foi essa a cultura que foi da Docegeo com Ulisses, com José Adolfo, e com o apoio de Deocrécio, que deram... abriram espaço político dentro da Vale para que a Vale pudesse trabalhar em ouro. Começaram com uma pequena lavra em investigação em pilha no Fazenda brasileiro, até ganhar terreno, espaço e cultura para poder começar a lavra subterrânea. Então o ouro, a partir do momento em que a Vale começou a entrar em ouro, e começou a sentir... O preço estava bastante bom na época... passou a perceber que podia produzir pouca coisa, mas ganhar muito dinheiro, relativamente, então passou a ser prestigiado pela Vale, passou a ser ainda mais apoiado quando entrou o Wilson como presidente, que vinha da área financeira, então nessa época quem mexia com bolsa, quem tinha... A cultura do ouro já era alguma coisa mais enraizada, e o ouro foi se fortalecendo dessa forma. Há um ligeiro enfraquecimento agora, porque o ouro... O preço do ouro está muito baixo a nível mundial. Isso... todas as empresas que trabalhavam com ouro estão com um pouquinho de pé no freio agora. Mas essa foi a entrada do ouro na Vale. Quer dizer, a Vale chegou a... A partir disso, surgiram outras descobertas, a mais importante foi a Igarapé-Bahia, em 1986, que entra em operação no final da década. E Igarapé-Bahia começou a mina, chegou a ser a maior mina de ouro da América Latina. Hoje já não é mais, mas na época que foi inaugurada, produzindo 10 toneladas de ouro, era a maior mina em atividade em toda a América Latina. Então vê aí, para uma empresa que não ia produzir... A Vale passou a ser a maior produtora de ouro da América Latina... Do Brasil e da América Latina também, uma empresa que não queria entrar em ouro. Nunca chegou a ser uma grande produtora de ouro, mas em termos regionais ela se tornou importante.

P/1 - A Docegeo passou aí a assumir descaradamente as pesquisas?

R - Daí, o que era feito escondido, passou a ser disposto às claras e incentivado. Talvez o azar foi que o que a gente fazia escondido teve mais sucesso que quando fez às claras. (risos) Talvez tudo que é escondido é melhor, né? Então na época a gente trabalhava nos bastidores, a gente teve a sorte que a gente tropeçou nas jazidas melhores, a última foi Fazenda brasileiro. E hoje a própria geologia de Carajás é mais bem conhecida, sabe-se que o ouro em Carajás está sempre associado a cobre. Então hoje sabe-se que Carajás vai ser uma área potencial, além de ferro, para cobre, com ouro associado. Então a visão hoje é muito mais clara do que a no passado, quando a gente estava tentando descobrir Eldorado em cada morrinho que encontrasse pela frente. Então, voltando à Serra Pelada, nós tivemos o primeiro ano, que foi o ano da virgindade etc, lá, daquela coisa irreal, campo de concentração de luxo. Depois nós tivemos a perda da virgindade, quando Serra Pelada foi usada como curral eleitoral. E, após esse período de curral eleitoral, veio o ano de 1983, que foi o ano de conflito entre o governo federal, que tinha dado... Que tinha facilitado que o garimpo continuasse, mas dependendo de um prazo... Ele já tinha dado luz verde para a Vale implantar uma mina de ouro lá, dentro daquela política que a Vale entrasse em ouro. E a reação do Curió com os garimpeiros, para que o garimpo não fechasse. Então em 1983 o garimpo cresceu de maneira assustadora. Foi a época que o garimpo teve uma Amazônia bastante rica, parece que nesse ano se produziu 13 toneladas, a maior produção no garimpo foi 2 ou 3 toneladas em 1983. E o garimpo chegou a 60 mil pessoas mais ou menos. Dentro do único buraco, buraco do tamanho do Maracanã, com 80 metros de profundidade, trabalhando lá 60 mil pessoas. E já sem controle nenhum. Nós começamos a ficar num fogo cruzado, porque o SNI determinando a Vale, a Docegeio que tinha que assumir o controle, mas ao mesmo tempo já eles tentando tirar o pé de dentro. E a oposição forte do garimpo. Eu me lembro de uma visita feita em junho de 1983, quando Figueiredo não entrou mais, mas mandou um vídeo, ele gravou um vídeo para mostrar para os garimpeiros, determinando que o garimpo continuaria até o final do ano. Porque o prazo era para terminar em junho, então prorrogou até o final do ano, mas determinando... Então fez um anúncio aos garimpeiros, como se fosse uma coisa boa, que ia prorrogar por mais seis meses, mas falando que ia acabar. Então o clima já estava bastante hostil. E nessa visita, a SNI, foi uns deputados me visitarem, em Serra Pelada, para ver a realidade de Serra Pelada, e começou a pressão do Curió para que o garimpo não fechasse. E foi esse vídeo do Figueiredo para ser apresentado, e eu fui lá no meio. E a visita foi bem agressiva mesmo lá no garimpo, havia muita hostilidade contra a gente, a própria SNI já estava sendo hostilizada. E na hora que o ônibus parou no garimpo, e desceu, a hora que voltou entrou um deputado gritando lá, gritando, gritando: "Encontrei ouro, bamburrei!" Quer dizer, um dos deputados que estava lá fiscalizando era dono de garimpo em Serra Pelada. Então a coisa ali estava totalmente corrompida, e quando foi início de 1984, a hostilidade começou a ficar muito grande, o Venâncio monitorando o tempo todo sobre o que estava acontecendo, cada ato do Curió, cada declaração do Curió era monitorada, tudo. E houve uma... as televisões do mundo todo, principalmente Alemanha e... as do Brasil foram todas lá fazer cobertura, principalmente a Globo e a Bandeirantes. Mas a... do mundo todo, principalmente do Japão e da Alemanha, de vez em quando iam lá fazer um vídeo sobre Serra Pelada. E uma televisão do Japão pedia para que fosse lá, e eu liguei para Brasília e disse: "Tenho mais um pedido da televisão japonesa, vamos dar autorização?" "Fala aí, doutor Breno. Não vamos chamar ninguém para Serra Pelada, não tenho mais orgulho nenhum de mostrar aquilo para ninguém. Aquilo virou um monte de corrupção, e todo mundo se corrompeu lá dentro. Felizmente só a Docegeio não se corrompeu lá dentro." Foi o que ele falou para mim. E realmente nós não tivemos um caso de corrupção com nenhum empregado nosso. O pessoal da federal, pessoal do DNPM, pessoal do SNI, todos eles ganharam dinheiro com Serra Pelada. Então aquilo... daí começou a deterioração, até chegar a crise de junho, fim de maio. Aí começou os conflitos, volta e meia era conflito, era televisão entrando na minha casa, às vezes no fim de semana, quando acontecia um conflito. Para lá e para cá. Vinham de Belém, para dar aquela entrevista, que você nem fala "Bom dia" já tem a câmera na tua cara ligada, você é obrigado a falar o que ele pergunta e tal. E até que chegou uma hora que o Venâncio falou: "Olha, não dá mais para ficar". Aí eu avisei o... Isso foi em maio de 1984... e avisei o Rio que ia retirar a equipe, avisei Brasília que não tinha mais condição de ficar, o SNI não garantiu mais segurança da equipe lá dentro. Aí tomo uma ponte aérea, tiramos todo mundo de Serra Pelada para Carajás num dia só. Não ficou mais ninguém lá dentro. Passamos a compra direta para a Caixa Econômica, quer dizer, a Caixa Econômica ia se virar em comprar ouro, a gente não passou a comprar. A produção já estava caindo também. Aí veio junho, o célebre conflito que eles fecharam... porque boa parte dos garimpeiros eram, dos 12 garimpos, eram de Imperatriz no Maranhão também. Então foi orquestrado pelo Curió, fecharam a Belém-Brasília, fecharam a estrada, e marcharam em direção a Carajás. Eu estava... nesse dia eu estava em Carajás, e aí foi uma situação bastante crítica, porque eles incendiaram. O quilômetro 30 já tinha sido batizado de Curionópolis, em homenagem a Curió, até hoje é o município de Curionópolis, em homenagem ao Curió. Incendiaram bancos lá em Curionópolis, vieram para Parauapebas, incendiaram várias áreas. Teve até um fato interessante... Curioso, não interessante: quando começou a atividade de empreiteiro em Carajás consumindo ferro, havia o problema dos solteiros. E as casas de prostituição que tinham eram barracos pobres ao longo de Curionópolis, no Parauapebas, muito... bem de peão. E tinha os engenheiros também que queriam ter o seu cabaré, né? Então as empreiteiras construíram, em Parauapebas, uma casa no rio, até bonita, uma casa chique. É lá um bangalô, com banquinhos na beira do rio para namorar, e tudo aquilo. E passou a ser a casa de luxo que tinha lá. Então nessa hora que os garimpeiros invadiram, para tentar agredir, invadir Carajás, já ir marchando para invadir Carajás, as prostitutas dos cabarés rampeiros invadiram a casa chique também, e tocaram fogo. Quer dizer, foi uma luta de classes. Era o garimpeiro contra a mineração, as prostitutas pobres contra as que viam de Belém para ficar na casa bonita na beira do rio. E a casa foi destruída. Então foi um tipo de luta de classe. Nesse dia, então, quando a invasão veio, o Gazola, que era responsável pela operação, Gazola que até, não sei se a gente já comentou isso, mas ele que organizou a... Vieram aviões de Belém com PM. E na ponte do Parauapebas, na base de Carajás, foi colocado tropa de um lado e garimpeiro do outro. Infelizmente não atravessaram, senão o Eldorado de Carajás teria acontecido em 1984. Aí houve uma negociação, os garimpeiros não atravessaram, e com isso se criou um fato político para que o garimpo continuasse. O que que era esse fato político? A Vale era titular do direito de pesquisa. Então um engenheiro de minas de São Paulo, que achava um absurdo entregar aquela área para a Vale, mais acionista da Vale, entrou com uma ação popular contra o governo. Que não podia entregar a área da Vale para o garimpo. Que ele se sentia lesado como acionista da Vale. Então, o governo... foi avaliado quanto a Vale tinha calculado, pesquisado na época, era 27 toneladas que a gente tinha medido na época. Então foi feita uma lei, aprovada pelo Congresso Nacional, que aquele ouro que a Vale havia pesquisado seria entregue ao garimpo, e a Vale seria indenizada pela perda do ouro, para que seus acionistas não fossem lesados. Então nós, cidadãos, pagamos isso ao garimpo e à Vale. Permitiram que o garimpo entrasse, o garimpeiro recebeu aquele ouro de graça, para poder continuar garimpando. Na realidade, boa parte desse ouro já tinha sido garimpada. Restava talvez lá umas 10 toneladas só. Ou nem isso talvez. E a Vale recebeu em torno de 60 milhões de dólares, parece... do dólar na época. Excepcional negócio, porque ela ganhou sem minerar. E é aprovado pelo Congresso Nacional. Depois teve ações populares para que a Vale devolvesse esse dinheiro, uma série de ações, mas nunca conseguiu reverter isso. Então a Vale saiu de lá. Durante essa época, antes daquela invasão, houve um fato interessante, curioso, foi me contado pelo Pitella. Não sei se ele foi entrevistado aqui. Ele na época era o responsável... Era o diretor da Vale responsável pela implantação de Carajás, era o chefe do Gazola. E tivemos Espírito Santo, que era jazida da Vale naquela época. E os dois foram para lá para ver esse negócio de tumulto, de invasão,

de Serra Pelada etc e tal. E tiveram uma reunião, então, com o general da brigada de Marabá, para pedir segurança para a Vale, antes de ter invasão, foi naquele período de tumulto ali. E eles foram de helicóptero da Docegeo até Marabá, desceram em Marabá, para pegar o carro da Companhia, para ir para a brigada pela Transamazônica. Ficava a uns oito quilômetros mais ou menos do centro de Marabá. Do aeroporto tem que andar uma distância grande. Quando ele desceu, o Pitella olhou e falou: “Ah, tem uns cara barbudo olhando meio para gente, deve ser o pessoal do garimpo. E vamos tomar cuidado.” Aí entraram no carro da Companhia. Pitella falou para o general: “Olha, os caras entraram no outro carro lá atrás.” Aí pegaram a Transamazônica com o carro atrás, seguindo. “Os caras estão seguindo a gente.” Chegaram na Transamazônica, tinha um atoleiro. Aí o Pitella falou para o motorista: “Deixa eles passarem na frente. Não vamos passar na frente, que o nosso carro vai morrer ali dentro, vai atolar, e aqui que eles vão massacrar a gente, os garimpeiros vão massacrar a gente.” Aí fizeram sinal para os caras passar, estavam achando que era para Pitella ir na frente. Tiveram que ir na frente. Aí foram, chegou no atoleiro não deu outra: atolou a carro. Aí os caras vieram atrás, desceram, foram ajudar, era o pessoal da Polícia Federal, que tinha sido avisado pelo quartel para dar segurança. (risos) Isso foi contado pelo próprio Pitella. Bom, aí em Serra Pelada, o que que aconteceu? Serra Pelada acabou, foi indo, foi indo, acabou. E surgiu uma mística. Curió, de se o semideus de Serra Pelada. E havia uma mística, que foi criada, real, mas ela virou uma fantasia, que o ouro de Serra Pelada, quando iniciou, quando a Docegeo comprava, ela tirava as impurezas, ela analisava quanto tinha de ouro, pegava aquela amostra de ouro, analisava: “Então isso aqui tem 50% de ouro. 50% de ouro aqui. O resto é impureza.” Sujeira, podia ser um pouquinho de prata. E o ouro em Serra Pelada tem paládio junto, que é um pratinóide, do grupo da pratina, tem o paládio junto. É um metal nobre, mas de valor mais baixo que o outro. E chegava a ter até 20 ou 30% de paládio junto com ouro. Logicamente, quando era feita a lavagem do ouro, a sujeira, parte da sujeira era paládio. E naquelas compras que a Docegeo fez no início, em nome da Caixa Econômica, parte era paládio que foi lá. Isso depois ia para a Caixa Econômica, Banco Central, quando era fundido na Casa da Moeda, separava o ouro do paládio. E o Banco Central vendeu o ouro e vendeu o paládio. Mas o paládio entrava no Banco Central a custo zero. Nem a Docegeo ganhava nada, e nem a Vale, mas o Banco Central ganhava. E eles descobriram isso, entraram com uma ação indenizatória contra o paládio.

P/2 - Eles?

R - A cooperativa dos garimpeiros. Foi criada uma cooperativa dos garimpeiros em Serra Pelada, e Curió era o presidente. Descobriram e entraram com uma ação. Na época avaliaram 10 milhões de dólares. E a Caixa Econômica não ligou muito para isso, e acabou perdendo a ação. Isso rola até hoje. E eles colocaram correções em cima daquilo, porque daí não era mais 10 milhões de dólares, mas aí ficou pelo valor na época, e correção em cima, eu sei que já estava valendo em 1995, 1996, 60 a 70 milhões de dólares. Então a cooperativa queria receber isso, quer dizer, esse dinheiro ia chegar, entrar por um lado e sair pelo outro, os garimpeiros não iam ver nada, né? E teve impasse, isso nunca pode se pago, vai pagar a quem? E como o problema do empréstimo compulsório da gasolina, que teve. Quem que vai receber esse empréstimo compulsório, se aprovar que se abasteceu com a gasolina aquele período? Então isso era um.. Como é que você vai pagar um garimpeiro, como é que você vai saber quem é aquele garimpeiro? Então surgiu “n” procuradores em nome dos garimpeiros para receber esse dinheiro. Por isso eles não queriam largar mão de Serra Pelada, para tentar receber esse dinheiro. Não mais pelo ouro que tinha lá. Até que um geólogo, que tinha sido presidente da CONAGE, assumiu o DNPM, e quando ele estava no DNPM, achou que era um absurdo Serra Pelada não poder mais ser pesquisada. E começou a forçar a Docegeo e a Vale para que voltasse lá. Isso, então, começou a ser feito em 1995, 1996 etc, aí surgiram aqueles conflitos quando a Vale teve sucesso em achar o ouro. Estava na época da privatização. Então teve que ser comunicado ao presidente da República. Fernando Henrique divulgou que existia tanto ouro em Serra Pelada descoberto por lá. Então os garimpeiros voltaram para querer o ouro de novo. Daí eles fecharam Serra Pelada. Isso aconteceu... Eu tive com o Almir Gabriel para pedir proteção nessa época lá, e ele falou comigo: “Ô, Breno, eu tenho muito medo de colocar força policial em Serra Pelada, porque eu não quero é sujar minhas mãos de sangue enquanto governador do Estado. Que amanhã eu coloco a polícia lá, o garimpeiro ataca o policial, o policial, na hora, sendo atacado, não vai pensar duas vezes, vai dar um tiro, e eu vou evitar de colocar força policial lá em cima. Tanto que um garimpeiro, com a gente teve tanto sucesso.” E, poucos meses depois disso teve o negócio do Eldorado, mas aí era uma diferença: o Eldorado tinha os fazendeiros fazendo pressão na polícia, e talvez até dando dinheiro etc, coisa que a Vale não fazia com a polícia. A postura da Vale em 1995 tinha que se totalmente ética. Então, isso deve ter insuflado a polícia a agir, independente da ação do governador, com maior violência. Embora o governador fosse contra, numa hora dessa lá a cultura local é que prevalece. Então a polícia não tinha nada contra o garimpo, pessoalmente, porque nunca tinha havido um confronto. Mas contra o posseiro já era um conflito antigo. Contra sem-terra já era um conflito antigo, porque ela sempre foi insuflada pelos vileiros que estavam na região toda aquela. Então essa é a história rápida, bem resumida, de Serra Pelada. O coronel Muralha é que conseguiu documentar tudo isso, deve estar em algum lugar na Docegeo ou na Vale. Um histórico desde o início, todo comentado, com várias entrevistas, tem toda a história do garimpo de Serra Pelada.

P/1 - Breno, nesse período que vocês estavam lá, o pessoal da Docegeo, era só o pessoal da Docegeo? Quer dizer, não tinha ninguém do Rio, da Vale, vocês é que faziam todo esse meio de campo aí em Serra Pelada?

R - No garimpo? Era. Quer dizer, o pessoal da Vale ia ter um contato, havia as reuniões no SNI, que participava o Deocrécio, participava o pessoal da Docegeo no Rio. Na época o Zé Adolfo era da Docegeo, ele participou dessas reuniões, Zé Adolfo, o Darcy Germani que era o superintendente de desenvolvimento da Vale participou algumas vezes também em Brasília. Mas a parte operacional era toda... Até houve uma vez que Deocrécio passou a irreverência numa reunião no SNI, falou que ele... Quando o SNI veio cobrar algumas ações da Vale, ele falou que a Vale não tinha nada com isso, com Serra Pelada. Que a Serra Pelada era Serra Pelada Gold Company. Então, o coronel lá era presidente, e o Breno era o gerente. (risos) Quer dizer, então qual a referência dele? Na realidade acontecia isso. Quer dizer, eu relatava tudo que acontecia comigo, nunca fui... Nada foi feito por baixo do pano. A diretoria sabiam tudo que acontecia e da Vale também. Mas o SNI agiu em Serra Pelada sem consultar a Vale. Ele determinava o que a gente tinha que fazer. Se ele determinava ao governador, e o governador fazia, quem era o mísero gerente regional da Docegeo que ia ser contra? Apenas comunicava ao Rio: “Pedi para fazer isso. É para fazer?” “Faz.” “Então faz.” É difícil você... quem não viveu no governo militar... É difícil você ter cor do momento político que você vivia. Quer dizer, você acha as coisas absurdas, mas era assim que acontecia. E nós já estávamos no período de abertura, houve um período mais duro na década de 1970, esse era bem tenebroso, né, que nós tivemos geólogos presos etc e tal, sem nada mais.

P/1 - Vocês tiveram geólogos presos?

R - Tivemos geólogos presos, tivemos um administrador torturado, em Rio Maria...

P/1 - Da Vale?

R - Docegeo.

P/2 - Mas qual era a atuação deles, o que que os levou?

R - A repressão policial naquela época... Hoje existe repressão policial, existe tortura, existe violência, mas existe um espaço para você protestar. Naquela época não havia nada. Você tinha que se virar sozinho. Então o que aconteceu? Um braçal nosso em Rio Maria, foi na zona de Rio Maria, e viu uma garota lá e estava transando com ela. Só que tinha um soldado da PM que devia estar apaixonado, alguma coisa, por essa dona. O cara simplesmente entrou lá, chutou a porta e atirou e matou os dois. Bom, aí, isso aconteceu tudo em 1976, naquela época que eu contei a história do quartel, que eu andei trabalhando em Andorinhas, naquele clima que havia naquela época, e a gente já tinha contratado um coronel para ser segurança da Docegeo. Foi naquele período que a coisa estava em transição. Aí, o que que aconteceu? A polícia de Rio Maria já tinha uma briga com a Docegeo, porque logo que a Docegeo começou a atuar lá, eles pegaram os nossos braços ali na estrada e por se uma empresa, que tinha uma certa estrutura e etc., e deram uma surra nos nossos braços, sem razão nenhuma. E daí tinha um capataz mais forte, pegou o cabo ou o sargento que tinha comandado aquele negócio na cidade de Rio Maria, e deu uma surra nele na frente de todo mundo, de toda a população da cidade. Então ficou aquela animosidade Docegeo e PM de Rio Maria. Mas era mais ou menos tolerada. Quando houve esse crime, daí você tinha a obrigação de não deixar esse negócio parar. Tinha que ter um inquérito. E eu, inocentemente, ingenuamente, pedi que o meu administrador, um rapaz que eu conhecia da administração regional, fosse até a delegacia para ter idéia de como estava indo o Inquérito, o que que tinha avançado no Inquérito. Ato normal de qualquer situação: tem um crime, você vai à delegacia e pergunta como é que está indo o Inquérito. E dali uma meia hora me chamaram no rádio, o rádio de Rio Maria, pedindo socorro, porque o Carlos, que era esse administrador, estava sendo torturado. Pegaram a mão dele com a palmatória, e começaram a bater na mão dele. Simplesmente falaram que “quem era ele para pedir satisfação para a polícia?”. Então começou com a palmatória nele. E a sorte minha é que um ex vizinho meu, que eu era amigo, hoje é uma das grandes fortunas do Pará, Danilo Hanói, tinha a Serraria de Rio Maria, que a cidade Rio Maria cresceu dentro da fazenda dele, e era uma espécie de dono da cidade. Então eu telefonei para ele e pedi que fosse lá no Dirceu, que era o irmão do senhor amigo do Danilo, e que o Dirceu fosse lá tomar uma atitude. Aí o Dirceu foi lá, quer dizer, o Dirceu era respeitado, então o Dirceu foi lá... inclusive o nosso acampamento era dentro do terreno da Serraria... E daí consegui tirar o rapaz de lá, nós mandamos um avião, trouxemos para Belém, levamos para o hospital, a mão dele ficou toda com sangue pisado aqui. Quebraram o relógio dele e tudo. Então esse era o clima que a gente vivia. E o geólogo que foi preso, ele estava com malária, e veio para Belém para trabalhar no escritório, e saía do escritório para ir na Fundação CESP tomar o comprimido da malária todo dia, eles faziam esse ritual para o cara realmente se tratar, né? Então ele saiu umas quatro e meia da tarde, e pegado à Docegeo na Almirante Barroso lá em Belém era o quartel da PM. E era época de eleição, o ano de 1976. Ele, a hora que estava passando na calçada, estava tudo com sentinela, quer dizer, época de eleição era época de Segurança Nacional. Tudo era Segurança. Então você não podia passar na calçada junto a muro do quartel. Então, o sentinela falou para ele: “Passe ao largo.” Ou seja: passe distante. Aí, o geólogo estava indo à pé para ir tomar o remédio dele. Aí ele olhou para o soldado, deu uma risadinha e se afastou. Mas só deu aquela risadinha: “Poxa, o que que eu estou fazendo, né?” Quando chegou em frente a porta do quartel, o sargento prendeu. “Mas por que que eu estou preso?” “Desacato à autoridade. O senhor riu para o nosso sentinela.” Trancaram ele na sala, ele ficou lá junto à PM. Lá pelas tantas, o sargento entrou na sala, falou: “Olha, eu queria saber ao menos o seu nome, porque daqui a pouco você vai embora, eu fico aqui e ninguém sabe que eu estou aqui dentro.” “Ah, o senhor quer o meu nome para dedar? O meu nome é fulano de tal.” Mostrou nome. “E a minha ficha está limpa.” “Agora só porque você falou isso, você não vai ficar mais aqui, você vai para a delegacia.” Colocaram no camburão, levaram para a Delegacia e colocaram ele lá com preso comum. Aí quando foi mais ou menos oito horas, foi a esposa de um preso levar comida, e através... Ele morava uma quadra da Delegacia que ele estava preso, eu através desta quadra foi possível... através dessa mulher, da esposa do preso, foi possível... pediu que fosse à casa dele avisar a família, os amigos da Docegeo, tudo aquilo. E mesmo assim, só consegui tirar ele de manhã, às seis horas da manhã, ele teve que passar a noite na prisão. Então esse era um momento... Agora isso que aconteceu com a gente, e hoje não acontece mais, está acontecendo com quem mora em morro todo dia. Quem mora em favela de São Paulo está acontecendo todo dia. Ou seja, você ser preso sem culpa, e não saber porque que é, e morrer. Naquela época da repressão, parte da elite era pega lá também. Porque você não estava no estado de direito. Hoje o estado de direito é estado de direito para uma parte da população. Que o restante da população não tem estado de direito não. Bom, então nesse clima que aconteceu, esse negócio de Rio Maria... Aconteceu um fato interessante, que mudou o comando da PM em Belém, em 1976, e entrou um coronel para ser da Docegeo. E daí foi relatado todos esses incidentes que aconteceram, e eu numa reunião, então, com esse comandante da PM. E uma figura fabulosa, ficou meu amigo, até pouco tempo nós nos víamos ainda, um cara fabuloso, largou a PM, foi trabalhar no Jarí etc, coronel Gilberto Siqueira. Era um coronel do exército, na época era comum colocar coronel da PM, uma pessoa íntegra, uma pessoa fora de série. Foi uma situação que eu lavei a minha alma, né? Nós fomos a Rio Maria, com ele, e com o coronel da Docegeo, ele fardado como comandante da PM do Estado do Pará. E fomos lá na Delegacia. Daí, chegamos na Delegacia, a Delegacia fechada, e uma mulher lavando roupa lá, do lado da Delegacia. Daí, eu falei: “Eu queria falar com o...” o coronel sabia o nome do sargento, comandante lá da Delegacia. Porque a Delegacia era na verdade posto da PM, né? Que não tinha delegado da polícia civil, só PM no local. Aí ela falou: “Ah, eu não vou chamar não, porque quando ele está dormindo ele não gosta de ser incomodado.” (risos) “Diga a ele que eu quero falar com ele.” “Aí ela foi lá, acordou. Voltou: “Ele quer saber quem quer falar com ele.” “Diga a ele que é o comandante dele.” Aí o cara entrou, saiu de cueca lá da rede, tal. “Quem quer falar comigo?” Quando viu o comandante da PM com tudo quanto é galão que tem direito na frente dele, imagine o susto que esse cara levou. Quer dizer, vem o comandante da PM dentro da Delegacia dele, ele dormindo. Aí ele foi calmo: “Olha, o senhor vai lá, coloque sua farda, e se apresenta ao seu comandante.” Aí nós saímos, saímos de lá. Aí ele falou, falou com o cara, tal. À tarde ele obrigou toda a corporação da PM a ir ao acampamento da Docegeo. Ele falou: “Isso aqui é uma empresa de governo, está atuando aqui na região, é política de governo, para atuação de governo. E vocês estão aqui para apoiar essa empresa e não para hostilizar essa empresa. Não quero mais nenhum ato de covardia, de violência contra os empregados dessa empresa.” Aí dali para frente a gente fez convênio com a PM, montamos acampamento para eles, melhoramos o posto da PM, daí passaram a ser aliados. Mas você

vê como as coisas dependem muito da atitude de um homem que está no comando. Se fosse um outro comandante da PM talvez nem ligasse para o que aconteceu, e deixasse tudo em branco. Entrou uma pessoa íntegra, então o Brasil só vai começar a mudar quando as pessoas que tiverem os postos que exigem decisão tomem decisões coerentes com o que deve ser feito. Quer dizer, quando houver essa mudança geral... A reação do próprio comandante: "Não, a PM é desse jeito mesmo, não tem como mudar." E deixava como estava. Quer dizer, teve uma pequena mudança ali. Quer dizer, criou um pequeno germe de mudança na população, que talvez depois com o tempo aquilo já... Vem um outro comandante que não deu a mesma importância, e a coisa volta a ser o que era. Mas se todo mundo fosse dando essa continuidade, daí que muda o nosso sentimento de comunidade, de nação. Enquanto for isso a gente vai ser um bando de pessoas que estão atrás do saque e de enriquecimento pessoal, e nada mais que isso. Acho que agora acabou, né?

P/1 - E caulim?

R - Uma história interessante é o caulim. É uma história também, que ela começou subversiva também, ela começou bastante subversiva, e de uma maneira simples. A Docegeo tinha mandado de vez em quando geólogos fazerem trabalho fora, fazer curso fora etc, e um dos trabalhos que foram feitos, através de um geólogo, que foi professor na Bahia, o geólogo do centro industrial da Finlândia, ele havia sido professor na Bahia, daí manteve contato. Daí foi feito um convênio com esse geólogo da Finlândia, de vez em quando eles mandavam geólogos da Finlândia para visitar os nossos projetos. E os geólogos nossos ver as tecnologias usadas na Finlândia em geologia etc, e tal. E, através desse geólogo em contato com um geólogo nosso, fala o seguinte: "Por que que a Docegeo não mexia com caulim?" Que a Finlândia é um grande produtor de papel, um dos grandes produtores de papel do mundo é a Finlândia. Que os produtores de papel da Finlândia estavam preocupados, que os dois grandes produtores de caulim para papel, que são a English China Cray na Inglaterra, e os produtores da Geórgia, Engelhard, Georgia Caulim, vários produtores que tem na Geórgia nos Estados Unidos, estavam com perspectiva de exaustão das suas jazidas. E que não havia outras jazidas de caulim no mundo, a não ser na Amazônia. E que a Vale tinha jazida de caulim na Amazônia, onde ela procurou bauxita em Almeirim, a parte de baixo tinha caulim também. E por que que a Vale não se interessava de usar toda a logística que ela tem para produzir caulim também? Isso deve ter ocorrido em 1986, 1987, por aí. Daí, foi conversado, já foi... o Gazola que estava aqui, ou era o Chico Fonseca. Foi nessa transição, entrada do Gazola como presidente. Acho que foi antes do Gazola. Ainda era o Chico Fonseca em 1986, que foi antes do Gazola. Aí foi feito o primeiro contato, viajou os geólogos para a Finlândia, visitaram a área de Almeirim etc e tal, e foi dada a visão do mercado do papel. Por que que a Finlândia estava preocupada com ele? Porque a Finlândia era consumidora de caulim e ela via que se acabasse o caulim do mundo, cada vez ia ficar mais caro. Então interessava fomentar outra produção. Então a intenção da Finlândia era fomentar a produção, e estava usando a gente como meio. E a gente tentando aprender com eles alguma coisa de caulim. Então começou a ter esse germen, mas, poxa, falar em caulim etc, era meio complicado. Daí foi levado ao Deocrécio a idéia do caulim. Aí, na década de 1970, quando foi descoberto o caulim pela Jarí, no final da década de 1960, foi descoberto o caulim da Jarí, que hoje é da CADAM, do Grupo Antunes, foi feita pesquisa também no Rio Capim, à sudeste de Belém, perto de Paragominas, ali ao longo do rio. Foi feita pesquisa pela CPRM, todas essas empresas ali, e descobriram caulim também na região, mas aquilo ficou morto. E uma das áreas ficou com a Mendes Júnior. A Mendes Júnior e a Andrade Gutierrez. E daí o Deocrécio chegou e comentou lá. A Mendes Júnior também mexeu, mas foi a Andrade Gutierrez que começou. O Deocrécio comentou, falou: "Poxa, mas a gente vai mexer com a caulim lá no Almeirim? Pessoal dono da Andrade Gutierrez falou comigo que tem jazidas boas aqui em Almeirim, já dimensionadas, por que que a gente não entra de sócio?" E daí começou a abandonar a questão do Almeirim e se pensar, com a Andrade Gutierrez, fazer o caulim no Capim. E houve reunião com Zé Adolfo, com o Gazola, com a diretoria da Andrade Gutierrez para fazer essa joint venture, para pegar a jazida deles e tocar em frente, porque havia consciência já de que realmente o mercado ia melhorar, que o mercado ia ser bom, porque ia acabar o caulim da Inglaterra e o caulim da Geórgia. Na Inglaterra porque a jazida está acabando, na Geórgia porque é um problema para expandir jazida, é uma área de agricultura, e é um problema fundiário, difícil expandir jazida lá na Geórgia nos Estados Unidos. E, de repente, não sei por que, a Gutierrez não quis mais assinar o protocolo do caulim. A coisa começou a melar, começou a andar para trás e não saiu. Aí a equipe da Amazônia de pesquisa começou a mexer com as outras empresas que tinham feito pesquisa de caulim, e pegou umas áreas que estavam livres, que tinham sido de uma outra empresa.

[troca de cd]

R - Então, essa nova área que foi redescoberta pelos geólogos da Docegeo, porque uma outra empresa havia trabalhado na década de 1970, ao iniciar as pesquisas, se verificou que o caulim era de uma excepcional qualidade. A Docegeo o que que aconteceu? Ela era órfã de pai e mãe, ignorante tudo em caulim, não sabia nada. Então ela tentou correr atrás disso. Então duas coisas foram feitas: primeiro foi feito um PHD de curta duração, pelos geólogos das empresa. Então, o geólogo Roberto Assad, engenheiro de minas, o Gazolinha, na época trabalhava na Docegeo, e o Chicão, um engenheiro de processos do quilômetro 14, foram colocados no avião, e mandados para a Geórgia. Lá eles visitaram todas as empresas, as principais, principalmente a Engelhard, e viram como é que explora o caulim, como é que minerava, como é que era o processo, como é que era a purificação etc e tal, o mercado, como é que era? De lá foram para a Inglaterra, foram visitar a China Cray, visitar a mina etc. E de lá foram para a Alemanha visitar uma empresa que distribuía o caulim na Europa, para ver como era o mercado. Então, depois desse quase um mês de viagem, eles voltaram com uma visão muito boa do setor. Quer dizer, foi um PHD, entre aspas, rápido, um mobral rápido. Mas foi incrível que a gente voltou com uma cultura mais moderna do que a própria... O grupo Caemi, que produziu o caulim para a CADAM. Desde o início já se pensou em colocar a separação magnética, coisa que a CADAM passou a fazer depois que soube que a Vale ia colocar separação magnética, depois ela colocou lá também. Quer dizer, então houve todo esse aculturação rápido da empresa. Gazola, na época era presidente da Docegeo, se entusiasmou, por ser uma idéia nova, ele como presidente pegar uma coisa nova para Vale. Então deu um apoio muito grande, isso ajudou. E o Deocrécio também, ele sempre era aberto a coisas novas, também ficou dando um apoio muito grande. E se escolheu como principal sócio a Engelhard. Por que? Porque nessa visita eles chegaram à conclusão de que a empresa com tecnologia mais avançada, mais agressiva no mercado, era Engelhard, uma das produtoras da Geórgia. E foram feitos os primeiros contatos com a Engelhard, para fazer a associação. A Engelhard era totalmente interessada, que ela sabia que as jazidas estavam exaurindo, e que o caulim da Amazônia, enquanto se fizer papel com o caulim, que pode ser que haja algum substituto no futuro, ele vai ser importante. Porque nós estamos falando... Há dois tipos de caulim. Todo papel tem caulim. Este papel comum, papel de xerox etc, ele tem o caulim de enchimento. Quando se fala que ele é alcalino, daí ele tem carbonato de cálcio, não é caulim. Quando fala papel fabricado com processo alcalino é com carbonato de cálcio. Mas o papel comum... Papel de jornal

não tem, mas o papel comum que a gente escreve, de xerox etc, ele tem caulim. Então o que que é o papel? É uma malha... Eu sei porque eu vi a Suzano fazer, quando estava fazendo essas coisas, vendo como é que fazia, então aprendi, porque eu não fazia a menor idéia. Então, é uma rede de fibra de celulose, como se fosse uma tela.

P/2 - Uma trama.

R - Uma trama. E coloca aquela massa de caulim com outros aglutinantes etc, aquilo é prensado, passa numas calangas para ficar cada vez mais fino, na espessura desejada. E faz o papel. É uma massa de fibra de celulose, e o enchimento é o caulim. Então o caulim de enchimento é um caulim barato, que você tem em todo lugar. E existe um caulim mais barato ainda que é usado para cerâmica etc, é um caulim mais impuro ainda. Então esse caulim para papel, de revestir papel, tem que ter algumas qualidades, a branca etc, mas não é um caulim.. Esse caulim que só tem na Geórgia e na Inglaterra e na Amazônia. Ele tem em qualquer lugar: tem em São Paulo, tem em estados de vários lugares, tem na Europa, em todo lugar tem. Agora o caulim de côrte, ou seja, caulim de revestimento, é aquele que você usa para a Playboy, a Veja já usa um pouquinho, aquele papel que dá brilho, para você fazer boas reproduções de fotografia, fazer reprodução de cores, então ele tem, é um caulim que, depois de o papel pronto, ele passa nos tanques com esse leite de caulim e ele é pintado em alta velocidade. Então esse caulim tem que ter qualidades: a branca e a fluidez. A branca depende das impurezas que ele tem. Mesmo depois de você beneficiá-lo, ele contém algumas impurezas que tornam ele mais branco, menos branco, também a granulometria influi às vezes na alvura do caulim. E a fluidez depende do arranjo dos cristais. Porque se ele não formar uma tinta muito fluida, a velocidade com que aquele papel passa dentro, que são de vários quilômetros por hora, se ele for viscoso, ele cola e a velocidade tem que ser lenta. Então, essas qualidades são qualidades físicas do caulim, são importantíssimas: alvura e fluidez. E esse caulim, do Capim, ele tem essas duas qualidades excepcionais. Ele tem a qualidade in natura, quando... Paralelamente ao que foi feito nessa viagem, foi contratado um especialista nos Estados Unidos, o Morren, que ficou extasiado com o caulim que tinha aí, e aquilo deu uma força para o projeto. Vem um dos maiores especialistas dos Estados Unidos, professor de Universidade. E falar que aquele caulim nunca tinha visto nada igual no mundo, em termos de alvura, então aquilo deu confiança para a Companhia, para ir à frente do projeto. Então esse caulim tem essa qualidade boa. E ele se complementa na fluidez com o da CADAM, da região do Almeirim, é um pouquinho maior, a alvura do Capim é melhor. Então os dois até são um pouco complementares, né? Então ficou a idéia da Vale entrar em caulim, começou a fazer pesquisa etc. E aí chegou o impasse político: a aprovação da constituição. Gazola já tinha saído da Docegeo. E quem estava na presidência da Docegeo era Deocrécio. Um dia eu entro na sala de Deocrécio, Deocrécio estava com o coração na mão, e fala: “Nós não vamos tocar o caulim.” Eu falei: “Por que?” “Porque está aqui na constituição que foi aprovada. Atividade econômica estatal será complementar da atividade privada. Então com base constitucional, o grupo Antunes vai embargar a entrada da Vale, porque nós vamos ser concorrentes. Então só há uma saída: nós temos que nos associar com o grupo Antunes.” Voltando aí, eu falei que a Engelhard estava interessada e que aconteceu com a Engelhard? Veio o diretor da Engelhard, numa reunião com a Docegeo, já com Deocrécio, no começo. E essa reunião foi um desastre total. Foi um desastre total porque um cara veio representando São Paulo, que seria mais um intérprete, porque o inglês do Deocrécio é mais ou menos como o meu, meio macarrônico, né? Estava um outro diretor, o Darcy, que tinha estudado no Canadá, falava bem inglês. E no primeiro contato na Docegeo, nós íamos almoçar no Redondo, aquele restaurante giratório que acho que não existe mais, perto da Aeronáutica, do lado da Vale. Aquele edifício redondo, tinha um disco giratório em cima. E antes da gente sair, a gente ficou no impasse, porque o Darcy perguntou para o diretor da Engelhard que tamanho de empreendimento ele pensava em fazer com a Docegeo. Ele falou: “Um empreendimento inicial de umas 100 mil toneladas, podendo chegar a 300, para a Engelhard começar com 100 mil para chegar a 300 mil toneladas por ano. Sem a Engelhard,” ele falou assim: “Zero” No primeiro contato com o cara. Ou seja: “Sem a Engelhard, a Engelhard acaba com vocês e vocês não vão conseguir produzir nada.” Assim. Eu falei: “Chefê...”, falei assim para o Deocrécio, “ele entrou chutando a medalhinha.” A expressão que eu usei foi que ele estava chutando a medalhinha. Ele falou: “Deixa comigo. Deixa comigo.” Aí fomos para o almoço, mal acabamos de sentar, ele falou em inglês macarrônico lá... Eu não me lembro como é que foi que ele falou em inglês, mas depois eu lembro a outra frase que ele falou, essa eu lembrarei para sempre... Falou: “Sem a Engelhard, zero”, falou em inglês para o cara, né. Aí ele continuou, falou: “Do you know that to make shit brazilian are good.” Entendeu? “To make shit brazilian are good.” (risos) Para fazer merda os brasileiros são bons. Falou... A primeira frase que ele falou. “What?” O cara falou né? Aí ele continuou. Aí ele mandou para frente. Porque ele sabia que o mercado de caulim é carteirizado, ou seja, poucos produtores dominam o mercado. Então é um dos poucos bens minerais que o preço é determinado pelo produtor e não pelo comprador... porque ferro quem determina é o comprador, não é o produtor... Então o caulim é mais ou menos como ter uma espécie de OPEP entre os produtores de caulim que mantém o preço. E até hoje os consumidores vão entrar na produção, os papeleiros vão entrar na produção, e que então a Vale ia procurar os papeleiros finlandeses e japoneses para fazer uma joint venture. O cara me falou isso. (risos) O cara ficou pálido na hora, pediu para ir ao banheiro, daí um cara de São Paulo começou a botar... “Não, não é bem assim, vocês interpretaram mal.” Bom, mas foi um desastre. Não saiu acordo, não saiu nada. Quer dizer, o Dioclécio tinha essa característica de, quando o rei estava nu, ele falava que o rei estava nu. Ele não ficava botando pano quente, não. Então ficou um impasse com a Engelhard. E daí o Deocrécio procurou o Eliezer. O Eliezer já não estava mais na presidência, mas estava no Conselho, e foram falar com o Antunes, para fazer uma associação. Quer dizer, na época, eu não via a dimensão do lance do Deocrécio. Quer dizer, se você tentasse fazer um trabalho sozinho, o Antunes ia se opor, a Engelhard se associava ao Antunes, e a Vale seria obrigada a vender a jazida porque o governo ia permitir que ela fizesse. Então ele procurou se associar ao Antunes. Então, o que acontece? O Machado, que tinha sido presidente da Docegeo, acabou nesse período presidente da CPRM. E, como amigo nosso, sabia o que a gente estava fazendo, ficou entusiasmado. Aí ele falou: “Puxa, a CPRM tem jazidas do mesmo lugar lá. Então eu vou licitar essas jazidas.” Eu falei: “Machado, não faça isso. Porque você vai criar uma CPI na Câmara”, eu falei para ele. “O que que vai acontecer? A Engelhard vai querer melar o negócio e vai entrar e vai ganhar”. Falei para ele isso na ocasião. “Não, eu não posso pensar na Vale, tenho superintendência da CPRM, tenho que pensar na CPRM, o mercado está bom, está na hora de eu fazer a licitação, vou fazer a licitação etc.” E fez a licitação. E não deu outra, né? Não deu outra porque se criou o impasse... agora estou lembrando, acho que não e Gutierrez, é Mendes Júnior. Eu acho que é Mendes Júnior. Eu estou confundindo nomes, depois vocês verifiquem, mas deve ser Mendes Júnior mesmo. Criou o impasse, foi feita a licitação. Então a jazida que valeria no máximo um milhão de dólares, alguma coisa, que foi o que a Vale ofereceu, o que a Mendes Júnior ofereceu etc. Mendes Júnior mesmo. A Engelhard ofereceu ao redor de 32 milhões de dólares.

P/1 - De um milhão para 32 milhões!

R - É, mas pagando isso na forma de royalties, foi uma coisa complicada, um negócio assim. Bom, aí a Mendes Júnior botou a boca no trombone, saiu na imprensa, a denúncia de lobby para acabar com... Porque a Mendes Júnior também estava tocando o negócio dela fora da Vale. E hoje existe uma mina da Mendes Júnior também. Existe a da Vale e existe a outra lá também. E o Guerreiro, aquele célebre Guerreiro, que tinha sido geólogo da Docegeo etc, depois foi deputado estadual... Na época já era deputado federal. Então, criou-se aquele impasse e criou uma CPI na Câmara. E quem apresentou, na época era proibido ter capital estrangeiro na mineração. A constituição de 1988 proibiu o capital estrangeiro na mineração. Então a Engelhard não entrou diretamente, ela entrou através de uma empresa de Uberlândia, empresa de meio ambiente, coisa de construir meio ambiente, é que fez a proposta junto da Engelhard. Então foi convocada a reunião na Câmara dos deputados, o presidente da Comissão era o Guerreiro, e nós fomos lá, eu fui com o Deocrécio. E daí o Deocrécio usou toda aquela irreverência genial que ele tinha, para dizer que o rei estava nu, né? Então começou a reunião, numa sessão aberta, não era sessão fechada, era preparatória. Estava o pessoal da CPRM, o pessoal do DNPM, a Mendes Júnior, nós e o representante dessa empresa de Uberlândia. E o Deocrécio entrou, antes de começar a reunião, sentou lá, ao redor do Guerreiro, que era presidente da Comissão, dentro da Câmara dos Deputados em Brasília, e o Deocrécio começou a olhar para o cara e dar gargalhada. E o cara começou a ficar vermelho. E o Deocrécio olhava e ria. Eu comecei a ficar incomodado. Eu falei: "Que que deu no chefe? Endoidou de vez?" E olhava para o cara e dava risada, o cara não sabia mais o que fazer, olhava para cá, olhava para lá, não sabia o que que o Dioclécio estava rindo tanto, né? E o Guerreiro começou a ficar incomodado, falou: "Deocrécio, vamos começar a reunião. O que que houve?" Ele falou: "Não, é porque está escrito." "O que que está escrito?" "Na testa dele." "O que que está escrito?" "Testa de ferro." E acabou a reunião. Acabou a reunião, daí melou todo o processo, melou o processo. Foi feita aí a associação da Vale com a Caemi, de caulim, com a CADAM, a CADAM entrou junto. Houve uma aproximação, isso foi contado por um ex-diretor da Vale, que na época era diretor da Caemi, uma tentativa com a Engelhard para pegar o mercado americano. E essa pessoa que não era nada ufanista, contando para mim e para o Deocrécio, falou o seguinte: que ele foi lá na reunião com a Engelhard, e a Engelhard não abria mão da comercialização. Topava entrar de sócia no mercado. Aí interessava, porque se a gente ia se associar à Engelhard para ter o mercado, e o mercado eles iam colocar só o que era marginal do caulim do Capim. Quer dizer, eles têm uma reserva futura para eles, mas por enquanto eles só vão colocar o que fosse deles, e o nosso só entraria quando houvesse espaço. Daí não interessava. Então esse diretor da Caemi na ocasião, que não tinha nada de ufanista, falou: "Olha, eu tive coragem... Tive vontade de me enrolar na bandeira brasileira, trepar na mesa e cantar o hino nacional na reunião com a Engelhard." Porque a prepotência deles é esse nível, né? Quer dizer, se o negócio é bom, vamos ganhar dinheiro junto, não entrar já cerceando a liberdade de empreendimento. Aí o projeto acabou saindo, já no final de década de 1990, né? E parece que hoje a CADAM saiu e está novamente só a Vale sozinha no caulim. É um negócio relativamente pequeno, mas enquanto houver caulim para fabricação desse papel, é um negócio com espaço futuro, quer dizer, com uma sobrevivência longa enquanto houver o uso de caulim. Então a entrada... as histórias de uma grande empresa sempre começam com as histórias pequenas, né? Houve o paralelo do Gazola, que descobriu o caulim na região do Espírito Santo, do Bahia. Nós chegamos a pesquisar aquele caulim, mas não tinha qualidade, só para uso local. Tentamos inclusive aproveitar esse caulim para a fábrica de papel lá da Bahia-Sul, da qual a Vale é sócia, e usar esse caulim para fazer papel.

P/1 - Eu queria que o senhor comentasse um pouco qual era o papel do Deocrécio nessa abertura da Vale com novos negócios.

R - O Deocrécio... eu não conheci o Deocrécio na época da Vale senso estrito. O Deocrécio... Quando eu comecei a ter contato... eu entrei na Docegeo, a Docegeo, primeira década, início da década de 1970, quando o contato com a Vale era esporádico, eventual, muito raro mesmo. Depois na segunda metade, quando houve o Roquete Reis, o Deocrécio, todo o pessoal da Vale saiu, o Deocrécio foi para o BNDES. Então nessa parte eu não conheci o Deocrécio. Conheci o Deocrécio já quando o Romeu era já presidente da Docegeo, e quando houve toda aquela onda, que a Docegeo ia ser fechada etc e tal, e o Deocrécio era o responsável pela área da Docegeo na Vale. Então a gente não sabia até que ponto o Deocrécio queria alguma coisa. E nas visitas que aos poucos eu fui fazendo em Belém, começou a surgir uma amizade mútua, um respeito mútuo, uma amizade mútua com ele. Várias vezes fui a Carajás, ele acompanhava as comitivas, eu acompanhava também. E começou a surgir essa amizade. Quando passou a ser diretor da Docegeo, ele era diretor de desenvolvimento, continuou, até quando ele deixou de ser diretor de desenvolvimento para ser presidente da Docegeo. Os dois últimos... Ele encerrou a carreira na Vale como presidente da Docegeo. E daí eu tive um convívio muito grande com ele, e fiquei sabendo do passado dele pelas histórias que ele me contava, que a gente almoçava todo dia junto. Estava em contato constante, viajava sempre junto etc. Então ele era uma figura muito apaixonante, irreverente, bastante irreverente, às vezes você ficava numa situação meia complicada com ele, pela irreverência dele. Mas uma inteligência rápida, perspicaz ao extremo, e muito alegre. Era muito agradável trabalhar com ele. Quer dizer, todo gênio tem um pouco de porra louca, né? Então, para as pessoas mais quadradas ele era considerado porra louca. As pessoas mais ortodoxas consideravam até o Eliezer um porra louca. A pessoa quando chega a gênio, ele é a pessoa que está com a visão que os outros não têm de imediato. Então, o Deocrécio foi uma das pessoas geniais que eu trabalhei. Trabalhei com excepcionais profissionais na Vale, pessoas carismáticas, pessoas com competência profissional, mas sem esse brilho da genialidade. Que se o cara não for bem heterodoxo acho que ele não chega a gênio, né? Tem que ser bem heterodoxo para não seguir o comportamento do cidadão comum para ser um gênio. O Deocrécio já chegou a essa genialidade. E, pelo que eu senti pelas histórias que ele contava, ele era o homem de projeto do Eliezer, uma lealdade absoluta ao Eliezer, e era um homem que com a equipe dele transformava as idéias em realidade. E a prova dele foi essa: que quando ele foi diretor de desenvolvimento, vários projetos que estavam engavetados na Vale saíram, né? Saiu a Albrás, saiu a Alunorte já foi depois dele ter saído da Docegeo. Mas o caulim ele deu incentivo, o ouro foi viabilizado quando ele era diretor de desenvolvimento. Então era um homem essencialmente de desenvolvimento de projeto, de criar coisa nova. Uma pessoa extremamente simples, de diálogo fácil, emocional, daqueles que quando tem que estourar, estoura mesmo. Mas uma grande figura humana. É uma tristeza que ele não possa estar participando desse depoimento. Ele teria histórias fabulosas para contar.

P/1 - Breno, eu queria que você então comentasse um pouco dessa sua trajetória na Docegeo nos anos 1990 até essa saída com a privatização, como é que foi?

R - Bom, os anos 1990 foram os anos onde eu me afastei bastante de geólogo, enquanto... até os anos 1990, até 1993... até 1992 eu ainda fui diretor de geologia, diretor técnico, então eu ainda estava mais para a geologia. Em 1993, quando Schettino assumiu, ele me colocou como presidente da Docegeo, e daí a atividade foi mais de homem de empresa. Então já passei a ter uma visão diferente do trabalho, uma visão mais... Antes eu defendia o trabalho do qual eu era parte. Daí eu passei a tomar conta do trabalho que outros faziam parte. E esse talvez tenha sido um

período grande de amadurecimento, né, porque você deixou de jogar na defensiva, e passou a ser mais aberto, inclusive na visão que você tinha da empresa como um todo. Eu fiquei um ano como presidente, depois houve a convocação para ir para Brasília, foi uma experiência muito boa, quer dizer, fiquei o tempo suficiente, não adiantava ficar mais tempo que ia ser perda de tempo para mim. Mas o tempo que eu fiquei foi suficiente para ter uma visão da cultura de Brasília. Foi bom para ter uma visão da Vale, muito boa, porque eu tinha uma visão da Vale, eu embaixo da Vale, e a Vale aquela toda poderosa, que não erra, que está tudo certo, que está tomando conta do meu trabalho na Docegeo. De repente eu passei a ter um trabalho que embora eu não tivesse uma chefia direta na Vale, mas a Vale hierarquicamente estava subordinada à minha secretaria. Logicamente que nunca houve nenhum mando meu em relação à Vale, eu nem seria ingênuo a ter essa pretensão, mas hierarquicamente havia uma subordinação da Vale à minha secretaria. E passei a ver pessoas de fora criticando a Vale e percebi pontos fracos da Vale em atuação política, coisa desse tipo, né? Então, foi ter uma visão de fora, da Vale e da Docegeo mais ainda. Então aquilo deu um amadurecimento muito grande. Quando eu voltei para a Docegeo, eu tinha assistido há pouco tempo nesses seminários top da Vale, numa palestra não sei de quem, que usou aquele célebre exemplo do sapo, né? Da água quente no sapo. Se você colocar um sapo numa água fria, e for esquentando a água muito lentamente, ele não percebe a água esquentar e acaba morrendo cozido. Agora se você pegar o sapo, e colocar ele imediatamente onde a água está quente, ele dá um pulo e cai fora. Então essa expressão, esse exemplo é usado por um homem de empresa, que acaba se acostumando com os vícios da empresa, com os erros da empresa, sem fazer mudança. Então a minha passagem por Brasília, quando eu voltei para a Docegeo, o primeiro exemplo que eu usei quando eu voltei: “Olha, eu sou o sapo que cheguei aqui, estou pulando fora, porque a água está quente demais.” Quer dizer, comecei a perceber os vícios da empresa, coisa que a gente, fazia parte do dia a dia, e você não... E na Vale também a gente começou a perceber isso. Então isso foi muito bom para que, junto com o Godói e o Armando, que era diretor da Docegeo comigo, e os outros gerentes, que a gente começasse a fazer algumas discussões internas e adaptar a empresa para a privatização. Senão dificilmente talvez a Docegeo tivesse no nível da privatização. Ainda mais que o landscape mudou, você tem pegar que o perfil dos que ganharam a privatização é um perfil de mercado financeiro, sem essa visão de longo prazo. E pegasse uma empresa que estava consumindo 30, 40 milhões de dólares por ano, e sem retornos de grande porte nos anos, ia ser muito difícil que alguém, ainda mais com o perfil que veio, fosse assumir... Ter essa empresa só para os geólogos ficarem brincando de geologia aí, tudo bem, se achar achou, se não achar tudo bem. Então houve um questionamento muito interno disso, eu consegui convencer o Ulisses a, o grupo conseguiu convencer o Ulisses, e ele acabou aceitando, achando que era uma boa idéia. Fizeram depois uma renúncia estratégica da Docegeo, porque foi feito da Vale e da Docegeo não. Então pegamos a mesma empresa, fazendo um investimento caro, mas que valeu a pena. Questionamos toda a Docegeo, junto com a equipe, empresa de primeira linha, a mesma que fez o da Vale. E isso preparou a Docegeo, a Docegeo estava preparada para mudanças. Talvez as mudanças tenham sido um pouco mais violentas do que a gente pensava. Mas mesmo assim, a cultura da empresa já não era mais intocável. Antes havia uma reação muito grande a qualquer mudança. Então talvez o grupo, com as mudanças, não ficasse. Se a empresa sobrevivesse eles não ficassem. Mas eles já estavam com uma mentalidade mais aberta para ter uma nova orientação, voltada mais para a parte financeira etc, e tudo isso foi feito nesse período de 1995, 1996 e começo de 1997. Então essa passagem por Brasília foi muito boa para que... A gente fazia várias reuniões... Os cafézinhos que havia com o presidente, a gente pegava os empregados todos, discutia a maioria das vezes, lá ninguém falava. Eu falei: “O que que é, vocês estão com medo? Medo do que?” “Da privatização.” Então a gente discutia o medo. Mostra que o medo existe desde que a gente nasce, então medo de pai morrer, medo de mãe morrer etc, aquele medo que existe constante, e que a gente tem que enfrentar o medo. E como e, que eles pensassem na vida deles antes de estar lá na empresa. Quer dizer, que eles não iam morrer se eles não estivessem mais na empresa. Que eles iam continuar atuando em outros lugares, iam continuar vivendo. Então tudo isso foi trabalhado, desde a mulher do cafézinho, até a diretoria, que as mudanças iam acontecer e que todo mundo tinha que estar preparado para elas, fossem quais fossem, inclusive fora da empresa. Esse tempo foi, foi um período muito rico, muito difícil, né, porque o processo de privatização foi bastante traumático da forma como ele foi feito. Porque pensava-se num tipo de privatização, e depois o modelo foi diferente, com o trem andando. Eu quando era secretário, tive uma única reunião com o Fernando Henrique, quando ele era Ministro da Fazenda junto com o meu Ministro Alexi _____, uma reunião de 40 minutos mais ou menos, o assunto quando eu soube que era Vale foi sobre a privatização. E o próprio Fernando Henrique defendeu, nessa reunião, uma privatização íntegra, como ela realmente foi, quer dizer, não cortar a Vale em pedaços, para que fosse mantido o poder de fogo da Vale, mas defendia uma privatização pulverizada ao máximo possível. E disse que não seria imediato. Que ele queria primeiro cuidar do setor elétrico, para depois cuidar da parte da mineração, da Vale. Que a Vale era uma empresa que não estava dando grandes problemas, não tinha problema de investimento, nada disso, então que ia ser mais lento. Não sei se lembra, Helena Lambal declarou que a Vale ia ser privatizada logo de início do governo dele, ele de pronto desmentiu. Quer dizer, a Vale só foi precipitada a privatização dela por causa da crise asiática. Quer dizer, com a crise asiática, já havia previsão de ficar frágil o setor econômico-financeiro brasileiro, então a Vale foi mais ou menos as jóias da rainha que foram colocadas na privatização. E ia ser privatizado, e era necessário... Eu reconheço que era necessário ser privatizado, ia ser impossível a Vale continuar crescendo subordinada à burocracia de Brasília. Totalmente impossível. Quer dizer, o cerceamento que havia no dia-a-dia da empresa era muito grande. Então era necessário, para a própria sobrevivência da empresa que ela fosse privatizada. Mas a gente esperava que o processo fosse mais aberto, foi um processo extremamente fechado. Por exemplo, o processo de Carajás, a implantação de Carajás, em plena ditadura militar, foi amplamente discutido. Nunca ninguém foi proibido de falar. Na privatização da Vale, toda a diretoria e todos os empregados foram proibidos de se manifestar.

P/1 - Foram proibidos de se manifestar? A partir da onde vinha, da própria diretoria da empresa?

R - Do dono do empreendimento, da diretoria não... o dono proibiu a diretoria e aos empregados que se manifestassem. Eu sou o dono, não quero que ninguém dê palpite. A gente, quer dizer, são duas visões de dono. Quando você tem uma empresa estatal, você tem um dono de plantão, que é o governo. Mas ela é uma empresa da sociedade. Então, por ela ser da sociedade, a sociedade tem que participar. Não é apenas um gerente de plantão que deve dar as diretrizes. Com Carajás aconteceu isso. E por isso que Carajás acabou sendo tão bem feito como foi bem feito. Houve erros da nossa conjuntura política, econômica, que você acaba não tirando o melhor do projeto, porque o país não tem esse amadurecimento para tirar o melhor do projeto. Mas falar que o projeto Carajás foi mal feito, não foi mal feito. Do ponto de vista ambiental, em relação à questão indígena, tudo isso. Os problemas sociais são porque o Brasil... Não é o projeto Carajás que vai resolver o problema social do país. Você sempre atrai mais migrantes do que o projeto pode comportar. Agora em relação à privatização não houve isso. Eu recebi um pouco antes da... e o Ulisses também recebeu essa visita... foi um ex-ministro do Canadá, através de amigos que eu tenho no Consulado do Canadá em São Paulo, essa pessoa foi encaminhada para ter uma reunião comigo na Docegeo. E ele foi o Ministro do Canadá que coordenou o processo de privatização no Canadá. Ele procurou a Vale, o BNDES e a Docegeo para manifestar o interesse de empresas canadenses de mineração de

participar da privatização da Vale. Não mais com 5% de participação. O que elas queriam era apenas ter espaço para crescer no Brasil, espaço que elas não têm lá no Canadá, porque no Canadá boa parte das reservas estão sendo exauridas. E eu me lembro da pergunta que eu fiz, porque o (Alexi?), que era Ministro, defendia muito a privatização pulverizada. Ele era até meio sonhador, ele achava que as ações deviam ser vendidas até em correio, e que cada cidadão que fosse lá pudesse comprar sua ação, como foi feito mais ou menos na Inglaterra, boa parte da Inglaterra foi assim, e no Canadá também. Mas ele, quando eu fiz a pergunta: “Como ele achava que devia ser privatizada a Vale?”, ele falou: “O mais pulverizada possível.” Uma empresa estratégica do país como é a Vale, ela não pode ficar na mão de um único grupo de controle. Ela tem que ficar na mão de grupos de controle que sejam obrigados a negociar entre si, e onde os outros acionistas têm algum tipo de força também. Assim nós fizemos a privatização no Canadá, e nós só fizemos uma privatização dirigida, que foi de uma Companhia Aérea, que estava em dificuldade financeira e se ela não fosse dirigida ela ia ser fechada. Então foi a única privatização dirigida que nós fizemos foi essa. E falou mais: “E o governo ganhou a eleição.” Fizeram a privatização no ano eleitoral e o governo ganhou a eleição. Aqui era para ser feito assim, e com o andar da carruagem dentro da ótica do BNDES, que coube no processo, e depois com o escândalo das teles também, passou para grupo de controle. A questão toda era preço. Que se obteria maior preço. Se a gente tiver uma visão de passado, não se obteve vantagem econômica nenhuma, se privatizou a preço de mercado, e só. E isso seria possível ser feito com pulverização. Numa privatização pulverizada você consegue preço de mercado. A idéia é que ia se conseguir preço acima do mercado. Não se conseguiu preço acima do mercado. Mas isso não pode ser discutido, quer dizer, eu não contra a privatização, não sou... Na ocasião do grupo que ganhou, eu fui recebido pelo quadro técnico, até com uma certa alegria, que a gente tinha receio que fosse carta marcada para entregar a uma empresa estrangeira. Mas se ele fosse mais aberto, talvez pudesse ter sido melhor. Não que a Vale seja mal dirigida. Estou falando do processo de privatização, estou questionando do processo. Então o processo poderia ter sido mais aberto, mais participativo.

P/1 - Teve mais alguma orientação dos donos da empresa, além dessa, nesse processo de privatização?

R - Houve dois impasses aí na privatização: nós na diretoria da Docegeo, com Godói e com o Armando, a gente discutia muito o problema da fotografia da Docegeo na época, o retrato estava ruim. A chapa estava queimada, que a Docegeo ia ser fechada. E era ruim uma empresa que tinha um passado tão brilhante de repente virar pó, né? A preocupação nossa era que a empresa continuasse. E aí nós começamos a questionar como melhorar a fotografia. Isso nós estávamos no ano de 1996, quando a Docegeo completou 25 anos. E nós tínhamos, em 1997 era a privatização, a gente sabia que ia ser privatizada. Então nós tínhamos seis meses para mudar a fotografia. Tinha havido no começo do ano Serra Pelada. Mas Serra Pelada não conta, porque Serra Pelada é algo que sempre vai ficar na história, a descoberta lá de garimpeiro, e não era um triunfo suficiente, era um triunfo político, que deu Ibope, causou a nova invasão de garimpeiros, mas não era o suficiente. E nós estávamos com vários projetos, mas nenhum andando. E foi feita uma reunião em Petrópolis, onde foi feito um brainstorm com toda a equipe, bastante traumático, bastante difícil, foi naquela semana difícil, que o Brasil foi eliminado na olimpíada de futebol. Daí o dia que... isso foi maldição, foi que as meninas perderam no vôlei para Cuba, eu fiquei até de madrugada assistindo. Não dormi a noite toda. E de manhã eu encontrei o Godói e o Armando, eles perguntaram: “Como é? Que decisão vamos tomar?” Eu falei: “Não sei. Não sei.” Não sabia se ia ter que demitir gerente, porque cada gerente estava... A gente queria tomar uma decisão no consenso para que desse certo. Porque sabia que se fosse ter oposição de diretoria a chance de haver... Não sabotagem, mas haver má vontade de a coisa ir para frente era muito grande. Isso é normal. Então a gente queria que todo mundo chegasse àquilo que a diretoria já tinha chegado à conclusão, a gente queria que o grupo que estava discutindo, umas dez pessoas, chegassem a essa conclusão. Até nesse dia eu tirei uma fotografia com o grupo, e falei: “Essa fotografia é para a gente jogar no lixo ou para ter o orgulho de colocar na parede, dependendo do que a gente decidir aqui.” Essa fotografia até hoje eu mantenho na parede da minha casa. E aí, nessa reunião, mudou o clima, o pessoal foi se acertando, acertando, e foi canalizando a idéia que a gente tinha, que era concentrar todos os recursos numa área que a gente achava muito boa, que era uma área vizinha do Igarapé-Bahia, e daí se se concentrava o recurso, no próprio mês de agosto, primeiro furo, encontrou uma mineração espetacular de cobre e ouro, que é onde hoje o Corpo Alemão. Aí o que aconteceu? Aconteceram várias coisas. Aquilo foi levado à diretoria. Eu tinha acesso ao Ministério, falei com o secretário que estava no meu lugar, mostrei, e o problema que seria não divulgar aquilo. Se você não divulga, ia falar que você estava omitindo um fato na privatização. Até que ponto você vendeu a informação para o novo dono por baixo do pano. Se amanhã aparecesse carro novo ia falar que era dinheiro do novo dono que tinha passado etc. Se você divulga, vão falar que você está querendo mear a privatização. Colocar areia no BNDES por causa da privatização. Ficou aquele impasse. E a preocupação nossa como presidente da empresa era a sobrevivência da Docegeo. A gente não estava agindo com carta marcada, era muito claro, a gente queria que sobrevivesse a Docegeo, que ela tivesse uma fotografia boa. Aí surgiu o problema: o Assad visitava a gente lá, soube da informação daquele fato lá. Aí visitando a ex-mulher em Belo Horizonte, deixou escapar que estava acontecendo aquilo. A ex-mulher estava envolvida com o pessoal de esquerda, com o nacionalista, com Frota, com não sei que lá, e tal, começou a ativar, daí estourou na imprensa... Estourou aqui na Tribuna da Imprensa, aqui no Rio. E daí surgiu, tipo Tribuna da Imprensa, né, que já tinha ido a Brasília apresentar a descoberta para o Fernando Henrique, Fernando Henrique tinha me deixado esperar duas horas na sala de espera. E não tinha se interessado pela área, falou que aquilo era irrelevante. Nessa linha o negócio. Bom, daí veio ordem de Brasília, quando saiu essa reportagem, que eu tinha que fazer um desmentido ao jornal, ao diretor do jornal Tribuna da Imprensa... aquele famoso lá... e foi uma cópia para o gabinete da Presidência que não houve nada daquilo, que eu não estive lá, que eu não dei entrevista para o jornal. Então começou esse tipo de patrulhamento, né? Quer dizer, não bastava a minha palavra, falar que eu não tinha nada com isso, que não tinha falado nada para o jornal, não tinha nada com o negócio. Aí isso foi mais ou menos, ainda foi em 1996. 1996, mais ou menos em agosto. Aí começou aquela dinâmica toda, e ele começou a ver que o negócio era muito grande. Na ocasião a Docegeo tinha desenvolvido uma tecnologia que começou a reentender Carajás. Carajás... ela teve três ficos, eu sei porque eu chamava na equipe que a gente tinha dado um choque tecnológico para Carajás, com as novas descobertas. Primeira descoberta foi aquela que você tropeçava manganês, o níquel, o ferro, ou seja, quem chegasse primeiro e entendesse alguma coisa, descobria. A segunda já foi quando a gente começou a usar alguma tecnologia de geofísica, geoquímica, descobrimos o cobre no Salobo, o ouro em Andorinhas etc, com nova tecnologia. Se você continuasse usando, ad eternum, essas tecnologias, você não ia descobrir mais nada. Por que? Não tinha mais lugar para tropeçar, e tudo que podia ser descoberto indiretamente por aqueles processos lá na década de 1970, já tinha sido mexido. Então não tinha mais o que descobrir. Isso não significa que não haja outras coisas para descobrir. Que tinha que dar um choque tecnológico. E surgiu, quando o Zé Adolfo assumiu a Docegeo na década de 1990, e na época o Vitor ____ que era diretor de desenvolvimento, ele cobrou do Zé Adolfo, o Zé Adolfo motivou muito a empresa, para que a gente se atualizasse do ponto de vista tecnológico. Então no início da década de 90 a gente não fez grandes descobertas, mas o pessoal começou a viajar, fazer curso para fora, ver o que estava fazendo de

informática etc. E a empresa, quando chegou em 1996, 1997, estava redondinha do ponto de vista de informática e fazendo tudo que as melhores empresas de geologia faziam no mundo, em termos de tecnologia. Inclusive levamos... várias coisas que foram feitas no Brasil a primeira vez foram feitas pela Docegeo em Carajás. E tudo isso amadureceu em 1996. E trazemos um consultor de fora, quando ele viu tudo aquilo, ele viu que Carajás pode vir a ser o segundo maior produtor de cobre do mundo, logo depois do Chile. Então tudo isso efervescendo dentro do projeto de privatização, cuja reação da galera é o seguinte: "Estão querendo melar a privatização." Mas foi uma coincidência histórica, dentro de uma linha política numa empresa voltada para a sua própria sobrevivência. Aí começou, dentro, houve reuniões com o governador do Pará mostrando o que existia, reuniões com o Ministro, mostrando o que existia, foi informado ao Fernando Henrique indiretamente, o Elieze chamou para mostrar... mostrou para o Eliezer, o Eliezer ficou de queixo caído, porque... o novo cenário que a gente tinha lá para Carajás. Então tudo isso foi acontecendo durante o processo de privatização. Aí houve umas escorregadinhas que eu dei na história aí, junto com um ex-funcionário da Vale, que usava num cargo relevante também. Enquanto a diretoria estava viajando com o Fernando Henrique em Angola, tivemos um almoço com um jornalista, e daí nós questionamos o processo, e esse jornalista tem uma coluna no O Globo muito importante, e ele falou: "No dia que o Fernando Henrique chegar, eu sei que ele lê minha coluna, eu vou publicar." E publicou duas vezes, então o que estava acontecendo nos bastidores da privatização, que o processo não estava bom. Que não era transparente. Aí deram um puxão de orelha no Schettino, eu estava com um pessoal da Argentina, o pessoal da S.O.S. em Carajás, de Brasília quando eu liguei para a minha secretária para saber o que estava acontecendo, ela: "O Schettino falou para ligar para ele urgente." Aí eu liguei, ele me deu uma... que eu estava tentando contornar... _____ a privatização, e que eu tinha jogado tudo no ventilador, tal. Eu falei: "Eu me arrisquei. Chega uma hora que alguma coisa tinha que ser falada do processo, e eu falei o que eu penso e o que todo mundo na Vale pensa." Ele: "Não, o que a gente pensa não era para falar..." Aí eu entreguei o cargo na hora, falei: "Bom, Schettino, então eu pisei na bola, o cargo é seu. Você me colocou, você me tira." "Não, não, não. Vá com calma, mas não abre mais a boca. Não abre mais a boca." Aí veio o final de 96, aquele desconforto dentro da Vale, e as pessoas me dando colo para que eu escrevesse alguma coisa, que escrevesse alguma coisa, pá, pá, pá e tal. E pessoas de fora da Vale: "Você tem que escrever, porque o pessoal vai ler o que você escrever." Aí consegui escrever um artigo, mas não tive coragem de mandar em frente que achei que ia ser pesado demais. Artigo até hoje só que eu tenho cópia dele. (risos) Não foi publicado, uma pressão em cima muito grande, da própria diretoria da Vale, para que eu fizesse alguma coisa. Pelo fato de eu ter sido secretário, então tinha algum espaço político. Mas daí não escrevi, e surgiu um outro impasse. Essas notícias todas, não sei de que forma, há várias versões, eu não vou falar nenhuma versão, porque eu não sei qual é, então eu posso estar sendo injusto com alguém... Chegaram ao conhecimento do Mesquita, do Estado de São Paulo, e daí começaram a querer entrevistar o Schettino. Daí ele me chamou e falou: "Você que fez o rolo, você se vira agora. Você se vira." Eu falei: "Ué, você me proibiu de falar, eu não vou receber jornalista nenhum" Quer dizer, ficou aquela conversa de cada um tentando cair fora, né? Até que finalmente houve todas as garantias que o negócio era feito em bom nível, e eu segui para Carajás com o jornalista e o Mesquita Neto, né... Não é nem o Neto, acho que é filho do Neto já, né? É o que era diretor do Jornal da Tarde. E...

P/1 - O jornalista era o Zé Casado, não era ele?

R - Era. Grande figura. E existia aquele relatório secreto daquele consultor estrangeiro. Aquele, então, aquele ninguém podia falar nada. Daí nós fomos com o Zé Casado para Carajás, e com o Mesquita. E daí mostramos tudo que havia, foi um bom nível a ser atendido lá. Foi mostrado a história toda, tudo que havia de bastidor dentro do processo de privatização, e que a gente não podia falar, foi falar naquele dia. Falando para "O Estado de São Paulo", sabia que não ia ser um jornal panfletário, que não ia usar aquela informação. Aí nós chegamos em Brasília, eu vinha para o Rio, ele ia para São Paulo, eu falei para o Mesquita: "Bom, e agora, qual é?" "Não, eu já falei com o meu pai, e ele já falou com o Fernando Henrique, e só sai com o acordo de Brasília, senão não sai." Aí isso foi na sexta-feira, na segunda-feira à noite Zé Casado ligou para casa e falou: "Olha, amanhã aqui na (Cenaf?)." Só sabia desse negócio três pessoas, que eu tinha ido. Eliezer, o Schettino e eu. Ninguém mais sabia. Ninguém mais sabia dessa história toda aí. Daí eu falei: "Brasília sabe?" O Zé Casado respondeu: "Ele sabe." Só falou isso. "Brasília não sabe, ele sabe." Aí saiu aquela reportagem, pelo menos a gente ficou com a consciência tranquila, que a sociedade brasileira, ali em diante, que o processo era um pouco mais transparente, e sabia-se que estava sendo privatizado. Em termos de geologia, eu não estou falando em termos de outra coisa. Em termos de geologia, que é o que era responsabilidade nossa, com o compromisso que a gente tinha, por ser dirigente de uma empresa estatal que responda ao governo mas também responda à sociedade. Então a gente pelo menos sabia que o processo, do ponto de vista da geologia, era transparente. Nesse dia, eu estava na sala do Schettino lá fazendo a reportagem, entrou a diretoria, a gente falou: "Sai?" Quem foi o porra louca...? E tal, não sabiam que era uma carta marcada até com o presidente da República para sair aquela reportagem. Foi a forma que a própria... para ficar bem com o presidente da República, de ser divulgado e o próprio presidente da República não ser cobrado no futuro que alguma coisa tinha ficado escondida. Seria desastroso, depois da privatização, se isso fosse revelado. Pode haver até uma ação popular contra o processo de privatização. E foi bom que... eu fiquei feliz de ter sido usado, que na realidade foi usado como... eu não fui autor do processo, eu fui parte figurante do processo, que divulgou isso através do "O Estado de São Paulo", o Jornal da Tarde, mas acho que foi bom até para o próprio governo que isso fosse divulgado. Então, a atuação nossa nessa privatização foi só isso: uma pequena escorregadela numa entrevista, e o resto foi com carta marcada.

P/1 - Mas e qual que era a visão da diretoria, você comentou, quer dizer, tinha uma visão da diretoria em relação à privatização?

R - Não, não era a visão da diretoria. A visão da diretoria era o seguinte: era de cumprir o que seu mestre mandar. Quer dizer, todos nós estávamos... o que nós abrimos de arquivos para esses consultores que vieram pelo BNDES, a gente tinha o maior receio, abria informações que eram guardadas a sete chaves, que eram o futuro da empresa, os planos estratégicos da empresa. Nós fomos obrigados a abrir tudo para esses consultores que trabalhavam no BNDES. Até que ponto essas empresas podiam usar essa informação para terceiros? Não sei, os caras não param, hoje, amanhã, um cara que está nessa empresa está em outra empresa. E nós fomos paus mandados o tempo todo, toda diretoria de toda a Vale, da Docegeo, os técnicos, foram de uma submissão total no projeto, quer dizer, nós fomos submissos totais, não questionamos nada. A gente questionava internamente, questionava isoladamente entre nós o processo. A gente achava que o processo era um pouco injusto em relação à Vale, que a Vale merecia um tratamento melhor na sua privatização. Mas então a diretoria, a reação da diretoria, é que ela estava muito preocupada em não agredir o chefe, que era o governo do Brasil, que era o dono da empresa. A reação da diretoria foi: "O que que o dono vai

pensar agora?” Não sabia que era algo que tinha sido feito com o ok do dono. E eu e Schettino estávamos totalmente tranquilos, né, porque a gente sabia como é que tinha sido o processo. Agora o restante da diretoria estava apavorada.

P/1 - E, Breno, você ficou lá até...

R - Eu fiquei lá até assumir... Tudo indicava que era o grupo do Antônio Ermírio, da Anglo American ia ganhar, a mídia toda estava falando isso, a gente também acreditava que o processo era feito para eles ganharem, o outro grupo a gente achava que não tinha cacife para ganhar. Quando esse grupo ganhou foi uma surpresa, até parte do quadro técnico achou que seria melhor, porque era alguém da área financeira, então a área financeira ia se apoiar mais na área técnica, porque não tinha cultura técnica. Se fosse uma multinacional, traria sua própria cultura técnica e daria um certo conflito. Mas de início para nós começou a haver um choque cultural, quer dizer, uma questão de estilo, né? Porque o contato com essa visão mais financeira do negócio, a gente estava acostumado a trabalhar mais com uma visão de médio, longo prazo, então o pessoal de desenvolvimento e de geologia começou a sentir mais isso. Tanto que o pessoal de desenvolvimento e geologia foi o primeiro a sair da empresa. Quando a gente percebeu que havia um problema de estilo, de atuação, gestão de empresa, a gente sabia que ia mudar, sabia que era um dono, mas o choque de estilo ia ser muito grande... Então acho que a única solução ética para nós e para a empresa era sair. Para nós, para que a gente continuasse, até certo ponto, virgem no processo histórico da Vale. Quer dizer, nós formamos uma história, que saímos com essa história, sem nenhum conflito com a empresa. Então nós não tivemos nenhum conflito com a empresa enquanto ficamos na empresa. E para os novos donos, para que eles tivessem liberdade de colocar pessoas mais afinadas com a linha política de administração deles. Então saímos sem conflito, tristes com a nossa saída na empresa, como e sair de uma empresa, num lugar que você fica 25 anos, quando você sai você sai triste, né? Mas eu já pretendia sair. Quando eu fui a Brasília, na volta eu pretendia sair, o Schettino pediu que eu ficasse mais algum tempo até a privatização. E foi bom, valeu a pena ter participado dessa... Eu me senti feliz de poder ter contribuído junto com os outros diretores e os outros administradores da Docegeo para a sua sobrevivência. Isso foi muito bom. Para uma empresa de geologia que foi criada para durar três anos, e vai completar o ano que vem trinta, eu acho que está bom.

P/1 - Conta para a gente daquele seu último dia na Docegeo?

R - É, o último dia foi de tristeza, né? Quando nós ainda tentamos, eu e o Ulisses... Eu estava lá muito nessa época, muito unido ao Ulisses... ver se... até que ponto que havia espaço para algumas idéias nossas dentro da empresa, a linha de desenvolvimento... quando percebemos que essas idéias não seriam mais possíveis, eu falei para o Ulisses: “Vamos sair”, a frase que eu usei foi essa: “Vamos sair enquanto a gente pode sair com dignidade.” Porque dali em frente você entraria em conflito e era muito difícil você preservar a dignidade entrando em conflitos com a empresa. E daí ele falou que ia sair, eu também falei, o Marreco também na mesma época tomou a decisão, Mário Pierre também, que era de Nova Iorque também tomou... No mesmo dia, numa sexta-feira, nós tomamos a decisão de sair, aliás numa quinta-feira. Aí tomamos a decisão na quarta, na quinta nós assinamos uma... Eu pedi o afastamento do cargo, para voltar a ser empregado para eu poder sair, e na sexta-feira eu comuniquei à empresa. Comuniquei ao Rio, comuniquei aos distritos e comuniquei ao Rio. E por incrível que pareça eu estava profundamente emocionado e não consegui chorar. Quer dizer, a emoção impediu que eu chorasse. O Godói já não era o diretor da empresa, tinha saído, já estava na Fundação. O Armando chorou muito quando eu comuniquei, o outro diretor, que eu tinha pouca intimidade com ele, chorou muito também. A equipe toda chorou. Eu não consegui... A emoção chegou a um nível que eu não conseguia chorar, que eu não conseguia colocar para fora, né? Aí no dia 11, segunda-feira, os quatro foram assinar no seu trabalho a demissão. Nesse dia o Eliezer me chamou. Ficou sabendo que eu estava saindo. Fez um comentário bastante gratificante para mim, e de surpresa eles prepararam uma despedida para mim na quarta-feira. Eu continuei... Já não mais como empregado, mas na terça e na quarta, na terça principalmente, esvaziando gaveta etc, orientando o Armando, que ia ficar interino no meu lugar, o que que estava em andamento, tudo. E nesta terça, na segunda-feira então minha secretária entrou comunicando que os menores aprendizes da empresa queriam fazer um convite, mas estavam com vergonha, se eles podiam entrar. Mandei eles entrar, então eles vieram me convidar para no dia seguinte eu ir almoçar com eles. Naquelas reuniões que a gente fazia de cafézinho com o presidente, eu sempre colocava um menor aprendiz, para que alguém que estava dentro da empresa tivesse uma visão bem aberta, bem crítica, da empresa, e ao mesmo tempo para que eles amadurecessem bastante, aprendessem a criticar o lugar que eles trabalham e dar até idéias interessantes, que de vez em quando uma idéia brilhante saía de um menor aprendiz sobre coisas erradas na empresa. E eles então falaram, com uma simplicidade, que gostariam de me convidar para almoçar, mas que não podiam levar num restaurante chique, que eles tinham pouco dinheiro. Eu falei: “Tudo bem, eu vou no restaurante que vocês estão acostumados a comer. Vocês não vão pagar nada, eu que vou pagar o almoço. Mas terei o maior prazer.” Foi muito legal, cada um falou o que pensava da sua vida, o que pretendia fazer na vida. Depois de algum tempo, interessante, é que eles ainda telefonavam para mim em casa, para pedir orientação. Mas depois aos poucos eles foram seguindo a vida e o contato acabou agora. Então foi muito bom, foi um momento de emoção muito grande, né, almoçando com eles. E no dia seguinte fizeram... O pessoal no escritório do Rio organizou uma festinha, que foi muito bonita também, e foi quase o baile da ilha fiscal da Vale, da antiga Vale, porque todos eles diretores, na época o Anastácio era o presidente em exercício. Então foram todos os diretores da Vale, o Schettino já não era mais presidente, mas foi também, vários amigos de fora da empresa, e o pessoal do Rio todo, o pessoal da Vale, tal. Então foi... a antiga Vale se despediu porque as outras despedidas já estava um ambiente não muito bom, já não foi o mesmo clima, não conseguiu reunir todo mundo, foram almoços simples, um aqui, outro ali, não teve mais a mesma coisa. Valeu.

P/1 - Uma dúvida dos conflitos. Que conflitos eram esses exatamente, Breno?

R - Quais os conflitos? Porque tem vários conflitos.

P/1 - Não, conflito da nova diretoria.

R - Conflito de...

P/1 - Que leva à saída.

R - Conflito de estilo.

P/1 - De estilo?

R - De estilo. Quer dizer, o novo grupo que entrou teve que pegar dinheiro emprestado para poder entrar na privatização. Então é lógico que quem tem dívida tem que pagar a conta. Então ninguém vai estar preocupado que alguém vai descobrir alguma coisa que daqui a 20 anos vai ser algo que vai dar dinheiro. É lógico, não estou criticando o estilo deles, só estou falando que eu estava acostumado a trabalhar num outro estilo. Porque o estilo que você trabalhava na Vale antes era o seguinte: você trabalhava para descobrir alguma coisa que virasse um negócio para Vale o mais rápido possível. Assim foi com o ouro, assim foi com o caulim, mas não foi com o cobre, que até hoje não virou negócio. O alumínio já virou negócio também. Então você trabalhava sempre visando a Vale ter lucro numa área nova. Agora, na pior das hipóteses, se você descobrisse alguma coisa que não virasse negócio, a não ser que aquele minério não fosse mais utilizado no futuro, algum dia ele ia ser importante para o país. Por você ser uma empresa estatal. Então você tinha duas visões: você tinha a visão de empresa, de lucro, de retorno para os acionistas, tinha essa visão de empresa, mas tinha por trás... você não podia deixar de ter essa visão, de futuro do país. Nenhuma empresa privada... eu já havia trabalhado em duas empresas privadas antes, na Steel e na ICOMI, ela falta a essa visão. Não ia só deixar você colocar dinheiro, para você pensar numa coisa que vai virar negócio daqui a 30 anos, e talvez na mão de outra pessoa. Então existia esse conflito de estilo. Esse número macro. Mas com a conjuntura que foi feita a privatização, havia também o conflito desse tipo exacerbado, quer dizer, a visão imediata era que...

P/1 - Prevalencia.

R - Quer dizer, a Docegeo dentro desse contexto todo, esse imbróglio todo que houve de sair no jornal, o que aconteceu? Isso basicamente garantiu a sobrevivência da Docegeo. Quer dizer, aquela descoberta do Corpo Alemão, que acabou saindo na mídia, e depois todo o potencial de Carajás acabou sendo revelado por aquela reportagem do "O Estado de São Paulo", criou um impasse junto ao BNDES e, em última análise, junto ao governo. Porque a privatização da Vale foi feita na base da aprovação do Ministro, da aprovação de uma empresa comercial, de uma empresa de serviço. Baseado no quê? No valor presente. Você calcula quanto você vai ganhar, durante 20 anos, com aquele empreendimento, quanto você vai gastar para ganhar aquilo, tira o custo financeiro etc, e você tem o valor presente. Agora, a questão realmente que a gente fazia sobre esse método, uma empresa do porte da Vale, que tem um valor estratégico fabuloso, um valor de futuro fabuloso, qual o valor presente da Amazônia hoje? Certamente é negativo. Se coloca mais dinheiro lá do que se tira hoje. Quanto custa manter Roraima, por exemplo? Quanto custa manter o Acre? Quanto custa manter o Oeste do estado do Amazonas?. O governo coloca mais dinheiro do que tira de lá. Porque o valor presente é negativo. Então por que não dá de graça para quem quiser? Nós passamos a ganhar dinheiro. Então, a questão do valor presente não era muito bem aceita pela cultura da Vale, e em particular pela cultura da Docegeo. Então chegou-se à conclusão, pela equipe que fez a avaliação da Vale e pelo BNDES, que o valor presente de Carajás, tirando as jazidas, era zero. Porque é em Carajás que vocês tem os seus sonhos de novas descobertas. E sonho é zero. A não ser para o Yuri, que sonho pode virar um filme, mas para o restante é zero. Então o questionamento que a Vale fazia com o BNDES era: então Carajás sai da privatização, e volta para o governo, e o governo faz licitação caso a caso. Não, mas se tirar Carajás da privatização da Vale, cai o preço da Vale. A gente fala: bom, mas se tirar zero num todo, não muda nada. Mas era a azeitona da empada. Então, criou-se um impasse. E quando aquilo saiu no Estadão o impasse aí... o rei estava nu. Ninguém podia falar que aquilo valia zero. Então a própria Vale, Ulisses e Schettino, bolaram uma saída política para o governo e pro BNDES. O que que foi? Tudo que em Carajás não se conhece ainda... Algumas coisas já eram associações com BNDES, algumas eram com iniciativa privada, e outras já são minas em produção... então tudo que se conhece você pode avaliar, embora discutível... Mas tudo bem. Você pega Carajás, considera Carajás só o valor presente de 20 anos, quando você tem reserva para 400 anos, então o negócio, o resto entra de graça? Então a coisa fica meio complicada. Mas foi assim que foi feito. Mas tudo que tiver em Carajás e não for conhecido, passa a pertencer ao governo via BNDES. Quer dizer, o governo estatizou Carajás durante a privatização. Reestatizou Carajás durante a privatização. Da seguinte forma: foi calculado quantos que já se havia gasto em Carajás, a partir da associação do Salobo. E como foi feita a associação do Salobo? Tudo que a Docegeo havia gasto para descobrir o Salobo, até chegar o Salobo, foi colocado no valor do Salobo, para que o BNDES entrasse com uma parte. Então, já fazia parte do Salobo. Então o que se gastou de 1985 para cá em Carajás, se calculou quanto a Vale gastou. Daria mais ou menos em torno de 100 milhões de dólares. E se calculou quanto seria necessário para avaliar todo Carajás com pesquisa, para se ter certeza do que tinha e do que não tinha. E chegou a 400 milhões de dólares. Então se estabeleceu que dali para a frente haveria uma associação entre a Vale e o BNDES de 400 milhões de dólares, onde o BNDES entrava com 200 milhões, a Vale colocava mais 100, porque ela colocou já 100. Então a valor da avaliação total de Carajás é 400 milhões de dólares. Isso acabou sendo uma saída política para o governo, porque se tornou transparente, quer dizer, continua o governo sendo dono de 50%. O governo era dono de 50% e continua dono agora, via BNDES. E um ótimo negócio para os novos sócios, fossem eles quais fossem. Porque eles vão ser donos de metade, mas colocando 25. Porque os outros 25 o próprio governo já colocou antes enquanto era estatal. Então isso acabou sendo o ovo de Colombo para você resolver a questão de Carajás na privatização. O governo continuou sendo o dono de 50, via BNDES, o que descobrir, o BNDES é dono de 50 daqui para a frente. Os novos sócios vão ser dono de 50, mas vão colocar 25. Então foi uma saída mesmo... E isso acabou viabilizando politicamente a privatização na questão Carajás, que era a principal discussão na mídia, era essa, de Carajás valor zero. Então Carajás não está mais em discussão. E isso permitiu a sobrevivência da Docegeo. Porque o contrato com o BNDES foi assinado com a Docegeo... não, foi assinado com a Vale, determinando a Docegeo como operadora.

P/2 - Esse é o contrato de risco?

R - Contrato de pesquisa de Carajás. Então esse contrato foi um contrato parece que de quatro anos para fazer a pesquisa. Ele deve estar acabando, precisa também ser renovado porque aquilo não vai acabar, né?

P/2 - Acho que são cinco anos, né?

R - É, cinco anos. É que um já tinha passado. Foi em 1997, 1998, 1999, 2000 e 2001. Acabaria o ano que vem. Mas certamente não vai ser

possível acabar. Então acabou sendo uma coisa... Nós cumprimos a missão de a Docegeo sobreviver. Para o governo teve uma saída política. E o novo sócio ficou satisfeito também (risos) E o dono ficou satisfeito também

P/1 - Ô, Breno, e desde que você se aposentou, qual a sua atividade, sua trajetória? Parou de trabalhar, ou entrou em outros projetos...?

R - Bom, a minha idéia... Eu me aposentei para não trabalhar. A minha carta de... A homenagem que me fizeram na despedida o pessoal do Rio duvidava que isso era possível, porque era workaholic, deixei minha família de lado muitas vezes, largava minha mulher grávida no hospital e ia para o campo, desse tipo assim E... não só eu, mas outras pessoas aposentavam, alguns que pensavam em trabalhar, chegaram à conclusão na terceira idade que é gostoso trabalhar, mas é mais gostoso não fazer nada. (risos) O não fazer nada meu não é que eu fico vendo televisão, ou fico sentado na praia... Acho que depois que eu me aposentei eu não fui à praia nenhuma vez ainda. E moro na praia. Só para caminhar na praia, mas tomar banho de mar não fui uma vez na praia. Mas é que eu comecei a trabalhar com 15 anos. Então uma série de sonhos que eu tinha, de mexer com fotografia, escrever, de ver filmes que durante a vida eu acabei não vendo, e que agora tem vídeo, que pode se ver, e viajar, mexer com a minha maquete, que até agora, depois de quase três anos eu comecei a mexer, enfim Mas agora eu posso... pode ser que eu não faça, mas eu posso fazer. Então aquela sensação de poder é muito grande. E falei... a minha resposta... quem duvidava que eu ia ficar sem trabalhar, eu falei: "Só volto a trabalhar por dois motivos: por tesão ou por necessidade." Algumas propostas... quer dizer, logo que eu saí, o Eliezer veio, falou: "Não, eu vou avisar todo mundo para te contratar." E avisou mesmo. Quer dizer, o Guilherme da Caemi me chamou lá para ir trabalhar com ele, o Eike Batista me chamou, mas eu fui honesto com eles, falei: "Olha, não vai ser bom para mim nem para vocês. Porque eu vou ficar como assessor de vocês aí, eu não vou ser mágico de ficar ao lado de vocês, a jazida aparecer, não existe isso. Vocês vão estar gastando dinheiro à toa, o meu currículo não vai acrescentar nada, eu vou ficar frustrado de ficar aqui sem fazer nada..." Fui honesto com eles, quer dizer, foi bom para eles, bom para mim. Depois o BNDES me chamou para ser o fiscal do contrato pelo BNDES. Quer dizer, eu tinha cultura de geologia, tal, e já tinham conversado com o Armando, com o Vieira, que tinha achado muito bom, eu falei: "Isso não vai dar certo. Vai dar conflito." "Não, não dá. Eu já conversei com o Armando..." Eles estavam pensando que eu vou entrar no contato com a camisa da Docegeo. Eu não vou entrar no contrato com a camisa da Docegeo, eu vou entrar no contrato com a camisa do BNDES. Meu patrão é outro agora, e vai dar conflito. Aí eles andaram sondando lá, e tal, e viram que não ia dar certo mesmo. Então surgiram mais umas três empresas estrangeiras que quiseram me contratar. Dava tesão, era interessante, mas para trabalhar com a Vale em Carajás. Eu falei: "Não dá certo." (risos) Não dá certo, quer dizer, é muito difícil. Na hora que tiverem o contrato, às vezes uma rusga do passado, só é capaz de prejudicar a empresa para me prejudicar. Quer dizer, em vez de eu ajudar a nova empresa, eu vou estar prejudicando a empresa. Eticamente fica complicado. Então as coisas que deram tesão era para trabalhar junto com a Vale. Então eu falei: "Estou fora." Fiz isso... nesse período o que que eu fiz? Fiz umas palestras na Unicamp, na USP, sobre profissão de geólogo etc, fui chamado para ir para a Unicamp fazer um doutorado, que eu nunca tive tempo para fazer. Falaram: "Você faz o doutorado, o doutorado é seu e a gente faz do jeito que você quiser." Eu falei: "Não dá, eu não vou mudar para Campinas para fazer um doutorado. O que que te interessa um doutorado agora?" A USP queria me contratar como professor residente, um negócio assim, para ficar só contando história para aluno. (risos) Eu falei: "Fazer uma palestra você tem assunto. Você vir aqui e ficar durante seis meses inventando historinha para aluno não dá!" Não dá certo também. Então eu fiz palestra aqui na UFRJ, fiz palestra no Fundão também, sobre os problemas que tem na profissão de geólogo. Dei algumas entrevistas para revista, alguma coisa, a Lourdinha organizou aquele livro, que ela foi apresentar na Alemanha o ano passado, e eu escrevi um capítulo e fui com ela, o Ab'Saber etc, foi uma semana espetacular que nós passamos em Berlim, super gratificante, ficar o tempo todo com o Ab'Saber, com a Lourdinha, aquele pessoal altamente de inteligência vivíssima, então é enriquecedor, foi uma experiência fabulosa. Em Berlim, e na Embaixada, lançamento do livro na Embaixada brasileira, depois no aniversário de Berlim, um negócio muito gostoso. E tenho feito isso. E tem passado depressa demais, não dá tempo de nada. Aposentado não tem tempo. De vez em quando tem que tirar férias para descansar um pouco. Fiz umas reformas na casa, que ocupa tempo também..

P/2 - Qual o dia exato que você se aposentou?

R - Me aposentei oficialmente, assinei o contrato dia 11 de agosto e me despedi no dia 13 de agosto de 1997. Dia 13... quando eu caí de helicóptero também foi dia 13. O Assad... eu converso muito com o Assad ele fala comigo sempre: "Nós vivemos, nós tivemos a chance de ter vivido toda essa aventura." Quem for para a Amazônia hoje não tem essa chance mais. E tudo diferente hoje. No início era... hoje é tudo já muito mais empresarial. Não tem aquele negócio que você está na linha de frente e depende só de você, hoje não é mais isso. Hoje se você estiver numa linha lá na frente, temporariamente pode depender só de você, mas o conjunto todo é diferente. E a gente pegou todas aquelas transformações. Quer dizer, a chance de ter vivido isso foi muito grande. Numa época que a geologia era o quente no Brasil, que foi a década de 1970, só se falava em geologia, só em mineração. Então nós participamos de toda essa aventura no momento que ela estava dando Ibope. Hoje a mesma aventura não daria Ibope nenhum. Então foi uma aventura... foi muito bom. Quer dizer, de alegria, que eu levo, foi o fato de ter vivido. De tristeza, que a gente sonhava que o que fosse feito ia realmente ajudar para mudar o país, e não ajudou nada. Quer dizer, essa é a tristeza que a gente leva. Que a gente sonhava muito que o conhecimento das riquezas do Brasil, essas riquezas podiam ser usadas para melhorar o país, mas os problemas do país são bem mais complexos para uma simples jazida resolver. Bem mais difícil, vem de muito tempo atrás, e nós pouco estamos conseguindo fazer para melhorar. Acho que do ponto de vista ético nós somos até piores. A não ser que haja uma reviravolta. Parece que agora a gente colocou tudo... A gente ligou o ventilador e está jogando, né? Isso já é bom. Agora a gente vai precisar ter competência depois para limpar a sala. Isso é difícil, que é capaz da gente cair nos mesmos erros do passado. Que a gente vê a sucessão de erros que a sociedade brasileira vai tendo o tempo todo, né? Tem todos erros, quer dizer, o próprio Figueiredo teve chance de se transformar num estadista no Rio-Centro. A partir do Rio-Centro, o governo dele acabou, perdeu toda a credibilidade. Ele podia ser o presidente da abertura e o presidente da democratização. Ele perdeu essa chance de fazer. O atual teve a chance de com um mandato só ter feito um governo excepcional para preparar o país para um outro presidente que realmente fizesse o país crescer. Mas a ambição pessoal, a vaidade, acabou dando no que deu. Então a gente está perdendo muitas oportunidades. A gente está perdendo... Foi em nome do Collor que a população toda... Parecia criança acreditando em Papai Noel e Branca de Neve, caiu no engodo do Collor. Muito difícil, muito difícil mudar. Eu acho que mudanças do país, para ele ser um país digno, um país... um país normal, como um país europeu comum, não precisa ser uma potência, mas um país normal, que tem eleições como a Bélgica da vida, uma Suécia da vida, que tenha decência para a população. Eu acho que não é para os nossos filhos não.

P/1 - E na sua trajetória pessoal, Breno, se você pudesse... se você começasse de novo, você mudaria alguma coisa?

R - Não sei. Pelo fato de você já conhecer o caminho, talvez você quisesse conhecer uma coisa nova. Então, talvez eu seguisse ou a própria agronomia, ou talvez a arquitetura, eu tenho umas idéias para arquitetura. Meu irmão acabou sendo arquiteto, não é muito feliz com a profissão porque não tem muita sorte no emprego dele. Não tem muito espaço para realizar as idéias dele. Não sei, quer dizer, no escuro eu acho que valeu a pena demais, poucas pessoas tiveram a sorte profissional que eu tive, né? A sorte profissional que eu tive foi muito grande. Você vê uma criança nascer e conviver com ela até a maturidade, você não consegue isso com filho! Quer dizer, eu convivi com Carajás de 1967 a 1997. 30 anos eu convivi com Carajás. Nenhum outro brasileiro foi dado a essa sorte. Que brasileiro teve essa chance de conviver com Carajás 30 anos? A maioria me fala: "Bom, e o que me interessa conviver com Carajás?" "Bom, para mim me interessa porque eu sou geólogo." Qualquer outro geólogo gostaria de ter tido essa chance. Se for perguntar para a Xuxa se interessaria ter convivido com Carajás, não vai interessar, mas para mim interessa. (risos) Então, acho que... E a vida foi, como diz o poeta: "Tudo vale a pena se a alma não é pequena." E eu tive a chance de conviver com almas muito grandes ao longo da minha vida. Quer dizer, quando eu falo alma grande não era o chefe, não era essas pessoas que me influenciaram, como o Rico na... o Manuel Rico na ICOMI, o Tolbert, mais recentemente a convivência com o Deocrécio, que foi uma influência interessante. Mas a riqueza humana não foi só desses líderes que despontaram. A riqueza humana foi das pessoas que estiveram comigo, fossem braçais, fosse geólogo, desde a ICOMI foram pessoas muito ricas. Eu guardo memórias espetaculares de pessoas extremamente simples, do ponto de vista humano. A riqueza dessas pessoas, pessoas simples. Quer dizer, vou só usar o exemplo: o exemplo... o Raimundo, que tem aquela crônica ali na... trabalhou comigo na ICOMI, era uma pessoa que quando estava no acampamento tinha uma convivência com ele, mas no dia a dia passava meses sem encontrar com ele. Depois ele escreve uma crônica de uma coisa que aconteceu comigo, que eu nem lembrava que tinha acontecido e que para ele foi um fato marcante. Então é a riqueza, até hoje tem amizade, até hoje de vez em quando a gente se fala. E há outras pessoas assim. Então isso eu acho que é o que mais conta. Eu talvez tenha sido... Dado mais atenção a esse lado da minha vida, o lado dos meus companheiros de trabalho que até minha família, passei a dar mais atenção a minha família mais recentemente. Quer dizer, eu estava tão envolvido nessa aventura que o dia a dia da empresa passava a ser quase mais importante do que o dia a dia da família. Do ponto de vista não só profissional, empresarial, mas do ponto de vista humano também, o envolvimento humano era muito grande. Acho que isso aí que fica, né? A gente não deve viver de lembranças, eu acho que a gente tem que viver... Até hoje eu vivo voltado para a frente, tanto que eu não estou preocupado mais em trabalhar em geologia, eu estou preocupado em trabalhar com outras coisas, mexer com fotografia, mexer com vídeo, com coisa desse tipo. Quem sabe qualquer dia eu não estou do outro lado da câmera? (risos) Então eu estou voltado para o futuro. Mas infeliz aquele que chega a idade que eu cheguei sem ter boas lembranças do passado. Eu acho que também a gente não deve viver de passado, mas também tem que ter um passado.

P/2 - E para o futuro, então, quais são os seus sonhos?

R - Ah, para o futuro? Eu tenho... Eu agora não sei se eu vou viver um ano, dez ou 20, quer dizer, a minha família tem morrido todo mundo com 80 anos, a minha mãe está com... fez 83, e meus avós morreram na faixa de 80, 88, por aí, então eu estou achando que talvez eu chegue até os 80. Embora o lado do meu pai tem ficado na faixa dos 70. (risos) Lado da minha mãe, eu fiz 80, lado do meu pai, faço 70. Então eu estou jogando com 70 e 80, né? Então, é muito pouco tempo! (risos) Para tudo que eu quero fazer, é muito pouco tempo. Eu gostaria de viajar bastante. Viajar bastante não é viajar por viajar, é viajar, conhecer partes do Brasil não conhecidas, não um lugar turístico, toda viagem é trabalho, então não adianta, eu quero conhecer pequenas cidadezinhas em Minas, conhecer o Sul do país, pequenas cidades, as grandes cidades, conhecer a vida, como é que é, o Brasil que a gente não conhece, né? Sou fanático por Tiradentes, essa região toda ali, então Tiradentes eu... fui para Del Rey e entrei em Tiradentes... ia para Belo Horizonte e ia aproveitar e ir em Del Rey com a minha mulher... daí: "Então vamos conhecer Tiradentes!" Daí entramos em Tiradentes, a gente só ouvia falar de Del Rey. Daí fiquei em Tiradentes, dormi, Del Rey só passei e agora nunca mais fui em Del Rey, nem conheço Del Rey, só conheço Tiradentes. É realmente apaixonante Tiradentes, quero voltar aquela parte de conhecer bem o Caraça, voltar em Diamantina, eu estive rapidamente a Diamantina a serviço, quero conhecer, Cerro eu quero conhecer, quero ir lá na Serra da Canastra, que eu estive a serviço próximo, mas quero passar, conhecer bem aquilo lá. Isso em termos de Brasil. Em termos internacionais, gostaria de voltar a Quito, gostei muito de Quito, e conhecer Machu Picchu. Talvez fazer uma viagem de carro pelo Oeste Americano, já fiz uma de ônibus, agora fazer uma pelo Oeste, mas conhecendo os Parques, conhecer a Torre do Diabo, Yellowstone, esses Parques que eu não conheço, o Monumento Holloway, aquela região toda mais de... que têm geologia. Eu conheço o Grand Canyon, gostei. Passar talvez um tempo no Grand Canyon só para ficar meditando, eu passei rapidamente, ficar lá só vendo aquele Vale e ficar curtindo. Curtir os netos, né, as netas, as três netas. Tentar ajudar um pouco os filhos a se encontrarem, estão mais ou menos encaminhados, alguns não tanto, mas ver até onde eu posso influenciar, hoje eu já não influencio muito mais, quando já passa dos 25 fica difícil influenciar alguma coisa. E é só. Se possível, acabar de escrever as crônicas que eu tenho na minha cabeça, se eu conseguir ter, combater a preguiça e conseguir escrever mais algumas crônicas, que isso talvez componha um livro no futuro, contando toda essa aventura profissional. E viver, né? E viver. E sonhar que o país permita que a gente viva, né? Que a gente está com um problema de não só a nível pessoal ter a segurança ameaçada, mas a nível ético, de consciência, é difícil a gente começar a ter alegria individual, né? Está muito difícil. Quer dizer, hoje você se sente culpado de estar bem. Talvez isso aí os mais: "Ah, isso é culpa burguesa." Talvez seja. Eu embora tenha sido um técnico um pouco intelectual, mas não deixo de ter uma formação burguesa, como nós todos temos, né, nós vivemos num mundo burguês, e somos burgueses. Não podemos fugir disso. Mas existe essa conscientização de que alguma coisa tem que ser feita por esse país, está muito ruim. Está muito ruim mesmo.

P/1 - Bom, Breno, vou te fazer a última pergunta: o que que você achou de participar do projeto Memória da Vale do Rio Doce?

R - Apaixonante. Eu estou triste de ir embora agora porque... Vamos fazer uma anarquia, deixe eu ficar desse lado daí. (risos) Eu sempre fui... interessante, que meu irmão, ele é arquiteto, ele agora está mexendo com história. Está mexendo com a história de São Paulo, lá. Até eu falei que ele tem que começar a escrever, senão... Falei: "Vai colocando no computador tudo que te vier na cabeça, porque senão as idéias vão embora e você, quando for escrever, você não lembra mais o que você está criando agora." Não sei se ele está fazendo isso. E eu também comecei com agronomia, geologia, gosto de arquitetura, e fui mexer com fotografia, gosto de jornalismo e, até certo ponto, mexo, assim, com negócio de

memória, essa seção na Brasil Mineral foi inspiração minha, de ter a memória, que acho que nós somos um país sem memória. A gente copia tudo de errado que tem nos Estados Unidos. Agora não copia nada de bom que tem lá nos Estados Unidos. É incrível, como nós somos macacos, numa forma errada, né? Macaqueie nossa para copiar tudo que for de pior! Porque o que tem de pior nos Estados Unidos vem para cá, quando você vai nos Estados Unidos você nem vê, não existe. Está isolado, está nos guetos, nas gangues, nos grupetos etc, que fazem aquilo. Agora tem muita coisa errada na sociedade americana também. Mas tem muita coisa de bom. E uma das coisas que os Estados Unidos tem de bom é respeitar o seu passado e preservar a sua memória. Você vai em qualquer cidadezinha, tem um museu, e tem a história da cidade, o que que foi feito, tem uma boa biblioteca, tem tudo lá. Hoje a gente não consegue ter isso nem nas grandes cidades. Então, esse trabalho de vocês eu acho apaixonante, conversei com o Dario ontem, falei que foi muita coragem dele e da Vale lançar um projeto desse, uma empresa lançar um projeto desse é um negócio que tem que ter coragem empresarial. As pessoas que decidiram por esse projeto têm que ter visão de empresa, visão de futuro, visão do país, né? Porque é uma empresa que não é uma empresa qualquer. Não é uma fábrica de botão, uma fábrica de linha, embora a fábrica de botão deva ter a sua memória, a fábrica de linha deva ter a sua memória também, e deva ser preservada. Porque há pessoas ali trabalhando, que fizeram a história daquele grupo, e deve ser respeitado o passado e a história dessas pessoas. Mas a Vale é uma empresa que mudou a história de duas grandes regiões do país, que foi o Vale do Rio Doce e o Sul do Pará. Ela mudou. E se a história dessa mudança não for preservada, não vai ficar nada. Vai ficar, no futuro, vão reclamar só dos buracos que ficaram. Então é necessário que os buracos que estão sendo feitos, que seja testemunhada a história que está por trás desses buracos, que há pessoas envolvidas nisso, que há objetivos envolvidos nisso, enfim, que há uma vida por trás de tudo isso. E onde há vida, deve se preservar. Então é um trabalho muito bonito, eu realmente fiquei muito feliz. Digo sinceramente, é a primeira alegria que eu tenho com a Vale depois que ela foi privatizada, foi esse projeto. Quando eu ganho meus dividendos eu fico um pouquinho alegre também (risos). Mas essa alegria é muito maior, de perceber que tem homens na empresa que ainda estão preocupados com a história da empresa, e com a história do país, né? Foi muito bom. Foi muito bom estar com vocês, estou triste de ir embora, sinceramente. E quem sabe a gente vai ter outros contatos no futuro, dentro de outros contextos.

P/2 - Tomara!

[Fim da entrevista]